

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAROLINE DUTRA BILHALVA

AS ESPACIALIDADES GAÚCHAS NA CONSTRUÇÃO DO SER CURITIBANO(A)
GAÚCHO(A): UM ESTUDO COM INTEGRANTES DO CTG 20 DE SETEMBRO,
CURITIBA – PR

CURITIBA

2020

CAROLINE DUTRA BILHALVA

AS ESPACIALIDADES GAÚCHAS NA CONSTRUÇÃO DO SER CURITIBANO(A)
GAÚCHO(A): UM ESTUDO COM INTEGRANTES DO CTG 20 DE SETEMBRO,
CURITIBA – PR

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, curso de Doutorado, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho

CURITIBA

2020

Catálogo na Fonte: Sistema de Bibliotecas, UFPR
Biblioteca de Ciência e Tecnologia

B595e Bilhalva, Caroline Dutra
As espacialidades gaúchas na construção do ser curitibano (a) gaúcho (a): um estudo com integrantes do CTG 20 de setembro, Curitiba - PR [recurso eletrônico] / Caroline Dutra Bilhalva. – Curitiba, 2020.

Tese - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2020.

Orientador: Sylvio Fausto Gil Filho.

1. Cassirer, Ernst, 1874-1945. 2. Gaúchos. 3. Etnologia. I. Universidade Federal do Paraná. II. Gil Filho, Sylvio Fausto. III. Título.

CDD: 599.97

Bibliotecária: Vanusa Maciel CRB- 9/1928



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GEOGRAFIA -
40001016035P1

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em GEOGRAFIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **CAROLINE DUTRA BILHALVA** intitulada: **AS ESPACIALIDADES GAÚCHAS NA CONSTRUÇÃO DO SER CURITIBANO (A) GAÚCHO (A): UM ESTUDO COM INTEGRANTES DO CTG 20 DE SETEMBRO, CURITIBA PR.**, sob orientação do Prof. Dr. SYLVIO FAUSTO GIL FILHO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 31 de Agosto de 2020.

Assinatura Eletrônica
31/08/2020 17:49:36.0
SYLVIO FAUSTO GIL FILHO
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
31/08/2020 17:53:02.0
MARCOS ALBERTO TORRES
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
02/09/2020 16:18:25.0
DALVANI FERNANDES
Avaliador Externo (INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
31/08/2020 19:03:57.0
ADAIR ADAMS
Avaliador Externo (INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL)

Assinatura Eletrônica
31/08/2020 19:15:46.0
SALETE KOZEL TEIXEIRA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico a memória de meus avôs, Raymundo e Osmar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Universidade Federal do Paraná pela oportunidade de realizar o doutoramento em Geografia, à Capes por financiar este estudo e ao professor Dr. Sylvio Fausto Gil Filho pelo apoio e por confiar na viabilidade da proposta. Agradeço também o fato de ter me apresentado as obras do filósofo Ernst Cassirer e pela oportunidade de fazer uma Geografia diferente, focada no sentido do homem, bem como na construção de sua espacialidade, algo que, para mim, tem muita verdade. Agradeço pelo quanto que essa nova leitura me fez pensar e refletir sobre tudo, com algumas crises, confesso, mas, ao final, entendi que sou aquilo que significo para a minha vida. Obrigada!

Também agradeço imensamente aos colegas de curso que colaboraram comigo e aos amigos(as) Claudia, Renata, Reginaldo, Flávio, Bianca e Ingrid pela conversa diária e incentivo para concluir essa etapa. Agradeço também aos membros da minha família que compreenderam o meu momento ausente, por estar em busca do meu aperfeiçoamento profissional. Em Especial, ao meu esposo Gabriel e à minha sogra Virgínia, que, em nenhum momento, apesar das inúmeras dificuldades, me deixaram desistir.

Gostaria de agradecer à banca de qualificação, composta pelo professor Dr. Dalvani Fernandes e pelo o professor Dr. Marcos Torres, os quais me ajudaram muito no processo.

Muitas pessoas foram importantes: o pessoal da secretaria, da biblioteca, da cantina, o pessoal da faxina, a moça da portaria, que sempre me deu bom dia sorrindo, o pessoal do CTG 20 de Setembro, minhas colegas de apartamento, os amigos de Vacaria, as pessoas que me ajudaram nas viagens, quando eu passava mal, os estranhos que me ajudavam a carregar as sacolas dos livros nos terminais rodoviários ou no aeroporto.

Para não correr o risco de ser injusta, a uma pessoa não posso deixar de agradecer: a professora Dr. Lorena Gill, que foi quem me estendeu a mão e apresentou a pesquisa focada na linha da diversidade e tolerância, ainda na graduação. Os ensinamentos obtidos no programa de educação tutorial- PET despertaram-me para a linha de cultura, pois entendi que cada ser humano é único e as diferenças precisam ser respeitadas.

Agradeço imensamente aos membros da banca, além dos professores que me ajudaram na qualificação, o professor Dr. Adair Adams e a professora Dr. Salete Kozel, e a Geografia, que possibilitou me compreender como ser no mundo.

Agradeço ao carinho do professor Gândara (*in memoriam*), que, mesmo na sua despedida, ensinou que não podemos desistir de viver.

Agradeço à minha cunhada, que sempre me colocou para cima, embora hoje, infelizmente, não esteja mais aqui para ler essa dedicação, assim como os meus avôs Raimundo e Osmar, que me proporcionaram a reflexão que se transformou em uma tese.

No mais, o meu muito obrigada contempla você que, por algum motivo, interessou-se pelo trabalho e está realizando sua leitura para compartilhar os conhecimentos ou criticar, afinal esse é o sentido da produção científica. Boa leitura!

“Diz-se que não chora o gaúcho,
Mas eu les garanto agora:
Falem nos pagos distantes,
Vamos ver se ele não chora...!”

Barbosa Lessa

RESUMO

A presente tese busca compreender as espacialidades gaúchas construídas pelo ser curitibano(a) gaúcho(a), a partir de suas práticas culturais no CTG 20 de Setembro, localizado no bairro do Pinheirinho, na cidade de Curitiba, no estado do Paraná. Para alcançar o nosso objetivo, optamos por realizar uma pesquisa etnográfica com os integrantes do CTG. O gaúcho constitui um povo que apresenta a sua cultura de um modo muito peculiar, portanto, tem o seu reconhecimento em qualquer canto do país. Há de se destacar a importância dos Centros de Tradições Gaúchas – CTGs na divulgação da história e costumes gaúchos. No entanto, embora exista uma vitrine que expõe a cultura, o que sabemos do gaúcho provém de uma leitura histórica, amarrada ao objetivismo. Diante disso, optamos por compreender o gaúcho numa perspectiva subjetiva, isto é, do gaúcho como ser que conforma simbolicamente o mundo pela cultura. Nesse contexto, entende-se que na medida em que o integrante do CTG conforma a sua realidade, por meio de suas práticas e saberes culturais, materializa a espacialidade gaúcha pela sua ação. Esse aspecto sustenta a análise geográfica desta tese. Com esta pesquisa, esperamos contribuir para o avanço da discussão epistemológica geográfica através do diálogo com a teoria das formas simbólicas de Ernst Cassirer. O referido teórico enfatiza que homem é um ser simbólico. Logo, o espaço da ação perpassa a expressividade, as representações e a capacidade significativa. Cada pessoa é livre no plano do pensar humano, assim conforma o mundo da ação e, ao atribuir sentido produz espacialidades específicas e significativas. Por isso, as narrativas constituem o cerne desta tese. Entendemos que o modo particular de cada indivíduo precisa ser compreendido e respeitado. A historiografia oficial tentou rotular o gaúcho. Aqui, esperamos libertá-lo.

Palavras-chave: 1. Conformação simbólica 2. Ernst Cassirer 3. Espacialidades 4. Gaúcho 5. Etnografia.

ABSTRACT

This thesis seeks to understand the gaúcho spatialities of people who self-determine as gaúchos (a) in Curitiba, from their cultural practices at CTG 20 de Setembro, located in the Pinheirinho neighborhood, in the city of Curitiba, in the state of Paraná. To achieve our goal, we chose to conduct an ethnographic research with the members of CTG. The gaúcho is a people that presents its culture in a very peculiar way, therefore, it has its recognition in any corner of the country. The importance of the Gaúcho Tradition Centers - CTGs in the dissemination of Gaúcho history and customs must be highlighted. However, although there is a showcase that exposes culture, what we know about the gaúcho comes from a historical reading, tied to objectivism. Therefore, we chose to understand the gaúcho in a subjective perspective, that is, the gaúcho as a being that symbolically shapes the world through culture. In this context, it is understood that the member of the CTG conforms to his reality, through his practices and cultural knowledge, and thus materializes the gaúcho spatiality through his action. This aspect supports the geographical analysis of this thesis. With this research, we hope to contribute to the advancement of geographical epistemological discussion through dialogue with Ernst Cassirer's theory of symbolic forms. The theoretician emphasizes that man is a symbolic being. Therefore, the action space permeates expressiveness, representations and significant capacity. Each person is free in terms of human thinking, thus conforming the world of action and, by assigning meaning, produces specific and significant spatialities. Therefore, narratives are at the heart of this thesis. We understand that the particular way of each individual needs to be understood and respected. The official historiography tried to label the gaúcho. Here, we hope to set him free.

Keywords: 1. Symbolic conformation 2. Ernst Cassirer 3. Spatialities 4. Gaúcho 5. Ethnography.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Localização do CTG 20 de Setembro na cidade de Curitiba	24
FIGURA 2 – Mapa conceitual da tese	25
FIGURA 3 – Os gaudérios na representação masculina e feminina	28
FIGURA 4 – Contextualização do gaúcho antes do surgimento de sua expressão nominativa	40
FIGURA 5 – Os gaúchos indígenas na representação masculina e feminina	41
FIGURA 6 – Contextualização do gaúcho depois do surgimento de sua expres- são nominativa	44
FIGURA 7 – Contextualização da organização do espaço dentro do contexto gaúcho rio-grandense	52
FIGURA 8 – Esquema das espacialidades	68
FIGURA 9 – Espacialidades no sistema cassireriano	69
FIGURA 10 – As formas simbólicas em Cassirer	76
FIGURA 11 – Contextualização do trabalho etnográfico	78
FIGURA 12 – Palco do CTG ao fundo do salão	90
FIGURA 13 – Decoração do salão de baile	90
FIGURA 14 – Decoração do salão de baile	91
FIGURA 15 – Palestrante ensinando os distintos modos de preparo do chimar- rão	94
FIGURA 16 – Tradicionalista responsável pelo preparo do boi no rolete	96
FIGURA 17 – Roda de música enquanto o boi no rolete é preparado para o consumo	96
FIGURA 18 – Fogão de chão, churrasco de espeto e panela com caldo de mocotó	97
FIGURA 19 – Organização do Buffet	100
FIGURA 20 – Mesas na parte externa do CTG	100
FIGURA 21 – Invernada Mirim	101
FIGURA 22 – Invernada Mirim- dança da chula	102
FIGURA 23 – Museu do gaúcho do CTG 20 de Setembro- Curitiba	105
FIGURA 24 – As categorias de Elis Regina	117
FIGURA 25 – As categorias de Jayme	126
FIGURA 26 – As categorias de Shana	136
FIGURA 27 – As categorias de Juliana	144

FIGURA 28 – As categorias de Beta	156
FIGURA 29 – As categorias de Joca.....	162

GLOSSÁRIO

BAH - expressão empreendida para sinalizar situação de surpresa, poderia ser substituído por nossa.

BARBARIDADE - expressão empreendida pelo gaúcho para demarcar surpresa, espanto, inconformidade.

CHANGA - prestação de serviços diários sem vínculo efetivo entre patrão e empregado.

PELEIA - batalha.

PRENDA - mulher gaúcha.

TCHÊ - vocativo de companheiro.

XUCRA - mulher de atitudes rudes ou grosseiras, sem trato social.

SUMÁRIO

A CONSTRUÇÃO DO SER GAÚCHO	16
INTRODUZINDO ESSA “PELEIA”	20
1 “PROSEANDO” SOBRE O GAÚCHO	26
1.1 GAÚCHO OU GAUDÉRIO?	27
1.2 MAS “TCHÊ”, E O ESPAÇO ANTES DO GAÚCHO?	33
1.3 “BAH”, ALGUÉM ME CHAMOU DE GAÚCHO.....	41
1.4 QUE “BARBARIDADE”, ACABARAM COM OS RIO-GRANDENSES, AGORA É TUDO GAÚCHO	49
2 O ESPAÇO NO CONTEXTO EPISTEMOLÓGICO DA GEOGRAFIA.....	57
2.1 DO ESPAÇO À ESPACIALIDADE	64
2.2 ESPACIALIDADES DE CONFORMAÇÃO SIMBÓLICA E ETNOGRAFIA DO GAÚCHO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA.....	72
3 DIÁRIOS DE OBSERVAÇÕES DA PESQUISA	81
3.1 INFORMAÇÕES DO SITE OFICIAL DO CTG 20 DE SETEMBRO DE CURITIBA.....	84
3.2 A FESTA TRADICIONALISTA GAÚCHA NO CTG 20 DE SETEMBRO EM CURITIBA, PR.....	87
3.3 O SEMINÁRIO SOBRE O CHIMARRÃO E A HISTÓRIA DO TRADICIONALISMO GAÚCHO.....	93
3.4 UMA DOMINGUEIRA COM A APRESENTAÇÃO DAS INVERNADAS ARTÍSTICAS	98
3.5 UM CAMPO NO DIA DO GAÚCHO E DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA	102
3.6 OITAVO CURSO DE FORMAÇÃO TRADICIONALISTA - 8º CFOR, CURITIBA, PR.....	105
4 NARRATIVAS	116
4.1 CASO DE ELIS REGINA.....	116
4.2 CASO DE JAYME	125
4.3 CASO DE SHANA.....	135
4.4 CASO DE JULIANA	142
4.5 CASO DE BETA.....	155
4.6 CASO DE JOCA.....	161

FECHANDO A “PELEIA”	166
REFERÊNCIAS.....	172
ANEXOS	178

A CONSTRUÇÃO DO SER GAÚCHO

Quem me dera, àquela vida, retornar, hoje,
num upa! e levar no meu Rincão, vida xucra
e destemida, carregando na garupa meus
avios de chimarrão.

Horácio Paz

A presente pesquisa expressa muito mais que um conjunto de ideias orientadas à luz de uma teoria científica. Aborda os elementos da minha construção cultural, diz como sou e me sinto gaúcha. Versa sobre antigos questionamentos, resultado de incertezas surgidas durante a infância e adolescência, quando fazia comparações, ensejando encontrar a essência do verdadeiro gaúcho, como se fosse algo possível.

Nasci no estado do Rio Grande do Sul, tenho essa referência de origem geográfica e de lugar, todavia sempre conflitei internamente ao ser chamada de gaúcha. Tal situação levou-me a pensar sobre o conceito dessa cultura. Assim, refleti sobre a temática e, paralelamente, realizei uma autoanálise, constatando que não atendia às expectativas das pessoas que me qualificavam dessa forma.

Discordando da vinculação, estudei o tema para melhor compreendê-lo. Intuitivamente, comparei os representantes dessa cultura, reproduzindo a mesma explicação de caráter externo ao indivíduo. O processo implicou novamente na rotulação, uma vez que o ponto de vista da bibliografia consultada foi empreendido como único parâmetro nessa busca do conhecimento. De tal maneira, sobressaíram-se as questões estéticas e as práticas cotidianas, ou seja, os aspectos visíveis, sendo deixado de lado o parecer das pessoas no que tange o sentimento de ser e sentir-se gaúcho(a).

A ideia de pesquisar as especialidades gaúchas nasceu da comparação entre os meus avôs. Ao observar o modo de vida desses familiares, esperava conseguir determinar o mais gaúcho. No entanto, não obtive um resultado. A ausência de um padrão deixou-me confusa acerca da minha própria essência cultural. Dessa maneira, passei a refletir sobre o enquadramento ideal para mim, pois seria gaúcha, rio-grandense ou gaúcha rio-grandense? Seriam os meus avôs apenas rio-grandenses ou também gaúchos?

O avô materno, nominado de Osmar, residiu durante toda a sua vida na zona rural do município de Herval – RS. Trabalhou em sua propriedade como campeador, que, de acordo com Pinto (2015, p. 216), é “aquele que se dirige ao espaço externo da fazenda com o objetivo de encontrar os animais extraviados”. Além de buscar pelos animais nas pastagens, recordo que ele também desenvolvia a técnica da cavalgada, do abate, do trato dos animais e da tosa da lã das ovelhas.

Ao reparar na sua rotina de trabalho, observei as vestes utilizadas durante a jornada, marcadas pelo habitual uso da bombacha, camisa, bota e boina (um tipo de chapéu). A composição remete ao típico traje do gaúcho. Mas é preciso ressaltar que, apesar das roupas, esse familiar mantinha um certo distanciamento dos Centros de Tradições Gaúchas – CTGs, tendo frequentado uma ou outra vez.

Já o avô paterno, chamado Raymundo, viveu a maior parte de sua vida na zona urbana da cidade de Pelotas – RS, onde trabalhou como comerciante. Na sua rotina de trabalho, comumente vestia-se como a maioria dos moradores da cidade, utilizando, por exemplo, calça jeans ou social, camisa e sapatos. Mas, curiosamente, foi esse “avô urbano” que me conduziu ao CTG. Contei com a sua companhia em alguns eventos tradicionalistas gaúchos que participei. Não esqueço de sua elegância vestido com bombacha larga, bota, camisa, cinto e o lenço vermelho no pescoço. No entanto, sempre vi a sua estética com estranheza, parecia inadequada, como se fosse forjada.

Além de sócio e membro do CTG Farrapos, na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, o avô Raymundo dedicava-se à leitura de obras que contavam a história da cultura gaúcha. O conhecimento adquirido nos livros serviu de base para as inúmeras poesias que escreveu ao longo de sua vida. A produção artística inspirava-se nas cenas do cotidiano gaúcho mostrado na literatura. Em uma de suas poesias recitou:

Deus fez berço no Rio Grande
E nele abraçava a república na região
Quando o povo estava peleando
Cumprindo a obrigação
Empunhando o grande símbolo
Embelezando a nação

Este povo peleador
Demonstra a sabedoria
Defendendo nossos direitos
Mostrando sua valentia
Assim lutaram aqueles heróis
Na revolta dos Farroupilhas

Foram dez anos de luta
Mostrando sua razão
Nos campos de batalha
Combatendo a escravidão
Conquistando a liberdade
Com a ferramenta na mão

Os rio-grandenses são gente boa
Mas tem um certo jogo de cintura
Rechaçando os inimigos
Mostrou seus atos de bravura
Combatendo na hora certa
Para colher a fruta madura

Autor: Raimundo Ribeiro Bilhalva
Título: Foi a democracia no Rio Grande

Ele contemplava diversos elementos: a bravura, as batalhas fronteiriças, a escravidão, a condição de peleador (guerreiro) e competência estrategista.

Mas não foram apenas os meus avôs que me fizeram pensar sobre a cultura gaúcha. As avós Leda (materna) e Joana (paterna) também contribuíram com a minha reflexão. No entanto, a estética de ambas era muito parecida. Minhas avós nunca usaram calças e a saia utilizada lembrava o tradicional vestido de prenda. Não havia um diferencial marcante entre elas, como acontecia com a figura masculina dos meus familiares.

Vistas as especificidades dessas pessoas, percebi que não existem ferramentas capazes de identificar, assinalar e validar um ou outro familiar como sendo um legítimo gaúcho(a). Entendi que não poderia afirmar ou determinar uma cultura fundamentada apenas na análise de vestes tradicionais. Diante disso, acabei rompendo com a lógica inicial do meu próprio pensamento.

Desse modo, passei a considerar que existem vários gaúchos(as), de tempos e espaços diferentes, sendo necessário reorganizar as questões norteadoras do trabalho. Percebi que, para além da universalidade da tradição e do tradicionalismo gaúcho, existem singularidades que merecem atenção especial. As pessoas são autônomas dentro de cada universo cultural. Assim, a conformação de mundo dá-se à medida que a realidade recebe um sentido e um significado.

Diante dessa premissa, o ser e o sentir-se gaúcho(a) pode extrapolar o campo das atribuições perceptíveis. Portanto, pode ser que nem todos os rio-grandenses sejam gaúchos(as), bem como existam gaúchos(as) nascidos em outros estados, sem ligação de ascendência com os rio-grandenses. Ainda há a possibilidade de

existirem gaúchos sem indumentos. A única coisa que não pode faltar para um gaúcho(a) é o sentido e o significado entorno dessa cultura, o que o qualifica de fato.

A ideia de trazer o gaúcho para a presente pesquisa é resultado das reflexões apresentadas. Ao tomar conhecimento da linha de pesquisa de Geografia Cultural do programa de pós-graduação da Universidade Federal do Paraná, senti-me provocada. E foi assim que fiz a proposição de uma abordagem científica para a referida temática.

Inicialmente, não tinha uma compreensão abrangente e satisfatória dos mecanismos necessários para o pleno andamento e desenvolvimento do trabalho de pesquisa. Existiam especulações e lacunas no âmbito do direcionamento metodológico e bases teóricas. Na disciplina da Geografia das Formas Simbólicas, cursada durante o doutoramento, tive alguns caminhos abertos, quando conheci as ferramentas necessárias para o enfrentamento do desafio.

Sobre os meus avôs, ambos falecidos, só ficou a certeza de que nada sei, pois não consegui contestá-los em vida. Mas os avôs Raymundo e Osmar presentearam-me com a inspiração para esta tese, que é cheia de emoção e respeito pelo tema abordado. Além disso, posso dizer que tomei consciência da diversidade cultural do mundo e, por isso, tenho o compromisso de trabalhar o respeito às diferenças como forma de combater a intolerância, que é um dos grandes problemas da contemporaneidade.

INTRODUZINDO ESSA “PELEIA”

Os problemas significativos que enfrentamos não podem ser resolvidos no mesmo nível de pensamento em que estávamos quando os criamos.

Albert Einstein

O que é ser gaúcho? Uma palavra que, a princípio, soa como um simples adjetivo pátrio, revela muito mais que o local de nascimento de um cidadão. Ser é um modo de existir. As tarefas cotidianas mais banais estão preñes de sentido e significado que vão além de puros hábitos de um indivíduo, revelando uma cultura. Vestir, comer, festejar, dançar e falar são alguns de tantos exemplos de ações que adquirem uma maneira própria de se expressar, difundida entre seus praticantes. Sendo assim, defendemos que o ser gaúcho está para além de identificar o local de nascimento. Expressa uma cultura, um modo de existir. Portanto, é inviável reconhecer o gaúcho(a) fundado somente no uso de artefatos e comportamento apresentado.

Paixão Côrtes (1981), folclorista, tradicionalista e estudioso da cultura gaúcha, considerou que ser gaúcho(a) é um estado de espírito. Partindo desse pressuposto, entendemos que ser gaúcho(a) abarca o significado individual atribuído a determinada cultura. No entanto, o membro fundador do Movimento Tradicionalista Gaúcho - MTG estabeleceu uma contraversão ao diferenciar o gaúcho brasileiro rio-grandense do gaúcho argentino e uruguaio. A questão da demarcação territorial é incongruente para a conjuntura do estado de espírito, cuja abordagem, nesta tese, não se condiciona apenas às fronteiras geográficas, ou seja, do gaúcho exclusivamente rio-grandense. A defesa desse posicionamento rendeu um universo de possibilidades como, por exemplo, a ocorrência de curitibanos gaúchos(as).

Quem são os gaúchos(as)? São maus ou bons elementos? Seriam eles uruguaios, argentinos, brasileiros ou rio-grandenses? São os tradicionalistas? Usam trajes típicos? Residem em fazendas? Comem churrasco diariamente? Sabem montar a cavalo? Nesse sentido, Cassirer (1975, 1992, 1994, 2001, 2004), filósofo e teórico da linguagem, colabora para a compreensão cultural ao definir o estado de espírito como uma maneira de conhecer e conformar o mundo. Assim, podemos

dizer que o gaúcho é aquele que dá sentido para determinada experiência de mundo. Portanto, transcende os questionamentos anteriores.

O pensamento de Cassirer defende a liberdade humana de conhecimento, ou seja, as pessoas são livres para significar e dar sentido a determinada situação ou coisa. Partindo desse pressuposto, vamos repensar o conteúdo da teoria evolutiva do gaúcho. Discordamos que exista uma hierarquia evolutiva da referida cultura, mas sim universos simbólicos exclusivos de cada gaúcho que existe e existiu, no tempo e espaço. Cada um apresenta uma significação de mundo, bem como a produção de espacialidades heterogêneas, as quais são resultado de um processo intersubjetivo.

O indivíduo é o sujeito do conhecimento. Não é a história, nem o estatuto tradicionalista que determinam o ser gaúcho, mas o sentido atribuído ao fenômeno do ser gaúcho de cada entrevistado. São as suas emoções, os sentimentos, o seu imaginário e o significado atribuído para a cultura em questão. É importante lembrar que toda ação significativa gera espacialidades. Assim, levantamos a seguinte questão norteadora para o trabalho: quais são as espacialidades produzidas no fenômeno de conformação de mundo do ser curitibano gaúcho(a)? Assim, defendemos a tese que ser gaúcho(a) é a projeção desse universo simbólico no espaço.

O questionamento apresentado conduziu-nos a outras inquietações:

- O que diz a história da cultura gaúcha?
- Como as pessoas podem significar o espaço?
- O que os indivíduos fazem no Centro de Tradição Gaúcha - CTG?
- E, o que contam as narrativas dos curitibanos gaúchos(as)?

A forma simbólica da linguagem oportuniza-nos compreender os pontos levantados. Assim, é possível que haja uma aproximação do sentido atribuído ao universo cultural do gaúcho. Esse fenômeno é multifacetado e só pode ser compreendido pelo estudo da intersubjetividade. O trabalho de interpretação de cada narrativa possibilita verificar as espacialidades produzidas no processo simbólico, já que toda ação conformadora é espacial.

É preciso destacar que não intencionamos encontrar um perfil coletivo, mas compreender o sentido atribuído ao fenômeno dos gaúchos(as). Essa é a nova

proposta lançada para o estudo do gaúcho. No recorte, abarcamos os curitibanos frequentadores do CTG 20 de Setembro, na cidade de Curitiba.

A tese foi dividida em quatro capítulos. O primeiro foi reservado para apresentação do gaúcho encontrado na revisão bibliográfica. A temática já havia sido contemplada por distintas áreas dos saberes. Em todas, o gaúcho foi objetificado, seja pelo viés econômico, político, de caráter étnico, de estudos sobre a tradição ou pelos estudos sobre os símbolos culturais. No entanto, conhecer a história dessa cultura é importante, principalmente, pelo fato do tradicionalismo gaúcho priorizar esse culto ao passado. De tal modo, é provável que os elementos históricos apareçam nas narrativas, sendo necessário interpretá-los pelo panorama do entrevistado.

O primeiro capítulo expõe informações acerca da demarcação de um espaço físico, a saber, o território do atual estado do Rio Grande do Sul. Além disso, apresenta uma linha mostrando a sucessão dos diferentes tipos de gaúchos no tempo. Sobre essa questão, indagamos: será que o tempo foi capaz de mudar a cultura gaúcha? Ela mudou no tempo ou foi a maneira de pensar o espaço que sofreu alterações?

O segundo capítulo inicia contextualizando a abordagem espacial na geografia. Expusemos como o espaço foi interpretado ao longo da história da ciência geográfica. No segundo subtítulo, discorremos acerca da noção de espacialidade. Por fim, no último ponto desse capítulo, explicamos e contextualizamos a teoria de Cassirer, que possibilita pensar o gaúcho de outra maneira, fundamentado na experiência conformadora de mundo. Desse modo, as formas simbólicas para o teórico são entendidas como formas do conhecimento.

Assim, compreendemos que o ser gaúcho espacializa a sua cultura conscientemente pelo processo perceptivo-intuitivo-significativo, isto é, o ser pensa sobre o gaúcho(a) enquanto conforma-se de tal maneira. Portanto, ele é, ao mesmo tempo, fenômeno, representação e consciência específica do espaço.

Como tudo que se dá ao conhecimento está no espaço, defendemos que é possível geografizar o ser gaúcho pelas suas espacialidades. O método etnográfico é importante no processo, visto que possibilita estabelecer relações, selecionar entrevistados e informantes, transcrever textos e preparar o diário de campo (GEERTZ, 2008, p. 4), etapas importantes para a realização desta tese.

O terceiro capítulo mostra a caracterização das festividades, aspectos da tradição, palestras e cursos ofertados pelo CTG. Tudo que foi observado na instituição foi descrito no caderno de campo. Os diários foram divididos em momentos específicos. Descrevemos o espaço físico da sociedade tradicionalista, as alegorias, a gastronomia, a indumentária das pessoas, os hábitos e o convívio nesse espaço. Além disso, contamos como ocorreu a nossa inserção e a aceitação nesse meio.

Relatamos detalhadamente as nossas impressões sobre os seminários, palestras e cursos, para os quais foi necessário realizar inscrição mediante pagamento. No trabalho de campo, captamos os elementos dessa atmosfera plasmada de significados que envolve o universo dos gaúchos do CTG 20 de Setembro, em Curitiba. Os curitibanos foram escolhidos para compor a amostra pela operacionalidade e, também, por representarem uma inovação no estudo da referida cultura. Assim, levantamos a possibilidade de um curitibano conformar-se como gaúcho, vinculando todas as ações do seu mundo à determinada cultura.

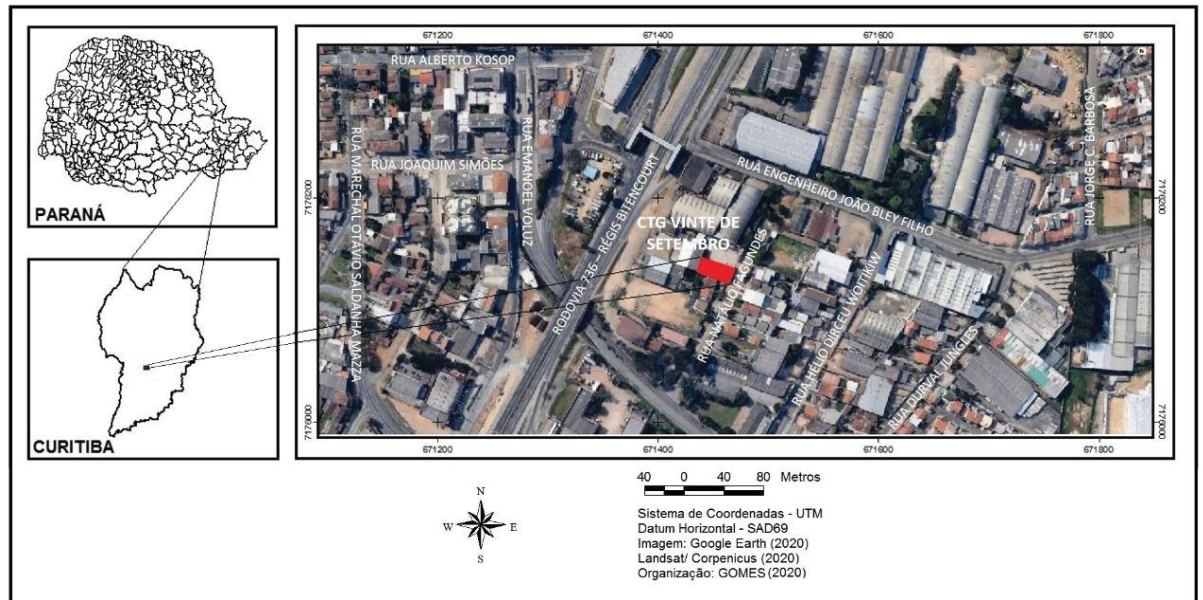
O centro de tradições gaúchas 20 de Setembro fica localizado na BR 116, número 19439, no bairro Pinheirinho, em Curitiba, PR (Figura 1). A pesquisa desenvolvida nessa instituição é qualitativa e tem caráter etnográfico. É importante destacar que a método foi empreendido como um meio, não como um fim. As técnicas e os processos utilizados não definem o empreendimento e o esforço intelectual para analisar o fenômeno do ser gaúcho no mundo foi inspirado na teoria das formas simbólicas de Ernst Cassirer (2001, 2004).

O quarto capítulo apresentou as narrativas de pessoas que frequentam o CTG, coletadas durante o trabalho de campo. Nesse processo, seis pessoas (dois homens e quatro mulheres) foram entrevistadas por meio de questionário aberto. Essas pessoas apresentaram diferentes espacialidades de conformação simbólica para o gaúcho(a). Cassirer (1989, p. 174) entende que todas as pessoas são distintas no seu processo conformador de mundo, que se deve à força da configuração interna do indivíduo, o qual demonstra a criação do mundo da arte e do mito, assim como a criação do mundo linguístico.

A forma geral das estruturas simbólicas compõe a totalidade do mundo. De acordo com Verene (2011, p. 11-12), as formas são funcionais e não substanciais, como propõem alguns teóricos da linha de cultura. Nesse sentido, interessa para a pesquisa interpretar as configurações interiores das formas, sempre considerando a

sua circularidade. Numa narrativa, por exemplo, um campo transforma-se em outro, gerando a multiplicidade de sentidos atribuídos a um único objeto que, nesta pesquisa, é o gaúcho(a).

FIGURA 1: LOCALIZAÇÃO DO CTG 20 DE SETEMBRO NA CIDADE DE CURITIBA

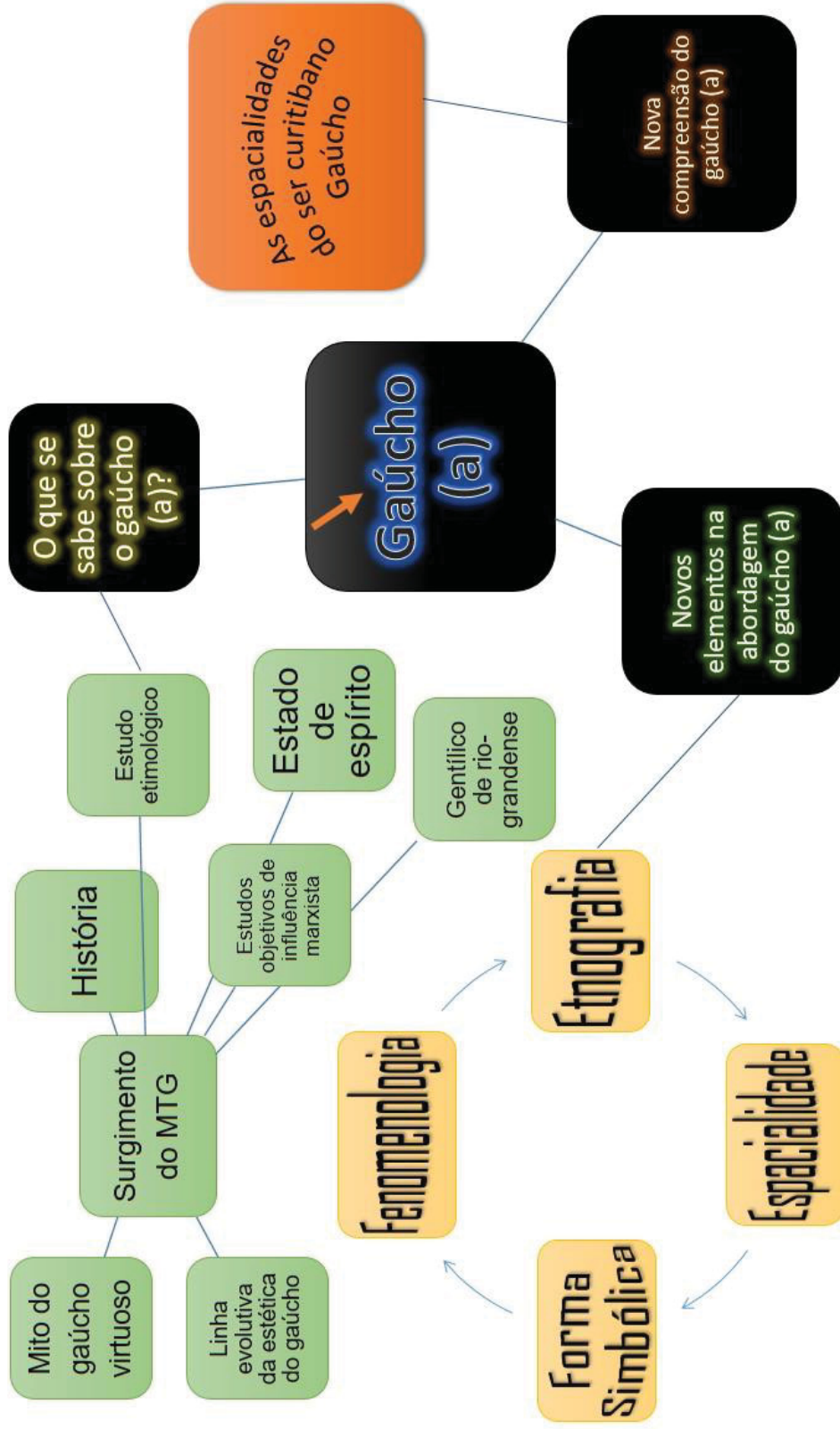


FONTE: Gomes (2020)

Para apresentar didaticamente essas etapas da pesquisa, elaboramos um mapa conceitual (Figura 2). Uma espécie de síntese dos pontos previamente apresentados. É importante lembrar que gaúcho, apesar de ser um nominativo masculino, serve igualmente para designar as mulheres, que são chamadas de gaúchas ou prendas, dentro do universo tradicionalista.

O mapa mostra o gaúcho no centro, pois corresponde à temática de pesquisa. A partir do gaúcho(a), pensamos três pontos: 1) O que sabemos sobre a cultura gaúcha no âmbito de sua história? 2) Os novos elementos inseridos no estudo do gaúcho. 3) E, por conseguinte, a criação de uma nova proposta interpretativa para essa cultura.

FIGURA 2: MAPA CONCEITUAL DA TESE



FONTE: Dutra (2019)

1 “PROSEANDO” SOBRE O GAÚCHO

É impossível compreender o seu tempo para quem ignora todo o passado; ser uma pessoa contemporânea e também ter consciência das heranças, consentidas ou contestadas.

René Rémond

A cultura gaúcha é amplamente divulgada, logo, a sua tradição é facilmente reconhecida e identificada pela força do seu simbolismo. A batida da música, o churrasco, os trajes e o mate são alguns dos tantos elementos comumente visualizados entre os gaúchos hodiernos. A história dessa cultura orgulha os tradicionalistas, mas, quando buscamos informações acerca dos triunfos, percebemos que o passado não foi tão admirável como parece. Diante disso, compreendemos que os sentidos e os significados atribuídos ao contexto atual do gaúcho podem estar diretamente relacionados com o mito do gaúcho honroso. O mito produz uma atmosfera favorável à experiência e, assim, torna a brutalidade da vida sustentável (CASSIRER, 1994, p. 48).

A sociedade tradicionalista trabalha nesse sentido, zelando pela manutenção do ideal criado em torno da figura do gaúcho. No CTG, acontece o culto à imagem daquele gaúcho, herói, de valores nobres. Essa é a ideia trabalhada como referência para as gerações mais novas. Diante do exposto, é necessário refletir: seria o gaúcho uma ficção, algo que não existe ou uma realidade que ainda espera ser interpretada?

Podemos dizer que o gaúcho é real, pois consiste em um modo de conformar o mundo da cultura. Mas as pessoas gaúchas precisam ser melhor compreendidas no âmbito das suas conformações de mundo. O gaúcho é o sentido, é o significado, seja perpassando o mito, seja com a influência de uma história, seja imaginando, seja vivendo no campo ou entre tantas outras possibilidades.

As ações tradicionalistas, apesar de orientadas e debatidas, não foram interpretadas pela subjetividade contida na espacialização dessa cultura. Há de se pensar, por exemplo, nos motivos que fazem um curitibano viver gaúcho e no sentido atribuído aos seus elementos culturais. Também é importante considerar o que essas pessoas sentem quando vestem os trajes típicos, dançam músicas

tradicionais, comem o churrasco e tantas outras coisas que somente serão conhecidas se compreendidas na sua individualidade.

Este capítulo tem o intuito de apresentar uma síntese do que foi levantado pela revisão bibliográfica, contextualizando o gaúcho dentro do um processo histórico no qual o seu arquétipo foi produzido. Por isso, o texto foi organizado como uma linha temporal, com exceção do ponto seguinte, que se dedicou à apresentação dos levantamentos realizados acerca da etimologia da palavra gaúcho. Entendemos que essa construção é importante, uma vez que organiza o pensamento, possibilitando compreender os distintos modos de ser gaúcho no tempo e a criação do mito.

1.1 GAÚCHO OU GAUDÉRIO?

Ao buscarmos pela etimologia da palavra gaúcho, tomamos conhecimento das diversas possibilidades dadas como referência para a origem da expressão, a qual, muitas vezes, é empreendida como sinônimo de gaudério. Recorrendo ao pesquisador argentino Molas (1968, p. 71), a expressão gaudério apareceu no ano de 1756, quinze anos antes de ter surgido o termo gaúcho. O nominativo gaudério foi utilizado numa hospedaria argentina para caracterizar determinados sujeitos que viviam como queriam, sem residência fixa e na incerteza do que comeriam após o dia de trabalho. Basicamente, pessoas sem muitas preocupações e rotinas domésticas. De acordo com o teórico, o termo gaudério é sinônimo de changador, palavras que apresentam a mesma origem filológica. Portanto,

son los gauderios: "vagos" y "malentretrenidos" como señalan los documentos del siglo XVII, mozos "amigos de cosas nuevas", peones de estancias, criollos y desocupados. Estos antecesores de los gauchos son portugueses, africanos, indios, españoles criollos y, en no pocos casos, mestizos que migran del interior. A mediados del siglo XVIII encontramos el término en Río Grande del Sur, Santa Fe, Misiones, Corrientes y Entre Ríos (MOLAS, 1968, p. 71).

Na citação acima, observamos o sentido negativo atribuído à expressão. De acordo com o pesquisador, o respectivo tipo cultural marcou a ancestralidade do gaúcho. Sua base foi constituída pela mescla das seguintes etnias: portugueses, africanos, índios, *criollos* (filhos de espanhóis nascidos na América) e mestiços.

O dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul (1997, p. 107) pondera a sinonímia das palavras gaúcho e gaudério e define o primeiro como: gaudério,

changador, ladrão, contrabandista, vagabundo, coureador, desregrado e andejo. Por isso, podemos dizer que os gaúchos possuem a mesma ascendência dos gaudérios, levando em conta que os conceitos fundem-se e vão ao encontro do conteúdo do verso anônimo, apresentado no trabalho de González (2014, p. 01).

*En el principio no había nada.
Solo la pampa. Nada existía.
Solo una vaca salvaje y solitaria.
Y entonces, la vaca parió un hombre
Y los dioses asombrados lo llamaron gaúcho.*

O poeta utilizou a conotação para enfatizar a falta de conhecimento acerca do surgimento do gaúcho. No entanto, para outros estudiosos do tema, o referido tipo cultural derivou do gaudério e esse, por sua vez, é um composto de muitas etnias.

Para Lessa (2002, p. 22), os gaudérios (Figura 3) constituem uma “terceira classe de homens”. São resultado da miscigenação de brancos e índios, viviam sem rei e leis e o seu nominativo decorreu do modo de vida “gaúdio”, que é um modo de viver sem fazer nada, com apreço por cavalgar sem rumo, andarilhar sem casa e importar-se apenas em garantir a carne no espeto. Os gaudérios chamavam os seus filhos de “piás”, termo originado da expressão indígena *che piá*, que significa meu coração. Ao crescerem, os piás tornavam-se “chinas ou chirus”, do termo indígena *che iru*, que significa meu amigo.

FIGURA 3: OS GAUDÉRIOS NA REPRESENTAÇÃO MASCULINA E FEMININA



FONTE: Zattera (1995)

Ainda sobre os gaudérios, Zattera (1995) esclareceu que foi um tipo de gaúcho que existiu entre 1730-1820. Tratava-se de pessoas muito simples, que se vestiam de forma muito diferente da sociedade tradicionalista contemporânea. Figueiredo (2011, p. 8-9) considerou que o vestuário do gaúcho traduziu o “ser platino” através dos elementos simbólicos contidos na sua indumentária.

A pesquisadora de moda concluiu que as vestimentas possuíam “caráter próprio, expressão de uma época, de uma classe, de um segmento político, de uma região; ela mesma se configura em discurso dotado de sentido intrínseco”. No entanto, trabalhou com o conceito de identidade para diferenciar esse ser platino dos demais que o cercavam e, assim, desfocou a sua análise dos pressupostos filosóficos necessários para a realização de uma hermenêutica. Sobre as ideias apresentadas, entendemos que as vestimentas simbolizam as práticas das pessoas em determinado período histórico e, por isso, o arranjo do vestuário pode ser lido como um texto dotado de sentido. Para concluir a questão do gaudério, destacamos que ele

[..] no era un paisano, no era un peón, ni un esclavo, ni un indio. El idioma español tuvo que inventar palabras nuevas para poder nombrarlo, como si algo inédito hubiese aparecido en el mundo. Y comenzó a balbucear changador... gauderio... gabucho... gahucho... hasta llegar a gaucho. La realidad hispánica tenía ahora un nuevo tipo humano (GONZÁLEZ, 2014, p. 17).

O entendimento apresentado, mais uma vez, funde a noção de gaúcho e gaudério, bem como o diferencia do índio. Na classificação tipológica de gaúchos produzida por Zattera (1995), o gaúcho gaudério sucedeu o gaúcho indígena, tendo este último vivido entre 1620-1730. Nesse enquadramento, o gaúcho mostra-se observado antes mesmo do aparecimento do seu termo nominativo. De acordo com Assunção (1969), o termo gaúcho surgiu no dia vinte e três de outubro de 1771, com finalidade de caracterizar os trabalhadores rurais das áreas que se estendiam das bandas cisplatinas até o sul do Brasil colônia.

Assunção também foi consultado pelo folclorista e membro fundador do MTG, Paixão Côrtes (1981, p. 15), que utilizou a sua obra “El Gaúcho” para estudar a etimologia da palavra, que, pelos levantamentos de ambos os estudiosos, pode ter derivado de:

Guasso - Denominação dada a campesino chileno; Gatucho - É a primeira pessoa do presente do indicativo do verbo gaudere; ter gosto pela liberdade; Gaudério - Teria se originado de gaudeo, nome atribuído aos homens do campo da banda oriental; Galucho - Recruta em português;

Garrucho - Portador de garrocha ou garrucha, homem que usava aquela meia-lua de metal na extremidade de uma vara de madeira, com que desgarravam (cortar o garrão) dos animais, no período da “courama”; Gahucho - pronúncia de garrucho, no linguajar tupi ou guarani; Gaudsho - do vocabulário idiomático cigano; Guacho ou Uaicho - Órfão bastardo, animal criado sem mãe, mais ou menos sozinho; Gauhu-che - de gauhú, cantar triste, e che - do quíchua, gente; Chaucho - do árabe chaouch, correspondente a tropeiro; Gatchu - também do indígena araucano, companheiro; Gauche - galicismo, aplicado no sentido desviado, desgarrado, mal inclinado etc. Outras denominações: kaguauchu, gachu, gacho, guancho, gauchori, cauchu, cauchu - k, gaucino, gauk, gauxe (CORTES, 1981, p. 15).

Dessas apresentações mostradas, *gauhú-che* apareceu também como a hipótese levantada por Ramil (2009, p. 25), que é músico e autor do livro *A estética do frio*. Para ele, a expressão gaúcho pode ter decorrido da palavra indígena supracitada, que significa gente que canta triste. O artista, inclusive, incorporou a milonga no seu repertório, destacando a estima pelo ritmo melancólico. Esse gênero marcou também o trabalho de artistas ligados ao tradicionalismo gaúcho, como Renato Borghetti, Grupo Monarcas, Cesar Oliveira e Rogério Melo, dentre outros, e recebeu um lugar de destaque nos festivais de canção nativa gaúcha.

Ao trabalhar com a musicalidade, o artista Pelotense Victor Ramil acabou indo ao encontro do movimento tropicalista brasileiro. Considerou que havia mais semelhanças entre rio-grandenses, uruguaios e argentinos, que propriamente com os brasileiros de outras regiões do país. Dentre as afinidades com a população de países vizinhos, destacam-se os costumes, a música, o clima e a paisagem (PANITZ, 2010, p. 106). Na “estética do frio”, foi posto que os fatores ambientais foram determinantes na prática de hábitos como, por exemplo, o gosto pelo chimarrão e o estilo musical milongueiro (RAMIL, 2009).

Para o estudioso uruguaio Felde (1967), outra possibilidade é que o vocabulário gaúcho tenha derivado da expressão quíchua *huachu*, que é nominativo de órfão, ou vagabundo. Os colonizadores espanhóis transformaram essa compreensão, passando a chamar os órfãos de “guachos” e os vagabundos de “gaúchos”. Ainda sobre a concepção etimológica desse termo, Oliven (1993, p. 25) analisou a sua transformação semântica e observou que, aos poucos, a palavra gaúcho foi desvinculando-se dos aspectos negativos. Em contrapartida, foi criado um ideal positivo que passou a ser amplamente divulgado.

No passado, a nova ordem de terratenentes trabalhava para defender os interesses da coroa portuguesa. Por esse motivo, flexibilizaram o sentido atribuído

ao termo gaúcho para que fosse favorável a suas pretensões. Dessa maneira, o gaúcho oscilou entre a ideia de bom e mau sujeito (GONZAGA, 1980, p. 115). Um exemplo de leitura negativa sobre o gaúcho foi apresentado por Gonzaga:

Pouco se sabia desses indivíduos denominados gaudérios ou gaúchos. Sua origem residia tanto na dispersão das Missões quanto no estupro das índias, prática corriqueira de bandeirantes e soldados. Eram tipos indiáticos, mestiços, raros os brancos. Haviam herdado dos guaranis a habilidade para a lide pastoril, a capacidade para montar, mas, - na diáspora geral do mundo aborígene- perderam a sua identidade, tornando-se marginais. Segundo um administrador de fazenda uruguaia “no sabe tenga notro exercicio que andar de rancho em rancho y em laspulperías, embriagándose y después com El cuchillo em la mano peleando con todo el mundo.” Na medida em que não se sujeitavam às regras do capitalismo, fazia-se indispensável desaloja-los de seu domínio e impunidade, evitando assim a rapinagem. (GONZAGA, 1980, p. 114)

A imagem do gaúcho foi vinculada à ideia de marginal e estuprador. A citação acima ainda apontou para a falta de conhecimento técnico desses sujeitos como um impeditivo para que pudessem exercer outras funções. Além disso, foi destacado o consumo excessivo de bebida alcoólica e a banalização do porte de arma, considerado um problema, já que esses indivíduos apresentavam uma predisposição para brigas, movidos pelo sentimento de vingança. Essas declarações só reforçam a ideia apresentada pelo dicionário de regionalismo do Rio Grande do Sul.

É preciso esclarecer que esse mesmo homem, visto por alguns como um semibárbaro, foi trabalhado ideologicamente pelos latifúndios, a fim de preencher o seu vácuo moral. Assim, o gaúcho passou a abominar a condição de ladrão. Facilmente manipulados, acabaram servindo de bucha de canhão nas batalhas fronteiriças, nas quais arriscaram suas vidas pelo título de herói (GONZAGA, 1980, p. 114).

O ideal heroico foi a base da construção do mito de gaúcho honroso. Até então, a brutalidade que envolvia essa figura não era sustentável e foi preciso trabalhar a sua moral. Em relação ao mito, é preciso esclarecer que é um “sentimento da vida despertado desde dentro, onde se exprime amor e ódio, em temor e esperança, em alegria e tristeza, chega-se àquele despertar da fantasia mítica de onde brota um determinado mundo da representação”. (CASSIRER, 1992, p. 131).

De acordo com as informações do artigo As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura, de Gonzaga (1980), o mito do gaúcho honroso

surgiu a partir do ano de 1835. Os estancieiros e charqueadores da província julgavam que estavam sendo prejudicados pelos altos impostos cobrados pela regência sobre o charque e o couro. Por outro lado, os produtos de origem platina eram favorecidos cambialmente e estavam sendo comercializados no atual território do Rio Grande do Sul (GUTIERREZ, 2001, p. 39).

Para defender os seus negócios, os empresários desse estado brasileiro captaram combatentes dispostos a se arriscarem em troca de um soldo e respectivos saques. A saída encontrada, segundo Gonzaga (1980, p. 118), foi contar “mentiras”. Esse foi o princípio básico da composição de um novo real e confortante mito do gaúcho. Essa nova figuração de gaúcho recebeu, “injeções ideológicas” através dos valores da vida rude campeira, como, por exemplo, o destemor, a força e a astúcia, que foram posteriormente incorporados à sua cultura.

Lessa (1985, p. 64), ao abordar o tema do tradicionalismo, aludiu a provável invenção do gaúcho, frisando que esse poderia estar extinto e a sua atual representação distorcida. Acreditamos que o autor tenha chegado a tal conclusão ao observar a representação desse sujeito em determinado momento histórico. Nesse sentido, destacamos uma passagem de Gonzaga (1980, p. 118):

O gado xucro praticamente desaparecera ou estava sob o controle dos fazendeiros, e com isso. Excluía-se a possibilidade de sobrevivência fora da ordem capitalista. Reduziam-se os bolsões de gaudérios que ainda vagavam pela campanha, cada vez mais inexpressivos, mais estrangulados pela racionalização econômica.

Concordando com os posicionamentos anteriores, Dacanal (1980, p. 27) reforçou a inexistência do gaúcho, afirmando que não passou de uma ficção étnico-ideológica, sustentada nos interesses de uma classe hegemônica:

[...] desta ficção étnico-ideológica desde inícios do séc. XIX, quando “gaúcho” ainda significava “bandido” e designava certos elementos que vagavam pelos campos da fronteira e das Missões roubando reses – o que, convenhamos, não é um tronco apropriado para fundar estirpes nobres! – até a transformação semântica da palavra e sua apropriação pela classe dirigente, aparentemente com intuitos de auto justificar a hegemonia exercida – sua origem “popular”! – e de reforçar a coesão social no Estado para a defesa de seus interesses na luta contra o poder central, fosse ele imperial ou republicano.

A versão de honradez serviu para mascarar os interesses dos fazendeiros e charqueadores. Dessa maneira, a população foi conivente com as transformações socioeconômicas que o respectivo grupo almejava. Logo, o peão ficou assalariado e dependente do patrão, o qual servia lealmente, sustentado no

laço de amizade criado. (FREITAS, 1980, p. 07). Esse salário não precisava ser necessariamente monetário, a remuneração poderia ser o fornecimento de uma casa, comida e um pedaço de terra para o plantio de subsistência (PESAVENTO, 1980, p. 63).

Esse gaúcho pobre do passado, seja ele indígena ou gaudério, não seria tolerado em espaço como o do CTG. Lessa (1985, p. 45-48) considerou existir uma aversão à figura pitoresca que come churrasco à unha e recita de “botas sujas de lama ou de barba e cabelo hirsuto, qualquer dos mistifórios denominados modinhas gaúchas”. As ideias pejorativas e imorais persistiram até que os gaúchos fossem inseridos na classe trabalhadora das estâncias.

O que se viu depois do Federalismo foi a invenção de uma tradição, algo que caracterizou os rio-grandenses dentro do cenário nacional. Em 1948, ocorreu a criação do CTG 35, fixando o gaúcho tradicionalista como símbolo do estado do Rio Grande do Sul. Para Hobsbawm e Ranger (2008), a invenção da tradição é

[...] um conjunto de práticas normalmente regulamentada por regras tácitas ou abertamente aceita, tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.” (HOBSBAWM; RANGER, 2008, p. 09)

Essa dinâmica de continuidade em relação ao passado, para o gaúcho contemporâneo, é o passado mitológico. A sociedade tradicionalista supervaloriza as glórias dos gaúchos, pois entende que a preciosidade da sua cultura está no passado e nas tradições e, por isso, esforça-se para manter a cultura viva. São românticos. Assim, apresentam a tendência de preservar apenas as virtudes dos vários gaúchos surgidos no tempo.

1.2 MAS “TCHÊ”, E O ESPAÇO ANTES DO GAÚCHO?

A presente tese não possui a intenção de elaborar um minucioso levantamento histórico. Todavia, entendemos a necessidade de contextualizar brevemente a organização do espaço que antecedeu o surgimento do gaúcho (Figura 04). Em 1494, o mundo foi partilhado entre as coroas de Portugal e Espanha, reparte que recebeu o nome de Tratado de Tordesilhas.

A aceitação da divisão do mundo entre os dois reinos só foi possível porque a visão filosófica do período atribuiu aos reis e ao papa o poder de representação

sagrada na Terra. Como toda forma de conhecimento do referido período histórico obrigatoriamente pautava-se na explicação bíblica, a palavra do papa era algo incontestado. Assim, os excluídos da partilha deveriam se conformar com as ordens de Deus.

Aos portugueses coube muito pouco das terras desse novo mundo, basicamente uma nesga de terras no litoral Atlântico. Ao Sul, o limite dessa possessão demarcava a atual cidade de Laguna, em Santa Catarina. Portanto, com base nessa partilha, o atual estado do Rio Grande do Sul pertencia à Espanha. Portugal, a princípio, não demonstrou muito interesse pelas terras além mar, talvez por se tratar de uma metragem muito reduzida. De 1500 a 1530, havia apenas três feitorias no local. Passados trinta anos da posse portuguesa, iniciou-se a povoação pelo regime de capitânicas hereditárias, implementado por Martim Afonso de Souza. Essa funcionava com o esquema de doação de terras pelo governo geral (MAGALHÃES, 2002; MENZ, 2009).

No ano de 1540, foi criada a Companhia de Jesus, uma ordem Jesuíta para domesticar o gentil. E em 1549, a Coroa portuguesa começou a administrar efetivamente a sua possessão, até 1580. Desse período em diante, o Tratado de Tordesilhas foi anulado e, durante 60 anos (1580-1640), Portugal e Espanha acabaram sob o mesmo trono do Reinado dos Filipes. A anulação do respectivo acordo impactou diretamente na questão cultural e formação do gaúcho. Nesse reinado dos Filipes, o espaço fronteiriço do atual estado do Rio Grande do Sul permaneceu indefinido. Assim, tudo o que pertencia à Espanha passou igualmente pertencer a Portugal. Aproveitando-se da oportunidade, os portugueses avançaram para o Oeste e para o Sul dos limites definidos anteriormente no tratado (MAGALHÃES, 2002; MENZ, 2009).

Ao Sul, havia um rebanho significativo de reses, motivo da valorização econômica dessas terras. Visando a riqueza, Portugal redefiniu a fronteira, passando de Laguna para Colônia do Sacramento. Dessa forma, garantiu o domínio do atual do estado do Rio Grande do Sul e o acesso ao Rio da Prata, onde trocava o couro pelo ouro e a prata (MAGALHÃES, 2002; MENZ, 2009; PRADO, 1986). O avanço espacial dos portugueses sustenta-se em duas hipóteses: a primeira diz respeito à defesa militar. Todavia, os portugueses mostraram-se ambiciosos e a demasiada investida foi considerada como um erro político; a outra hipótese considera o caráter estratégico dos portugueses. Portanto, avançaram mais do que pretendiam para que

o recuo garantisse uma maior porção do espaço conquistado, isto é, uma maior vantagem (MAGALHÃES, 2002).

Os índios já ocupavam as terras do Rio Grande do Sul antes da chegada dos portugueses. As aldeias dividiam-se da seguinte maneira: no Norte e Nordeste, ficavam os Jês e os Ramo dos Tapuias, estes últimos originaram os Guaianás, que, por sua vez, subdividiram-se em Ibiraiara, Caaguá, Arachã, Carijó, Tape e Caigangues. No Sul e Sudeste, os Mbaías, subdivididos em Charrua, Minuano, Guenoa, Yaro, Mboane e Chaná; e na zona do Tape, os Guaranis (ZATTERA, 1995, p. 07).

Visando acalmar os ânimos dos índios, o Vaticano, em 1540, autorizou a implementação da congregação de Ignácio Layola, um militar que se converteu ao cristianismo depois ter sido ferido em combate. A missão desse homem consistia na conversão dos índios através de exercícios espirituais e pela rígida disciplina militar. Ao todo, foram fundados dezoito grupos de catequese espanhóis no espaço sulista. O período entre os anos de 1636-1641 pode ser considerado como o marco do aniquilamento indígena em terras do atual estado do Rio Grande do Sul. (MAGALHÃES, 2002, p. 19). Nesse cenário já existiam os gaúchos indígenas classificados por Zattera (1995) (Figura 05).

Para Luvizotto (2010, p. 25), esses sujeitos eram selvagens do campo, homens que abatiam o gado para extrair o couro e vender aos contrabandistas. No Rio Grande do Sul, o índio parece ter sido confundido com o gaúcho. Lopes (2009, p. 35), ao estudar as imagens do índio do Rio Grande do Sul na literatura Brasileira, destacou que, nesse estado, não houve uma literatura indianista, isto é, que se dedicasse aos aborígenes. O índio sempre foi “o modelo do homem local, brasileiro [...] em alusão às diferenças entre as Américas e a Europa dominadora”. Assim, enfatizou que os gaúchos assumiram o lugar dos índios na literatura. O contexto mostrado justificou uma certa confusão entre os perfis do índio e do gaúcho, também mostrada nas músicas, como o exemplo da canção do índio velho, de Berenice Azambuja, que diz em um dos trechos:

“[...] Vou contar nestes meus versos
A vida que me topou
Índio velho de bombacha
Que a morte não pialou
Não temo meu inimigo
Nuca ajoelhei por vencido
Peleio com a própria morte
Enfrento qualquer perigo

Como é que um gaúcho forte
Assim como eu tão vivido
Escravizado se entrega
A um amor proibido [...]"

Canção do índio velho: Interprete: Berenice Azambuja
Compositores: Berenice Azambuja; Hamilton Chaves

Nota-se que índio foi tomado como sinônimo de gaúcho, pois a expressão “índio velho” é comumente utilizada entre os tradicionalistas. Ela aparece na música, nas poesias e no vocabulário, sempre no masculino, para se referir a um gaúcho de mais idade, um senhor. No entanto, é preciso esclarecer, conforme foi visto anteriormente, que existe uma classificação de gaúcho indígena, mas o gaúcho não é necessariamente um índio, embora dele tenha recebido muitas influências de hábitos e costumes.

Sobre esses aspectos, Lessa (2002, p. 32) mostrou o registro do diário de um jesuíta austríaco, no qual relata o encontro que teve com os índios Charruas, com os quais negociou a compra de um cavalo. Ressaltou que pagou os indígenas com alfinetes, uma faca, fumo, pão, um anzol e um pouco de erva paraguaia. O jesuíta reparou que um dos índios deitou a erva na água e bebeu, algo muito parecido com o tradicional chimarrão. Além disso, ficou impressionado com a perícia e a rapidez que os índios abatiam uma rês, derrubando-a, arrancando o couro e a esquartejando. Sobre os utensílios domésticos, percebeu a utilização de porongos e duas varas, que serviam para cravar a carne abatida e levá-la ao fogo.

Notadamente, esses hábitos e práticas são encontrados no gaúcho contemporâneo, que se utiliza do porongo para preparar o mate e das varas, substituídas pelos espetos de inox, para o churrasco. O ponto da carne apreciada pelos indígenas também é muito admirado pelo gaúcho, uma vez que seus churrascos contam com a carne meio crua e sangrenta (LESSA, 2002, p. 32).

Em 1640, Portugal restaurou o seu trono, que foi assumido por Dom João IV. Logo, os conflitos com a Espanha foram restabelecidos. Em 1641, depois da batalha de Mbororé, os jesuítas foram obrigados a recuar para a margem esquerda do rio Uruguai. Portugal, em 1680, detinha a posse da Colônia do Sacramento e da Vila do Rio Grande de São Pedro (atual cidade do Rio Grande). Já à Espanha coube a posse da Vila de Montevideu e os Sete Povos das Missões, situados no extremo Oeste do estado referenciado. (MAGALHÃES, 2012; LESSA, 2002).

Vale lembrar que foi nesse cenário de batalhas territoriais que surgiu pela primeira vez a expressão gaúcho (MOLAS, 1968), no meio de um verdadeiro mosaico de territórios espanhóis, portugueses e indígenas. O gaúcho perambulou entre essas etnias, portanto, pode-se dizer que é um híbrido cultural. Dante Ramon Ledesma utilizou a arte para fazer essa abordagem. Na canção “Orelhano”, comparou o gado orelhano à situação dos gaúchos primitivos.

Orelhano é o nome destinado ao gado sem marca e sinal. O nominativo foi escolhido em homenagem ao padre Cristóvão de Orelhano de Mendonza, fundador da redução de San Miguel do Arcanjo, que foi responsável por introduzir as primeiras reses no atual estado do Rio Grande do Sul. O músico utilizou-se do sentido atribuído ao gado para marcar igualmente as origens do gaúcho, que transcendeu os limites fronteiriços do atual estado. Assim, de acordo com a canção, são gaúchos sujeitos de nascimento, aqueles sem marca, sejam os brasileiros ou argentinos, desde que defendam o mesmo ideal, como se pode notar no trecho a seguir:

Orelhano, de marca e sinal
 Fulano de tal, de charlas campeiras
 Mesclando fronteiras, retrata na estampa
 Rigores do pampa e serenas maneiras
 Orelhano, brasileiros, argentinos
 Castelhanos, campesinos, gaúchos de nascimento
 São tranças de um mesmo tento, sustentando um ideal
 Sem sentir a marca quente, nem o peso do buçal [...]

Compositor: Mário Eleú Silva; Interprete: Dante Ramon Ledesma, 1987.

Desordenadamente, as terras do Rio Grande do Sul foram ocupadas pelas Coroas de Portugal e Espanha. A fim de resolver o problema do aparente mosaico, em 1750, as Coroas assinaram o Tratado de Madri. Desse modo, Portugal trocou a Colônia do Sacramento pelos Sete Povos das Missões (LESSA, 2002, p. 56-57).

Justamente para colocar ordem nessa casa foi celebrado o tratado de Madri. Trocando os *Siete pueblos*, que passariam a ser portugueses, pela Colônia do Sacramento, que passaria a ser espanhola, e implicitamente confirmando como posse da Espanha a Vila de Montevidéu e de Portugal a Vila do Rio Grande, tinha a intenção de garantir, para cada uma das metrópoles, um território contínuo; tinha a finalidade de transformar esse tabuleiro com jogo em andamento numa carta geográfica bem organizada, dividida em apenas duas divisões políticas; grosso modo, antecipava os contornos que delineiam, hoje, o Estado do Rio Grande do Sul e a República Oriental do Uruguai (MAGALHÃES, 2002, p. 31)

Após o Tratado de Madri, as terras do estado do RS valorizaram-se pelo vasto rebanho encontrado no local. Sem os índios Guaranis, para fins de povoamento, providenciou-se a transladação de casais das ilhas atlânticas de Açores e Madeira para a região (MAGALHÃES, 2002, p. 54; GUTIERREZ, 2001, p. 37-38). A abundância do rebanho serviu de estímulo para que os portugueses fixassem-se no solo rio-grandense. Em 1770, os primeiros imigrantes açorianos chegaram ao respectivo estado com o propósito de povoar a região das missões. No entanto, ao perceberem os problemas de mobilidade daquela época, preferiram se instalar na região próxima da atual cidade de Porto Alegre. Cada família recebeu uma pequena propriedade de terra da Coroa portuguesa, a qual isentou-se de prover qualquer outra forma de subsídio (LUVIZOTTO, 2009, p. 18).

Com muita dificuldade, foi aberto o caminho que levava da praia de Araranguá até o sertão de Lajes. Algumas pessoas atalhavam direto do Viamão, via arroio Rolante, que ligava aos campos de Cima da Serra e Vacaria do Pinhal, e esta última ligava a São Paulo, mais especificamente por Lages, Curitiba e Sorocaba. Sobre o tamanho das propriedades, Lessa (2002, p. 49) pontuou que os militares, diferentemente dos imigrantes anteriores, recebiam uma sesmaria equivalente a um território de três léguas por uma légua, o que perfaz uma área de 13.068 hectares. Segundo ele,

Um feudo capaz de fazer inveja a muito conde ou príncipe da Europa. Apenas com a pequeninha diferença de que aqui era um feudo isolado do resto do mundo, sem gente e ameaçado de contestação pelas armas de Montevideú e das Missões (LESSA, 2002, p. 49).

Menz (2009, p. 42) colaborou para o entendimento acerca das doações de terra, expondo as intenções do projeto pombalino, o qual previa a distribuição de terras próximas da serra aos índios e açorianos, que deveriam se dedicar à agricultura, e as áreas de campos para os homens de dinheiro, para que investissem na pecuária.

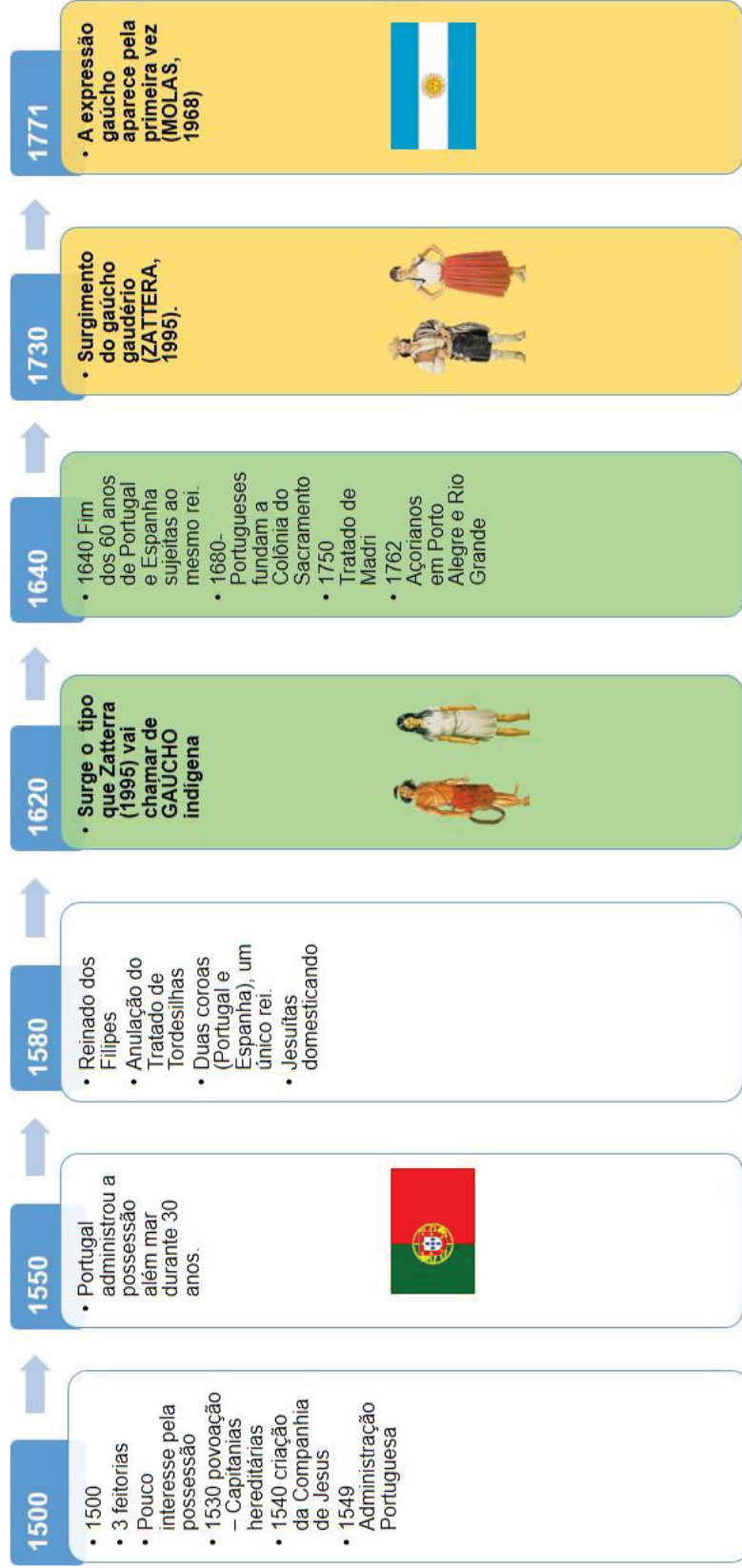
Sobre o elevado número de cabeças de gado, Freitas (1980, p. 09-10) assegura que a reprodução aconteceu independente do emprego do trabalho humano, evidenciando a ausência de pastores para o manejo animal. Considera ainda que a produção dessa riqueza foi natural, visto que a gênese do gado das Vacarias foi espontânea.

Martim Afonso de Souza teria trazido alguns bois da ilha da Madeira para São Paulo e, posteriormente, enviou para a sua capitania, chamada de São Vicente. Em

1555, um capitão espanhol teria fugido desse local e contratado três irmãos, Cipião, Vicente e Góis, para que levassem clandestinamente sete vacas e um touro até Assunção, no Paraguai. Depois desse feito, o rebanho do local foi reforçado com a chegada de bovinos oriundos do Peru e Corrientes, na Argentina, e estes compuseram a pecuária de Assunção. As reses entraram nas primeiras reduções rio-grandenses via Assunção, ou Buenos Aires (MAGALHÃES, 2002, p. 21).

Com as doações de terras e matéria prima abundante, o estilo de vida do homem selvagem sofreu alterações. O gado começou a ser cercado e os gaudérios passaram a ser incorporados como mão de obra nas fazendas. Alguns homens permaneceram atrás do couro, eram os “cavaleiros errantes que vagavam pelos campos solitários ou em bandos. Sua faina clandestina precisava ser suprimida em decorrência dos interesses da coroa e da nova classe de terratenentes” (GONZAGA, 1980, p. 114). A privatização dos campos e do gado marcou o surgimento do gaúcho gaudério proposto por Zattera (1995). Portanto, foi nesse contexto de organização espacial que o gaúcho foi nominado pela primeira vez, no ano de 1771.

FIGURA 4: CONTEXTUALIZAÇÃO DO GAÚCHO ANTES DO SURGIMENTO DE SUA EXPRESSÃO NOMINATIVA



FONTE: Dutra (2020) de acordo com Magalhães (2002), Molas (1968) e Zattera (1995)

FIGURA 5: OS GAÚCHOS INDÍGENAS NA REPRESENTAÇÃO MASCULINA E FEMININA



FONTE: Zattera (1995)

1.3 “BAH”, ALGUÉM ME CHAMOU DE GAÚCHO

Depois de oficialmente chamado de gaúcho, o cenário espacial novamente sofreu uma reorganização (Figura 06). O Tratado de Santo Ildefonso foi assinado em 1777 para firmar a paz entre as Coroas de Portugal e Espanha. Pelo acordo, ficou determinado que a colônia do Sacramento, o forte Santa Teresa, o rio Jaguarão e o forte Santa Tecla retornariam ao domínio espanhol e os campos entre as cidade de Rio Grande e Chuí passariam à condição de neutrais, ou seja, não seriam de propriedade de ninguém (Lessa, 2002, p. 84). O grande número de reses e as terras doadas favoreceram a concentração de riqueza nas mãos de uma elite militar que atuava em favor do Estado Português (MENZ, 2009, p. 44).

Pelo acordo firmado nesse tratado, as terras do Rio Grande do Sul seriam reduzidas à metade do tamanho do território atual. Os portugueses perderam parte de suas terras, mas, por outro lado, cessaram as batalhas sangrentas. Com os espanhóis satisfeitos, criou-se um cenário favorável para os negócios no entorno da Bacia do Prata (MAGALHÃES, 2002, p. 39). No entanto, para os interesses

português havia falta de pessoal no Rio Grande do Sul e, por isso, a agricultura de exportação não foi bem desenvolvida, assim como o comércio colonial. Foi preciso garantir alguns privilégios políticos e econômicos para fixar habitantes e firmar o compromisso de defesa da fronteira, pois se temia o crescimento econômico do lado espanhol. Por esse motivo, foi preciso “desenvolver o ‘verdadeiro comercio’ e a ‘verdadeira agricultura’ naquele continente” (MENZ, 2009, p. 48).

O Rio Grande do Sul, até 1777, era uma região conflagrada, e uma terra onde os habitantes andavam sempre em sentinela, com as lanças ao alcance da mão e as armas de fogo quase sempre engatilhadas, não era propriamente atrativa para quem se dispunha a realizar investimentos. Agora, depois do Tratado de Santo Ildefonso, ao contrário, era possível pensar, pela primeira vez, em fazer negócios, em produzir manufaturas neste extremo sul do Brasil (MAGALHÃES, 2002, p. 41).

O ano de 1777 foi marcado pela maior seca do Nordeste, com destaque para o Ceará. Esse estado tinha um histórico de proximidade com a pecuária, o que se deve aos resquícios de bois remanescentes das tropas do Rio Grande do Sul que eram vendidos em Sorocaba. Além disso, os cearenses desenvolveram a prática da carne de sol, ou carne do sertão, como era conhecida. Com a escassez de chuva no Nordeste, o rebanho definhou. Foi a oportunidade perfeita para os empresários do charque migrarem para o sul do Brasil. Nesse estado existia abundância de matéria prima e interesse pelo desenvolvimento do comércio na zona de fronteira entre Brasil, Uruguai e Argentina (MAGALHÃES, 2002; MENZ, 2009).

Em 1779, o cearense José Pinto Martins fundou a primeira charqueada na cidade de Pelotas, às margens do arroio Pelotas. Em pouco tempo houve um aumento considerável no número de empresas desse setor, demandando significativo número de pessoas para mão de obra (GUTIERREZ, 2011, p. 77). Entre 1779 e 1782, entraram cinco mil escravos pelo porto de Buenos Aires, os quais foram explorados pelos charqueadores (MENZ, 2009). Segundo Pesavento (1980, p. 75), as charqueadas foram responsáveis pelo aumento das importações de escravos e gêneros de consumo europeu. A Sociedade Pelotense acumulou riquezas e passou por um refinamento oriundo da prática de escravagista. O mau trato com os negros não acompanhou o desenvolvimento social, sendo marcado por intensa violência.

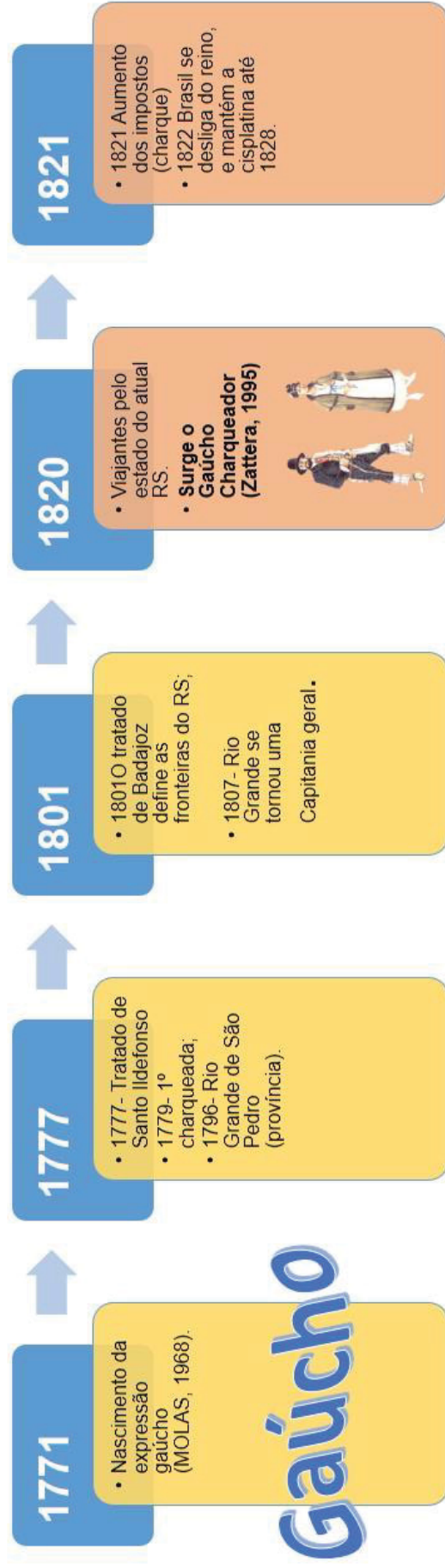
Foram privados da sua liberdade, explorados e vítimas de agressões fundamentadas no preconceito racial. Se a elite gaúcha teve e tem os seus representantes não podemos esquecer que a sua riqueza custou a liberdade e os

sonhos muitas pessoas. O trabalho de Gutierrez (2011) nos mostra a condição dos escravos e isso não pode ser esquecido. Nesse cenário brutal, surgiu também a figura do gaúcho apresentado pela literatura como gaudério feliz, livre e companheiro do patrão que viveu estável no processo de modernização, mas também explorado, pois

[...] enquanto perduraram as revoluções locais, os conflitos armados, esta população dominada da campanha era essencial nas lutas, cada senhor arregimentando “seus homens”, armando-os e pondo-os a lutar em função dos interesses da classe dominante. Da peonada marginal do campo, saíram famosos degoladores, procurados pelos estanceiros que se avizinhava uma rebelião. A frequência de tais incidentes contribuiu para brutalizar o homem do campo (PESAVENTO, 1980, p. 75).

Essa era a situação do gaúcho na Província de São Pedro, em 1796, que se subdividia em quatro comarcas eleitorais, sendo Porto Alegre, Rio Pardo, Rio Grande e Missões, as quais acumulavam o número de 106.196 habitantes. Desse montante, cerca de 15.000 eram escravos (LESSA, 2002, p. 163). O lamentável número de escravos negros deve-se à autorização cedida pela Coroa, que liberou o comércio com as colônias estrangeiras, garantindo o retorno de dinheiro e mais escravos. É lamentável que pessoas tenham sido compradas e trocadas como objetos. Mas o episódio reforça na contemporaneidade a necessidade de fortalecer o debate em torno da questão para que não volte acontecer.

FIGURA 6: CONTEXTUALIZAÇÃO DO GAÚCHO DEPOIS DO SURGIMENTO DE SUA EXPRESSÃO NOMINATIVA



FONTE: Dutra (2020) de acordo com Magalhaes (2002), Molas (1968) e Zattera (1995)

Para os não escravos parecia, até então, parecia que a paz estava selada, pois não existiam conflitos armados. Mas, os portugueses doaram sesmarias e, sem respeitar os campos neutrais, arrebanhavam gados nesses campos desertos para as charqueadas do canal São Gonçalo. Montevideú reclamou, pois também precisava de campos para os empreendimentos nesse ramo. Napoleão investiu contra Dom João VI, de Portugal, como represália à assinatura o Tratado de Santo Ildefonso. Esse acordo contrariou os interesses franceses de manter o bloqueio dos portos europeus ao comércio com a Inglaterra. Para escapar das tropas napoleônicas, o rei português fugiu para o Brasil. Fez deste país a sede da metrópole e, para torná-la o seu maior patrimônio ultramarino, projetou fundir o reinado de Portugal, Brasil e Colônias da Espanha. E assim foi assinado o tratado de Badajós, em 1801. O interesse no apaziguamento foi reforçado com o casamento do príncipe regente D. João, de Portugal, com a infanta D. Carlota Joaquina, da Espanha, filha de Carlos IV (LESSA, 2002; MAGALHÃES, 2002).

Pelo referido acordo, ficou acertada a paz entre as Coroas, mas não foram esclarecidos os limites americanos. Diante disso, a fronteira do Rio Grande do Sul avançou para o rio Uruguai, no Nordeste, e para o rio Jaguarão, no Sul. Mesmo com a assinatura, os portugueses continuaram saqueando o gado *simarrom* ao sul do rio Ibicuí, auxiliados pelos índios Charruas e Minuanos (MENZ, 2009, p. 60).

Em 1807, o atual Rio Grande do Sul passou à condição de Capitania Geral, isto é, desanexado do Rio de Janeiro para ser subordinado diretamente ao vice-rei do Brasil. O período seguinte foi marcado pelo surgimento da classificação de gaúcho charqueador feita por Zattera (1995). Observamos que o enquadramento é condizente com o ciclo do charque no Rio Grande do Sul, que foi o período observado no diário de Saint-Hilaire, em sua viagem por aquelas terras. No seu clássico *Viagem ao Rio Grande Do Sul*, o botânico francês, depois de uma série de viagens ao Brasil, dirigiu-se ao RS e catalogou a flora, os aspectos físicos do ambiente e as especificidades dos habitantes que avistou nas distintas regiões que transitou.

De acordo com os registros da viagem de Saint-Hilaire, que aconteceram entre os anos de 1820-1821, no início, o estado do Rio Grande do Sul adotava a denominação de Capitania de São Pedro do Rio Grande Sul. Na época da estadia do viajante, mais especificamente no dia de 28 de fevereiro de 1821, a Capitania

recebeu o título de Província de São Pedro do Sul. Saint-Hilaire realizou diversas análises. Cabe destacar a comparação entre os habitantes do Prata com o restante da população brasileira.

Seu diário de viagem traçou um perfil, não livre de estereótipos, daquele tipo cultural que muitos teóricos, posteriormente, nomearam de gaúcho. Todavia, grande parte dessas descrições não se refere exclusivamente ao tipo que atualmente é conhecido como gaúcho, mas aos habitantes encontrados naquela província (SAINT-HILAIRE, 2002). Chagas (2011, p. 17), em sua dissertação sobre o discurso gaúcho nas músicas nativistas, destacou o paralelo estabelecido pelo viajante, ao diferenciar os rio-grandenses dos gaúchos.

Saint-Hilaire apontou a miserabilidade desse povo e sua resistência física. Esse assunto também apareceu num capítulo de um livro do estudioso Lessa (2002), que dedicou exclusivamente ao viajante. Sobre as doenças de febres altas, avaliou a sua inexistência no Sul, o que atribuiu à renovação do ar. Destacou que as doenças mais comuns eram doenças do peito, garganta e os reumatismos. Outra observação registrada foi a diferenciação entre chácara e estância. Segundo o autor, a primeira dedicava-se à agricultura, enquanto a segunda voltava-se para a pecuária. A abundância de gado nos campos era algo almejado pelos escravistas, pois barateava a alimentação, o que não acontecia nas regiões de mineração, que tinham custos elevados. De acordo com Magalhães (2002, p. 43), o charque foi o principal alimento dos escravos, inclusive foi exportado para Cuba. Quase sem despesas, a fortuna dos charqueadores aumentava rapidamente (LESSA, 2002, p. 131). Além dos africanos, mais tarde os índios também integraram a base da mão de obra na produção da salga.

Nas missões, os índios ficaram desagregados após a Tratado de Madri, em 1750, e sua situação piorou com a expulsão dos Espanhóis, em 1767. De acordo com Saint-Hilaire (2002), a situação levou o índio para as estâncias, já que nesses locais recebiam alimentação e algum salário. Muitos aspectos da cultura indígena foram incorporados pelos gaúchos, por exemplo, a habilidade exemplar dessa população para a montaria em cavalos (SAINT-HILAIRE, 2002, p. 101), o que foi incorporado no mito do gaúcho virtuoso.

Nesse quesito, Chagas (2011) contribuiu ao mencionar a destreza do Conde Figueira ao cavalgar na “rapidez de um relâmpago” e também a provável justificava para essa característica como sendo o resultado da presença dos cavalos em todas

as classes sociais. Em contrapartida, observamos a correlação feita por Dreys (1990), enfatizando que os adornos usados nos cavalos indicavam a posição social do cavaleiro. De toda forma, não podemos negar a influência indígena nessa técnica.

dos Charruas e dos minuanos herdaram os gaúchos o governo do cavalo, com bocal de guasca sovada nas rédeas, durante os primeiros repasses do potro, isto é, durante a fase em que é ele redomão, metendo-se-lhe mais tarde o freio, depois do animal governar bem com as rédeas, munidas do dito bocal. Sistema de governar este que difere dos trazidos pelos europeus, portugueses e espanhóis, em que estes domavam de bridão, torneando o animal por meio de cada uma das canas da rédea de per si, não o habituando a governar para os lados, senão desta maneira, aliás difícil, ao passo que com o governo deixado pelos ditos índios, o cavalo cede finalmente para qualquer dos lados com as duas nacas das rédeas unidas. É o sistema sul-rio-grandense e platino. (JACQUES, 1997, p. 27).

As características míticas e heroicas permearam o imaginário que envolve os gaúchos. Na literatura clássica, como *O continente*, de Érico Veríssimo (1976 [1949]) e *Contos gauchescos*, de Simões Lopes Neto (1912), percebemos claramente esses valores. Em ambos os livros, observamos aspectos de bravura e rudeza que coincidem com a observação de Saint-Hilaire (2002, p. 25), ao avaliar os movimentos desses homens como mais energéticos e rudes, sendo que lhe pareciam mais homens que os demais.

Todos esses elementos da vivência e experiência foram explicados pelo mito do gaúcho. O próprio Saint-Hilaire estendeu as habilidades encontradas nos moradores do RS como próprias de todos os nascidos nesse estado. Da questão do cavalo e das condições físicas desse sujeito, nasceu o título mitológico de centauro dos pampas, mas questionado se pertence exclusivamente aos rio-grandenses ou aos gaúchos (CHAGAS, 2011, p. 19).

Para compreender a dicotomia apresentada é preciso abordar a balança comercial, que em 1821, desfavoreceu o lado brasileiro. Esse ano foi marcado pelo aumento dos impostos sobre o charque, responsável pela organização econômica do estado do Rio Grande do Sul. A tendência inflacionária estava acontecendo na economia exportadora desde 1792 e, associada às intempéries do período, fez com que o respectivo estado recorresse ao Império para transformar o mercado de alimentos. Sobre as intenções do Império, Menz (2009) destaca a expansão para a região do Prata:

a política joanina no Brasil, ainda que com algumas hesitações, perseguiu a conquista da Banda Oriental, atual República do Uruguai, chamando o Brasil a ocupar suas "fronteiras naturais". O interesse com relação à margem norte

do rio da Prata não estava mais voltado apenas à prata ou às riquezas naturais da região, mas a formar, junto com o Rio Grande, uma “barreira política” às inovações que se irradiavam desde os antigos domínios castelhanos e por conseguinte, estabelecer um império que não deveria temer em nada os seus vizinhos (MENZ, 2009, p. 255).

A guerra Cisplatina foi o resultado dessa investida. O contexto espacial desse período era o seguinte: Em 1810, as colônias Unidas do Rio da Prata deflagraram um processo revolucionário a partir de Buenos Aires. No Uruguai, José Gervásio Artigas buscava independência, portanto mostrava-se contrário aos interesses de Buenos Aires. Dessa maneira, ameaçou alastrar-se para o território do Rio Grande de São Pedro. Portugal interferiu na colônia vizinha, passando a ocupar a Banda Oriental, no ano de 1811. Dom João deu uma trégua no ano seguinte, ao ser pressionado pela Inglaterra. No entanto, Artigas continuava com o seu movimento, principalmente no meio rural. Finalmente, em 1820, foi derrotado por Dom João VI, que anexou a Banda Oriental ao Brasil, sob o nome de Província Cisplatina. Essa incorporação territorial não foi aceita por Inglaterra e Espanha, que formaram oposição (MAGALHÃES, 2002, MENZ, 2009). De acordo com os levantamentos de Mens (2009),

A anexação da Cisplatina teve repercussões na política europeia. A Espanha protestou pelo que considerava ser uma usurpação de seus direitos, ameaçando atacar Portugal; a Inglaterra também manifestou apreensão e advertiu que poderia retirar a sua garantia sobre o território lusitano. Pressionada, a corte teve de aceitar a mediação das grandes potências, o que evitou um novo conflito na Península Ibérica. Áustria, Rússia, França, Prússia e Inglaterra apresentaram um projeto pelo qual Montevideú deveria ser devolvida a Espanha mediante uma indenização. Enquanto que Portugal aceitou as propostas das grandes potências, a Corte espanhola protelava em responder, o que permitiu aos portugueses manter o estado de coisas; a pacificação da Banda oriental e o voto favorável a sua anexação legitimaram o domínio lusitano (MENZ, 2009, p. 78-79).

Em 1821, o Congresso Oriental deliberou que a Banda Oriental fosse anexada ao Império português, na condição de Estado independente, o qual foi chamado de Cisplatina. Em 1822, o Brasil tornou-se independente do Reino Unido e a Cisplatina foi transformada em província brasileira, denominada de Província Cisplatina. José Bonifácio teve um papel importante nesse contexto, pois pensava em reflorestamento, alteração da estrutura econômica, abolição do regime escravo e incentivo ao agricultor livre e se colava contrário à condição do Brasil ser colônia. Com ajuda de seus dois irmãos que foram eleitos para a câmara municipal de São Paulo e o auxílio da elite pensante de Minas Gerais, pressionou Dom Pedro para desobedecer às Cortes. Suas ideias caíram no gosto de Dona Leopoldina, que

contou com apoio diplomático da Áustria e outras nações (LESSA, 2002, p. 157-158; PADOIN, 2001, p. 58-29).

Nesse contexto, formaram-se no Rio de Janeiro e em São Paulo as sociedades secretas de tendência nacionalista, as maçonarias. Em meio a toda essa efervescência, Portugal solicitou o retorno de Dom Pedro para a conclusão de seus estudos. A câmara do Rio de Janeiro pediu a sua permanência. Então, ele acatou e declarou a independência do Brasil, sendo proclamado imperador Dom Pedro I (LESSA, 2002).

O lado uruguaio revidou, com ajuda do governo britânico, que apresentava interesse em estancar os choques entre as Províncias Unidas do Rio da Prata com o Império do Brasil. Rivadavia, que governava as Províncias Unidas, não concordava “com a ideia da anexação da Banda Oriental como também em declarar guerra ao Brasil”. Em 1825, houve uma reação à dominação luso-brasileira, através “*de los treinta y tres orientales*”. Esses declararam-se independente e vincularam o espaço às Províncias Unidas do Rio da Prata (PADOIN, 2001, p. 61-62).

Novamente o império brasileiro revidou, causando o enfraquecimento dos unitários e fortalecimento dos federalistas. Enquanto isso, Rivera, que defendia as ideias artiguistas, rebelou-se contra Buenos Aires. A pressão resultou na saída de Rivadavia do governo, substituído por Dorrego, um caudilho do Partido Federal de Buenos Aires. Ao mesmo tempo, Rivera, sem o apoio de Dorrego, tomou as Missões Orientais, em 1828, para seguir o projeto artiguista de torná-las uma Província Unida. Por esse motivo, o Brasil renunciou à posse da Província Cisplatina, que adquiriu a sua independência e recebeu o nome de Uruguai. (PADOIN, 2001; MAGALHÃES, 2002).

1.4 QUE “BARBARIDADE”, ACABARAM COM OS RIO-GRANDENSES. AGORA É TUDO GAÚCHO

Este subcapítulo tem o propósito de contextualizar fatos importantes para a compressão, ocorridos entre 1835-1950 (Figura 07), entre eles, a conhecida revolução Farroupilha, que se desenvolveu durante o primeiro e o segundo reinado. Mostramos o seu encerramento, com o tratado de Ponche Verde, a relação dos acontecimentos sulista com a Guerra do Paraguai e o homem gaúcho no meio de desses eventos. Também mostramos o momento do surgimento do Novo Gaúcho de

Zattera e o surgimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG, que implicou no surgimento do gaúcho tradicionalista, que abarca a parcela dos entrevistados nesta pesquisa.

O ano de 1835 marcou o sentimento de nacionalismo dos rio-grandenses. Houve todo um trabalho de ressemantização do termo gaúcho para que o exército se engajasse na luta pelos interesses da elite farroupilha, composta pelos estanceiros militares, também chamados de caudilhos rio-grandenses, os charqueadores, comerciantes e sacerdotes. Este último grupo foi influenciado pelos ideais franceses de liberdade, igualdade e fraternidade, que eram estudados e discutidos nas sociedades secretas, isto é, lojas maçônicas. Pesavento (1980, p. 23) considera a existência de duas correntes de pensamentos nos farroupilhas: os que defendiam a monarquia constitucional e aqueles que defendiam a república. É preciso mencionar que a elite iluminada, maçônica, conhecia as ideias liberais, o que se deve à

[...] excelência de comunicação; entrada e saída de idéias, de livros, de riquezas, materiais, de homens, de interesses econômicos. Espaço de circulação que irá propiciar a formação de uma sociedade semelhante, centrada, até finais do século XIX, na propriedade da terra e do gado (cavalar e vacum) e nas relações caudilhescas (PADOIN, 2001, p. 60).

Para Magalhães (2002, p. 57), o liberalismo consistiu no entendimento que o poder do Estado deviria ser inferior, isto é, priorizar o indivíduo, o lucro e os negócios. Além disso, a orientação de particulares estaria acima de qualquer interferência dos governos nas propriedades particulares. Dito de outra maneira, o Estado deveria ser laico e haver liberdade e igualdade. Para o movimento da revolução Farroupilha, isso só poderia ser atingido se a elite iluminada Farroupilha salvasse o povo rio-grandense do poder tirano e despótico (Padoin, 2001). Magalhães considera que, no princípio, foi pensado em descentralização do poder estatal para que as províncias tivessem autonomia. Nesse período, só era permitido um poder legislativo na qualidade de representante da província, o qual poderia interferir nas arbitrariedades do executivo.

O Rio Grande do Sul mostrou-se insatisfeito, pois julgou ter sido prejudicado pela Regência devido aos altos impostos cobrados pelo charque e pelo couro e, em contrapartida, os baixos impostos sobre os mesmos produtos fabricados na região platina, os quais eram vendidos vantajosamente no Brasil, prejudicando os negócios rio-grandenses. Isso acendeu o estopim da rebelião armada, comandada por Bento

Gonçalves. De imediato, pensava-se em substituir o presidente da Província, já que não apontava caminhos e acusava os líderes econômicos de conspirarem contra a república. No entanto, a troca de presidente não resolveu o problema e, no dia 10 de setembro de 1836, Antônio de Souza Neto, nos campos de Seival, proclamou a República Rio-Grandense. No dia 20 de setembro de 1836 foi registrado na Câmara

FIGURA 7: CONTEXTUALIZAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO DENTRO DO CONTEXTO GAÚCHO RIO-GRANDENSE



FONTE: Dutra (2020) de acordo com Magalhaes (2002), Molas (1968) e Zattera (1995)

municipal de Jaguarão a independência do Rio Grande do Sul e Bento Gonçalves nomeado chefe de Estado (MAGALHÃES, 2002, p. 58; PADOIN, 2001, p. 121).

Com o desprestígio da perda da Cisplatina, gerou-se uma revolta local contra a regência, o que apurou o sentimento patriótico. Mostravam-se indignados com o fato de terem derramado o sangue dos irmãos e, mesmo assim, não tinham representação no poder, diferentemente do que no Uruguai e Argentina, onde o “poder central desses Estados era a elite vinculada às atividades da pecuária” situação favorável, visto que os interesses da classe eram privilegiados. Os Farroupilhas trabalharam a noção de pátria, acusando o governo imperial de injusto e tirânico. Dessa maneira, a pátria tornou-se objeto de defesa e por ela foi declarada a revolução (PADOIN, 2001). A guerra iniciou no primeiro Reinado e consumiu cinquenta mil vidas, no intervalo de dez anos, até 1845, quando foi assinado o Tratado de Ponche Verde, no segundo Reinado.

A Revolução perdeu força pela divisão ideológica interna, acentuada no segundo Reinado, quando D. Pedro II conferiu ao Barão de Caxias a tarefa de pacificar os revoltosos. Esse adquiriu popularidade ao ofertar empregos e alimentos à população na frente da presidência do governo paralelo, em Porto Alegre. Além das ações sociais, ocupou as vilas com as tropas e cercou os farroupilhas (MAGALHÃES, 2002, p. 60). Caxias defendeu os interesses localistas e do império, indo de encontro ao interesse da maioria, que se voltava aos interesses econômicos e de ascensão ao poder.

A questão é que os Farroupilhas estavam quase vencidos, mas o Tratado do Ponche Verde, assinado na atual cidade de Dom Pedrito, só foi firmado tendo em mente que a proposta de paz vinculou-se às promessas que garantiam honradez ao Farroupilhas, pois Caxias sabia das necessidade de captar o exército sulista para lutar no Paraguai. Assim, foi prometido aos Farroupilhas que, se desistissem da revolução, teriam todas as reivindicações atendidas, como a escolha do próximo presidente da província, que no caso foi o Caxias, que diminuiu os impostos sobre o charque e couro (MAGALHÃES, 2002, p. 60; PADOIN, 2001, p. 124).

Qual a conexão da Guerra do Paraguai com o contexto apresentado? O mito do gaúcho é a resposta, já que toda a bravura tinha sido posta em prova na revolução Farroupilha. Em 1864, as fazendas dos pecuaristas rio-grandenses

localizadas no Uruguai foram invadidas devido ao conflito estabelecido entre o Partido Blanco e Colorado, no Uruguai. Este último teria recebido o apoio do governo argentino, o que provocou as tensões. Os brasileiros exigiram uma posição do império, que acabou interferindo no país vizinho em defesa dos Colorados. No entanto, nesse momento conflituoso, Aguirre assumiu o senado, contando com o apoio do Paraguai, comandado por Francisco Solano Lopez. Este, após apreender um navio brasileiro em águas paraguaias, ocupou a província do Mato Grosso e ameaçou invadir o Rio Grande do Sul, atravessando as suas tropas pela Argentina (MAGALHÃES, 2002).

O desfecho dessa confusão foi a assinatura da Tríplice Aliança entre Brasil, Argentina e Uruguai, contra o Paraguai. Essa guerra durou cinco anos e só terminou com a morte de Solano Lopes. Serviu para deixar o Paraguai com um déficit da população masculina e completamente arrasado. Para o Império brasileiro, não representou vantagem alguma, muito pelo contrário, serviu para desgastar o contingente de militares de maioria rio-grandense. No Rio Grande do Sul mesmo com a redução dos impostos prometido por Caxias as charqueadas declinaram pela concorrência dos frigoríficos estrangeiros e conseqüentemente pela criação Lei Eusébio de Queirós, de 1850.

O valor pago na compra de um escravo subiu consideravelmente após cessação do fornecimento de cativos Africanos, o que foi positivo para o fim do regime escravista. Pessi (2009, p. 163) destaca que os escravos masculinos sofreram uma variação de 239%, enquanto as mulheres, 173%. O pesquisador ressalta que outros fatores também colaboravam para a elevação dos preços, como as competências técnicas e condições física dos escravizados. Com isso, a salga entrou em decadência e, em 1865, surgiu um outro tipo de gaúcho, nominado por Zattera (1995) como novo gaúcho, que representou o gaúcho fazendeiro. Com a realidade um pouco diferente dos gaúchos já apresentados, sem conflitos e guerras, assim vivia o gaúcho das fronteiras, agora definidas, e aquele da calmaria do Pampa, seja ele o patrão ou o funcionário.

Em 1947, aconteceu a criação do MTG, pensado como uma frente às ideias norte americanas que adquiriam força entre os jovens do respectivo estado nacional. O movimento surgiu para instaurar uma identidade para os rio-grandenses, pois acreditavam na necessidade de despertar a consciência para o passado, buscando explica-lo, para apontar o futuro. Côrtes (1981, p. 68-69), que foi um dos fundadores

do MTG, defende a ideia de gaúcho como estado de espírito, no entanto critica aqueles que confundem ou interpretam a condição tradicionalista como uma profissão. Para o folclorista, ser tradicionalista diz respeito à vivência de culto. Mas, avalia que existem muitos artistas que interpretam a tradição sem ser tradicionalista. O mesmo acontece com o peão da estância que escolheu essa profissão sem ser tradicionalista. Assim, para o teórico, o tradicionalista é aquele que está integrado ao Movimento Tradicionalista Gaúcho e, portanto, criou um vínculo com o CTG.

O tradicionalismo gaúcho foi criado no Rio Grande do Sul e, por esse motivo, muitos confundem o rio-grandense com o gaúcho. Vale salientar que o primeiro caso corresponde a uma situação de origem geográfica, não se pode ser rio-grandense nascendo no Paraná. Por outro lado, se é um estado de espírito e atualmente existem CTGs em quase todos os estados brasileiros, é possível ser gaúcho tradicionalista e, por exemplo, ter nascido na Bahia. A questão do tradicionalismo perpassou o folclore, que, no Rio Grande do Sul, era pouco expressivo, apenas as danças de Moçambiques e Ensaios de Osório, para criar algo bem estruturado e institucionalizado. Foi uma maneira de representar a cultura e garantir a ênfase, como ocorria em outras regiões brasileiras, como a festa do Bumba Meu-Boi, Fandango, Catira e outras manifestações folclóricas. O CTG foi uma possibilidade representativa, pois garantiu ao sujeito participante, através de uma coordenação, que pudesse dar a sua colaboração para manter a tradição viva (CÔRTEZ, 1981, p. 69). Nas palavras do folclorista:

[...] nosso caso aqui, isto é culto, são símbolos que nós vamos reverenciar e que é diferente das outras áreas brasileiras, onde o indivíduo vive, se integra no folguedo ao natural, posicionando-se ao seu modo, numa necessidade pessoal de compartilhar espontaneamente no motivo, embora muitas vezes representando e cultuando (CÔRTEZ, 1981, p. 70).

O Movimento Tradicionalista Gaúcho trabalhou para que a cultura gaúcha fosse incluída como cultura brasileira, pois eram considerados como “semi-estrangeiros” e sempre empurrados para a banda do Prata. O grupo reclamou os duzentos anos das invasões castelhanas e afirmou que, desde 1948, correspondia à maior escola de civismo brasileira e, desde então, reclama a brasilidade, considerando que sofrera a transculturação das origens, pois o gaúcho primitivo havia sido uma mescla dos aventureiros espanhóis, portugueses e índios. Sobre a brasilidade, expôs o orgulho de ter escolhido a pátria verde amarela e não a oferta

de um ditador estrangeiro, que ofereceu à revolução Farroupilha subsídios para que continuassem na luta contra o Império brasileiro (CÔRTEZ, 1981, p. 73).

O MTG é uma organização recente. Iniciou em Porto Alegre, em agosto de 1947, no colégio Júlio de Castilho, quando, junto ao grêmio estudantil, foi fundado um departamento em favor das tradições gaúchas com a preocupação de “preservar, desenvolver, proporcionar uma revitalização à cultura rio-grandense” (CÔRTEZ, 1981, p. 78). Atualmente, o movimento tem grande expressividade. Conta com CTGs em quase todos os estados brasileiros e fora do país. Esses são institucionalizados e regimentados. Esse panorama marcou o surgimento do gaúcho tradicionalista caracterizado por Zattera (1995). Vale destacar que, pela teoria desta teórica, esse é o gaúcho contemplado nas narrativas da presente tese e acreditamos que ele(a) tem muito a dizer sobre o ser gaúcho contemporâneo.

Entendemos que o MTG, ao requerer a brasilidade da cultura gaúcha, acabou desconsiderando a própria cultura rio-grandense. Então, se a outra parcela não é gaúcha, como fica a cultura própria dos nascidos nesse espaço? Este trabalho visa dar profundidade à compreensão do gaúcho como estado de espírito e é nesse sentido que a pesquisa espera contribuir para os estudos acerca da cultura gaúcha.

2 O ESPAÇO NO CONTEXTO EPISTEMOLÓGICO DA GEOGRAFIA

Embora pareça óbvio que o conceito de espaço tenha sofrido algumas alterações na Geografia, há de se considerar que as construções e inovações não resultaram de um processo autônomo. A Geografia, assim como as outras áreas dos saberes científicos, foi influenciada pelo pensamento de uma determinada época e cultura. O mesmo aconteceu com o gaúcho. Os levantamentos bibliográficos mostraram que muito do que se conhece sobre a referida cultura foi desenvolvido pela ótica marxista.

Atualmente, a Geografia tem uma compreensão de espaço bem diferente de épocas passadas. É possível pensar o espaço pela perspectiva do sentido e significado atribuídos a ele. É legítimo, por exemplo, pensar na geografia das emoções ou na geografia de uma obra de arte, uma vez que tudo se espacializa. E se todo conhecimento é espacial, podemos ponderar as espacialidades dos curitibanos gaúchos(as), contribuindo para o avanço da epistemologia geográfica. Mas, como se deu toda essa transformação até chegar à perspectiva abordada nesta tese, que versa sobre os elementos intrínsecos às espacialidades?

Na antiguidade, os geógrafos observavam o espaço empiricamente. Registravam a cartografia dos povos, bem como as suas atuações territoriais. Eram informantes do Estado, dos viajantes e dos comerciantes, que se favoreciam dos dados privilegiados. De acordo com Moreira, no período retratado,

[...] a Geografia e o geógrafo agem e se exprimem através do método e da linguagem que combinam no mapa os símbolos da cosmogonia e as informações territoriais de cada um dos povos, úteis para os fins da ação prática (MOREIRA, 2007, p. 14).

O método geográfico e a linguagem geográfica expressavam e representavam as cosmogonias, a explicação mítica de mundo. O surgimento e a organização dos povos configuravam como obra do divino. As explicações sobre a origem da natureza serviam igualmente para esclarecer o espaço. Os símbolos do sagrado indicavam a supremacia espacial de determinado grupo, sendo que essas representações possibilitavam compreender o espaço através do jogo de forças, expresso na hierarquização dos grupos humanos. Podemos dizer que a ordem da natureza estava mais próxima do homem do que a ordem que possibilita-o descobrir o seu próprio mundo. Todas as explicações sobre o mundo provinham das religiões

tradicionais, as quais, intencionalmente, determinavam os aspectos morais que deveriam ser seguidos pela sociedade (GIL FILHO, 2012. p. 52).

Essa compreensão da realidade espacial persistiu na Idade Média. Serviu para tornar a explicação geográfica uma extensão da bíblia e o geógrafo do período, um cartógrafo do fantástico (MOREIRA, 2007, p. 14). Nessa ocasião, existiu uma espécie de teologia focada em provar a existência de Deus e da alma. A filosofia cristã constatou a infinitude do criador e a imortalidade da alma humana. Por esse viés, o espírito humano transcendeu e, associado ao mundo cultural, possibilitou a fuga da finitude causadora da angústia (CHAUI, 1996, p. 45).

Assim, a razão foi subordinada à fé, ficando estabelecido que os seres elevados poderiam dominar e governar os inferiores. A sujeição dos reis e papas ao poder espiritual garantiu a concretização do efetivo domínio. Nessa concepção, os geógrafos serviram ao grupo superior, produzindo cartografias pautadas nos argumentos extraídos dos textos bíblicos (MOREIRA, 2007, p. 14).

No renascimento, a cosmologia despertou a Geografia para as explicações mecânico-matemáticas, impulsionando os geógrafos a adotarem a compreensão de mundo natural e dessacralizado. No entanto, entre o renascimento e o iluminismo, retomaram a cartografia do fantástico. Doravante, o espaço foi consolidado pelo imaginário etnocêntrico europeu. Desse modo, os geógrafos do referido período desempenharam a função de viajantes naturalistas, sendo encarregados da tarefa de organizar o espaço exótico para atender ao padronismo europeu (MOREIRA, 2007, p. 14). Dessa maneira, criou-se um discurso, no qual os europeus se proclamaram seres evoluídos.

Laraia (1986), ao escrever sobre a cultura, mostrou alguns comportamentos interpretados como bárbaros pelos europeus, que acreditavam que os fatores ambientais e biológicos poderiam funcionar como determinantes culturais. De tal modo, as culturas que não fossem europeias estariam atrasadas e só poderiam evoluir pela dominação. Os europeus ignoravam a ideia da multiplicidade cultural. Os seus moldes deveriam servir de referência para os demais grupos humanos.

Seguindo essa lógica, no planisfério de Mercator de 1569, os geógrafos do renascimento propuseram uma deturpação espacial em favorecimento da Europa. Além disso, a Inglaterra foi tomada como referência para o início da contagem do fuso horário. Essas questões comprovam que a Geografia renascentista colaborou significativamente para o domínio imperial (MOREIRA, 2007, p. 15).

Entre o renascimento e o iluminismo, século XVII-XVIII, a ciência entrou novamente em crise. O mecanicismo não forneceu explicações satisfatórias ao eletromagnetismo e, desse modo, a empiria adquiriu força ao ser associada à lógica matemática. A Geografia acompanhou o movimento da ciência e experimentou uma nova duplicação. Parte dos geógrafos dedicou-se à cartografia do fantástico, fixando a noção de racionalidade europeia para que os ditos bárbaros pudessem ser dominados. A outra parte desses profissionais ficou com a cartografia de precisão, área indispensável para as navegações do período. O perfil profissional dessa categoria mesclou o conhecimento da navegação com os levantamentos naturalistas dentro de ótica distorcida do espaço (MOREIRA, 2007, p. 15).

A ciência, naquela ocasião, despertava-se para a questão da autonomia humana. As descobertas marítimas agregaram novos conhecimentos, resultando na crítica da sociedade europeia. A reflexão culminou na tomada de consciência cultural e política. Assim, a Igreja Romana passou a ser questionada, entrando em crise devido às pressões da Reforma Protestante, que pregava a liberdade de crença religiosa e pensamento. O homem aferiu ser “sujeito do conhecimento”. Portanto, o intelecto foi concebido como a capacidade compreensiva e demonstrativa da verdade dos conhecimentos. O pensamento voltou-se para si e a consciência foi pensada dentro de um processo do intelecto no qual podia conhecer as substâncias das coisas (CHAUI, 1996, p. 46).

De acordo com Moreira (2007) a noção sobre as representações mudou o rumo da ciência. O conhecimento precisou ser demonstrável pelas ideias ou pelos conceitos. Em contrapartida, entendia-se que a natureza, a sociedade e a política eram inteligíveis por si mesmas e, assim, poderiam ser conhecidas inteiramente pelos sujeitos do conhecimento. O homem precisou explicar o que não era visível. Nesse cenário, Galileu propôs a determinação da realidade como um sistema racional de mecanismos físico-matemáticos. Segundo a sua teoria, a explicação para o não visível poderia ser encontrada pela matemática. Assim, a realidade foi reduzida à relação de causa e efeito.

Na Geografia, o mecanicismo atendeu aos interesses imperialistas europeus. De tal modo, foi legitimado o domínio do homem sobre a natureza e a sociedade. No período iluminista, a Geografia foi considerada a ciência dos grandes espaços. Isso se deve à revolução industrial e à ascensão da burguesia. Coube ao geógrafo da época realizar o mapeamento espacial dotado de rigor matemático, já que a nova

ordem econômica exigia precisão, a fim de localizar os recursos necessários para as indústrias (MOREIRA, 2007, p. 15).

O espaço, no iluminismo, caracterizou-se pela diferenciação posta entre a natureza e a sociedade. Podemos dizer que a primeira é uma relação de causa e efeito, enquanto a segunda, é imprevisível, pois os homens podem se aperfeiçoar moral e tecnicamente. Nesse período da história, havia uma preocupação especial com o enriquecimento das nações. Portanto, esse assunto entrou para o centro das reflexões teóricas. As artes e a biologia igualmente despertaram o interesse, pois determinavam o grau de progresso das civilizações (CHAUI, 1996).

No século XIX, a ciência passou por uma nova crise, dessa vez uma crise de lógica. Foi concluído que a teoria do mundo, na verdade, era uma interpretação sobre o mundo. Novamente, a Geografia dividiu-se: de um lado ficaram os geógrafos antropólogos, que precisavam lidar com o tema das civilizações e, do outro, os geógrafos economistas, encarregados de debater o arranjo racional do espaço.

No século XX, a Geografia adquiriu o título de ciência do espaço e os geógrafos tornaram-se especialistas em organização espacial. O positivismo lógico foi introduzido na nova Geografia, ou Geografia quantitativa. E, assim, ficou compreendida a existência de uma ordem que regulamenta a evolução das sociedades (MOREIRA, 2007, p. 15).

Em relação ao positivismo, destaca-se o sociólogo Augusto Comte, com sua argumentação em defesa da unidade do método e da neutralidade científica, na qual o sujeito e o objeto do conhecimento mostravam-se separadamente. O teórico valorizou a empiria, pois considerou que a verdade resultava da observação e experimentação. Os positivistas acreditavam que

[...] só era possível conhecer os fenômenos ou fatos do mundo real (sensível) e suas relações e não a sua essência, as suas causas íntimas, pois era impossível alcançar noções absolutas. O positivismo desenvolveu toda uma cultura “anti-metafísica”, voltando as suas preocupações e interesses para o mundo real, empírico, objetivo, palpável, mensurável e verificável pela experimentação. Ele se apresentou como uma nova visão “científica” ou “positivista” da realidade. Os positivistas também não viam diferenças entre as ciências naturais e as ciências humanas ou sociais, tendo as últimas que seguirem exatamente os moldes das primeiras, ou seja, deveriam ter o mesmo rigor científico, a mesma objetividade e praticidade e utilizar o mesmo método. Nessa visão, as ciências humanas ou sociais ficavam completamente desvinculadas de qualquer relação com as classes sociais, com as posições políticas e ideológicas, com as visões de mundo e com os valores éticos e morais (CAMARGO; LIMA, 2005, p. 41).

Na segunda metade do século XIX, Hegel destacou-se pelo seu pensamento filosófico. Influenciado pelo historicismo, criticou o positivismo, discordando da generalização metódica atribuída às ciências humanas e naturais. Assim, defendeu a autonomia das diversas áreas dos saberes por julgar inadequada a reprodução dos métodos importados de outras ciências descontextualizadas das ciências humanas.

Hegel distinguiu o objeto da sensação provocada por ele e enfatizou que o conhecimento é uma propriedade do pensar, uma espécie de fenomenologia do espírito. De tal modo, a verdade não se mostra como substância. Trata-se do resultado de um processo, isto é, do retorno da coisa pensada. De acordo com Trotta (2009, p. 11), o pensamento hegeliano, “ao contrário de ser uma teoria do conhecimento, é em verdade uma ontologia”, o “ser”, é “compreendido pela dimensão do pensamento, identidade absoluta, busca a superação do objeto-sujeito, ser-pensar”.

Dessa forma, criou-se um problema de metafísica. Foi preciso pensar no processo do conhecimento em si. Mas, com a morte de Hegel, no ano de 1831, houve o empobrecimento de suas ideias. Assim, o hegelianismo negligenciou os resultados empíricos ao aplicar uma metafísica limitada chamada de naturalismo, que não passava de uma descrição fidedigna do ambiente, na qual o homem biológico era percebido no espaço, mas entendido como obra da natureza.

Uma solução encontrada no período estava no pensamento de Kant, que propôs uma síntese-conexão entre a observação e a razão. Ele pressupôs uma dada “noção a coisa” caracterizando uma “relação externa ao sujeito” (GOMES, 1996, p. 250). Para esse filósofo, é impossível “conhecer o objeto em si mesmo, o que reduz o conhecimento da coisa pelo fenômeno” (TROTТА, 2009, p. 12).

Nesse contexto, o espaço, por exemplo, foi compreendido como a intuição pura do sujeito que, através do sensível, conhece as coisas. No entanto, essa ideia não foi aceita pelos neo-hegelianos, que argumentaram que “o universo é espiritual e a existência se confunde com a percepção. Em outros termos, não há um objeto sem sujeito e todo conhecimento provém da relação interna” (GOMES, 1996, p. 250).

Para Hegel, essa relação interna que define o conhecimento está numa estrutura lógica e não no sujeito ou objeto (TROTТА, 2009, p. 12). Mas, como a ciência caminhou com Kant para o idealismo, o sujeito do conhecimento adquiriu

independência no âmbito da experiência sintética. Desse modo, o conhecimento centrou-se no sujeito que, pela lógica dos modelos matemáticos, passou a explicar o espaço.

Antes de falar do espaço na Geografia dos anos cinquenta, do século XX, precisamos contextualizar a contribuição de Husserl para a ciência. Esse filósofo revelou “as verdadeiras significações do discurso científico por intermédio da lógica” e aprimorou a noção de modelo, ao estabelecer o método fenomenológico (GOMES, 1996, p. 251). Descreveu as estruturas da consciência conservando o objeto, todavia, também introduziu as contribuições de Kant, igualmente conservando o sujeito do conhecimento.

Conservando-se fiel à tradição moderna e Kantiana, Husserl privilegia a consciência reflexiva ou o sujeito do conhecimento, isto é, afirma que as essências descritas pela Filosofia são produzidas ou constituídas pela consciência, enquanto um poder para dar significação à realidade (CHAUÍ, 1996, p. 237).

Muitos dos conhecimentos da Geografia sustentam-se no pensamento de Husserl, que abriu a porta do mundo da vida para os geógrafos. Doravante, passaram a trabalhar o conceito de espaço vivido e mundo vivido (MARANDOLA, 2016, p. 460). O problema dessas abordagens, na Geografia, é a sua ênfase estritamente descritiva. A fenomenologia de Husserl não buscava a descrição, mas a essência que operava no funcionamento da consciência. Não se trata da consciência trabalhada pelos psicólogos, que é entendida como “um conjunto de fatos externos e internos observáveis e explicados causalmente”. Husserl abordou a consciência numa linha filosófica, que diz respeito ao “sujeito do conhecimento, como estrutura e atividade universal e necessária do saber” (CHAUÍ, 1996, p. 87-237).

Assim, o fenômeno passou a ser estudado na Geografia a partir de 1950. No entanto, a sua análise foi condicionada à abordagem sistêmica. Cabe mencionar o exemplo de Christaller (1966) e o seu modelo de dispersão espacial para as cidades. O fenômeno era visto como um sistema estudado pelo grau de organização. Segundo Gomes (1996, p. 257), a Geografia moderna não compreendeu a singularidade da Geografia clássica e/ou tradicional. Os modernos criticaram as descrições aplicadas aos estudos qualitativos e monográficos defendendo a relação geral e teórica. Dito de outra maneira, a singularidade dos

fatos geográficos era incompatível com a visão científica moderna, representando um impeditivo para a explicação teórica, já que descrevia sem fazer relações gerais.

Dessa maneira, pensavam em orientar a reflexão da Geografia para uma teoria (teórica). Primeiramente, essa abordagem relacionava os fatos; depois, produzia uma orientação voltada para a descrição e, finalmente, aplicava a lógica matemática. Na ausência de uma generalização metódica racional, a Geografia teve a sua validade científica colocada em prova. Pela matemática, desenvolveu os seus métodos de verificação e previsão.

O positivismo recebeu críticas marxistas, principalmente no âmbito de questões que envolviam o espaço político. Como expôs Gomes (1996, p. 275), não existe um agente econômico perfeito. Portanto, a análise racional do contexto incorporou outros elementos determinantes na ação social.

O excesso de racionalidade do positivismo mascarou a realidade, fazendo o lado econômico pesar sobre o social. A saída parecia estar no pensamento marxista, que serviu de alicerce para a Geografia crítica. No entanto, ao debater o conceito de alienação social, Marx condicionou os homens a um sistema no qual não se compreendem como criadores de sua própria obra.

O materialismo histórico dialético preconizou que os homens são resultado da história, sendo determinados por uma relação material da qual são prisioneiros. A liberdade em Marx diz respeito à liberdade de classe, que só poderia ser alcançada com a revolução. No entanto, o marxismo não constituiu uma metodologia única e deu sinais de esgotamento na Geografia.

Por conseguinte, surgiu o humanismo geográfico. Esse movimento define-se pelo conhecimento centrado no homem, o estudo do fenômeno de maneira integrada, o entendimento do homem como um produtor de cultura, a interpretação hermenêutica e o simbolismo, isto é, valores e significados construídos pela sociedade (GOMES, 1996, p. 314). Nessa corrente de pensamento, o pesquisador importa-se com a subjetividade, a percepção, os sentimentos e o imaginário. Talvez por isso o categorial do lugar tenha se destacado consideravelmente, assim como o espaço, que recebeu inúmeras abordagens acerca do espaço vivido.

No entanto, a grande inovação do pensamento humanista geográfico pode ser resumida pelo título de um trabalho de Cosgrove (2004, p. 1), “a Geografia está em toda a parte”. E, de fato, está. Tudo acontece no espaço, até mesmo o ato de pensar é espacial e gera uma espacialidade. O homem precisa ser estudado para

que se possa compreender o seu espaço. Para Gil Filho (2012, p. 55), a Geografia carece de uma “segunda hermenêutica na análise geográfica”, e a abertura da linha humanista possibilita pensar em uma proposta com esse objetivo. E, por que Ernst Cassirer? A cultura possui uma ordenação simbólica, que pode ser descrita na Geografia pelo estudo das espacialidades.

2.1 DO ESPAÇO À ESPACIALIDADE

A presente tese intenta conhecer as espacialidades produzidas no processo de construção do ser curitibano gaúcho. No entanto, perguntamos: O que é uma espacialidade? Como vimos anteriormente, o conceito de espacialidade adquiriu expressividade no movimento contemporâneo do humanismo geográfico, que se diferencia dos demais humanismos identificados no curso da história do pensamento filosófico.

Na Geografia, o movimento humanista apareceu na década de 1970. Funcionou como uma frente crítica ao pensamento lógico-positivista. Essa linha de raciocínio foi muito importante para a evolução da epistemologia da ciência geográfica. Colaborou para o avanço dos estudos acerca do significado humano atribuído ao espaço, impulsionou o desenvolvimento dos trabalhos fenomenológicos e também forneceu subsídios aos estudos de natureza existencialista.

A subjetividade humana recebeu destaque nas análises espaciais, sendo considerada uma verdadeira inovação. No entanto, a corrente humanista geográfica não estabeleceu um programa unitário, o que justifica a diversidade das propostas. Dentre as possibilidades de estudo nesse campo do pensamento geográfico, surgiram os estudos voltados para a investigação dos códigos simbólicos culturais (GOMES, 1996, p. 314). Nesse aspecto, destacam-se os trabalhos de geógrafos influenciados pela teoria de Ernst Cassirer, pois o humanismo geográfico possibilitou esse diálogo entre Geografia e Filosofia.

Em seu artigo sobre as Espacialidades de conformação simbólica, Gil e Silva (2019, p. 83-84) apresentam alguns desses geógrafos que citaram ou estabeleceram alguma conexão de seus trabalhos com a teoria de Ernst Cassirer. O primeiro nome mencionado pelos pesquisadores foi David Harvey, o qual utilizou o Cassirer como referência no primeiro capítulo do livro *Social Justice and the City*, de 1973. Em 1997, Claude Raffestin também dialogou com o filósofo, ao escrever o

trabalho intitulado *Paysage et territorialité*. Já no ano de 1984, Cassirer foi destacado na produção de Neil Smith, com o título de *Uneven Development: Nature, Capital, and the Production of Space*.

Além desses trabalhos, Gil e Silva (2019, p. 86) chamam a atenção para o trabalho de Nicholas Entrikin, intitulado *Geography's Spatial Perspective and The Philosophy of Ernst Cassirer*, de 1977. De acordo com os pesquisadores, esse geógrafo aprofundou-se em Cassirer para afirmar a relevância das formas simbólicas para o estudo espacial.

Nas obras nacionais, Cassirer foi empreendido pelo geógrafo Milton Santos nos seguintes trabalhos: *Por uma Geografia Nova*, divulgado no ano de 1978; *Espaço e método*, de 1985; *A natureza do espaço*, concluído em 1996; e no artigo *O espaço geográfico como categoria filosófica*, publicado em 1988. Também influenciou os trabalhos de Roberto Lobato Corrêa intitulados *Sobre a geografia cultural*, publicado em 2009; *Reflexões sobre paradigma, geografia e contemporaneidade*, concluído no ano de 2011; e *Formas simbólicas espaciais: o shopping center*, divulgado em 2013. Outro geógrafo que igualmente utilizou Cassirer foi Porto Gonçalves, no seu artigo *Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades*, publicado em 2002 (GIL FILHO; SILVA, 2019, p. 85).

Desse modo, podemos afirmar que o pensamento de Cassirer influenciou geógrafos renomados tanto no Brasil, como no exterior. A sua teoria oportunizou uma reflexão acerca da necessidade de se estabelecer uma nova proposta para pensar o espaço. Um espaço que é heterogêneo e se fundamenta na subjetividade humana. Assim sendo, a discussão assumiu o centro das reflexões da geografia cultural. Mas, o que é cultura para a Geografia?

Hodiernamente, a cultura é entendida como uma condição humana. É a qualidade que diferencia os homens dos outros animais. Para Cassirer (2005, p. 51), o homem foi inserido no mundo da cultura por possuir duas propriedades: o “pensamento simbólico” e o “comportamento simbólico”. Portanto, a compressão do seu mundo requer o estudo de sua cultura.

Para exemplificar a questão, pensemos no cavalo, um de tantos símbolos da cultura gaúcha. Esse animal alimenta-se quando tem fome, corre quando está ameaçado e faz coisas especiais se for adestrado. A realidade para ele é um sistema de ação e reação, ou seja, o real sempre permanecerá “em nível del

espacio de acción y de eficiencia; no se eleva al nivel del espacio de representación y de construcción” (CASSIRER, 1965, p. 40). O espaço de representação tem como pré-requisito a exigência de um sistema simbólico. Esse sistema não existe para os cavalos. Assim, ficam impossibilitados de construir um pensamento fundamentado na imaginação, significação e abstração.

O homem é o único ser vivo que opera dessa maneira. Logo, percebe a realidade distintamente. É capaz de realizar múltiplas escolhas, mesmo se sentindo pressionado pelos fatores biológicos, como, por exemplo, uma dor física. É provável que, num primeiro momento, o indivíduo busque pelo diagnóstico da causa de sua dor e, após verificar a gravidade do caso, aja de muitas maneiras. Talvez escolha uma entre as tantas alternativas de tratamento possíveis, ou simplesmente desista de buscar pelos recursos. Essa situação demonstra a complexidade da realidade humana, uma vez que é subjetiva e corresponde às particularidades de cada indivíduo. Se a dor ocorresse no cavalo, a realidade seria uma só, o sofrimento do animal.

Cassirer (2005, p. 52), ao abordar as reações dos animais em resposta aos estímulos humanos, criticou a mente fechada dos estudiosos do assunto. Entendeu que não compreenderam e confundiram a temática do simbolismo. Essa situação conduziu a frequentes disputas metafísicas entre os idealistas e os materialistas, e os espiritualistas e os naturalistas. O mesmo autor opôs-se a essa preocupação, desenvolvendo uma tarefa mais modesta e concreta, a descrição da atitude simbólica do homem de maneira precisa, pois acreditava que somente dessa maneira poderia contrapor os outros modos de comportamentos simbólicos encontrados no reino animal.

O teórico demonstrou ter conhecimento acerca dos processos simbólicos desenvolvidos a partir do estudo com os macacos. Os resultados foram obtidos pela repetição e treinamento e, assim, demonstraram uma suposta existência de uma linguagem e/ou comunicação animal. Sobre o fato, destacou a importância de se estabelecer um ponto lógico e correto de partida para a análise dos fatos empíricos. Entendeu que esse ponto poderia fixar-se na fala, sem deixar de considerar as suas camadas geológicas. A primeira e mais fundamental para ele versa sobre as emoções que são comumente encontradas em todo reino animal e se manifestam pela raiva, terror, brincadeira, prazer, entre outros. No entanto, embora os animais

sintam emoções, os humanos vão além, entregam referência ou sentido objetivo para elas (CASSIRER, 2005, p. 53-55).

O problema está colocado na diferença entre a “linguagem proposital” e a “linguagem emocional”. Para o filósofo, essa é a fronteira entre o mundo humano e mundo animal. Os animais possuem imaginação e inteligência práticas. É o caso dos animais domésticos, que são capazes de distinguir as modulações da voz e expressões corporais de seus donos. Contudo, não compreendem a simbólica da fala humana. Desse modo, podemos dizer que a fala é antropológica, pois os homens são dotados de inteligência simbólica, que inexiste nos outros animais (CASSIRER, 2005, p. 57-60).

A consciência humana opera um mecanismo simbólico que ativa todos os modos de objetivar e dar sentido à realidade, ou seja, é o universo simbólico que media a passagem do universo espiritual para o universo físico e objetivo (CASSIRER, 2001, p. 12). Essa ação do pensar, paralelamente, produz a espacialidade (Figura 8). Para Gil Filho, as espacialidades

[...] são verificadas a partir do campo de ação de determinada forma simbólica, portanto no primeiro momento, é a unidade da consciência que se exterioriza na relação com a multiplicidade do mundo sensível e retorna enquanto esquema representacional (GIL FILHO, 2012, p. 57).

Na presente pesquisa, o campo da ação versa sobre as narrativas em que predomina a forma simbólica da linguagem. No entanto, existem outras formas simbólicas, como o mito, a arte, a ciência e a religião. Essas constituem o mundo da experiência e se sobrepõem umas às outras, transformando-se circularmente. Gil Filho e Silva (2019, p. 92) colaboram com a compreensão, salientando que as formas demarcam “estados progressivos do aparecimento da consciência” e, ao mesmo tempo, correspondem ao “espírito do criador e forma criada pelo espírito”.

A forma da linguagem perpassa as demais formas, imbricando-se no processo conformador. Assim, opera como um “espelho do espírito”, que reflete exatamente o passo que “conduz do mundo da sensação para o da intuição pura” (CASSIRER, 2001, p. 208). O teórico tomou a história de Helen Keller, nascida cega, surda e muda, como referência para discorrer sobre a justaposição da percepção e representação. A menina só compreendeu o mundo a partir do instante que atribuiu sentido para a função da linguagem humana. Nas palavras de Cassirer, a menina

Teve de entender que tudo tem um nome – que a função simbólica não está restrita a casos particulares, mas é um princípio de aplicabilidade universal que abarca todo o campo do pensamento humano. No caso de Helen

Keller, essa descoberta veio com um choque repentino (CASSIRER, 2004, p. 62)

O exemplo mostra que a linguagem é precedida por algum artifício da consciência humana. Existe algo que excede o campo do conhecimento sensível. No momento que a menina deixou de usar as palavras como “meros sinais ou signos mecânicos”, a sua linguagem saiu do mundo das sensações e alcançou o mundo da intuição. Assim, pela lógica intuitiva, podemos dizer que Helen Keller transformou a “água” em representação e representação de sentido, pois compreendeu o sentido da palavra, vinculou a um signo e a significou (CASSIRER, 2001, p. 208). Desse modo, ficou comprovado que a linguagem não é um mecanismo instintivo ou biológico. Se assim fosse, a menina jamais teria chegado à linguagem.

FIGURA 8: ESQUEMA DAS ESPACIALIDADES

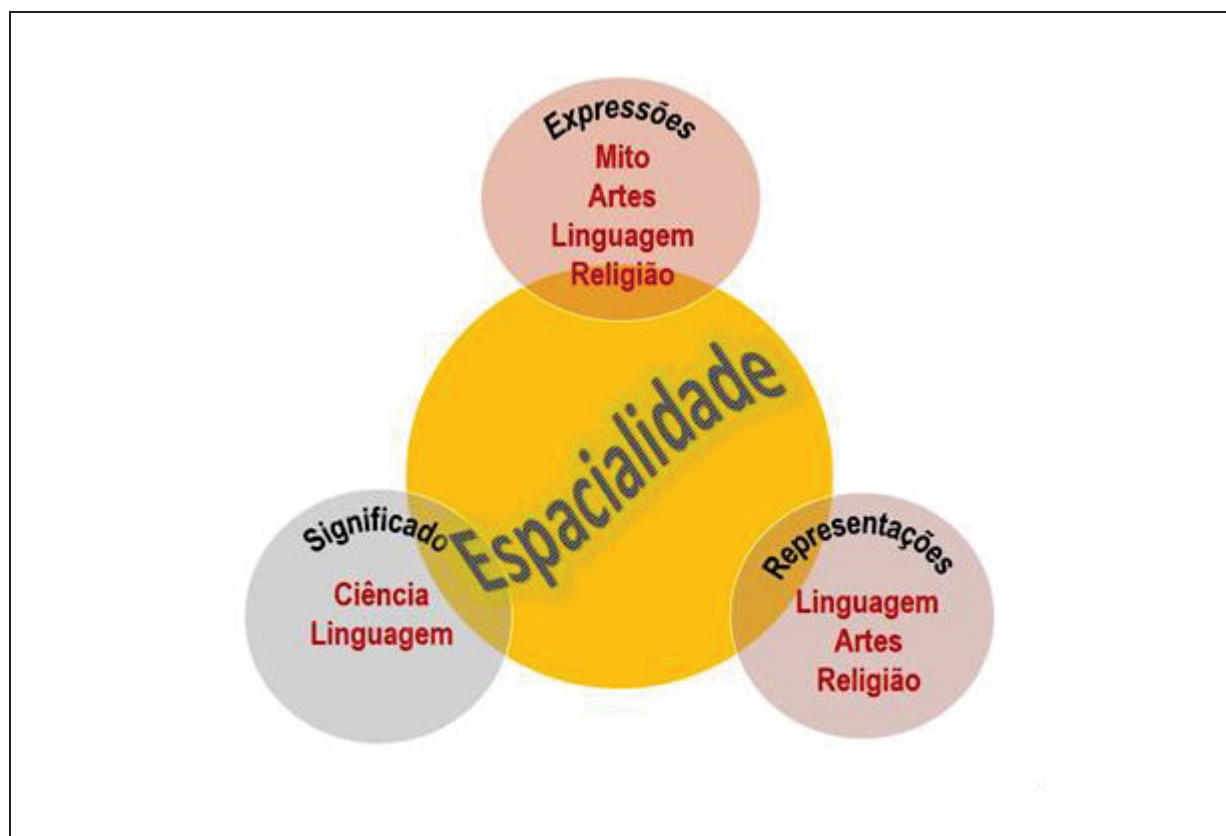


FONTE: Dutra (2020)

O caso apresentado assevera que o princípio do simbolismo é o “abre-te sésamo que dá acesso ao mundo especificamente humano, ao mundo da cultura humana”. A vida do homem, na ausência do simbolismo, equivaleria à experiência determinada pelas necessidades biológicas e interesses práticos. Não existiria o acesso ao “mundo ideal”, aberto pelas formas simbólicas (CASSIRER, 2005, p. 63-73).

Nesse contexto, as espacialidades podem ser inferidas no sistema *cassireriano*. Os esquemas representacionais são decodificados, permitindo o acesso ao mundo da cultura, via forma simbólica da linguagem. De acordo com Gil Filho e Silva (2019, p. 92), o signo e o significado das formas simbólicas constituem três modos de entendimento da realidade: o “nível da expressão, da representação e do significado” (Figura 9). Esses aspectos são responsáveis por garantir a compreensão da cultura no cerne da individualização humana.

FIGURA 9: ESPACIALIDADES NO SISTEMA CASSIRERIANO



FONTE: Dutra (2020)

Um nível de apreensão da realidade pode passar a outro, sem necessariamente configurar uma ruptura. Isso se deve ao movimento próprio do

mundo da ação. Por exemplo, o homem não deixa de conhecer o mundo mitologicamente, mesmo quando passa para um nível mais elevado do conhecimento da realidade. Portanto, é preciso considerar que uma forma simbólica não exclui as demais. Elas se imbricam na totalidade espacial, quando se dá a transição entre os níveis de conhecimento da realidade.

O nível das expressões ressalta as formas simbólicas do mito, da arte e da linguagem. É possível compreender a realidade espacial a partir da expressividade dessas formas simbólicas. O indivíduo, nesse nível de conhecimento sensível, demonstra o entusiasmo pelo objeto. Para Cassirer (2001, p. 162), o mundo expressivo desenvolve-se para além da interpretação conceitual. Assim, o fenômeno “é ao mesmo tempo sua interpretação” que é “a única possível e necessária”. Corroborando, Fernandes (2012, p. 30) considera que, no mundo expressivo, “a imagem torna-se o próprio conteúdo, não há como separar a imagem da realidade. A imagem não forma uma representação da coisa, ela é a própria coisa.” No caso da forma simbólica da linguagem, o som da sensação é transformado em um som significativo, mas o processo de substituição permanece sem explicações (CASSIRER 1992, p. 54).

De acordo com Gil Filho (2012, p. 58), o mundo expressivo dá-se pela “experiência original e primogênita”, isto é, o mito. Isso quer dizer que todos os indivíduos têm, inicialmente, uma experiência mítica de mundo e, através desse conhecimento, explicam a si próprios, espacializando uma realidade pelo sistema afetivo-emotivo, como o som produzido pela linguagem. Para Cassirer, o mito

[...] pressupõe uma tal “crise” espiritual - também ele só chega a se formar quando, no todo da consciência, se completa uma separação, através da qual agora também uma determinada divisão penetra na intuição do todo do mundo, através da qual é efetuada uma decomposição desse todo em diversas camadas de significação. É essa primeira divisão que contém em germe todas as posteriores e através da qual elas permanecem condicionadas e dominadas – e se em algum lugar, então será nela que se poderá mostrar nem tanto a peculiaridade do pensamento mítico, mas a peculiaridade da intuição mítica e do sentimento mítico da vida (CASSIRER, 2004, p. 132).

A partir do exposto, podemos inferir que a base fundante de todo mito está na experiência sensível do indivíduo. Como se trata de uma relação imediata com o real, está livre de teorizações. Nesse nível do conhecimento espacial, o ser humano está próximo dos seus sentimentos e não tem parâmetros para seguir. Por isso, o

mito, muitas vezes, apresenta uma compreensão incomum da realidade (CASSIRER, 2004, p. 137).

Toda vez que há uma crise do conhecimento, os indivíduos tendem à criação de uma explicação mitológica. Isso acontece porque apenas a consciência mítica vive e se estabelece na impressão imediata. Não é o conhecimento de um dado relativo, mas uma realidade absoluta tomada pelo sensível (CASSIRER, 2004, p. 136).

Nesse mesmo viés do conhecimento sensível, além da forma simbólica do mito, encontram-se as formas da arte e da linguagem. Como a arte é uma criação livre do espírito, a sua forma simbólica faz a mediação entre o mundo interior e o exterior. Para Cassirer (2005, p. 234), ela não corresponde a “uma simples reprodução de uma realidade dada, pronta”, é a descoberta de uma nova realidade pelo sensível-intuitivo.

A linguagem, no nível expressivo, implica no conhecimento da lei que determina a forma linguística (CASSIRER, 2001, p. 23-24). Já no segundo nível de entendimento da realidade, o representativo, a linguagem passa a consentir a separação ocorrida “entre a imagem e a coisa, entre o símbolo e o conteúdo sensível.” Nesse processo, ocorre uma presentificação da coisa que é a sua representação (FERNANDES, 2012, p. 30).

O mundo da representação compreende o “reino do senso comum ou senso empírico- intuitivo”, pois a realidade não está pura em si (GIL FILHO, 2012, p. 62). É preciso esclarecer que a representação não é algo que pode substituir a realidade, mas figurar no processo de mediação com o real. A linguagem, a arte e a religião constituem o nível representativo, no qual se dá a unidade do corpo com a ideia do homem.

Por conseguinte, é importante contextualizar que o nível da significação, o último do conhecimento da realidade, constituído empiricamente, não pode ser confundido com a sua representação, uma vez que o conteúdo sensível é despreendido do seu conceito. Desse modo, a função simbolizante atua significando o sensível pelo seu conceito (FERNANDES, 2012, p. 30).

Conhecer as espacialidades dos curitibanos gaúchos exige que compreendamos a realidade das pessoas no âmbito restrito das formas simbólicas. Consideramos que toda ação produz uma espacialidade, pois não se pode pensar o mundo sem o espaço. E a cultura é essa expressão do universo, em que as formas

simbólicas medeiam todo o conhecimento do mundo. Então, as espacialidades são, ao mesmo tempo, o “esquema perceptivo” e “representação objetivada do fenômeno” (GIL FILHO, 2012, p. 58). A interpretação das narrativas sobre o gaúcho libera o acesso para as espacialidades, que podem ser verificadas por meio do campo de ação das formas simbólicas. Assim, o simbolismo atua tanto na percepção da realidade como na sua representação prontamente significada.

2.2 ESPACIALIDADES DE CONFORMAÇÃO SIMBÓLICA E ETNOGRAFIA DO GAÚCHO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

A presente tese foi desenvolvida com foco no conceito de espacialidade, o qual adquiriu profundidade ao se sustentar na teoria das formas simbólicas, de Ernst Cassirer (1874-1945). Cassirer nasceu em Breslau, na Polônia, no ano de 1874, e faleceu aos 71 anos, em 1945. Graduou-se em Filosofia e ficou conhecido como o teórico da linguagem.

Para criar a teoria das formas simbólicas e discorrer sobre a autonomia do indivíduo no campo de suas significações, conversou com os estudiosos de diversas áreas do conhecimento. Destacamos que foi um dos representantes da renovação da escola marburguense, referência pelos trabalhos alinhados ao neokantismo. Essa linha de pensamento mostrou caráter heterogêneo, pois cada campo do saber apresentava as suas próprias matizes (LOBO, 2018, p. 59).

Cassirer demonstrou afeição pelos estudos em cultura e, por isso, acabou se aproximando da escola de Baden para ampliar o seu conhecimento sobre o processo cognoscitivo. Foi um fenomenólogo declarado, que nunca abandonou os resultados das ciências especializadas (ROSENFELD, 1992 apud CASSIRER, 1992, p. 12). Inspirou-se em Kant (1724-1804), mas não importou integralmente as suas concepções. Empreendeu o teórico para se opor à destruição do espírito que parecia se encaminhar pelo teor das discussões científicas do referido período histórico.

Kant (2001, p. 62) defendia que todo e qualquer conhecimento começava com a experiência. Acreditava que os sentidos precisavam ser exercitados para produzir as representações por si só, no entanto, a inteligência ordenava a matéria, informando as impressões sensíveis captadas. Durante esse processo, o sujeito atribui sentido à matéria e, assim, a realidade passa a se vincular à ação de pensar sobre determinada coisa. Para ele, o espaço e o tempo são atributos do sujeito e

condições *a priori* de qualquer experiência; o espaço estaria nas coisas e o tempo nas pessoas.

Kant inspirou-se na “Revolução Copernicana”, que foi uma verdadeira “revolução da forma de pensar”, pois possibilitava, a partir de então, uma relação entre o conhecimento e o seu objeto. Cassirer, assim como Kant, compreendeu a realidade como um produto da espontaneidade. De tal modo, o real não poderia ser reduzido à síntese, pois equivale aos sentidos atribuídos à experiência (MERGULHÃO, 2019, p. 240).

Nesse sentido, Cassirer (1992, p. 22) ainda criticou toda e qualquer tentativa “de medir o conteúdo, o sentido e a verdade das formas intelectuais por algo alheio”. Assim, enfatizou como fundamental descobrir na própria forma, “a medida e o critério de sua verdade e significação intrínseca”. Desse modo, inovou ao considerar a dialética hegeliana. Para Hegel, o conhecimento está no pensar, na fenomenologia do espírito. Assim, é possível compreender que o real é verdadeiro não como substância da coisa, mas pelo movimento do pensar a coisa, que retorna para o sujeito como conhecimento. Isso corresponde à dialética hegeliana, que acontece pela sequência: tese-antítese-síntese.

Foi nesse sentido que Hegel contribuiu e influenciou o processo de constituição da teoria *cassireriana*. Ao trabalhar com a filosofia da totalidade dentro de um quadro dialético, compreendeu que o conflito entre tese e antítese é real. De acordo com Mascaro (2002, p. 78), estudioso de Hegel, tanto no plano da efetividade quanto da racionalidade, o real e o racional confundem-se da seguinte maneira: o indivíduo em si pensa (tese), percebe o mundo que está fora de si (antítese) e, assim, supera em si e para si o conhecimento que possuía anteriormente, que retorna para o indivíduo enquanto conhecimento (síntese).

Cassirer recebeu influências desses dois teóricos, no entanto, destacamos que Hegel criticou o Kantismo por ter negligenciado a razão histórica ao priorizar o sujeito do conhecimento. Por sua vez, Cassirer, mesmo influenciado por Kant, concordou com Hegel e levou a “sério a dimensão histórica do homem”. No entanto, recusou-se a encerrar a “filosofia da história no lógico”, indo atrás da fenomenologia do espírito (VLIET, 2017, p. 94).

Nesse contexto, Cassirer deu ênfase aos estudos envolvendo a subjetividade humana, que é um elemento chave para a compreensão do simbolismo. Logo, reinterpretou a noção de espaço kantiano, o qual foi fundamentado no pensamento

newtoniano. Assim, criticou as definições de espaço geométrico como homogêneo e universal, pois compreendeu o espaço como o mundo da experiência, no qual toda objetivação é precedida de uma subjetivação (GIL FILHO; SILVA, 2019, p. 79). Portanto, o próprio espaço geométrico torna-se passível de ser compreendido pelo sistema de mediação simbólica.

Os pontos e linhas do geometra não são objetos físicos, nem psicológicos; não são nada além de símbolos de relações abstratas. Se atribuímos uma 'verdade' a essas relações, o sentido do termo verdade terá de ser redefinido. Pois, no caso do espaço abstrato, não estamos lidando com a verdade das coisas, e sim com a verdade de proposições e juízos (CASSIRER, 2005, p. 77).

A partir dessa citação, compreendemos que o princípio da verdade do espaço geométrico não é substancial, não importa o objeto da sua abstração, mas do conhecimento geométrico sobre o espaço. Nesse sentido, Cassirer (2005, p. 77) ponderou a crítica de Berkeley a Newton, ao enfatizar que o espaço matemático “verdadeiro” proposto pelo físico “não é nada mais que um espaço imaginário”, fruto da “ficção da mente humana”, logo, simbólico.

Todo universo simbólico já está prenhe de significado. Newton teve que conhecer os símbolos matemáticos para, posteriormente, desenvolver a sua teoria. No entanto, através do conhecimento desses códigos simbólicos científicos, proporcionou a abertura da “realidade para si mesmo” e se abriu para ela, significando-a sem descartar outras formas e conhecimentos que antecedem a sua experiência (CASSIRER, 1992, p. 23), pois nenhuma realidade dá-se ao homem de maneira imediata, mas por meio do processo conformador (FERNANDES, 2003, p. 20). Cassirer explica que

[...] nossa consciência não se contenta com receber a impressão do exterior, senão que enlaça e penetra toda impressão com uma atividade livre de expressão. Com efeito enfrenta-se aquilo que chamamos a realidade objetiva das coisas, e se mantém contra ela em plena independência e com força original, um mundo de signos e imagens de criação própria (CASSIRER, 1989, p. 163).

Para Cassirer (2005, p. 77), o espaço da ação não se separa do espaço da experiência. Assim, discorda de Newton, que entende que as pessoas “pensam no espaço, no tempo e no movimento seguindo apenas o princípio das relações que esses conceitos têm com objetos sensíveis”. No pensamento newtoniano “não devemos confundir o espaço abstrato [...] com o espaço da experiência dos nossos sentidos”. No entanto, Cassirer contrapõe o matemático, salientando que “a matéria da sensação nunca está dada pura em si e “anteriormente” a toda e qualquer

conformação; ao contrário, já a partir do momento de sua primeira percepção, ela se insere em uma relação com as formas espaço e tempo”. Não se trata da simples relação dos conceitos com objetos sensíveis, como afirmou Newton, pois existe a “possibilidade do simultâneo” e a “possibilidade do sucessivo” que, ao se desenvolverem, tornam um todo espaço-temporal (CASSIRER, 2001, p. 207).

De tal maneira, é possível compreender que o espaço não é homogêneo, pois até mesmo os matemáticos que estudam o espaço abstrato precisam compreender o seu simbolismo para propor soluções e representações numéricas.

Nesse cenário, consolidou-se a teoria de Cassirer, cujo ponto de partida é a filosofia antropológica. Assim, qualquer experiência já é simbólica e significativa. Tudo faz sentido e, mesmo que se julgue improvável, isso é visto meramente como uma maneira diferente do pensar humano. Ele propôs a compreensão da experiência pelo princípio do prático-transcendental e não prático-empírico. Portanto, trabalhado dessa maneira, não se trata mais de uma problemática epistemológica, mas de um modo de acesso do que o autor demonstrou como mediação entre o universo simbólico e o universo dos fatos.

Para aclarar a teoria das formas simbólicas, Gil Filho (2008) ilustrou didaticamente a teoria de Cassirer, dividindo o mundo em dois estágios que, ao se sobreporem, demarcam as formas simbólicas (Figura 10). Entendemos formas simbólicas como *“toda energía del espíritu em cuya virtude um contenido espiritual de significado es vinculado a um signo sensible concreto y le es atribuído interiormente”* (CASSIRER, 1989, p. 163).

FIGURA 10: AS FORMAS SIMBÓLICAS EM CASSIRER



FONTE: Gil Filho (2008) adaptado por Dutra (2020).

Cassirer (2005, p. 48-49) denomina o primeiro estágio de “universo dos fatos”, que corresponde ao mundo da sobrevivência, duro, pesado e, por vezes, doloroso. É o mundo da angústia gerada pela consciência da finitude. É o mundo nu e cru, que responde exclusivamente às “necessidades e desejos imediatos”. O segundo estágio do “universo simbólico” diz respeito ao mundo do significado, portanto, da imaginação, do romantismo e da cultura. Sobre o universo simbólico, o mesmo teórico considera “não estando mais em um universo meramente físico, o homem vive em um universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes desse universo”. Essas ficam na intersecção entre os dois mundos.

As formas simbólicas são estruturas vazias e o conteúdo do seu preenchimento provém do mundo da ação. É importante destacarmos que o “agir” manifesta-se como *actus purus*, é tanto a expressão que remonta à subjetividade, como também o resultado da ação (CASSIRER, 2001, p. 317). De tal modo, os objetos culturais não são formas do espaço, mas sim dos sujeitos (GIL FILHO, 2012, p. 56). O espaço por si só não determina a ação, mas todas as ações são espaciais, já que estão fixadas na intersecção do sistema simbólico. Sobre as formas simbólicas, destaca que

Em lugar de tomá-las como meras reproduções, devemos reconhecer, em cada uma, uma regra espontânea de geração, um modo e tendência originais de expressão, que é algo mais que a mera estampa de algo de antemão dado em rígidas configurações de ser. Deste ponto de vista, o mito, a arte, a linguagem e a ciência aparecem como símbolos: não no

sentido de que designam na forma de imagem, na alegoria indicadora e explicadora, um real existente, mas sim, no sentido de que cada uma delas gera e par-teja seu próprio mundo significativo. Neste domínio, apresenta-se este autodesdobramento do espírito, em virtude do qual só existe uma "realidade"; um Ser organizado e definido. Conseqüentemente, as formas simbólicas especiais não são imitações, e sim, órgãos dessa realidade, posto que, só por meio delas, o real pode converter-se em objeto de captação intelectual e, destarte, tornar-se visível para nós (CASSIRER, 1992, p. 22).

Desse modo, entendemos que as formas simbólicas são os “fios que tecem a rede simbólica”, no entanto, cada experiência tem um emaranhado de fios próprios. Isso se deve ao fato de o conhecimento da realidade não ser imediato. Nesse processo, o homem precisa conversar consigo. É uma ação complexa, pois equivale à reprodução do real, mas o real em si, visto no campo de sua ação, que envolve o sentido atribuído aos símbolos. Sem compreender esse ponto, a realidade não pode ser conhecida (CASSIRER, 2005, p. 48).

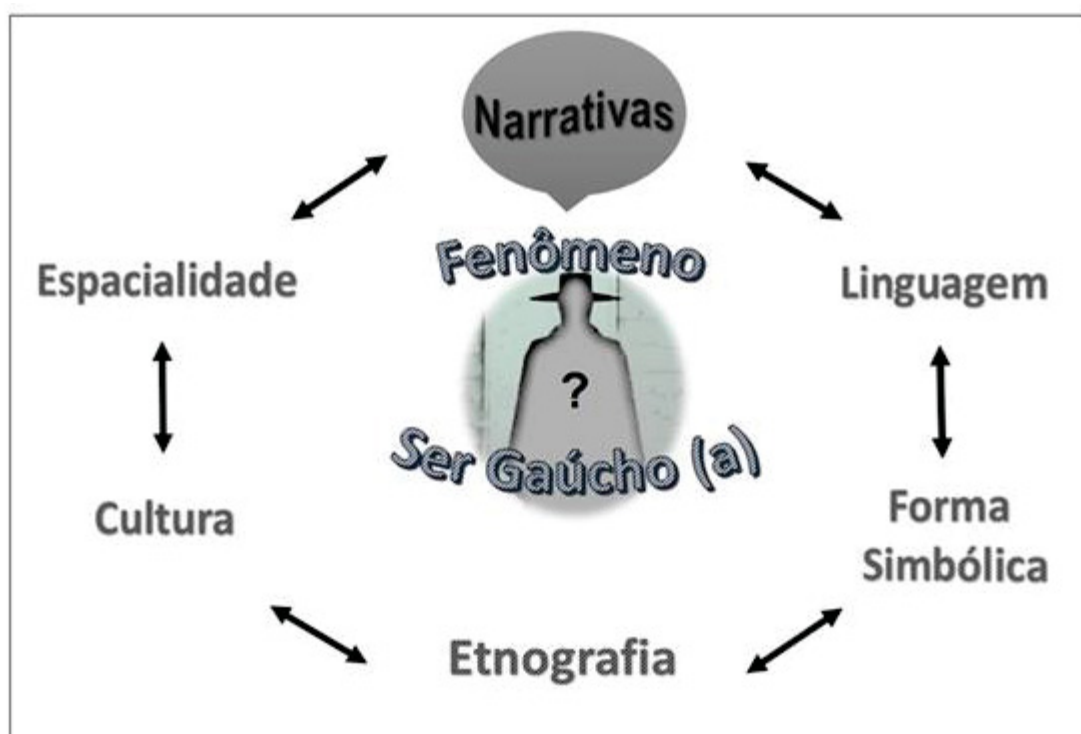
Nesse contexto, o homem deixou de ser compreendido exclusivamente como um ser racional, para ser compreendido como um ser cultural, o que se deve ao universo simbólico. Assim, retornou à posição central do mundo, como aconteceu no fim da Idade Média (CASSIRER, 1994, p. 50). Na modernidade ficou compreendida a questão da relatividade do espaço-temporal da centralidade do homem (GOMES, 1996, p. 315). A vida passou a ser considerada como um processo representacional.

Assim, Cassirer considerou a liberdade humana de pensamento presente na maneira como o homem relaciona-se com o real, visto que a realidade é conhecida pelos níveis significativo, expressivo e representacional. Esse pensamento superou as barreiras do objetivismo e do racionalismo. Dessa forma, quando os geógrafos apropriam-se da compreensão, entendem que o sujeito, ao conhecer o mundo, está conhecendo a si próprio. Essa linha de raciocínio abriu o caminho para que a Geografia encontrasse um suporte de análise espacial a partir do princípio simbólico da atividade humana.

Cassirer desenvolve a interpretação e dialoga com contexto do símbolo, todavia, transcende-o, legitimando o lado imaginativo que se dá fundamentado no simbólico. Esse teórico defende que o real não é algo neutro e, mesmo na ausência da linguagem, o mundo já está prenhe de significado. Assim, podemos dizer que existe algo que vem antes da linguagem, que chamou de conformação simbólica. Mas é preciso destacar que o real somente será construído por intermédio da linguagem, essa forma simbólica perpassa as demais. No entanto, esse real é

multifacetado, carecendo da compreensão no âmbito da experiência, ou seja, é preciso centrar-se no modo como o homem participa da vida a partir do momento que a produz simbolicamente. Para trabalhar nessa perspectiva, empreendemos a relação mostrada na imagem a seguir (Figura 11):

FIGURA 11: CONTEXTUALIZAÇÃO DO TRABALHO ETNOGRÁFICO



FONTE: Dutra (2020)

Conhecer as espacialidades requer necessariamente uma abordagem de base fenomenológica, o que é imprescindível quando se tem a intenção de compreender as questões sobre o mundo do sentido. Por isso, pensar as formas simbólicas como mediadoras da conformação simbólica do mundo da cultura implica na necessidade de pensar, também, na circularidade do conjunto dos níveis expressivo, representativo e significativo que geram espacialidades.

Em Cassirer (1994, 2001), a linguagem como forma simbólica é uma das refrações conformadoras da realidade que permite a compreensão do mundo. Portanto, a linguagem oferece subsídios para a compreensão das espacialidades do gaúcho, uma vez que os conteúdos da cultura manifestados nas narrativas coletadas durante as atividades do CTG 20 de Setembro são fundamentais para a

compreensão do ser curitibano gaúcho. Diante disso, podemos afirmar que as narrativas constituem a base de compreensão da conformação simbólica desse mundo “gaúcho”.

A presente pesquisa contempla uma abordagem qualitativa, com foco na manifestação fenomênica. Entendemos que fenômeno é o que aparece para a consciência. Cabe pensar, por exemplo, na forma simbólica da arte. Não se questiona o artista sobre a intenção de sua obra, compete apreciá-la e conformá-la a partir de si. A expressividade contida na arte já diz alguma coisa, sendo possível compreender a realidade espacial pela expressão. Isso é o fenômeno aparecendo para a consciência. Para Cassirer (2001, 1989), a representação é real porque se pensou sobre determinada coisa, no caso, a obra de arte e, por isso, é possível geografizar.

O teórico entende que o homem é uma totalidade que tem consciência do seu contato com algo. Assim, não existe a possibilidade de pensar o mundo sem o espaço, já que é uma condição do ser. O próprio ato de pensar já estabelece a unidade do ser.

Cassirer (2001, p. 58) entende o símbolo como a manifestação da vida humana em sua totalidade, consistindo na “[...] relação entre a “parte” e o “todo” que, por princípio, é superada nas sínteses autênticas da consciência. Nestas, o todo não se origina de suas partes, mas é este todo que as constitui e lhes confere a sua significação essencial”. Dessa maneira, inferimos que a totalidade é a unidade do corpo e a ideia do homem que se traduz em forma simbólica.

É necessário abrir um parêntese para esclarecermos que a fenomenologia de Cassirer é anterior a Husserl. Notadamente, não buscou pela essência, preocupou-se com o sentido das coisas. Recebeu influência de Aristóteles, que interpretava a vida formalmente e rejeitava a ideia de causas acidentais (CASSIRER, 1994, p. 36).

A fenomenologia de Cassirer fundamenta-se na liberdade do pensamento humano, que se estabelece no arranjo individual, articulado pelas pessoas durante o conhecimento da realidade. Gil (2008, p. 14) colabora para o entendimento do método fenomenológico expondo que a primeira regra é “avançar para as próprias coisas”, isto é, o dado, o fenômeno e tudo que se manifesta para a consciência. Não cabe ao fenomenólogo aplicar leis para buscar explicações ou empregar princípios para fazer deduções. O pesquisador dessa linha busca pelo modo como as pessoas

conhecem o mundo. Ele se importa com o conhecimento das pessoas, os seus questionamentos, seus gostos e desgostos e tudo que pode aparecer para consciência desses sujeitos. Além disso o autor afirma que:

O intento da fenomenologia é, pois, o de proporcionar uma descrição direta da experiência tal como ela é, sem nenhuma consideração acerca de sua gênese psicológica e das explicações causais que os especialistas podem dar. Para tanto, é necessário orientar-se ao que é dado diretamente à consciência, com a exclusão de tudo aquilo que pode modificá-la, como o subjetivo do pesquisador e o objetivo que não é dado realmente no fenômeno considerado (GIL, 2008, p. 14).

Assim, podemos considerar que o trabalho fenomenológico estuda o fenômeno pelo que é comunicado a respeito. Desta maneira entendemos que a realidade estará sempre condicionada as interpretações realizadas. Essa ação é mediada pelas formas simbólicas e constitui as espacialidades que podem ser documentadas pelo método etnográfico. Esse possibilita ao pesquisador interpretar as experiências ao anotar, transcrever e registrar para fazer relações de diversas maneiras. É importante destacar que a aquisição das narrativas e todo trabalho de campo foram pautados nos princípios etnográficos. Todavia, realizamos a interpretação das narrativas com o subsídio da teoria das formas simbólicas. Isso porque, diferente do antropólogo Clifford Geertz (2017), Cassirer compreende que o homem não procura pelo sentido nas coisas, já que ele o atribui.

3 DIÁRIOS DE OBSERVAÇÕES DA PESQUISA

Vistos os pressupostos filosóficos adotados nesta pesquisa, é fundamental explicarmos as etapas do trabalho. O estudo foi dividido em dois momentos: a pesquisa teórica e a prática. A parte teórica consistiu no levantamento bibliográfico. Lemos e fichamos obras de filosofia, epistemologia da Geografia, metodologia da pesquisa científica e, também, sobre a história da cultura gaúcha.

Na parte prática da pesquisa, desenvolvemos o trabalho de campo no CTG 20 de Setembro, em Curitiba, o qual dispõe de agenda regular e ativa. Acompanhamos diferentes eventos promovidos pela instituição tradicionalista, adotando o grau de participação simples. A técnica possibilita observar a realidade, sem realizar intervenções (GIL, 2008, p. 101). De tal modo, observamos as festas e os cursos realizados no CTG e, por meio do método etnográfico, realizamos descrição densa e levantamentos diversos.

Entendemos que a observação participativa exige uma maior aproximação entre o pesquisador e a comunidade estudada, mas não é o caso deste trabalho. Acreditamos que um nível maior de envolvimento com a instituição poderia atrapalhar a compreensão da subjetividade humana. Com a observação simples e espontânea, tivemos liberdade para ir ao campo e recuar estrategicamente. Sobre a observação simples, Gil colabora dizendo que, embora

[...] possa ser caracterizada como espontânea, informal, não planejada, coloca-se num plano científico, pois vai além da simples constatação dos fatos. Em qualquer circunstância, exige um mínimo de controle na obtenção dos dados. Além disso, a coleta de dados por observação é seguida de um plano de análise e interpretação, o que lhe confere a sistematização e o controle requeridos dos procedimentos científicos (GIL, 2008, p. 101).

Como esse tipo de observação não é estruturado, é normal que aconteçam alguns imprevistos no curso do trabalho de campo, os quais precisam ser contornados pelo bom senso do pesquisador. O método etnográfico, próprio da antropologia, teve um papel fundamental para a sistematização dos procedimentos realizados no campo. Atualmente, ele é empregado nas mais diversas áreas de conhecimento científico, tendo a sua base fixada no contexto social. Para a etnografia, o comportamento humano só pode ser explicado pelos aspectos da vida do objeto em estudo. Essa afirmação reforça a importância do campo e do ponto de vista do nativo in loco (VICTORA, KNAUTH E HASSEN, 2000, p. 54).

O ponto a focar agora é somente que a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados- é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer censo doméstico...escrever em diário. Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de 'construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas, e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 2017, p. 20).

Sobre o trabalho etnográfico, Geertz (2017, p. 19) destaca que se trata de uma descrição densa e específica do fenômeno. Para o teórico, não é uma simples coleta de dados, uma vez que o processo por si só já demanda interpretação. Em outras palavras, avalia que fazer etnografia é tirar grandes conclusões de fatos pequenos. É observar a treliça da cultura e os aspectos da vida cotidiana de cada indivíduo, algo que é extremamente complexo. Na etnografia, o trabalho precisa estar sustentado no tripé dados de observação, documentos escritos e depoimentos (VICTORA, KNAUTH E HASSEN, 2000, p. 54).

Todas as informações devem ser anotadas no diário de campo. Se não for feito paralelamente ao momento da observação, isso deve ser feito o mais brevemente possível para que os dados não sejam esquecidos. Para a eficiência desse método, é necessário que o pesquisador estabeleça uma relação social, no caso, envolvimento em nível participativo simples com os pesquisados (VICTORA, KNAUTH E HASSEN, 2000, p. 55).

Uma conexão positiva garante que o entrevistado conquiste a confiança do sujeito, o qual, ao se sentir seguro, fica à vontade para falar sobre as suas experiências, seu comportamento, sobre como tudo aquilo deu e dá sentido à sua vida. Mas, mesmo assim, é natural que a presença do pesquisador impacte de um modo ou outro na comunidade, bem como no sujeito da pesquisa. Portanto, é preciso ter paciência, já que a relação de confiança pode demorar um tempo para se efetivar. Como o estudo é fenomenológico, não há como estimar o tempo necessário para que isso aconteça.

A narrativa é uma técnica utilizada para obter informações sobre o sujeito da pesquisa. Parece uma ação simples, mas envolve uma série de aspectos que

precisam ser conhecidos pelo pesquisador. Como foi mencionado anteriormente, a chave para o sucesso fixa-se na relação de confiança. Cabe ao pesquisador ponderar um momento certo e adequado para fazer a abordagem do sujeito da pesquisa. A cordialidade é um fator determinante para um contato social de êxito. Outra questão a ser ponderada é a pressa. Quanto mais descansado o entrevistado se mostrar, maior será a chance de ter a sua atenção. Para isso, é preciso que o pesquisador também não tenha pressa. Sobre a definição de narrativa,

Verifica-se que não há consenso entre os autores relativamente, quer à definição de narrativa - este conceito surge frequentemente associado ao de história, havendo, com frequência também, uma certa utilização indistinta de ambas -, quer às vantagens e desvantagens do seu uso enquanto ferramenta científica. No entanto, uma definição simples, que parece ser mais ou menos consensual (Bruner, 1991; 1992, 1996, 2000; McAdams, 1993; Riesman, 1993; Atkinson, 1998; Gonçalves, 2001; 2002; entre outros), é a de que a narrativa é uma forma das pessoas darem sentido e significado à sua experiência, ou seja, uma metáfora da sua experiência. Sendo assim, apresenta os eventos passados pela perspectiva do narrador, que tem, à posteriori, uma visão holística daquilo que ocorreu (GOMES, 2003, p. 6).

Nesta pesquisa, pautada em Cassirer, entendemos a narrativa como um meio para se ter acesso ao sentido e o significado, e não como um fim, como na citação supracitada. Assim concordamos com Benjamin (1994, p. 201), em que o “[...] narrador retira da experiência o que ele conta [...]”, ou seja, a experiência é o mundo dessas pessoas.

As narrativas foram gravadas em áudio e depois transcritas literalmente. Para estabelecer um laço de confiança, explicamos a devida utilização dos dados e também o uso do anonimato para preservar a identidade do entrevistado. Além disso, solicitamos, na gravação em áudio, a autorização para utilizar a narrativa em estudos científicos e, para evitar futuros problemas, solicitamos que o entrevistado assinasse uma autorização escrita, na qual firmava o aceite para a publicação e concordava com uso do anonimato.

Solicitamos de cada um dos entrevistados um codinome de sua preferência. Apenas duas pessoas escolheram, Elis Regina e Jayme. Os demais deixaram em aberto e escolhemos utilizar nomes de cantores(as) tradicionalistas gaúchos(a): Shana, Juliana, Beta e Joca.

Como optamos pelo uso da narrativa livre, formulamos uma única questão, com o objetivo de nortear o sujeito de pesquisa. Assim, perguntamos: O que é ser gaúcho(a)? Depois da interrogação, coube-nos apenas gesticular positivamente no sentido de incentivar o entrevistado a falar. Houve momentos que o participante

pediu para pausar, por exemplo, choro, tosse, dança, almoço ou cansaço. Em uma das entrevistas, a narrativa aconteceu durante a festa e foi sendo concedida de maneira fragmentada. Isso não invalidou o trabalho, muito pelo contrário, foi uma narrativa muito abrangente.

Depois de transcrever as narrativas, observamos que as espacialidades poderiam ser organizadas por pontos que receberam maior destaque no texto. Assim, estabelecemos algumas categorias, de acordo com as espacialidades produzidas pelos entrevistados.

Os critérios utilizados para a escolha dos entrevistados fixaram-se no local de nascimento e a participação no CTG. Optamos por trabalhar com nascidos na cidade de Curitiba, frequentadoras do CTG 20 de Setembro.

Os pressupostos filosóficos empreendidos neste trabalho defendem o caráter único de cada entrevista. Não há necessidade de comparar e fazer repetições para esgotar o assunto. Em nossa compreensão, cada narrativa é exclusiva e, por esse motivo, não foi estimada uma quantidade desejável, ou seja, um número exato para compor a amostra. Já a quantidade de dados obtidos foi variável, dependendo do entrevistado. Sobre esse aspecto, alguns teóricos retomam a noção da confiança:

A quantidade de dados obtidos depende em grande parte da maneira como essa interação social se estabelece por esse motivo os etnógrafos buscam estabelecer com os seus informantes uma relação de proximidade de confiança baseada em princípios éticos (VICTORA, KNAUTH E HASSEN, 2000, p. 55).

Ao todo, foram oito entrevistados. Duas narrativas foram invalidadas pela quantidade diminuta de material fornecido. Seis entrevistas serviram de base para o trabalho, as quais apresentaram elementos distintos e muito interessantes.

Os diários de campo apresentados na sequência mostram as descrições de diferentes momentos vividos no CTG 20 de Setembro, na cidade de Curitiba, PR. As informações contemplam o detalhamento da estrutura física da instituição, o convívio social e as nossas impressões, que foram anotadas no caderno de campo, e as fotografias, registradas com o auxílio do celular. Foram necessárias algumas idas até o campo para que obtivéssemos a primeira entrevista.

3.1 INFORMAÇÕES DO SITE OFICIAL DO CTG 20 DE SETEMBRO DE CURITIBA

O CTG 20 de Setembro foi o espaço escolhido para a realização do trabalho de campo da presente pesquisa. Esse centro de tradições gaúchas é uma

organização registrada junto à Confederação Brasileira de Tradicionalismo Gaúcho (CBTG). Foi fundado no dia 20 de setembro do ano de 1962, no estado do Paraná. O estabelecimento não foi o pioneiro, mas é o mais antigo em funcionamento. São 55 anos divulgando a tradição gaúcha através de eventos, como a promoção de almoços, jantares e bailes, aulas de dança de salão, grupos de danças tradicionais e palestras culturais.

Na página online do CTG 20 de Setembro¹ estão dispostas informações sobre a criação do Movimento Tradicionalista gaúcho – MTG, que é o órgão responsável pela fiscalização dos CTGs. Também é possível conhecer um pouco da história da fundação do 35 CTG, o primeiro CTG fundado pelo Grupo dos Oito, que foram jovens fundadores do tradicionalismo gaúcho no Brasil.

O CTG 20 de Setembro, da cidade de Curitiba, recebeu essa nomeação em homenagem ao dia do gaúcho, marcado pela passagem de uma revolução. A data é sempre muito festejada pelos tradicionalistas, que fazem ronda para a chama crioula uma semana antes da data comemorativa. Em alguns lugares, como Porto Alegre, os acampamentos farroupilhas iniciam na primeira semana do mês de setembro. A data é muito importante para os tradicionalistas no estado do Rio Grande do Sul, tanto que o dia 20 de setembro é feriado.

Durante a realização da pesquisa, o CTG escolhido para campo estava aos comandos do patrão José Carlos Pinhatti, eleito para gestão de dois anos, 2018 e 2019. Nesse período, alguns eventos foram prestigiados por nós, como almoços, jantares e cursos. Mas, cabe destacar ainda a realização dos rodeios, que atraem pessoas de vários lugares do Brasil.

Dentro da linha competitiva do CTG, destacam-se as propostas artísticas, como as danças tradicionais, as danças de salão, concursos individuais de declamação de poesia, concurso de gaitero e provas de canto. Em todas as modalidades, os candidatos empenham-se para obter destaque. A conquista dos títulos é motivo de orgulho e celebrada por toda comunidade que representam.

Na semana de comemoração do aniversário do CTG 20 de Setembro, as festividades são preparadas em alusão à “Semana Farroupilha”. Assim, as bandeiras são hasteadas, uma missa crioula é organizada e, durante dois domingos

¹ Informações extraídas do site oficial <<http://www.ctgvintedesetembro.com.br/>> em 25 de agosto de 2017.

consecutivos, há o preparo do churrasco de costela no fogo de chão, bem como o tradicional boi no rolete. Além disso, são promovidos bailes, palestras culturais e outras atividades.

Na página oficial do CTG, o tradicionalismo foi exaltado com admiração. Para o grupo, o movimento é um mecanismo de perpetuação da tradição. Trabalha para referenciar os antepassados e reafirmar costumes como a união familiar, os cuidados dos pais com os filhos e vice-versa, o amor à terra, a hospitalidade e o princípio colaborativo entre os tradicionalistas.

O CTG contempla todas as fases da vida dos seus associados. As crianças geralmente crescem nesse espaço, sob vigília e convívio com as outras gerações de sua família. Os mais experientes são tomados como exemplos e ensinam para os mais novos os padrões corretos para viver em sociedade, constituir família e continuar propagando a cultura e a tradição que dão alegria à vida, pelo caminho da responsabilidade e dignidade.

Um detalhe interessante é o slogan do referido grupo, o qual tem lugar de destaque no site: "É a nossa história transcendendo gerações e mostrando cada vez mais que o Paraná gaúcho nasceu aqui!". Do exposto, chama a atenção para a existência de um paranaense gaúcho, aspecto contemplado na presente tese. Também visualizamos algumas imagens na página do CTG, como a representação de uma pessoa idosa passando o chimarrão para uma menina. A ação ilustrada é uma alusão à passagem da tradição de uma geração para outra. Além disso, na mesma página, o patrão, senhor José Carlos Pinhatti, fez um apelo à comunidade tradicionalista:

Com a tua ajuda vamos fazer um lugar da família gaúcha, sempre ajoujados nos mesmos tentos de alegria e amizade. Nossa responsabilidade com a história do Centro de Tradições Gaúchas Vinte de Setembro é de honrar e manter viva a cultura e a chama dos costumes do nosso povo sul brasileiro. Abraços, José Carlos Pinhatti – Patrão Executivo (Site oficial do CTG 20 de Setembro)

Na exposição acima, foi pontuado o "povo sul brasileiro". As fronteiras do estado do Rio Grande do Sul foram alargadas, sendo gaúchos os rio-grandenses, os catarinenses e paranaenses, povos que compartilham a cultura e estão unidos por laços de amizade.

O site também apresenta a estrutura hierárquica do CTG. As funções dos gestores do CTG são nomeadas como se fossem funções de uma fazenda. Então, o administrador geral é chamado de patrão e os diretores determinados de capatazes.

Já outras lideranças dentro da hierarquia são denominadas de posteiro, agregado e xirú. A hierarquia adotada no CTG estudado possui a seguinte ordem: patrão, capataz geral, primeiro capataz, segundo capataz, primeiro sota capataz, segundo sota capataz, primeiro posteiro, segundo posteiro, primeiro agregado das pilchas, segundo agregado das pilchas, primeiro xirú das falas e segundo xirú das falas.

De todas as informações presentes no referido site, uma sintetiza o pensamento do grupo acerca do gaúcho. É a definição realizada por Barbosa Lessa, o qual compreende que

Ser gaúcho é escolher um caminho e decidir-se a trilhá-lo, a trotezito no mais, devagar e sempre, sem se deixar enredar nos cipós das pendengas. É saber apreciar na natureza inteira, no horizonte da planura, no sol aquecendo a flor, no retouçar dos cavalos, no grito dos quero-queros, na mansidão da boiada, no bravo rugir das feras, uma escola de energia em que há muito o que aprender. Saber suportar com dignidade a dor e o sobressalto. Na carreteada da vida, fazer igual a serpente: ir mudando só de casca mas guardando sob a pele a jovial vitalidade. É resistir à fácil tentação de ser gentilha, deixando para quem queira a farra e a fama de bagaceira. Ser gaúcho é furtar-se ao riso sem juízo, à palhaçada dos gestos, à molecagem da fala, mas dar boas gargalhadas quando não há desrespeito. É ter no fogo de chão a beleza do convívio de patrão com o empregado, do avô com o filho e o neto, ou seja lá quem se achegue buscando um pouco de afeto. É aquecer cordialidade no rito do chimarrão, escutando a charla mansa, dando a mão ao “índio irmão”, distribuindo esperança, cantando trova ao violão, e indo assim se predispondo ao festejar desta vida na vibração dos rodeios e no abraço dos fandangos. De alma forte e coração sereno, manter firmeza e doçura, e mesmo nos atos de dureza extrema, jamais perder a ternura (SITE OFICIAL DO CTG 20 DE SETEMBRO).

A poesia inicia falando da perseverança do gaúcho, um povo que vai devagar, desvia dos obstáculos e nunca desiste de seguir em frente. Um povo que vê beleza na simplicidade das coisas, que é forte. Que aprende com as experiências sem perder a jovialidade. É um povo animado e feliz, que valoriza o convívio entre as gerações. Um povo cordial e hospitaleiro. Bravo, mas que sempre tem um afago para o seu irmão.

O site oficial é muito convidativo, bem organizado e desempenha o papel de marketing do tradicionalismo gaúcho. Nele, estão expostas as atividades do grupo, valores e diretrizes. Sentimo-nos motivados e curiosos com a realidade apresentada naquele canal de acesso à informação, desejando conhecer a instituição *in loco*.

3.2 A FESTA TRADICIONALISTA GAÚCHA NO CTG 20 DE SETEMBRO EM CURITIBA, PR

A abordagem seguinte apresenta as transcrições do diário de campo que obtivemos no CTG 20 de Setembro, localizado na Linha Verde, BR 116 - Rodovia 476, Km 107 – Pinheirinho – Curitiba, PR. O material mostra o relato das experiências vivenciadas no campo. São descrições sobre as características do espaço físico, o comportamento do grupo, hábitos culturais, costumes, bem como nossas impressões. Por se tratar de um diário, faremos os relatos em 1º pessoa do singular.

Desenvolvi o primeiro dia do trabalho de campo em 27 de agosto de 2017. Estava ensolarado, abafado e o termômetro chegou a registrar 28 graus. Foi o meu primeiro contato com o CTG 20 de Setembro. Não sabia como me vestir para a realização do campo. A localização do CTG, à margem da BR 116, deixou-me preocupada, vista a falta de segurança. O local é afastado e, por isso, há pouca circulação de pedestres. Como alternativa, convidei um casal de amigos de Rondônia para me acompanhar.

O casal estava à passeio na cidade de Curitiba e o convite foi recebido por eles como uma oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a cultura gaúcha. O CTG é um espaço familiar, assim, raramente as pessoas são vistas sozinhas ali. Então, o fato de contar com a companhia dos amigos foi algo excelente. Como estava calor, a amiga utilizou um vestido leve, com a saia na altura dos joelhos e um decote discreto. O seu esposo vestiu camisa e calça jeans. Por precaução, preferi suportar o calor, dando preferência para camisa social e calça jeans escura.

Logo na chegada, havia uma placa informando sobre as vestimentas inadequadas ao espaço do CTG. No entanto, as informações estavam confusas como, por exemplo, a não especificação da altura da saia na placa. Procurei a organização para questionar se a amiga poderia participar do evento. A recepcionista explicou que os vestidos eram permitidos desde que não fossem demasiadamente curtos. Expôs que somente as minissaias seriam advertidas. Depois do esclarecimento, adquirimos o ingresso para o almoço e o baile e acessamos as dependências internas da instituição tradicionalista.

Fui surpreendida com o que avistei e fiquei extremamente impressionada com o elevado número de pessoas vestindo indumentárias tradicionalistas. Além disso, fiquei admirada com a organização do espaço, com a música e os símbolos gaúchos decorando as paredes. Senti como se tivesse regressado no tempo, quando participava de eventos semelhantes no Rio Grande do Sul.

Inicialmente, fiquei constrangida, já que minha presença foi percebida como pessoa estranha naquele espaço. Além disso, fazia parte da minoria que não estava vestida a caráter, na ocasião. Acredito que os olhares em minha direção transpareciam estranheza. Não bastando a estética diferenciada do restante do grupo, aproveitei o momento da festividade para realizar algumas anotações em caderno de campo. Mas quem vai para uma festa estudar?

Sobre a estrutura física do CTG 20 de Setembro, reparei nas amplas dimensões do espaço e na aparente organização. O prédio foi todo construído em alvenaria e, numa parte, havia dois pavimentos. O piso superior foi destinado à área de cozinha, sendo que a visão do local é privilegiada, pois é possível avistar todo espaço do salão de baile, a parte inferior apresenta formato retangular e tem quatro banheiros, sendo dois femininos e dois masculinos.

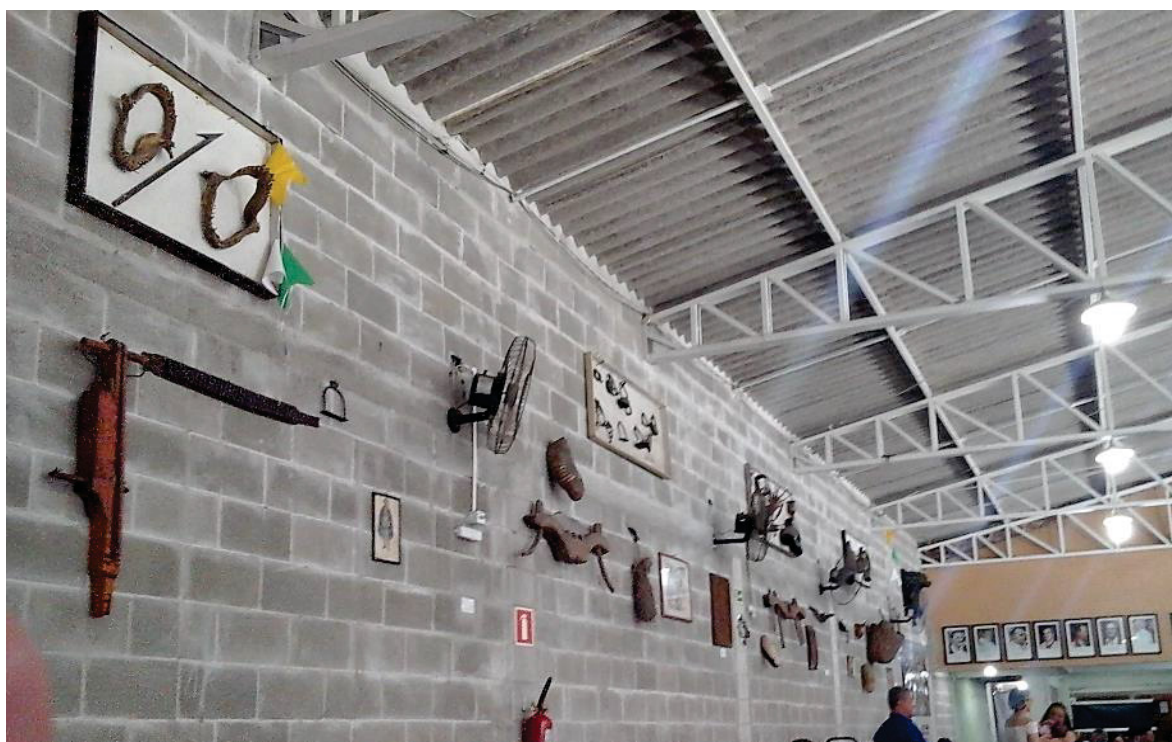
Numa das extremidades desse salão, foi construído um palco de concreto (Figura 12). O local é destinado aos conjuntos musicais, que têm a função de animar as festas. Na outra extremidade do salão, há uma área de copa, que é uma espécie de bar. O piso do salão é todo feito de tábua, material indicado para execução das danças, uma vez que valorizam o sapateado. Nas paredes, muitos objetos da cultura gaúcha estão dispostos, compondo parte da decoração. São símbolos representativos para os tradicionalistas, já que contam parte da história que é cultuada no movimento tradicionalista gaúcho (Figura 13-14).

FIGURA 12: PALCO DO CTG AO FUNDO DO SALÃO



FONTE: Dutra (2017)

FIGURA 13: DECORAÇÃO DO SALÃO DE BAILE.



FONTE: Dutra (2017)

FIGURA 14: DECORAÇÃO DO SALÃO DE BAILE.



FONTE: Dutra (2017)

A parte externa, localizada nos fundos do CTG, é espaçosa. Nessa área, que fica ao ar livre, foi construído um telhado de uma água contra a parede do vizinho do CTG. A cobertura serve para proteger o assado, isto é, o churrasco, em dias chuvosos. Enquanto o assador prepara a carne, muitos curiosos conversam no seu entorno. Para mim, é uma prática comum, pois, desde muito jovem, essas cenas fazem parte do meu cotidiano. A questão é que ocorria no estado do Paraná, despertando minha curiosidade.

Observei atentamente todos que passavam e, na primeira oportunidade, pedi para ser apresentada ao patrão do CTG, que é o posto mais alto na hierarquia da instituição. O senhor José Carlos Pinhatti foi muito receptivo e simpático. Na ocasião, destacava-se dos demais membros da equipe pelo elevado número de saudações realizadas.

Expliquei a intenção de pesquisa, demonstrando interesse de trabalhar com membros do CTG 20 de Setembro. O patrão firmou a parceria e se colocou à disposição para o que fosse preciso. Disse, então, que as portas do CTG estavam abertas. Durante a conversa, questionei sobre a origem geográfica do público presente. A resposta foi que havia representantes dos estados do Rio Grande do

Sul, Santa Catarina, Mato Grosso e Paraná, com ênfase para o pessoal de Curitiba e região metropolitana.

Expliquei também que o recorte da pesquisa delimitou os nascidos na cidade de Curitiba. Assim, o patrão ponderou que poderia auxiliar na identificação, informação positiva para o contexto da pesquisa. Antes de retornar para a mesa de meus amigos, pedi autorização para fazer fotografias do local e utilizar no trabalho como fonte ilustrativa. Recebi a resposta positiva e, gentilmente, o patrão pediu que ficasse à vontade.

A equipe organizadora começou a servir o almoço exatamente ao meio dia e quinze minutos. Eram muitas pessoas para se servir, mas a organização do grupo foi muito eficiente. A comissão organizadora dirigia-se a cada uma das mesas anunciando que *buffet* estava liberado. Foi muito dinâmico, bem servido e rapidamente todos estavam almoçando. O cardápio do dia contou com o tradicional boi no rolete, churrasco de carne de costela e um amplo *buffet* com saladas, além de arroz, feijão, polenta, frango e mandioca cozida.

Depois de todos estarem servidos, algumas pessoas retornaram ao *buffet* para repetir. Isso não foi um problema, já que havia comida em abundância. Após, a organização retirou do tabuado de dança as estruturas utilizadas para servir o almoço, recolheu algumas mesas e cadeiras que estavam no local e o baile foi iniciado.

Ao som da banda Fandagueiros, rapidamente as pessoas levantaram de seus assentos e começaram a bailar. Observei um casal de meia idade que, durante o almoço, mostrava a expressão de cansados, inclusive, a senhora parece ter cochilado sentada. Esse mesmo casal transformou-se quando a música começou a tocar. A dupla, sem dúvida, mostrou-se a mais animada do salão. Dançou sem pausa, dando muitas voltas no entorno do salão de baile.

Depois de um certo tempo de baile, a comissão organizadora solicitou que todos os presentes dessem espaço para que o grupo de dança do CTG pudesse se apresentar para a comunidade. Rapidamente, o tabuado foi esvaziado, sendo ocupado apenas pelo grupo que executou a coreografia ensaiada. Terminada a apresentação coletiva, o baile prosseguiu com muita animação.

Enquanto a maioria dos presentes se divertia, a equipe do CTG movimentava-se pelo salão, cuidando para que tudo ocorresse dentro do esperado. Havia pessoas

recolhendo a louça do almoço, outras vendendo rifas para arrecadar fundos para o CTG, outras fazendo o trabalho da limpeza e organização do espaço.

Para mim, foi uma enorme surpresa deparar-me com um número tão grande de pessoas envolvidas na causa do tradicionalismo gaúcho no estado do Paraná. Outro ponto observado, curiosamente, refere-se à utilização dos trajes. A maior parte das pessoas estava vestida tradicionalmente, com os trajes atribuídos à cultura gaúcha. Dias antes deste campo, havia participado de um evento em um CTG na cidade de Vacaria no Rio Grande do Sul e considerei, a título de indumentária e alegorias, que o CTG do Paraná havia se mostrado mais representativo.

3.3 O SEMINÁRIO SOBRE O CHIMARRÃO E A HISTÓRIA DO TRADICIONALISMO GAÚCHO

O segundo dia do trabalho de campo foi desenvolvido no dia 23 de setembro de 2017. Como já estava familiarizada, fui sozinha até a instituição. Nesse dia, o céu estava encoberto, sem chuva e temperatura em torno dos 21 graus. Tomei conhecimento da realização de dois seminários organizados pelo CTG 20 de Setembro.

Dois palestrantes conduziram o seminário. Liliane Pappen apresentou os segredos do mate (Figura 15) e Rogério Bastos trabalhou a história do tradicionalismo gaúcho. Os conhecimentos serviram para aprofundar o conhecimento acerca dessas temáticas, que são importantes para a cultura gaúcha. Usei a oportunidade para conversar com os participantes, no intervalo, e estabelecer uma rede de contatos.

FIGURA 15: PALESTRANTE ENSINANDO OS DISTINTOS MODOS DE PREPARO DO CHIMARRÃO



FONTE: Dutra (2017)

A apresentação dos mistérios do mate foi muito esclarecedora no que toca ao sentido poético da bebida. Segundo a palestrante, o mate não é apenas uma bebida que tem o objetivo de matar a sede ou aquecer quem a ingere. O mate possui uma mensagem. Atualmente, é visto como o símbolo da tradição gaúcha e opera funcionalmente como elo de união e amizade entre as pessoas. Mas, no passado, os itens utilizados no mate expressavam uma mensagem da moça cortejada ao seu pretendente. Essa mensagem podia ser positiva ou negativa.

Depois de apresentar as curiosidades envolvendo a bebida, a palestrante ensinou diversas maneiras de preparar o mate/chimarrão. Parece que os presentes esperavam ansiosamente pelo ensinamento. Muitos revelaram ter dificuldades com o preparo, destacando que a bomba tende a entupir, impedindo a passagem do líquido.

A palestra de Rogério foi bem abrangente, contemplou aspectos históricos, como a fundação do MTG. Contou histórias curiosas do Grupo dos 8, e chamou a atenção para a verdade do sentimento tradicionalista. Muito do que foi falado pelo palestrante apareceu no referencial teórico utilizado nesta tese, como a etimologia da palavra, a fundação do MTG e aspectos relativos ao mito do gaúcho.

Concluído o seminário, todos os participantes foram convidados para participar do café tradicional. Inicialmente, senti-me deslocada, uma vez que a maioria das pessoas estava em família. Aos poucos, fui fazendo interações, até que conheci uma simpática moça, que estava em companhia de seu pai. Nesse momento, aproveitei para me apresentar como pesquisadora, explicando brevemente minha intenção de pesquisa.

O senhor, pai da moça, mostrou-se influente naquele meio. Disse que frequentava a instituição há alguns anos e que conhecia a origem geográfica de alguns membros, sabendo indicar algumas pessoas nascidas na cidade de Curitiba. Ele teve a ideia de me apresentar para a diretora cultural da instituição que, coincidentemente, revelou ser natural de Pelotas/RS, minha cidade natal. Ela mostrou-se solidária, trocou contato e também disse que poderia fazer indicações de curitibanos para futuras entrevistas.

No café, em uma mesa com pratos de salgadinhos, cada pessoa pegava um prato e se dirigia para a parte dos líquidos, escolhendo chá, café preto ou com leite. A caneca de louça foi um brinde e estava personalizada com o nome do CTG. Servi-me e sentei junto com o casal (pai e filha), que já acenava para me chamar. No entorno da mesa, havia outras pessoas e o senhor apresentou-me a todos.

Uma moça nesse grupo também estava sozinha, mas conhecia muitas pessoas do CTG. Chegou a considerar o espaço como a sua segunda casa. Ela acenava para todos e chamava as pessoas por seus nomes. Anoiteceu, o casal despediu-se, deixando-me na companhia da moça que me apresentara. Como a pesquisa é fenomenológica, nada pode ser perdido. Assim, estendi minha permanência no CTG, visando estabelecer uma rede de contatos ou até mesmo já aproveitar o momento para entrevistar os presentes.

A moça que conheci disse que gostaria muito de ajudar, mas contou que nasceu no estado de Santa Catarina. Ela convidou-me para ver o assado do boi no rolete (Figura 16), na parte externa do CTG. Ao chegar nesse espaço, tomei conhecimento de que um grupo de tradicionalistas passara a noite cuidando do assado. Em solidariedade, um grupo que não tem a mesma função, acompanhara os trabalhadores, animando com música, conversas e preparo do lanche da noite, um churrasco paralelo, de espeto, e caldo de mocotó (figuras 17-18).

FIGURA 16: TRADICIONALISTA RESPONSÁVEL PELO PREPARO DO BOI NO ROLETE



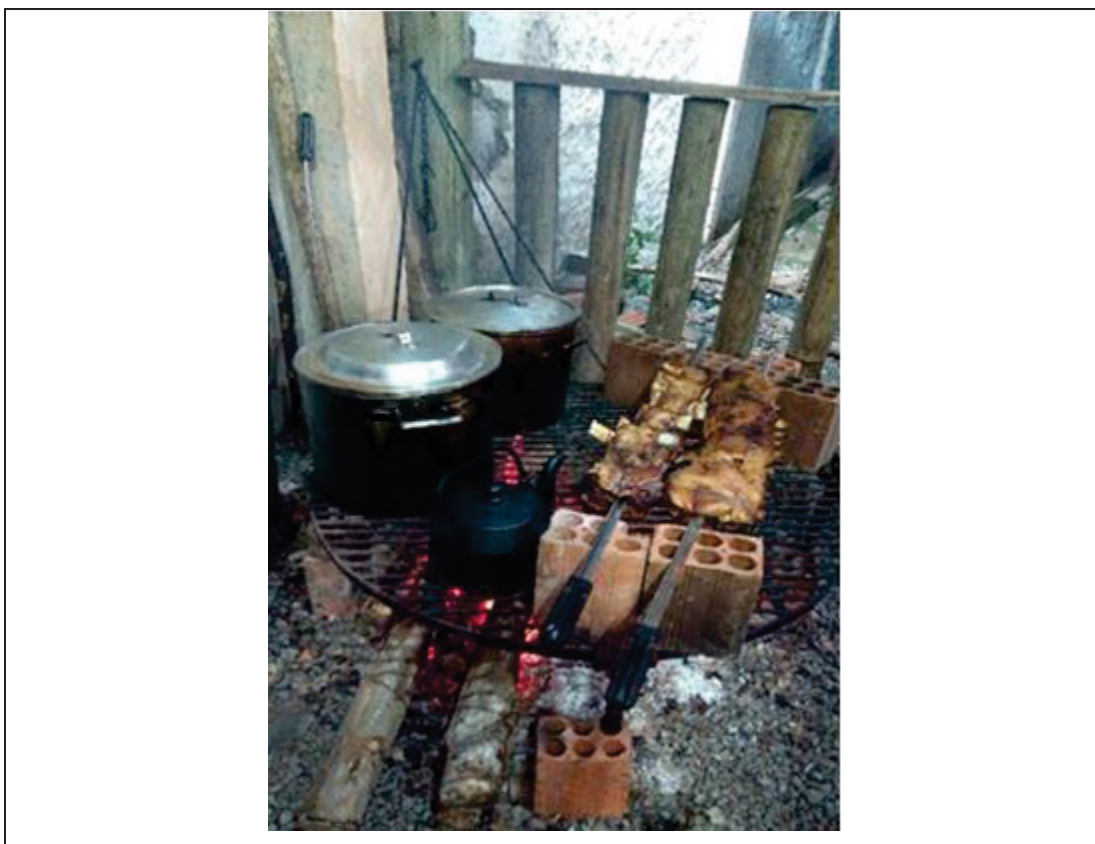
FONTE: Dutra (2017)

FIGURA 17: RODA DE MÚSICA ENQUANTO O BOI NO ROLETE É PREPARADO PARA O CONSUMO.



FONTE: Dutra (2017)

FIGURA 18: FOGÃO DE CHÃO, CHURRASCO DE ESPETO E PANELA COM CALDO DE MOCOTÓ



FONTE: Dutra (2017)

No dia seguinte ao seminário, estava programada a realização do evento conhecido pela comunidade como “domingueira do CTG 20 de Setembro”. A festa tinha o objetivo de encerrar os festejos da semana Farroupilha. Para compreender a dinâmica do preparo do boi, conversei com um dos assadores, que expôs que o animal é assado inteiro, retiram apenas o couro, a cabeça e partes internas. Relatou que, para assar por completo, é necessário que fique no forno por vinte e quatro horas, sendo utilizados trezentos quilos de carvão. Há momentos que o forno precisa ser fechado devido à forte fumaça produzida no local. Para que o assado tenha resultado uniforme, o animal, que fica num torno, precisa ser girado. Foi apresentada a algumas pessoas que estavam nessa parte externa do CTG.

Uma dessas pessoas foi um senhor que se apresentou como um dos primeiros integrantes da instituição e fez questão que eu provasse a sopa de mocotó. Às vezes, o trabalho de pesquisa coloca-nos em situações desconfortáveis e essa foi uma entre tantas. O alimento aparentava ser muito calórico, a gordura, que era demasiada, ficava acumulada na parte superior da caneca em que foi

servida. Mas, aceitei experimentar, pois avaliei que aquele gesto poderia gerar um laço de confiança com a comunidade.

Meu parecer sobre o caldo foi que, ao beber, senti enjoo pelo gosto de gordura. Bebi trancando a respiração para não ter maiores problemas. Após ter ingerido tudo que foi servido, o senhor fez um brinde de canecas. Nesse momento, a diretora cultural adentrou no local e contaram para ela que eu tinha tomado a sopa. Imediatamente, ela serviu uma bebida alcoólica (cachaça com ervas), sugerindo que eu tomasse para evitar o mal-estar provocado pelo excesso de gordura daquele alimento.

Sem questionar, bebi tudo em um único gole e relatei que o gosto de gordura prontamente desapareceu. Um pouco desconcertada com o ocorrido, despedi-me do grupo, destacando que voltaria no dia seguinte. No entanto, no caminho de casa, passei mal do estômago, com sintomas que perduraram por aproximadamente três dias.

3.4 UMA DOMINGUEIRA COM A APRESENTAÇÃO DAS INVERNADAS ARTÍSTICAS

O terceiro dia de campo aconteceu no dia 24 de junho de 2018 e compreendeu o evento conhecido como Domingueira. Fui sozinha ao CTG. Vesti-me com jeans e camisa social. O dia estava ensolarado e a temperatura por volta dos 25 graus. Logo na chegada, percebi muita animação no lado externo do CTG. Novamente o boi estava sendo assado no rolete, assim como as costelas inteiras no fogo de chão. O motorista do aplicativo de transporte UBER que me levou até o local perguntou o que era um CTG. Expliquei e aproveitei para contar sobre a pesquisa. Na chegada ao local, o motorista do aplicativo avistou o seu professor com as vestimentas tradicionais gaúchas. Ele desceu do carro junto comigo, apresentou-me para o seu professor e, depois de conversar brevemente com ele, retirou-se do local.

O professor de direito e eu conversamos sobre cultura gaúcha por quase uma hora. A princípio, senti-me empolgada, visando entrevistá-lo numa outra oportunidade. No entanto, ele e a sua família, que estava presente, destacaram ser catarinenses e a narrativa foi inviabilizada pelo critério da pesquisa. Comprei o ingresso e adentrei ao salão principal, que estava lotado. Conte para a recepcionista sobre os motivos da ida até o CTG e pedi para que, se possível, fosse colocada

numa mesa com curitibanos. Assim, foi solicitado para aguardar durante um momento. A moça retornou e me conduziu até a mesa onde estavam um casal, uma moça e três crianças, todos da mesma família.

Logo na chegada, senti-me um pouco envergonhada. Todos me olharam como se estivesse sendo invasiva. Uma das crianças, a menor, levantou para ofertar-me a sua cadeira e percebi as expressões faciais fechadas, inclusive cheguei a pensar em me retirar da companhia daquelas pessoas. Ainda assim, sorri para o grupo, mas não fui correspondida. Então comecei a brincar timidamente com as crianças. A moça perguntou se eu tinha filhos. Respondi que não e aproveitei o momento de abertura para me apresentar como pesquisadora. Foi quando a entrevistada começou a falar por vontade própria. A narrativa aparece no capítulo dedicado ao seu tratamento.

O almoço foi importante para aproximação com a entrevistada. Cuidei das crianças por um momento, enquanto a mãe buscava alimentos, e foi o suficiente para gerar um laço de confiança. Além disso, ao comprar refrigerante para mim, levei outro para as crianças, que ficaram muito felizes. A confiança fez a entrevistada falar a tarde inteira. As informações foram gravadas em áudio e, paralelamente, algumas anotações foram realizadas. Como as informações surgiam aos poucos, em alguns momentos, preferi ir anotar no espaço da toalete, para não chamar muito a atenção da entrevistada, desviando o foco.

A comida foi abundante como nos eventos anteriores, dos quais tive conhecimento. Para acessar o *buffet*, formou-se uma fila no tabuado (Figura 19), que é uma área destinada à prática de danças. O pessoal da administração estava muito envolvido na organização do evento, o que dificultou a conversa com o grupo. O CTG foi lotado pelos presentes e foi necessário improvisar algumas mesas na área externa (Figura 20).

FIGURA 19: ORGANIZAÇÃO DO BUFFET



FONTE: Dutra (2018)

FIGURA 20: MESAS NA PARTE EXTERNA DO CTG



FONTE: Dutra (2018)

Esse dia ficou marcado pela obtenção da primeira entrevista, dada espontaneamente e em meio ao que acontecia naquele momento festivo. Nesse mesmo dia, alguns detalhes chamaram a atenção. Ressalta-se o discurso de um dos

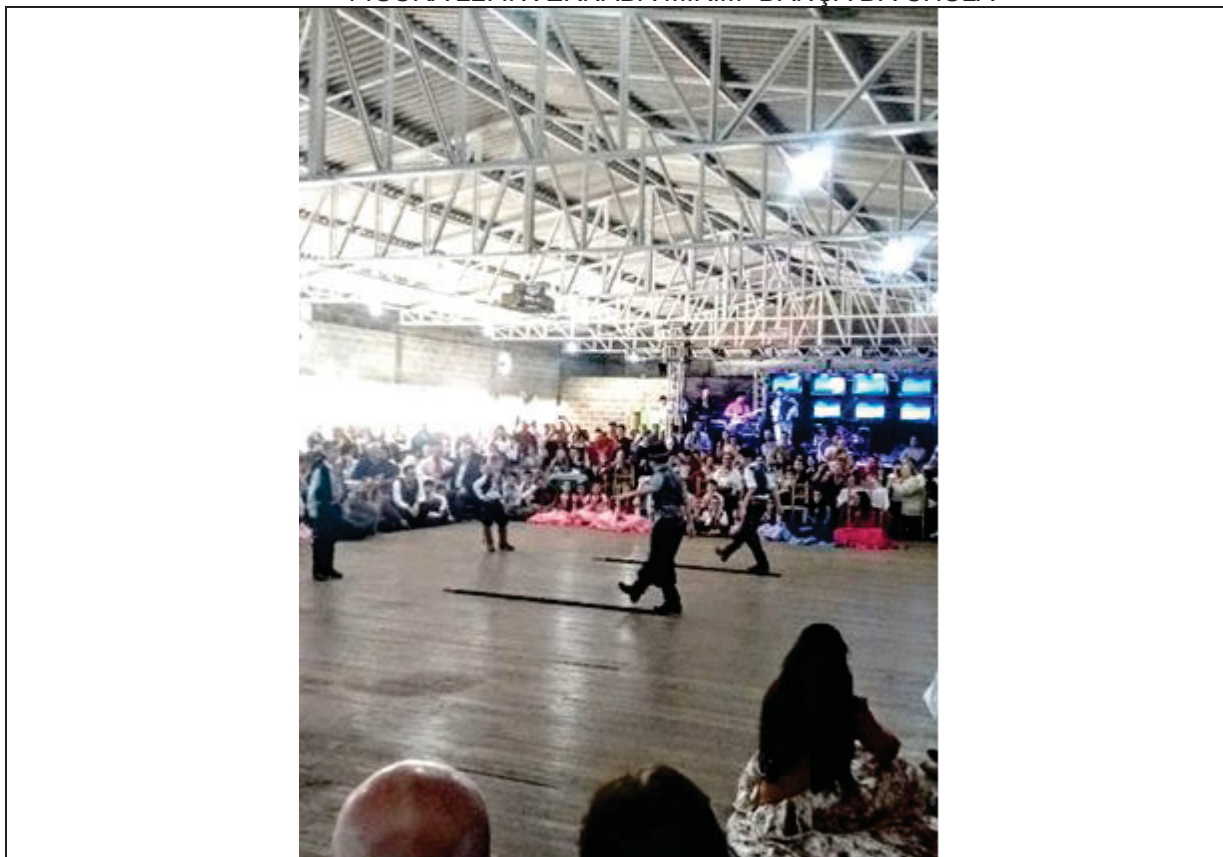
membros da comunidade, que abriu a apresentação de danças (Figura 21-22). Esse discorreu sobre a importância de preservar a tradição gaúcha e reforçou a importância do papel dos mais velhos nessa passagem de conhecimento ao mais novos. Além disso, falou dos valores morais da instituição, destacou a família e o respeito.

FIGURA 21: INVERNADA MIRIM



FONTE: Dutra (2018)

FIGURA 22: INVERNADA MIRIM- DANÇA DA CHULA



FONTE: Dutra (2018)

Após o término da apresentação de danças tradicionais, a entrevistada deixou o local, despedindo-se de mim. As crianças estavam cansadas e pedindo o retorno para casa. A entrevistada passou-me seu contato telefônico, permitindo o estabelecimento de um laço social. Logo após sua saída, encerrei o dia de campo.

3.5 UM CAMPO NO DIA DO GAÚCHO E DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Esse campo ocorreu no dia 20 de setembro de 2018, que é considerado dia do gaúcho e também dia de celebração da Revolução Farroupilha. Reconhecendo a importância da data para a cultura abordada, optei pela realização de trabalho de campo nesse dia. O tempo apresentava céu encoberto e com possibilidade de chuva, já a temperatura estava marcando aproximadamente 22 graus.

Após tomar conhecimento da programação das atividades do CTG, na página oficial, entrei em contato pela rede social e conversei com um provável entrevistado. Tratava-se da pessoa encarregada daquele canal de comunicação. Ele garantiu a sua presença no evento, marcando uma conversa pessoalmente.

Novamente, vesti-me de maneira informal, com calça jeans e camisa social. Apresentar esse elemento é importante, uma vez que se trata de uma instituição que preza pelos trajes e dispõe de um regimento normatizado. Tomei o devido cuidado, já que não possuía as vestes tradicionais de prenda. Nesse dia, a programação contava com um almoço tradicional, com destaque para o churrasco.

Entre pela porta dos fundos, como nas vezes anteriores. Mas, ao adentrar o espaço do salão do CTG, assustei-me, ao perceber que estava vazio, em pleno dia de 20 de setembro. Então, uma moça simpática e vestida de prenda recebeu-me dizendo “não se assuste, hoje é no espaço da frente”. O local era proporcionalmente menor em relação ao salão de baile do CTG. Havia um grupo de pessoas que eu não conhecia. A maioria dos presentes eram homens, o que me proporcionou um certo desconforto.

Ao sair casa, lembrei de levar o chimarrão, pois acreditava que poderia ser uma forma de aproximação das pessoas. Naquele salão do almoço, havia quatro grandes mesas, na parte interna, e três mesas relativamente grandes, na parte externa, que também contava com cobertura. Essa área é comumente utilizada como estacionamento. Após adquirir meu ingresso para o almoço, sentei-me em uma das extremidades dessas mesas, sentindo-me observada, como uma forasteira em terra de estranhos. Assim, coloquei o chimarrão sobre uma das mesas, com o intento de demonstrar alguma relação com a cultura gaúcha. Antes do almoço, havia um grupo de homens de meia idade tocando gaita piano, violão e cantando músicas tradicionalistas.

Percebi que as pessoas presentes no dia eram de mais idade, senhores e senhoras. Isso se deve, talvez, ao fato de, fora do Rio Grande do Sul, ser dia útil e muitos trabalham na data. Além disso, as condições de tempo, com chuva e frio, não foi convidativa para o festejo. Esse dia foi frustrante e até pensei em desistir da pesquisa, pela timidez e dificuldade de conversar com as pessoas. Muitas vezes, a cultura gaúcha foi associada à questão do machismo. Por isso, com esse entendimento previamente estabelecido, senti-me limitada em minhas abordagens.

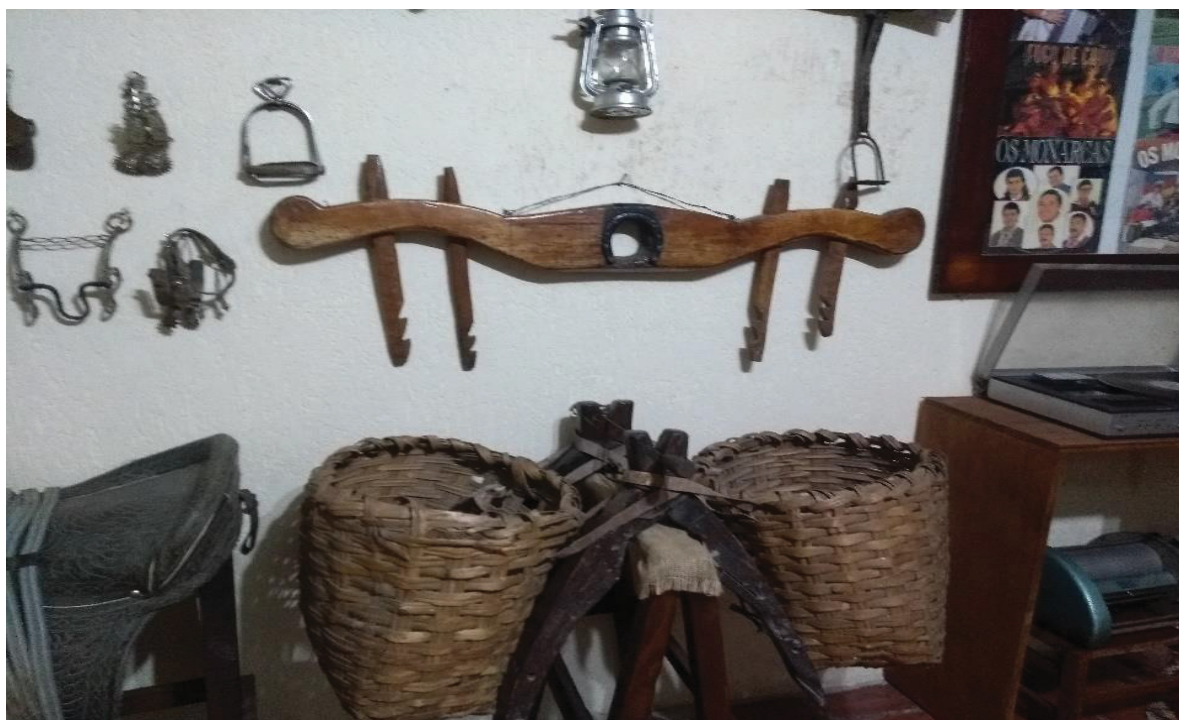
Não percebi, nesse dia, o sabor tradicional dos alimentos servidos no almoço, o que associei ao meu estado de espírito. Embora não tenha pretendido, criei expectativa para o festejo de 20 de setembro em Curitiba. A pessoa que contatei previamente também não apareceu. Segundo informações, havia mudado os planos por um problema pessoal de última hora. O cardápio do almoço desse dia foi carne

de panela, frango, polenta, arroz, feijoada, moranga caramelada e saladas. No auge do almoço, percebi que muitas pessoas chegavam e o pequeno salão encheu. Inclusive, a parte externa ficou movimentada. A maioria dos presentes estava com traje informal, sem a indumentária característica.

Almocei e resolvi liberar o lugar para que outra pessoa pudesse ocupar. Sentei-me na área externa e peguei o caderno para fazer as anotações. Enquanto bebia o chimarrão, a moça que me recebeu parou para trocar algumas palavras sobre o cardápio do almoço. Nesse momento, contei que estava anotando observações para minha pesquisa e que estava triste porque o possível entrevistado teve um imprevisto que o impossibilitou de comparecer. Expliquei que trabalhava com o estudo do fenômeno, sendo assim, respeitava a espontaneidade dos fatos. Falei também acerca dos critérios e ofereci um chimarrão. A moça ficou curiosa sobre o trabalho e lembrou conhecer uma pessoa com os critérios apresentados.

Esse era seu esposo, com o qual conversei brevemente, explicando as intenções da pesquisa. Foi gratificante ouvi-lo, a entrevista aconteceu no museu do CTG (Figura 23). A narrativa foi marcada pelo fator emocional, que se manifestou no choro devido a uma lembrança triste.

FIGURA 23: MUSEU DO GAÚCHO DO CTG 20 DE SETEMBRO - CURITIBA



FONTE: Dutra (2018)

O museu, de acordo com o entrevistado, havia sido reestruturado. Nele, estavam expostos itens antigos, utilizados pelos gaúchos na rotina de trabalho no passado. Também existia um espaço reservado a uma exposição de discos em vinil, de músicos tradicionalistas, e um espaço com um quadro contendo diversas embalagens de erva mate. Através do acervo, também foi possível conhecer os trajes tradicionais do casal fundador do CTG 20 de Setembro e antigas máquinas de escrever e de costura.

Agradei imensamente pelo dia, que começou desanimado, mas foi agraciado com uma narrativa rica de detalhes e grandiosa para o estudo do ser gaúcho. Nesse instante, percebi a importância de minha pesquisa e dei por encerrado o trabalho de campo.

3.6 OITAVO CURSO DE FORMAÇÃO TRADICIONALISTA - 8º CFOR, CURITIBA - PR

O CFOR é um curso que forma tradicionalistas, os quais são a base dos CTGs. O curso trouxe um pouco da história gaúcha, apresentou a composição hierárquica e o regimento do MTG. Além disso, o palestrante chamou a atenção para as boas maneiras de convívio em sociedade. Enfatizou que não basta fundar

um CTG, existe uma série de regras que precisam ser respeitadas. O MTG é o órgão fiscalizador dos CTGs em funcionamento. Esses devem estar registrados na junta tradicionalista e no cartório. Os estabelecimentos que não cumprem o acordado não podem ser chamados de CTGs. O evento contou com a presença de dois palestrantes reconhecidos no tradicionalismo, Rogério Manoelito Savaris e a sua esposa, Odilia Paeses Savaris.

As inscrições foram abertas para a comunidade em geral, mas as lideranças dos CTGs do Paraná demonstraram especial interesse. Observei que o número de homens inscritos foi relativamente superior ao número de mulheres. Todos estavam trajados tipicamente, exceto eu. Outra exceção foi que havia uma mulher inscrita que se apresentou como patroa de um CTG. Ela ainda destacou ser integrante do departamento da campeira, o que é algo incomum para as mulheres tradicionalistas.

O curso aconteceu no dia 15 de junho de 2019. Teve início às oito horas da manhã, com pausa ao meio dia para o almoço, organizado pela equipe do CTG 20 de Setembro. No período da tarde, o curso prosseguiu até às 18 horas, havendo um pequeno intervalo para o café da tarde. No encerramento, um padre católico concedeu uma bênção e houve a entrega dos certificados. O valor cobrado na taxa de inscrição cobriu as refeições e o material, composto por uma caneta, um bloco e uma pasta.

Antes de iniciar a exposição do palestrante, o patrão do CTG 20 de Setembro pediu a palavra para dar boas-vindas ao grupo e falar um pouco sobre a instituição. Assim, destacou que o CTG 20 de Setembro não foi o primeiro a ser criado na cidade de Curitiba, mas é o mais antigo em funcionamento. Na sequência, apresentou os palestrantes e enfatizou a importância do trabalho voluntariado nos CTGs.

Na continuidade, parabenizou a sua equipe e afirmou que um “CTG sem voluntários é um bailão”, falou sobre os custos de manutenção da instituição e ressaltou que os maiores valores destinam-se às roupas tradicionais e à contratação de conjuntos musicais para animar os bailes tradicionalistas gaúchos. Então, enfatizou que todo trabalho voluntário é sempre muito bem recebido, visto que os CTGs não resistem de outra maneira. Afirmou ainda que o trabalho colaborativo é uma maneira de preservar os reais objetivos dos centros tradicionalistas, que é conservar e divulgar a cultura gaúcha. Concluiu a sua fala assegurando que “não precisa de frescura para manter a tradição”. O termo “frescura” foi mencionado em

relação à contratação de conjuntos musicais com cachês elevados e vestimentas tradicionalistas muito onerosas.

O palestrante apresentou-se muito bem trajado à moda gaúcha e preparou uma abordagem de abertura tratando de aspectos do tradicionalismo gaúcho. Iniciou trazendo três questões indispensáveis para a manutenção do tradicionalismo, a saber: o voluntariado, a simplicidade e a diferenciação entre o tradicional e o não tradicional. Afirmou que o gaúcho tem uma história que foi construída no tempo. Assim, questionou sobre quem seriam esses gaúchos e alertou que existem dois grupos: os que imitam o gaúcho, ao se travestirem com os trajes tradicionais, e os que realmente vivem o gaúcho.

Ademais, trouxe aspectos da formação sul-americana e destacou que o primeiro europeu chegou ao Sul do Brasil pela margem esquerda do Rio da Prata, vinte e sete anos após o descobrimento do Brasil. Sobre o primeiro gaúcho, considerou ser o resultado de uma mistura entre europeu e índio. Na sequência, falou sobre a primeira ocupação jesuítica no Paraguai, na altura da região do Guaíra, a qual se estende sobre o estado do Paraná. Além disso, discorreu sobre a chegada dos europeus no atual estado do Rio Grande do Sul.

Depois, falou sobre duas regiões de influência jesuítica, o Tape e o Guaíra, e contextualizou os bandeirantes no tocante ao extermínio indígena. Explicou que os bandeirantes consideravam os índios como um empecilho para o desenvolvimento, já que, culturalmente, eram contra o acúmulo, dificultando a prática da exploração. Destacou o ano de 1680 como marco da presença portuguesa na Colônia do Sacramento e abordou o milagre do gado, isto é, falou sobre a multiplicação do rebanho, que rapidamente atingiu a marca de mil cabeças. A fartura de reses, foi mencionada pelo palestrante como a primeira riqueza do estado do Rio Grande do Sul. Com o fato, as oportunidades de negócios apareceram principalmente na área da grande Vacaria do Mar. O setor foi muito promissor e atraiu muitas pessoas para a região. O couro estava condicionado ao porto de Montevideu, visto que o acesso era tranquilo.

Para o palestrante, o mito do gaúcho cavaleiro surgiu nesse período do comércio do couro. Além disso, apresentou curiosidades como o apreço do gaúcho pela carne de costela. Atualmente, é comum que os apreciadores de carne prefiram a picanha. Mas, naquela época, não havia talheres e os ossos das costelas desempenhavam essa função. As estâncias também foram destacadas, pois

trabalhavam diretamente com o gado. Comentou que, na Vacaria do Mar, havia, mais ou menos, 10 milhões de cabeças de gado soltas, sem proprietários. Sobre os cavalos, esclareceu que chegaram antes do gado e foram utilizados como instrumento de trabalho.

Abordou brevemente o tratado de Badajoz de 1831, que foi o último tratado realizado envolvendo as fronteiras do Rio Grande do Sul, e explanou acerca da primeira ocupação portuguesa, em 1737. Novamente, fez cálculos e chegou à conclusão de que, nessa data, o Brasil já contava com aproximadamente nove gerações, desde a chegada da comitiva de Pedro Álvares Cabral. Então, comparou o estado do Rio Grande do Sul com a situação de “filho temporão”, tendo em conta que foi o último estado brasileiro a se formar. Na continuidade do curso, traçou um paralelo entre os gaúchos e os tropeiros, discorrendo sobre a troca de cultura ocorrida entre os paulistas e os sulistas. Além disso, o palestrante elucidou o surgimento de expressões como *guasca* e *gaudério*, que, muitas vezes, foram utilizadas como sinônimos de gaúcho.

Sobre o gaúcho, considerou não existir um tipo físico característico e entendeu que é fruto da união entre culturas distintas. Nesse contexto, destacou a questão do gentílico adotado para os nascidos no estado do Rio Grande do Sul e o surgimento da primeira sociedade tradicionalista. Explanou brevemente sobre a sua fundação, destacando a criação do primeiro da história brasileira chamado de CTG 35, no dia vinte e quatro de abril de 1948. Sobre a fundação do MTG, deu ênfase à confusão e atrapalhão que foi narrada no livro de Paixão:

Uma das passagens mais curiosas ocorreu no dia que o grupo de oito cavaleiros acompanhou os restos de David Canabarro até o Panteão rio-grandense. Encerrada a cerimônia partimos para o parque de exposições da Secretaria da Agricultura, no Menino de Deus, onde trabalhávamos, montado num cavalo tubiano e ao chegar na Azenha, bairro já na época bastante conturbado, percebemos que a cincha do cavalo estava frouxa. Calmamente, em meio a balbúrdia dos bondes e autos, vestidos de xiripá, apeamos do cavalo para apertá-la. Era quase meio dia (não esquecer que naquele tempo poucos conheciam essa vestimenta gaúcha) e, quando já estava apertando a cincha, um sujeito numa charrete, ao ver a nossa sólita figura, não resistiu: começou a gritar “eesshhh palhaço, o carnaval já terminou!”. De início pensamos com nossos botões: é um coitado, não sabe o que está dizendo. Mas os gritos continuaram. E o povo tudo observava. Não aguentamos. Montamos no cavalo e como um desesperado nos lançamos atrás do indivíduo que, nas alturas, já se perdia no meio dos bondes. Quando a charrete do gritão estava entrando na Bento Gonçalves, o tubiano alcançou-a. E aí gritamos: diz aí quem é o palhaço, diz quem é o palhaço! E movimentamos o relho, com uma soiteira de espessura de um dedo, feito com papada de touro. A soleira zunia no ar. A surpresa foi terrível. Para o indivíduo que tratava de se esquivar da melhor maneira das vibrantes chicoteadas que não cessavam. Assim seguimos durante quase 200 metros.

E dê-lhe relho! A polícia foi alertada. O povo parou para ver o desespero e a raiva de dois homens. Somente após algum tempo os policiais conseguiram se interpor, impedindo-nos de massacrar o engraçadinho, que tinha ficado com marcas profundas no rosto e no corpo todo (CÔRTEZ, 1981, p. 86).

Esse trecho narrado enfatiza a brutalidade associada ao fator do machismo, logo, ao gaúcho. Acreditamos que a situação poderia ter se resolvido sem a violência, que nunca é o melhor caminho para resolver conflitos. Sobre o ocorrido o palestrante contextualizou o mito do gaúcho e sua projeção na cultura gaúcha, ao observar que esse supervaloriza as virtudes e menospreza os problemas. Nesse sentido, considerou a influência dos romancistas.

Sobre o Grupo dos Oito, precursores do MTG, explicou que objetivavam combater os ideais norte-americanos, como o tio Sam, que pairavam sobre a juventude da época, a Coca-Cola, o jazz, o jeans e o rock rol. Segundo o palestrante, o grupo buscava uma identidade própria e brasileira. Com isso, surgiu a dança do pezinho, a chama crioula e a ronda, que é uma espécie de culto ao fogo sagrado. O palestrante contou que, no início, apenas os homens podiam participar desse movimento. As mulheres só passaram a fazer parte depois de uma viagem a Montevideo, na qual perceberam a presença da figura feminina nas danças tradicionalistas. A tardia inserção da figura feminina no movimento pode ser o fundamento das ideias machistas, mas deixaremos para outros pesquisadores adentrarem nessa abordagem.

Na sequência, o palestrante saiu um pouco do que estava sendo tratado para abordar os congressos tradicionalistas. O primeiro evento com essa finalidade ocorreu no ano de 1954, sediado na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Muitos documentos importantes foram e são produzidos e aprovados nesses congressos. O material serve para definir o rumo do tradicionalismo gaúcho e apresentar estratégias que assegurem o fortalecimento da tradição gaúcha.

Encerrou a fala do período da manhã deixando alguns questionamentos acerca das ações necessárias para a manutenção do tradicionalismo e refletiu se todo gaúcho é necessariamente tradicionalista. Indagou também sobre o fato do gaúcho ser uma falácia e fez um chamado dizendo que “somos herdeiros de uma tradição e por isso temos a obrigação de cuidar daquilo que ganhamos”.

O almoço aconteceu no fundo do salão onde estava sendo realizado o curso. Foi montado um *buffet* com alguns pratos característicos da cultura gaúcha. O

ambiente estava descontraído e o almoço foi uma boa hora para buscar por curitibanos que pudessem ser entrevistados. Fiz alguns contatos com os quais combinei de conversar mais um pouco, após o fechamento do curso.

No *buffet*, havia variedade de saladas verdes, arroz, aipim, feijão, maionese e churrasco. A comida estava saborosa e tudo muito bem organizado. Depois do almoço, outra mesa foi preparada com doces como o sagu, pudim, doce de abóbora e rapaduras. Ao conversar com o patrão do CTG, ele brincou afirmando a necessidade da haver comida nos eventos, pois, segundo ele, se os participantes não gostassem das abordagens, pelo menos a comida agradava. O intervalo para alimentação foi breve e rapidamente os inscritos ocuparam novamente as cadeiras no salão onde estava sendo realizado o curso.

No retorno do almoço, o palestrante falou sobre a funcionalidade do MTG, órgão responsável por determinar regras de funcionamento e fiscalizar os CTGs. Sobre o regimento, mencionou as alterações ocorridas no ano de 2018 e apresentou o lema do movimento, que é “povo sem tradição morre a cada geração”. Afirmou que os CTGs são patenteados e pertencem à confederação brasileira de tradicionalismo gaúcho - CBTG. A maior preocupação do órgão regulamentador é evitar que os CTGs tornem-se bailões, voltados exclusivamente para a arrecadação de recursos financeiros. O palestrante ainda destacou a data de 18 de dezembro de 1975 como data da fundação do MTG PR e o nome do pioneiro, o senhor Carlos Meira Martins. Uma informação interessante foi o fato de o MTG PR apresentar um hino próprio.

Hino do MTG do Paraná

Somos a origem de um povo
 Guapo que luta e que vence
 Com sua marca na história
 Neste chão paranaense
 Mostrando sua cultura
 Com clareza e liberdade
 E a tradição do gaúcho
 Com sua hospitalidade
 A erva e o chimarrão
 Que há muito foi consagrado
 Simboliza a tradição
 Costumes do nosso estado
 As verdes matas em paz
 A gralha azul e a araucária
 No campo agricultura
 Com a grandiosa pecuária.
 Obrigado ao povo gaúcho
 Orgulhosos iremos cantar
 Obrigado aos tradicionalistas

Gerações vivas do Paraná
 No ano de setenta e cinco
 Começava uma integração
 O M.T.G Paraná
 Foi o berço de cada região
 Irmanando no sul do Brasil
 O mais árduo evento campeão
 Chama viva que aquece a alma
 Desse povo heroico brasileiro
 Ingressando o nosso folclore
 A dança da prenda e o peão
 Essência pura que encanta e acolhe
 Num floreio de gaita na mão
 O ginete e o laçador
 Bravos homens com habilidade
 Consagrando alguns braços de ouro
 Nessa união do campo e da cidade

Compositor: Oélios Martins Alves.

Esclareceu que o MTG é um órgão deliberativo e, assim, todas as ações precisam constar no estatuto e regimento. A prática da competição faz parte da essência do CTG, por isso, todos os eventos têm intenção competitiva, exceto os cursos e as palestras. Sobre os dirigentes dos centros de tradições gaúchas, chamados de patrões, esclareceu que não podem transformar ou baixar as portarias. Caso ocorram infrações, poderão ser punidos por ofício. Além disso, dentro do MTG PR, todos os departamentos necessitam de um fundo orçamentário próprio. Essa parte da palestra proporcionou certa agitação por parte dos inscritos, que levantaram a mão pedindo a vez para falar. Como o regimento é um documento aprovado em congresso, as alterações são votadas, gerando alguns descontentamentos.

Por sua vez, a segunda palestrante do dia tratou de relações humanas no tradicionalismo e destacou o papel das lideranças. Começou indagando sobre o surgimento dos grupos sociais. Considerou que são resultado de uma afinidade permeada por interesses em comum. Discorreu sobre a importância da linguagem nas relações humanas e avaliou que a comunicação pode ocorrer por mímica ou conversa. Na sequência, abordou o tema da credibilidade, observou que uma pessoa acompanha outra somente se houver o princípio da confiança. Todos os pontos mostrados fazem alusão aos conflitos internos do CTG, que resultam na migração de pessoal entre os centros tradicionalistas.

A palestrante foi pontual ao falar sobre o processo de liderança, quando alertou para a tendência de maus gestores conflitarem, no desempenho do seu

exercício. Quando não encontram uma solução para o mal-estar social, trocam de CTG. Na nova casa, geralmente, falam das mágoas que, dependendo, podem gerar um novo conflito. Advertiu sobre o nível de proximidade ideal e fez isso trabalhando ludicamente com a fábula do porco espinho.

Segundo a fábula, a distância ideal para o bom convívio social é aquela que preserva a distância dos espinhos, ou seja, da proximidade que não machuca. Assim, atribuiu o sucesso das equipes ao respeito desse espaço, muito necessário nos CTGs. Destacou que o CTG é um grupo social que abriga pessoas de diferentes profissões, etnias e/ou religião.

A palestrante até brincou com a existência de conflitos, afirmando que se eles acontecem até com pessoas de uma mesma família, o que esperar de um grupo tão diverso. Os conflitos são uma realidade, cabe às sociedades tradicionalistas contorná-los. Concluiu a sua linha de raciocínio afirmando que a confiança é a melhor dica para um bom relacionamento, mas é necessário que os líderes também reconheçam as vontades e as necessidades do grupo que dirige. Agradeceu aos presentes e se despediu, chamando a atenção para dois pontos de agravamento de conflitos. O primeiro é o ego, que, muitas vezes, deve-se aos cargos ocupados nos CTGs, e o segundo trata-se do uso indevido da rede social. Assim, alertou que seu uso precisa ser muito bem pensado para evitar o desconforto de outras pessoas.

Na sequência, o primeiro palestrante retornou, enfocando, dessa vez, a construção de identidades sólidas. Iniciou chamando a atenção para a composição do CTG 20 de Setembro, disse que o CTG é uma entidade viva, logo, as pessoas são o CTG. A comunidade ocupa o prédio porque tem objetivos comuns. Cada pessoa do grupo tem poder de decisão, qualidade que as diferencia dos demais animais, isto é, os humanos possuem a noção de bem e mal, e, a partir disso, escrevem a sua história.

O palestrante enfatizou tais aspectos para expor o propósito de existência dos CTGs, que é “servir e não se servir”, sempre valorizando as heranças culturais. Na sequência, diferenciou três conceitos valiosos para a cultura gaúcha: o nativismo, a tradição e o tradicionalismo. Para abordar o nativismo, utilizou uma música que se enquadra nessa categoria. São canções que falam das coisas da terra, do amor ao lugar, dos sentimentos e das emoções. Avaliou não existir um movimento nativista coletivo, sendo que envolve a individualidade e a subjetividade.

Sobre a tradição, o palestrante associou ao ato da entrega e de transferência de conhecimento de uma geração anterior para a seguinte. Nesse sentido, exemplificou com a situação do vestido da prenda. Esse traje é tradição, ele nunca se consolidou, tendo em conta que acompanhou a evolução da moda. A bombacha, que é o traje masculino, também passou por transformações. Foram diversos tecidos empregados na sua confecção, diferentes modelos e larguras e comprimento na canela.

Ilustrou as transformações, destacando a crítica realizada pela esposa de Paixão, a senhora Nilza, que não concordava com o refinamento dos trajes das prendas, já que entendia o gaúcho e a prenda como sujeitos simples. Sobre o vestido das mulheres no passado, expôs que eram produzidos de chita e o modelo lembrava o vestido da caipira brasileira.

Para o palestrante, a semelhança não se limitava ao tecido, pois, no passado, o comprimento da saia das prendas era mais curto. Assim, argumentou acerca da impossibilidade de desenvolver atividades domésticas e campeiras trajando uma saia na altura dos pés. O palestrante destacou que, no Uruguai, por exemplo, os grupos tradicionalistas não utilizam indumentária. No Brasil, a adoção de trajes específicos para os gaúchos foi uma maneira de contornar a unidade nacional, que via em Carmen Miranda a referência de símbolo brasileiro.

O palestrante destacou que a tradição pode se tornar tradicional e, novamente, tomou o exemplo dos vestidos das prendas. Embora existam variações nos modelos que os caracterizam, o vestido em si já é um elemento tradicional. A tradição, na interpretação do palestrante, é aquilo que é passado de uma geração para outra. O mesmo aconteceu com a bombacha, que foi remodelada, ajustada, produzida com tecido diferente e incorporou elementos distintos do original. A inovação da bombacha foi aceita, portanto, pode ser usada na rotina do CTG. No entanto, nas apresentações tradicionais só é permitido o uso de bombacha larga.

Segundo o palestrante, os tradicionalistas são, na sua individualidade, nativistas. Explicou que o tradicionalismo é a consecução do bem coletivo. São as ações praticadas e combinadas dentro da sociedade, que acorda tudo com base na votação. Resumidamente, o tradicionalismo tem uma relação direta com nativismo. É comum que os tradicionalistas apresentem sentimento nativista, que contempla os valores de conexão com a terra e o sistema como um todo é tradição.

De acordo com o palestrante, o tradicionalismo difere do nativismo pelo sentido coletivo. A coletividade tradicionalista é marcada pela expressão cívica, cultural, a ideologia escrita, a manifestação artística, o foco no folclore, a organização social e o sentimento nativista. No tradicionalismo, o templo da cultura gaúcha e da tradição é o CTG e, nesse espaço, os elementos obedecem a uma disposição universal. Jamais um conjunto tradicionalista poderá tocar uma música do sertanejo universitário, o ambiente não é propício, é tradicional.

Sobre o ambiente do gauchismo, o palestrante elucidou a valorização das luzes acesas e a presença de crianças correndo no salão como uma marca própria do espaço da família. Novamente, o palestrante relacionou que o tradicionalista é um nativista que acredita na força da tradição, portanto, atua como soldado na defesa e na difusão dos valores gaúchos. O folclore, nesse quesito, é entendido como a ciência da sapiência do povo. Ainda, empreendeu o exemplo das danças, que, hoje, são tradicionais pelo fato de estarem descritas. Nesse caso, deixaram de ser folclore para ser tradicional. Esclareceu que o folclore é oral, já o tradicional é o que está escrito e fixado no estatuto.

O palestrante, ao apresentar o estatuto dos CTGs, tratou de aspectos polêmicos para a cultura gaúcha. No item que enfatiza a congregação da família, destacou que, hoje em dia, o conceito de família foi ampliado, sendo a questão um desafio. A dança entre dois homens não é permitida porque rompe com os padrões tradicionais preconizados pelo MTG. Visto que os CTGs foram criados para manter e divulgar os comportamentos tradicionais, pode barrar tudo que foge dos critérios firmados no estatuto.

O palestrante mostrou o estatuto, dando ênfase para aspectos importantes dessa tradição, como a responsabilidade e a disciplina, a divisão departamental, a hierarquização do CTG e a necessidade de renovação periódica. Acima dos padrões, existe a assembleia geral, a qual defende e divulga os princípios da verdade, do respeito, do civismo, da conduta ética e da democracia.

Continuando, aprofundou-se um pouco mais sobre a ética no tradicionalismo. Para tanto, diferenciou a ética da moral. Considerou que a ética tem caráter pessoal, e à moral competem os princípios imperativos para organização dessa sociedade. Nesse sentido, destacou que a carta de princípio de ética do MTG possui 29 itens, que comentou brevemente, apresentando o material, e alertou que os itens

mostrados no documento não precisam estar escritos, ao considerar que envolve a espiritualidade e tem opção de escolha.

Ao término da palestra, um padre católico abençoou o grupo. O religioso não utilizava batina e apresentava uma barba comprida, como a maioria dos homens inseridos no CTG. O padre relatou ser uma pessoa próxima dos membros da instituição e disse sempre comparecer, quando solicitado.

Os presentes, independente da religião, mostraram-se respeitosos e escutaram em silêncio as bênçãos proferidas pelo representante católico. A entrega dos certificados foi muito celebrada. Os participantes abraçaram-se e pareciam estar muito satisfeitos com título recebido.

Participei do curso na condição de integrante matriculada. Fui bem acolhida e realizei interações valiosas para o avanço da tese. Entre uma conversa e outra, verifiquei os perfis das pessoas e anotei os contatos. Nesse dia, após o término do curso, algumas dessas pessoas permaneceram nas dependências do CTG e eu consegui entrevistar cinco delas, sendo três mulheres e dois homens.

Sobre o curso, achei interessante a maneira como os palestrantes organizaram as suas falas. O conteúdo foi abrangente e fez pensar a história do gaúcho por um ângulo diferente, no caso, o ângulo dos tradicionalistas. O grupo mostrou encarar o tradicionalismo como uma missão. A competitividade foi indicada como uma ferramenta eficiente para a manutenção do movimento. Esse fato, até então, era desconhecido para mim e, embora sendo rio-grandense, desconhecia também aspectos pertinentes ao funcionamento do CTG e a convenção das regras regimentais.

Certamente, a maior curiosidade envolveu a homossexualidade nesses espaços. Me surpreendi com a maneira como lidam com a questão, pois encontraram uma saída para não aceitar o fato nas dependências dos CTGs. Além disso, alguns conceitos foram trabalhados de forma lúdica e, assim, puderam ser compreendidos na prática. As exposições demonstraram a organização do movimento. As palestras, além de motivacionais, foram disciplinadoras também.

4 NARRATIVAS

4.1 CASO DE ELIS REGINA

Gaúcho é isso tudo aqui. Depois que casei, acho que virei gaúcha também. Meu marido é muito bagunceiro, mas eu mudei bastante com o jeito dele. (ELIS REGINA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 24 DE JUNHO 2018).

Elis Regina tem 38 anos, é casada e mãe de uma menina. Tem uma enteada que considera como filha biológica, logo, é avó de um menino. A narrativa foi concedida com muito sorrisos, animação, dança e no embalo do baile. Acompanhada do esposo, filha, enteada e do neto, parecia muito empolgada com o momento festivo.

O conteúdo da entrevista foi muito interessante e relevante. Apresentou elementos distintos das outras narrativas apresentadas na tese. Elis Regina foi divertida e até mesmo sarcástica ao definir o seu modo de ser gaúcha. Ela disse não conhecer a história da tradição gaúcha. No entanto, avaliou que o fato não é um impeditivo para a condição que lhe representa.

Natural de Curitiba, reside no bairro Pinheirinho. É uma empreendedora, tem uma lancheria, onde trabalha com a sua família. Não é associada do CTG 20 de Setembro mas, sempre que pode, participa das festividades abertas à comunidade. Contou que tem planos de associar-se futuramente, pois gostaria de ver a sua filha dançando na internada e convivendo com as pessoas do meio tradicionalista.

A entrevista aconteceu durante uma festividade promovida nas dependências do salão festivo do CTG 20 de Setembro. Inicialmente não houve receptividade. Talvez, pelo fato de nos sentarmos junto com a sua família, ao redor da mesa, sem convite prévio. No entanto, depois de explicarmos a intenção e Elis Regina ter tomado conhecimento sobre o propósito da pesquisa, mostrou entusiasmo e aceitou o convite para participar. Assim, contou acerca dos seus sentimentos, como é ser gaúcha e abordou fatos sobre a sua intimidade familiar que envolvem o contexto.

Na ocasião, ela vestia calça jeans e uma blusa solta. Nos pés, usava uma sapatilha. Sem muita vaidade, estava desprovida de maquiagem representando uma mulher desprezada de adornos como joias e acessórios. Supreendentemente, esse

foi o aspecto mais destacado na sua narrativa, a beleza e a vaidade das prendas. Demonstrou encantamento pelos trajes e pela expressão das mulheres tradicionalistas.

No entanto, mesmo casual e sem a indumentária admirada, ela não deixou de participar do baile. Assim, enquanto conversava pedia licença para dançar algumas músicas de sua estima. Quando retornava para mesa, depois de aproximadamente duas voltas e meia dançando ao redor do salão de baile, aproximava-se cantando e dançando no ritmo da música que seguia tocando. Expressava vontade de permanecer bailando, porém, talvez pelo cansaço, sentava para recuperar o fôlego.

Dentre as categorias produzidas por Elis Regina, observamos a indumentária, a festa e a dança, a família e o casamento, o CTG, a culinária e o trabalho e, por fim, o Rio Grande do Sul.

FIGURA 24: AS CATEGORIAS DE ELIS REGINA



FONTE: Dutra (2020)

Sobre a Indumentária, destacou a beleza estética das roupas das mulheres gaúchas, dizendo que adora: “as roupas, e os vestidos bem floridos”. A expressão adorar refletiu o encantamento da entrevistada. Durante a evento avisamos a entrevistada segurando o queixo com uma das mãos ao contemplar, atenta, cada

detalhe daquela festa. Ela olhava a sua filha fazendo o mesmo, contemplando à moda gaúcha, e depois mencionou sentir-se triste, quando comunicou o seguinte:

Ah, vão começar as apresentações, olha a carinha dela, me dá pena. Ela gostou tanto de usar o vestido de prenda. Na outra vez uma menina disse para ela que estava linda. Você precisava ver o quanto estava linda. Uma pena ter deixado de servir. Olha como ela está olhando para a roupa daquela prendinha. Ela ama, fica encantada, adora se vestir de prenda também. Agora tive problemas de doença e estou apertada de dinheiro. Mas, assim que folgar vou mandar fazer outro vestido para ela. (ELIS REGINA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 24 DE JUNHO 2018).

O trecho mostrado acima destacou o contexto da beleza das vestimentas e sinalizou o desejo da entrevistada em sentir-se igualmente linda e materializada naquele ideal de gaúcha visualizado esteticamente. Por outro lado, percebemos o sentimento de tristeza associado à impossibilidade econômica, visto que a entrevistada demonstrava vontade de trajar-se daquela maneira e oportunizar a mesma experiência para a sua filha.

Deste modo, lamentou não ter conseguido vestir a filha à moda tradicionalista gaúcha. Assim, compreendemos que a curitibana gaúcha Elis Regina é muito apegada à noção de beleza que envolve as roupas tradicionais. Independente de compreender a história e a origem da indumentária, a entrevistada importou-se, exclusivamente, com a beleza, pois para ela o ser gaúcha é isso, uma mulher bela e bem vestida. Corroborando com a compreensão no âmbito do conceito de beleza, Cassirer diz que:

A beleza parece ser um dos fenômenos humanos mais claramente conhecidos. Sem ser obscurecida por qualquer segredo e mistério, seu caráter e sua natureza não precisam de teorias metafísicas sutis e complicadas para a sua explicação. A beleza é parte e parcela da experiência humana; é palpável e inconfundível (CASSIRER, 2005, p. 225)

Nesse sentido, não importa o que pensam as outras pessoas, a conformação é única pela carga significativa aplicada, particular e subjetiva. Assim, podemos dizer que ser gaúcha de Elis Regina conformou-se atrelado ao estereótipo da “prenda bela”. Nada pode desconstruir essa interpretação, dada pelo resultado da visão inicial da experiência real redirecionada para a consciência, como conformação simbólica.

As roupas exuberantes põem-se em oposição à simplicidade da entrevistada. Tudo na indumentária da mulher gaúcha tradicionalista é muito colorido, volumoso e com bastante detalhes em renda e flores. Mesmo assim, ela se definiu gaúcha. Percebemos o desejo de incorporar ou alcançar essa beleza como uma maneira de complementar aquilo que dá sentido ao seu mundo.

A importância atribuída à roupa típica foi enfatizada quando contou sobre a dificuldade de encontrar uma costureira para confeccionar o traje em Curitiba: “eu tinha uma costureira boa, sabe, é difícil encontrar uma que saiba costurar em Curitiba”. Sobre a produção da peça, considerou o elevado investimento, destacando que para obter o vestido era necessário planejamento financeiro. O esposo da entrevistada estava vestido a caráter, com bombacha, camisa e bota. Portanto, o significado atribuído as roupas femininas, além da questão da beleza, pode ter relação ou intenção de criar uma aproximação com o mundo do seu companheiro.

Embora não tenha explicitado o motivo da contemplação das vestimentas para além da beleza, a interpretação possibilitou o entendimento. Nesse sentido, de acordo com Cassirer (1994, p. 185), “precisamos entender o que a fala significa para entendermos o “significado” do universo”. Então, compreendemos que o universo da conformação simbólica de Elis Regina tange à cultura gaúcha numa perspectiva de manifestação do belo enquanto estética.

Sobre a festa e a dança, destacamos o primeiro momento da narrativa de Elis Regina. Quando mencionou a importância de ambos na sua vida e contou sobre a paixão sentida pelo ritmo da vaneira². Ela disse que a adoração por esse estilo musical, iniciou na juventude. Suas colegas curitibanas insistentemente a criticavam por esse gosto, mas sempre a acompanhavam nas festas do CTG embaladas pelo “vanerão”. Nas suas palavras, “ninguém me entendia, eu sempre gostei de sair para as festinhas, mas minhas amigas não gostavam porque sempre íamos parar no vanerão. Eu gosto do ritmo, é bom para dançar, e olha que eu danço bem”.

No trecho acima, ela destacou a incoerência de suas amigas curitibanas, considerando haver um distanciamento relevante no que toca às espacialidades intrínsecas à individualidade humana. Possivelmente, devido à narrada paixão pelo universo gaúcho, Elis Regina destacou ter incorporado novos elementos na sua cultura, os quais, normalmente, não são recorrentes nos curitibanos. Nesse contexto, Cassirer (2002, p. 317) colabora com a compreensão ao afirmar que a “expressão do agir remonta ao interior da subjetividade, na medida em que este constitui a sua origem e a sua fonte”. Compreendemos que ninguém tem a mesma

² De acordo com Antunes (2019, p. 33), é tipo de canção, divididas em vocal e instrumental ligadas ao culto e à recreação voltada para a tradição gaúcha.

fonte, até o gêmeo mais idêntico concebe o mundo a partir da sua particularidade significativa. Dentro de uma mesma cultura há elementos universais, mas cada pessoa atribui um sentido particular, visto que o mundo conformativo lhe é próprio. Desta maneira, interpretamos que a representação de mundo da entrevistada destoa das amigas curitibanas.

Sobre a observação acerca do “dançar bem”, observamos que empreendeu para afirmar a sua condição cultural. Pois, tomou o CTG como uma referência no ensino da dança tradicionalista gaúcha. Logo, conforma que os gaúchos dançam bem, ao ponto de querer aprimorar o que sabe. Assim, entendemos que o ser gaúcha da entrevistada se especializou pela música, pelas emoções e pelos movimentos corporais. Porém, não é o simples fato de ouvir ou dançar uma música, envolve um sentimento e uma experiência conformativa no mundo. Desempenha as ações porque doa sentido, já que representa algo especial. Sobre essa manifestação do interior que acontece com as pessoas, Cassirer diz:

Tampouco a arte pode ser definida e compreendida como mera expressão do interior, como reprodução das figuras de uma realidade exterior, porque também nela o momento decisivo e característico reside na maneira pela qual através dela se fundem o “subjetivo” e o “objetivo”, o sentimento puro e a figura pura, adquirindo nesta fusão uma nova existência e um novo conteúdo (CASSIRER, 2001, p. 42).

No âmbito da arte, entendemos que a entrevistada não vive a “realidade imediata das coisas, mas em um mundo de formas sensuais puras. Neste mundo, todos os sentimentos sofrem uma espécie de transubstanciação no que tange à sua essência e ao seu caráter” (CASSIRER, 2001, p. 243). Portanto, dançar o “vaneirão” significa ser gaúcha. Como foi visto em Cassirer, podemos dizer que ela criou um novo conteúdo pela arte, que lhe é próprio, tendo em conta que designa o seu viver no mundo.

Naquele dia a comissão organizadora do evento comunicou que os ingressos haviam se esgotado. O espaço destinado a dança nas dependências do CTG 20 de Setembro ficou lotado. Os presentes precisaram intercalar as músicas para evitar a colisão no tabuado destinado ao baile.

Elis Regina correspondia ao estímulo da música mesmo estando sentada com o neto nos braços. Estava feliz, encantada com a festa, e parecia sentir-se independente. Não esperou o seu esposo pedir uma dança, dançou sozinha ou com a criança no colo. Observamos que foi uma entrega por parte da entrevistada, talvez

uma experiência intensa, como se tudo naquele espaço lhe complementasse de alguma maneira.

O Esposo de Elis Regina demonstrava estar feliz. Entretanto, durante determinado momento, sob determinadas circunstâncias, aparentava não sentir-se muito bem. Ficou ausente por um longo período. Ela, no entanto, não demonstrou muita preocupação com o comportamento do parceiro e agiu naturalmente. Era como se nada fosse capaz de tirar a sua alegria.

Sobre a família e o casamento destacou que sua admiração pela cultura gaúcha é algo muito antigo. Observamos que foi muito convicta ao fazer essa afirmação. Sorrindo, contou sobre o desejo de casar-se com um gaúcho. Notamos que o gaúcho neste contexto foi empreendido como gentílico de rio-grandense. Nas palavras da entrevistada foi dito o seguinte: “Gaúcho? Ah, eu sempre gostei. Tanto que quando eu era nova falava que queria casar com um gaúcho (risos). Dizia isso para minha mãe”.

Seu fascínio pelo gaúcho foi algo confirmado pelo casamento. Enfatizou que desde a sua juventude desejava casar-se com um gaúcho. Por intermédio da empresa que trabalhava foi convocada para prestar atendimento pedagógico na unidade de Vacaria e Rio Grande. Viu o deslocamento como uma oportunidade, sendo que, no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, conheceu o seu esposo com quem é casada há oito anos.

Ele vivia dentro de um bailão, lá na cidade do Rio Grande. Para você ver, fui longe buscar ele para casar comigo (risos). Tive sorte, meu sonho era conhecer o Rio Grande do Sul e a escola que eu trabalhava, me deu isso de presente. Eu dava atendimento pedagógico em Vacaria e Rio Grande, foi lá que eu o conheci. Estamos há oito anos juntos, gosto de ir para lá, o povo é alegre (ELIS REGINA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 24 DE JUNHO 2018).

Essa parte da narrativa foi muito divertida, a entrevistada sorriu ao contar. Sua paixão pela cultura gaúcha parece ter sido selada com o casamento, o qual agradece a empresa que trabalhava pela oportunidade de conhecer o homem com quem se casou. A noção de gentílico perpassou esse trecho da narrativa, pois poderia ter se casado com um curitibano gaúcho, mas, para ela, foi preciso buscar o ideal de gaúcho no Rio Grande do Sul. Desta maneira, o laço matrimonial significou, a legitimação do sentido gaúcho atribuído ao seu próprio mundo, confirmado pela sua exposição no início do capítulo, quando afirmou que ao se casar virou gaúcha.

Além disso, falou da alegria do povo gaúcho e do carinho sentido pela cunhada. Dando a entender que eram muito próximas, contou que costumam fazer

atividades juntas, como por exemplo, acampar. Assim, expôs uma passagem em um desses acampamentos, no qual precisou sair atrás de um animal peçonhento, sendo que, por essa ação, a cunhada lhe atribuiu o título de bravura. Disse que pelo seu desempenho na caçada, passou a ser admirada pela coragem e considerada uma gaúcha.

Outro ponto que nos chamou à atenção na narrativa foi a duração do tempo das festas na casa da entrevistada, ação que também conforma o seu ser curitibana gaúcha. Assim, destacou o seguinte:

Noto que as festas na minha casa duram mais tempo, minha amigas estranham. Curitibanos, se você convida para um aniversário que está marcado para as cinco da tarde, ele vai aparecer lá pelas 4:30 e 5:30 já foi embora. Agora sei que começa de manhã, o pessoal fica para o churrasco e vai ficando até a hora da festa, quando não querem janta. Eu gosto da casa cheia (ELIS REGINA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 24 DE JUNHO 2018).

Elis Regina fala dos costumes curitibanos para se afirmar como gaúcha. É como se precisasse justificar o que não dá sentido à sua vida para compreender o que tem sentido. Notamos que os sistemas simbólicos são a base da cultura, sendo esse mundo real fundado no enquadramento da ação (CASSIRER, 1999). De tal modo, a condição receptiva, festeira e social compõem o ser gaúcha da entrevistada. Ela ressaltou que, atualmente, sua rotina sofreu alterações pela influência do seu esposo. Contudo, enfatizou que isso lhe dá prazer, pois tem apreço pela “casa cheia”, já que cria uma atmosfera gaúcha. Entende que as festas duradouras e movimentação de pessoas no seu lar são sinônimos de alegria e, isso é ser gaúcha.

Sobre o CTG, a entrevistada o considerou como uma instituição provedora de sonhos, criadora de uma sociedade perfeita com valores morais exemplares para a sua filha. Por esse motivo deseja que sua filha seja inserida neste contexto o mais breve possível. É como se quisesse livrá-la de conformar-se como curitibana. Entende que o CTG pode aproximar a filha da cultura do pai, que agora é sua também. Portanto, considerou que a criação de sua filha dentro do CTG pode significar um benefício para a sua formação enquanto pessoa.

No entanto, compreendemos que as expressões no espaço tendem a romper com a homogeneidade, sendo possível que a filha de Elis Regina dê um sentido bem diferente para a cultura gaúcha, inclusive, distinto do esperado pela a sua mãe. Nas palavras de Elis: “Ah, queria tanto que minha filha fosse dançar na invernada, é

bom para as crianças, já vão criando gosto pela cultura. O pai dela é gaúcho, então, tem que gostar mesmo.” É necessário destacar que o ato de pensar é uma criação livre (CASSIRER, 1999; 2001). Por isso, entendemos que a menina pode atribuir outro sentido ao seu mundo. Mesmo assim, observamos que o ser gaúcha de Elis Regina é algo que lhe move na causa, a ponto de querer programar o sentido da vida de sua herdeira.

Notadamente a questão do gentílico perpassou o ser gaúcho da entrevistada. Deste modo, avaliamos que o CTG é uma aproximação com os aspectos do estado do Rio Grande do Sul. Assim, espacializou um modelo ideal de sociedade para inserir a sua filha. Para ela, o CTG é uma instituição capaz de moldar as pessoas em caráter e valores, os quais estima e julga como ideias.

Sobre a culinária, de acordo com a entrevistada, é um ponto que lhe torna gaúcha. Evidenciou que sua cunhada (rio-grandense) é uma boa cozinheira, estabelecendo um comparativo com si própria, visto que recebera elogios desta familiar em relação ao desempenho nessa prática. Desta forma, atribui-se gaúcha na experiência do bom desempenho da culinária, característica que relacionou como inerente ao povo gaúcho. Observamos a existência de certa concorrência e disputa com a sua cunhada no tocante ao preparo dos pratos: “tem que ver minha cunhada, só faz comida gostosa. Eu aprendi a cozinhar com ela, tem uns prato que faço melhor que ela, mas não posso falar, porque fica brava”. Destacamos que a competição é uma prática comum no tradicionalismo gaúcho.

O questão de ter aprendido receitas especiais com a irmã do seu esposo, proporcionou que ela espacializasse a culinária própria da cultura gaúcha. Através da gastronomia, o estado do Rio Grande do Sul, o qual entende como provedor de gaúchos, mostra-se presente na mesa da entrevistada e assim significa o seu mundo, também fundamentado na sua alimentação que é gaúcha. Até aqui, vimos que ser gaúcho é dançar, festejar, encher a casa, fazer bagunça e a gastronomia com culinária típica. Esse cotidiano explica a realidade de Elis Regina, pois, ao mesmo tempo, é expressão, representação e significação. Adicionalmente, a culinária mostrou uma carga emotiva atrelada ao passado, pois a entrevistada relatou saudade da pessoa que a ensinou cozinhar como arte, como competição e como sentido de mundo.

Sobre a culinária no trabalho, a entrevistada contou que é micro empresária e trabalha com lanche gaúcho:

Depois que casamos e eu sai da escola, engravidei e montamos um negócio lá no bairro, vou mostrar a foto para você. Vendemos Xis, igual aos dos gaúchos, o pessoal está gostando porque em Curitiba não tem assim. O nosso lanche é diferente destes de Curitiba, são gaúchos, pois tem de tudo, carne, ovo e molho. Aqui os lanches são secos, é diferente (ELIS REGINA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 24 DE JUNHO 2018).

O trecho retirado da narrativa apresenta um comparativo entre os lanches ofertados no estado do Paraná e os característicos do estado do Rio Grande do Sul. Destacamos, que os lanches existem em todos os lugares, e também não trata-se de culinária tradicional. No entanto, a entrevistada mencionou o “Xis” como uma espécie de “baurú gaúcho”. Desta maneira, percebemos que, até o lanche, que é um alimento popular do brasileiro, foi valorizado por ela ao ser atribuído aos gaúchos. Sua paixão e admiração torna tudo do gaúcho melhor. Necessariamente, pode não ser, mas como tem sentido e significado, assim é espacializado.

Observamos que ao falar do alimento produzido em sua lancheria, destacou qualidades como fartura e sabor, outro elemento atribuído a sua forma de ser no mundo como gaúcha. A gastronomia precisa partir do princípio que ser gaúcha é não privar-se dos prazeres gastronômicos e calóricos dos alimentos.

Sobre o estado do Rio Grande do Sul, podemos dizer que foi o lugar espacializado pela entrevistada como berço da referida cultura no cenário nacional. Interessante que não demonstrou interesse de mudar-se para o referido estado, mas expressou significativa admiração. Falou sobre os rio-grandenses como se fossem criaturas dotadas de habilidades especiais, as quais não se encontra, por exemplo, na população de Curitiba. Logo, desejou ser como essa parcela de pessoas que tanto a surpreendem.

O primeiro sistema da forma simbólica do mito é afetivo-emotivo, responsável pelo senso expressivo (CASSIRER, 1992). Portanto, compreendemos que a entrevistada não precisa teorizar sobre determinadas características dos gaúchos. Não interessa o histórico ou o percentual estatístico, por isso, compreendeu que o gaúcho tem essa representação. Ser gaúcha implica nas críticas e elogios direcionados ao modo de ser do seu esposo. Aquilo que deseja ou não incorporar na sua expressão de gaúcha no mundo.

Nesse sentido, a substância da forma do mito do gaúcho, criada pela Elis Regina, explicou, por exemplo, a sua atração pela bravura masculina, observada na exposição que fez com o seu neto: “pare menino, o que é isso, nem parece que é gaúcho, pare de chorar (disse ao neto)”. Ou seja, subentendemos que, na sua

compreensão, homens gaúchos não choram. Chorar para Elis Regina é sinônimo de fraqueza, sendo essa uma ideia oposta ao que pensa sobre o gaúcho.

Sob o ponto de vista da entrevistada, compreendemos que o gaúcho é algo quase perfeito e imprescindível no seu mundo. No que concerne ao relacionamento, diferente de outras mulheres que buscam parceiros pelas qualidades pessoais, para Elis Regina, bastava casar-se com um gaúcho rio-grandense para atender todos os critérios que dão sentido ao seu mundo. E, por isso, agradeceu a oportunidade de ter ido a trabalho para o Rio grande do Sul, ocasião na qual realizou o seu sonho de encontrar o seu companheiro gaúcho.

4.2 CASO DE JAYME

Eu pressinto que nasci no lugar errado, no tempo errado. Hoje eu faço uma busca na história daquele gaúcho ancestral, daquele homem simples do galpão, daquele homem do cheiro de fumaça. (JAYME, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 20 DE SETEMBRO DE 2018).

Jayme é um homem de quarenta e dois anos, é casado, pai de família, sério, de poucos sorrisos e um ar misterioso. Em relação ao gaúcho, parece conhecer muito sobre a história. Tivemos a impressão que falar sobre a cultura garantia uma certa satisfação ao entrevistado. Com a voz grave, conduziu a narrativa sempre no mesmo tom, num volume mediano. Durante algumas pausas que aconteceram ao decorrer da entrevista, Jayme externava uma expressão reflexiva. Quando retomava a fala, gesticulava para indicar os símbolos do CTG pertinentes a narrativa.

A entrevista foi surpreendente, pois não imaginávamos que aquele homem de aproximadamente um metro e noventa de altura, com expressão fechada, choraria ao se pronunciar sobre o ser gaúcho. Muitas espacialidades surgiram ao longo desta entrevista. Deste modo compreendemos que o ser gaúcho de Jayme perpassou as artes, a religião, o trabalho, o galpão e a simplicidade do homem do campo, a família, o Rio Grande do Sul e o CTG (Figura 25).

Jayme possui um cargo de destaque dentro da equipe do CTG 20 de Setembro. Tem poder de decisão, mas, para garantir o anonimato, não especificaremos. Ele contou que a adesão à instituição é recente, apenas dois anos e meio. Mas, a questão do ser gaúcho acompanha-o de longa data, “*desde gurizinho*” quando ouvia os clássicos da música tradicionalista de Gildo de Freitas, Teixeira e Adelar Bertussi.

Natural de Curitiba, onde residia até o dia da entrevista, atua profissionalmente como engenheiro de uma multinacional. No CTG, é prestigiado pelas palestras que ministra sobre a história dessa cultura. Suas exposições atraem muitos inscritos.

Jayme cedeu a entrevista nas dependências do museu de história gaúcha, localizado dentro do CTG 20 de Setembro. Ao tomar conhecimento sobre o questionamento norteador do estudo, o que é ser gaúcho, se mostrou interessado na temática da tese e colaborativo.

Durante a entrevista, trajava as vestes tradicionais do gaúcho, isto é, bombacha, cinto de couro, camisa branca, lenço no pescoço e botas de cano comprido. Usava óculos, barba e o cabelo curto. Parecia bastante confortável e seguro ao utilizar a indumentária descrita.

A narrativa contou com uma declamação poética, choro, emoção e a exposição de elementos do acervo do museu do gaúcho do CTG 20 de Setembro. Depois de encerrada, a esposa de Jayme disse que gostaria de colaborar fazendo algumas considerações. Dentro da perspectiva etnográfica a tratamos a fala como informação complementar, isto é, auxiliar na compreensão dos dados narrados pelo Jayme. A seguir, apresentamos as especialidades produzidas na conformação do ser curitibano gaúcho de Jayme, divididas nas categorias supracitadas.

FIGURA 25: AS CATEGORIAS DE JAYME



FONTE: Dutra (2020)

Sobre as artes, observamos que a questão foi abordada no primeiro momento da entrevista, quando solicitamos ao entrevistado um codinome para preservar a sua identidade na narrativa. Ele explicou que gostaria de realizar uma homenagem ao poeta rio-grandense Jayme Caetano Braun. Assim, destacou que conhece as obras poéticas do artista e se declarou como admirador. Afirmou que são fontes de inspiração para a sua vida, portanto, estão presentes na construção do seu ser curitibano gaúcho.

Sobre o poeta, esclareceu que é missioneiro, natural de São Gabriel e enfatizou sentir um encantamento pela essência das obras que falam do mundo expressivo dos homens do campo. Do poema favorito, destacou a fala do tio Anastácio e recitou o seguinte trecho:

Então, ele fala lá, que é entre a ponte e o Lageado na venda do Bonifácio. Conheci o tio Anastácio, negro, velho já tordilho, diz que muy quebro em potrilho, hoje pobre, despilchado, de tirador remendado, num petiço doradilho, quem visse tio em bolicho de campanha, oitavando num balcão, golpeando trago de canha. Tinha bem logo a impressão que aquele mulato sério, era o Rio Grande do Sul gaudério fugido da revolução. A tropilha dos invernos tinha lhe dado estafa. Aquela meia garrafa dentro do cano da bota, contava a história remota do negro velho tordilho que os anos tinham vencido sem diminuindo a derrota. Mulato criado gualhonos tempos da escravatura, aquela estranha figura, na vida passará tudo, ginetaço macanudo, já desde do primeiro berro saia trançando o ferro no potro mais cuiudo, carneavam a rés no upa com toda a arte e perícia, reservado, sem malícia, bem quisto da vizinhança, nego de toda a confiança, tinha cruzado as fronteiras da Argentina, do Uruguai, andaré no Paraguai. Como tantos "indos tacos" que foram vingados nos "chacos", a história da nossa gente. (JAYME, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 20 DE SETEMBRO DE 2018).

Compreendemos que o tio Anastácio é uma referência ao gaúcho pobre e simples, que tem em seu histórico alguns costumes e hábitos recorrentes dos indivíduos que lutaram nas revoluções sulistas. Na atual condição de aposentado, este personagem frequenta o bar, uma espécie de boteco, e entre um gole e outro de cachaça, conta histórias de batalhas e derrotas que viveu ao cruzar as fronteiras da Argentina Uruguai e Paraguai. Seus relatos destacam as suas habilidades para o trato animal e as práticas rurais. De tamanha simplicidade, não exhibe as façanhas pelo reconhecimento, deseja apenas conversar na beira do balcão do bar para passar o tempo. E das coisas que viveu, entendemos que as experiências narradas foram importantes e, assim, remetem para lembranças consideradas gloriosas.

O entrevistado destacou que o poema é especial e afirmou sentir-se tocado. Percebemos que a compreensão sobre a poesia lhe conferiu uma carga significativa

emocional. Assim, o tio Anastácio do entrevistado já lhe é próprio e difere do tio Anastácio do poeta. Isso se deve ao sentido significativo atribuído à poesia. Para o entrevistado, o gaúcho é um homem simples que possui muitos amigos e uma honra inabalável, sendo estas características que marcam o seu próprio ser gaúcho no mundo. Isso é possível, porque o conteúdo dado pela poesia passou “para um segundo plano em face do que ele realiza como mediador e do que ele “significa” (CASSIRER, 2001, p. 43). Portanto, o conteúdo poético transformou-se na e pela conformação do entrevistado, consideramos que, assim, espelhou a sua emoção espacializando-a.

Também foram citados outros personagens como o tio Esmerelim e o Hermano. No entanto, sem as poesias correspondentes, não conseguimos compreender a significação de Jayme acerca do conteúdo poético. O entrevistado não lutou na revolução, é um homem estudado e de vocabulário refinado. Todavia, tomou o universo do personagem do tio Anastácio para si, o que é possível pela compreensão de forma simbólica da arte, já que é uma forma de pensar o mundo (CASSIRER, 2001). Desta maneira, o mundo de Jayme perpassou a poética significando o seu próprio mundo. A poesia fez sentido para o entrevistado, reforçando a paixão pelo universo gaúcho que para ele é saudosista, simples e bravo.

Ainda sobre a arte, Jayme considerou que a dança atualmente é a maior força da expressão da cultura gaúcha. O baile e as competições colaboram no sentido de garantir a permanência dos associados e de conquistar novos adeptos para a instituição tradicionalista. Porém, destacou que a dança não é uma simples manifestação espontânea de movimentos ao acompanhar um ritmo musical, versa sobre a dança artística, ela tem uma história, elementos característicos e movimentos específicos.

Para Jayme, isso não pode ser esquecido. Dito de outra maneira, o entrevistado se referiu a universalidade das danças, as regras que regem e remontam um contexto histórico. Assim sendo, cada dançarino é livre no que toca às suas impressões de mundo. As coisas desse mundo são vivificadas pelo homem que as conforma e desperta pela própria palavra uma nova vida multiforme (CASSIRER, 1989). Portanto, compreendemos que cada dançarino tem um motivo que lhe faz dançar, o qual pode estar desconexo da história como destacou o entrevistado.

Jayme aferiu que as pessoas, assim como ele, se dirigem ao CTG para cultivar as tradições gaúchas. Considerou que estas devem ter em mente o culto ao “*homem rude lá do campo*”, que “*vivia de changa*” como Jayme Caetano Braun mostrou na poesia. Ponderamos que talvez, pelas conformações distintas de mundo, as pessoas podem não se encaixar nas exigências do movimento tradicionalista gaúcho, mas ao sentir-se gaúchas, há legitimidade, pois é um estado de espírito, ou seja, uma forma de ser no mundo que precisa ser compreendida.

A arte toma forma de acordo com a ideia do artista. É construída pelas lentes que avistam determinada realidade. Por esse motivo não devemos perguntar ao artista o que ele quis dizer ao propor a sua arte. O poeta Jayme Caetano Braun, produziu o gaúcho da sua poesia com a emoção própria. Já o entrevistado, espacializou o seu ser gaúcho inspirado na poesia. No entanto, entendemos que a emoção é diferente porque o sentido agora não é o mesmo do poeta, mas aquele da pessoa que apreciou. O recebimento desta obra deixou de ser algo vindo de fora para se converter em algo conformado de dentro, baseado no princípio de conformação livre (CASSIRER, 1989, p. 165).

Através da poesia o entrevistado produziu o seu próprio ser gaúcho que enfrenta o mundo de maneira própria e autônoma. Observamos que pela contemplação da poesia obteve impressões afetivas e emocionais acerca da cultura gaúcha. Essas percepções atribuíram sentido ao seu próprio mundo.

Ainda sobre a arte, destacamos o seu apreço pelos músicos Gildo de Freitas, Teixeirinha e Adelar Bertussi. Expôs que acompanha a obra destes artistas desde ‘gurizinho’, isto é, quando ainda era criança. O entrevistado declarou ter muita admiração pelos artistas mencionados. Em alguns momentos nos pareceu reforçar essa admiração ao fazer silêncio por alguns segundos e balançar a cabeça com sinal positivo. Para Cassirer (1989, p. 162) a música perpassa a forma simbólica da arte, assim passa a operar em duas perspectivas distintas. A primeira é a da oposição ao verdadeiro sentido da palavra; a segunda, a da linguagem que é o meio expressivo dos elementos simbólicos. Acreditamos que através das canções os artistas avivam muitas cenas do cotidiano gaúcho.

A linguagem perpassa o mundo das expressões, das representações e das significações. Assim, a música ouvida pelo Jayme contém um sentimento, uma emoção, uma forma de se relacionar com o mundo. Portanto, não podemos

considerar como algo recebido de fora para dentro. Ela é uma criação livre do espírito do entrevistado (CASSIRER, 1989, p. 165).

Sobre a religião, Jayme afirmou ser cristão de origem evangélica. Sua esposa disse que se afastaram da igreja em virtude do tradicionalismo, pois a tradição cultua o gaúcho, o que vai de encontro aos princípios religiosos. O aspecto apareceu na sua narrativa de maneira muito interessante, o tradicionalismo proporcionou uma experiência que foge do princípio de sua religião e merece ser destacado na íntegra:

Então eu faço uma viagem uma ou duas vezes por ano ao Rio Grande do Sul. Vou na região de São José dos Ausentes, ali, Bom Jesus, São Francisco de Paula. A gente faz uns passeios a cavalo, que eu vou na frente ou vou atrás. E eu saio de lá, para me despedir bem forte, intenso. Nessa região eu falo assim, que vou uma ou duas vezes por ano porque desde a primeira vez que fui, eu me identifiquei. Parece que eu já tinha passado lá antes, em algum momento. Então, cada vez que eu vou, eu revejo (Pausa para choro). É assim, uma coisa muito ruim, para mim é isso. Eu sou cristão, hoje eu digo assim, sou cristão de uma origem evangélica. Mas te digo bem a verdade, hoje eu não desacredito numa passagem anterior ou posterior no mundo, pelo o que eu já vi comigo mesmo. (JAYME, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 20 DE SETEMBRO DE 2018).

Observamos que Jayme se emocionou ao falar do exposto, por não se tratar de uma viagem com objetivo de lazer. O entrevistado vai para a localidade pelo significado, pois sente como se tivesse vivido lá em uma vida anterior, o que é completamente contraditório ao que é pregado pelos cristãos evangélicos. Demonstrou ser algo muito significativo para a sua pessoa, a ponto de faltar palavras para explicar o sentido e, nesse momento, acabou chorando. Para Cassirer (2004, p. 137), isso acontece porque o objeto que “apreende e preenche a consciência mítica aparece como algo que pertence só a si mesmo, como algo incomparável e próprio”. Ele não está “preso ao esquematismo de uma regra, de uma lei necessária”. Consideramos que a ideia do teórico viabilizou compreender a manifestação do entrevistado. De fato, não existem regras para a conformação de mundo, assim para ele a consciência mítica sobre o gaúcho perpassou a forma simbólica da religião o que lhe deixou um pouco confuso.

Sobre o trabalho, Jayme é engenheiro de uma multinacional. Nos representou ser um homem instruído e dono de habilidades e competências técnicas. Aparentemente estável e satisfeito, não demonstrava nada de errado, mas o sentido atribuído a sua vida pareceu estar em desacordo com a sua experiência diária. Nesse sentido, comentou que o pessoal do seu trabalho acha estranho a sua interpretação acerca da vida:

[...] o povo estranha de vez em quando. Assim, porque a gente faz alguns processos de entrevistas e eles pedem ao médio e longo prazo. Qual é a tua visão para médio prazo? Médio prazo hoje é a manutenção do meu cargo na empresa. Qual é a tua visão para longo prazo? Eu quero ir embora para um canto do mundo, criar uns carneiros, viver tranquilo. Ah, quer se isolar da sociedade? Não, quero ir viver a vida, tem muita gente arrastando o guilhão do patrão. Eu quero ir viver a vida, quero ir viver gaúcho, em um fundão de grota, nem que seja. (JAYME, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 20 DE SETEMBRO DE 2018).

Observamos que o ser gaúcho de Jayme almeja a liberdade de viver sem patrão, algo mostrado no levantamento da história do gaúcho. Percebemos que a tranquilidade e a paz que o entrevistado procura está na vida do campo, esse é o sentido do seu ser gaúcho. Para Jayme é um resgate do que a história disse sobre o gaúcho, e hoje faz sentido para ele. Nesse contexto, Cassirer, ao explicar a santidade do ser mítico propôs uma consideração que se encaixa perfeitamente ao caso do culto ao passado praticado pelo Jayme:

Uma vez que um determinado conteúdo é deslocado para um tempo distante, repellido para as profundezas do passado, somente então ele não apenas é *posto* como sagrado, como mítica e religiosamente *significativo*, mas é também justificado como tal (CASSIRER, 2004, p. 187-188).

Assim, interpretamos que para Jayme o passado histórico do gaúcho é perfeito, não precisa retoques, sendo aquilo que deseja viver. Logo, isso é significativo no seu ser curitibano gaúcho.

Sobre o galpão e a simplicidade do gaúcho destacamos o seguinte trecho da narrativa:

[...] gaúcho ancestral, daquele homem simples do galpão, daquele homem simples do galpão, daquele homem, do cheiro de fumaça. Enfim, daquele gaúcho que está ali na roda de mate, está passando um estranho na estrada, ele convida para dentro do galpão para tomar um mate, da vivência de não saber o nome nem de quem se passa, se torna um grande amigo (JAYME, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 20 DE SETEMBRO DE 2018).

Para Jayme, o gaúcho ancestral é aquele indivíduo que residia no galpão, numa casa simples, sem luxo, marcada pelo cheiro de fumaça resultante das práticas como fogo de chão ou fogão à lenha. Um ambiente hospitaleiro, no qual a amizade é selada com um mate, bebida tradicionalmente chamada de chimarrão, feita com a folha de erva mate e ingerida quente. Compreendemos que os detalhes da apresentação de Jayme o colocam dentro desta cena, pois esse é o domínio do seu sentido. Concluímos essa afirmação com base na teoria de Cassirer:

O fenômeno que propriamente aqui deve ser entendido não é o conteúdo da representação mítica como tal, mas a significação que esse conteúdo possui para a consciência humana e o poder que exerce sobre ela. Não constitui problema o conteúdo material da mitologia, mas a intensidade com a qual ele

é vivido, com a qual se crê nele (tal como se crê apenas em algo objetivamente existente e efetivo) (CASSIRER, 2004, p. 20).

Portanto, o sentido do mundo de Jayme repousa nesses detalhes significativos, o valor da simplicidade e do laço de amizade, é nisso que o entrevistado acredita. De tal modo, dentro dessa condição, entende que há felicidade e realização. Estas questões são muito valiosas, tanto que Jayme discorreu:

Quando como te falei, quando cheguei aqui há dois anos e meio, tinha muito concreto, como ainda tem até hoje, muito cimento, muito ferro armado. E aí até falei para minha esposa, um dia a gente podia transformar isso com a cara de um galpão de verdade. Existia um galpão ali em cima e toda uma história. E aos poucos a gente está amadeirando o negócio. Estamos trazendo o cheiro de galpão, trazendo o jeitão de gaúcho, mas daquele gaúcho simples, daquele homem simples, daquele homem solito lá do campo, que chega tarde para repassar a lida do dia, vai refazer as contas dele tomando mate na beira de um fogo de chão, tocando um violão, uma gaita. É desse gaúcho que eu falo. (JAYME, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 20 DE SETEMBRO DE 2018).

Jayme esforça-se para transformar o CTG num galpão e está empreendendo o seu trabalho e dinheiro na instituição. Ele falou que sente necessidade do madeiramento. Entendemos que isso aproximá-lo-ia do conteúdo mítico conformado por si próprio. Por esse motivo dedica-se à ação considerando a sua significação de gaúcho simples do galpão. O cimento desloca-o do ideal conformado e, nesse sentido, tenta modificar a estrutura para plasmar a atmosfera mítica atribuidora de sentido aos elementos apresentados. Observamos que não são apenas materialidades, mas, sim, o próprio ser gaúcho de Jayme, já que cada elemento tem uma representação espacial no mundo do entrevistado.

Sobre a Família, ele brincou ao dizer que o seu pai vive no Rio Grande da região metropolitana de Curitiba para se referir ao município da Fazenda Rio Grande. Fez isso porque há uma semelhança nominal estabelecida entre o local de residência do seu pai e o estado do Rio Grande do Sul. Portanto, Jayme empreendeu a palavra pela palavra, não refletindo sobre a semelhança física entre os locais, mas sobre a experiência fonética, isto é, a semelhança na composição das palavras.

Sobre o avô paterno, contou que teria vindo do Rio Grande com o movimento tropeiro e se estabelecido em Castro. Assim, destacou que a condição geomorfológica de planície do local faz com que se assemelhe ao Rio Grande do Sul. Na parte norte do referido estado encontra-se a chamada serra gaúcha que é,

na verdade, a borda do planalto meridional. Diante deste conhecimento, podemos avaliar que o Rio Grande de Jayme é aquele da campanha, no qual estão as grandes áreas de planície e pastagens. Já a paisagem através da fala do entrevistado, tem um elo emocional à medida que a conforma.

Ainda sobre a família, enfatizou a união. Na narrativa de Jayme, a sua esposa mostrou-se muito presente em todos os seus projetos envolvendo a cultura gaúcha. Contou que ela é a sua maior apoiadora em ações como amadeirar o CTG, viajar ao Rio Grande do Sul e em todas as atividades da comunidade tradicionalista.

Sobre o Rio Grande do Sul, Jayme iniciou a entrevista considerando que nasceu em um *lugar e tempo errado*. A referida afirmação nos conduziu para uma questão íntima do entrevistado, a saber, a do desejo.

O homem não aceita simplesmente o mundo, a realidade das coisas, mas, no desejo, ele constrói para si mesmo. O que se manifesta no desejo é a primeira e mais primitiva consciência da capacidade de *configuração do ser*. E na medida em que essa consciência penetra tanto na intuição “interna” como na “externa”, todo ser aparece, então, inteiramente submetido a ela (CASSIRER, 2004, p. 269)

Observamos que o desejo não é uma fuga da realidade do mundo dos fatos, mas a significação do mesmo. Por exemplo, ao pressentir ter nascido em lugar e tempo errado, Jayme considerou não ter alcançado o seu verdadeiro eu, essa compreensão o condenou ao sofrimento, uma vez que o desejado lhe parece estranho e distante. O lugar referido, diz respeito ao estado do Rio Grande do Sul e, o tempo, associado ao período do gaúcho valoroso.

De acordo com o exposto, compreendemos que embora Jayme não tenha nascido no tempo e espaço desejado, a sua vida é significada como se vivesse no momento pretendido. Ele acredita nisso, que é algo intenso e emotivo. Nas suas palavras, “são coisas lhe arrepiam o pelo”, expressão comumente explorada pelos tradicionalistas para retratar um estado emocional, aquilo que arrepia os pelos da pele. Ao mesmo tempo, para o entrevistado a noção de gaúcho é própria do nascido no Rio Grande. E logo negou, caindo em contradição na seguinte passagem da sua fala:

E mais, assim, eu conheci o Rio Grande do Sul fazem uns cinco anos. Mas te digo, bem a verdade, não me sinto menos gaúcho por isso. Sou tão gaúcho, sinto essa efervescência, acredito assim, até pelo conhecimento que tenho por algumas pessoas que nasceram no sagrado solo do Rio Grande do Sul, que por alguns motivos sociais e pessoais não cultivam a tradição. (JAYME, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 20 DE SETEMBRO DE 2018).

O entrevistado afirmou ser gaúcho pautado na ideia de efervescência cultural, entendida como a vibração da cultura. Acredita ser isto o fator de sua promoção e difusão. Dito de outra maneira, é a paixão pela causa. Entendemos que essas questões regem a sua vida, independentemente de possuir a origem que julga como legítima. Embora as pessoas vivam numa mesma cultura, essas tendem a agir individualmente. Assim, o solo sagrado conformado pelo Jayme pode representar para os demais, apenas o suporte de suas ações, sem essa carga emocional. Para Cassirer (2001, p. 142), “uma nação também é uma forma espiritual da humanidade, caracterizada por determinada língua e individualizada em relação à totalidade ideal.” Por isso, as pessoas tendem a reagir de maneiras distintas. Algumas vão entender o solo como sagrado, mas não é regra, já que possuem liberdade para se posicionarem de maneiras diversas dentro de uma ação. Sobre as viagens que realizou ao estado contou:

E vou lá e vejo aqueles muros de pedra e fico pensando, quantas mãos esfoladas para construir tudo aquilo, né. E eu me entristeci muito em São Francisco de Paula, porque eu vi uma plantação de pinos invadindo os muros de pedra. Quilômetros de extensão de taipa de pedra, né. Em São José dos Ausentes mesmo tem os mangueirões de pedra, que foram os índios Tapes que subiram com os jesuítas para reunir o gado alçado em Vacaria, na região da Vacaria dos Pinhais. Fizeram aqueles enormes mangueirões de pedra, aquilo é coisa muito linda. Então, eu vou para lá, eu mergulho na história, eu entro naquilo ali, assim. Até em janeiro, a gente levou um menino, aqui de um casal de amigos nosso, que a gente chama de compadre, ele considera e a gente considera como se fosse um sobrinho. A gente levou ele junto para São José dos Ausente e num fim de tarde ele me falou: “é tio, agora eu entendo da onde que vem a inspiração das músicas”. Então, é por isso que eu falo assim do meu sentimento por tudo isso. Então eles já aprenderam lá, eles me conhecem, eles sabem que na hora de sair eu jogo as minhas malas no carro, dou um tchau de longe, bato a partida, vou embora porque se não, não venho. E um dia flagrei minha mulher falando com meu pai, né, ela falou assim: “é o senhor uma hora dessas, o senhor quando ele for tem que se despedir bem, porque vai chegar um dia que ele vai ir e não vai vir mais, vai ter que ir lá ver ele”. Então, ela sabe que um dia isso vai acontecer, então eu já dou tchau para eles lá, ela fala assim, que eu venho igual criança, eu venho beijado de lá para cá, demoro me acostumar. (JAYME, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 20 DE SETEMBRO DE 2018).

Quando Jayme falou dos muros de pedras, além de apreciar a grandiosidade da obra, o entrevistado mencionou adentrar a história e sentir-se parte daquele processo. Além disso, relacionou as letras das músicas que costuma ouvir com aquela paisagem e aqueles elementos. Foi muito direto no que se refere as emoções sentidas. Assim, percebemos que o seu ser gaúcho contempla esses elementos e a localização visitada é este espaço que o torna pleno, sendo todas as

coisas ali presentes como mágicas. Resumidamente, é o que Cassirer (2004, p. 269), definiu como a “[...] visão do mundo mágico, completamente saturada pela atmosfera do agir, e que não é senão uma tradução e transposição do mundo das paixões e pulsões subjetivas para uma existência sensível-objetiva”.

Sobre o CTG, o entrevistado ressalva que a instituição é um templo do culto à cultura gaúcha e, até mesmo, uma extensão de sua casa. Reparamos que faz reformas para ficar de acordo com o que imagina ideal para o gaúcho. É o ambiente da festa, da vivência tradicionalista, de aprendizado, mas tudo voltado para o passado, para aquele gaúcho que significa o seu ser, da simplicidade e do respeito, pois esse é o gaúcho de Jayme.

4.3 CASO DE SHANA

Para te dar uma resposta de coração que represente o meu sentir, para mim ser gaúcho é ser inteira, é me sentir inteira, é a vivência do CTG, no meio tradicionalista (SHANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 5 DE JUNHO DE 2019)

Shana, uma mulher de 42 anos, é casada e mãe de duas meninas. A meiguice e o sorriso tímido foram características marcantes dessa entrevistada. Profissionalmente, atua como bibliotecária no regime de servidora pública. Para ela, a cultura gaúcha faz com que se sinta inteira dentro e fora do CTG.

Seu relato foi marcado pela fala emotiva e muito sensível. Ela apresentou aspectos muito particulares e intensos, como, por exemplo, o preconceito sofrido pelo biótipo acima do peso, algo marcante na narrativa. Também enfatizou o papel da mulher na sociedade tradicionalista e as problemáticas da convivência nesse meio.

Curitibana, contou que quando solteira morava com a sua família numa habitação simples ao lado de uma chácara muito grande. Disse que sua família não tinha posses, seu pai foi lavrador nessa chácara. Assim, durante a entrevista recordou das colheitas afirmando ter crescido no meio do mato verde. Shana considerou ter vivido algumas características do gaúcho nesse espaço e tempo da sua vida.

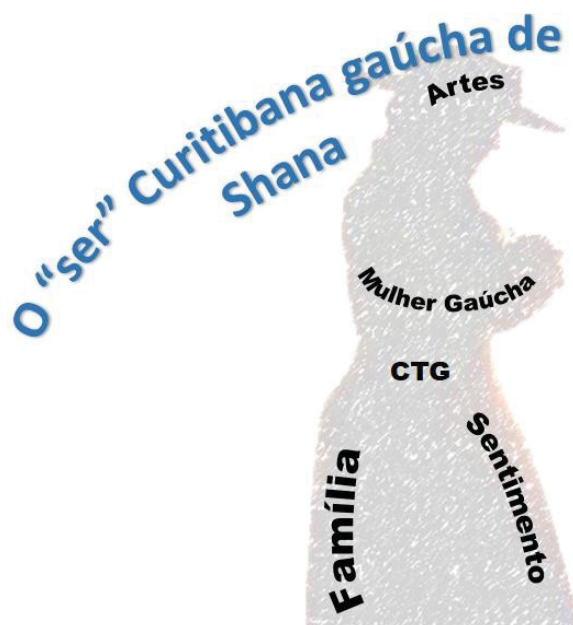
Ela cedeu a narrativa no intervalo de seu trabalho, em seu escritório. Não vamos detalhar o local para preservar a identidade da entrevistada. Ela, após tomar

conhecimento sobre a questão norteadora, o que é ser gaúcha, pareceu empolgada e bastante emocionada. Respondeu a indagação de modo muito particular e, como afirmou, a sua resposta foi de coração.

Contou experiências de vida, falou sobre os seus sentimentos, de sua família e o seu papel como mulher no CTG. Como estava no trabalho, vestia trajes usuais composto por calça, blusa e casaco. Mas afirmou que não teria problemas e não se sentiria incomodada caso fosse vestida de prenda. Em outra oportunidade, numa das palestras oferecidas pelo CTG 20 de Setembro, observamos Shana impecavelmente à moda gaúcha, com vestido rodado em tons de bege e detalhes em um tecido florido com flores na cor predominantemente vermelha.

As espacialidades produzidas na conformação de ser gaúcha de Shana contempla as artes (dança, poesia e artesanato), a família, o CTG, a mulher gaúcha e o sentimento.

FIGURA 26: AS CATEGORIAS DE SHANA



Fonte: Dutra (2020)

Sobre as artes (dança, poesia e artesanato) a entrevistada disse o seguinte:

Eu tenho espaço para dançar, para ser dançarina mesmo estando com sobrepeso. Não tenho o biótipo que, normalmente, nossa sociedade enxerga como alguém dançarina de um grupo. Eu tive espaço para me desenvolver, eu me sinto dançarina, eu tive espaço para conhecer mais sobre poesia que eu sempre amei (SHANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 5 DE JUNHO DE 2019).

A dança foi citada pelos outros entrevistados como fonte mantenedora da tradição e do próprio CTG. Isso se deve às práticas competitivas que mantém os jovens vinculados a instituição tradicionalista, os quais sentem-se motivados pela conquista de títulos. Shana, parece pouco se importar com o espetáculo em si ou com a premiação. Para ela, dançar implica em completude, já que dentro da cultura consegue ser várias coisas ao mesmo tempo. Considerou o seguinte: “Hoje eu me entendo como gaúcha e sendo gaúcha eu consigo me enxergar inteira, como mãe, como esposa, como uma mulher” (SHANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 5 DE JUNHO DE 2019).

O CTG é um ambiente familiar, então, no mesmo local, a entrevistada pode estar com as suas filhas e acompanhá-las naquele espaço de integração social. Além disso, pode estar junto com o seu esposo, que é membro da equipe do CTG, e executar as atividades de satisfação pessoal que lhe realizam como mulher. Com a realização de todas essas práticas disse sentir-se inteira.

Além disso, contou que aulas de dança tiveram papel importante na melhora do seu casamento. Relatou que os professores trabalham a postura e orientam seus alunos a se olharem dentro dos olhos. Esse exercício mudou a vida do casal que reaprendeu a se olhar e admirar-se como faziam no início da relação. Essa declaração é curiosa, pois entendemos que o CTG estaria cumprindo o papel proposto de zelar pela família. A ação de orientar os olhos nos olhos significou uma redescoberta segunda a entrevistada.

Para Shana, ser gaúcha é sentir-se uma gaúcha bailarina, algo positivo, visto que recuperou a sua autoestima, repercutindo em diversos aspectos da sua vida. A dança garantiu segurança à entrevistada. Considerou que antes de ingressar nas aulas, não sentia-se segura devido às questões estéticas e destacou não ser aceita pela sociedade. Mas, o ser gaúcha de Shana foi muito além da dança. Através das artes tradicionalistas ampliou o seu conhecimento sobre poesia, algo que gosta muito. Afirmou que sensibilidade desta arte lhe toca a alma. Ela, falou bastante sobre a primeira poesia que declamou publicamente, com o título de “alma inteira”. Nessa ocasião, avaliou que, especialmente a referida poesia, diz muito sobre o seu ser gaúcha. Ainda sobre a poesia destacou:

Foi difícil encontrar algo que eu me dedicasse e acho que a poesia acaba retratando a vida muito mais masculina. E essa, por outro lado, tinha eu. Consegui me enxergar naquilo e o título dela, de alma inteira, do Carlos. Significativo porque foi uma experiência de vida se colocar numa posição de

avaliação. Enfim, teve muito significado para mim (SHANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 5 DE JUNHO DE 2019).

Shana criticou a falta de representatividade da figura feminina nas poesias gaúchas, sendo a poesia destacada, uma verdadeira exceção. Observamos que essa foi muito significativa para a entrevistada, tendo em conta que vivifica o seu sentimento atribuído à cultura gaúcha. Para ela, “ser gaúcha é sentir a alma inteira”. Pediu desculpa pelo desabafo. Mas, disse que ser gaúcha foi algo que lhe completou, isto é, uniu as suas versões, já que essa condição possibilita ser tudo ao mesmo tempo.

Assim, deu o exemplo da parte artística, na qual diz ser completa ao dançar, declamar poesias e fazer artesanatos. Simultaneamente ao apresentado, afirmou que consegue ser esposa, mulher e profissional, já que cuida de um departamento da instituição tradicionalista. Relatou que é valorizada e respeitada pelas coisas que realiza como gaúcha.

Sobre a família, Shana destacou que o sentimento de completude não é exclusivo às artes, se desenvolvendo igualmente no contexto familiar. Como gaúcha, é inteira, no sentido de ser mãe, esposa e mulher. Considerou que antes de se entender de tal maneira, as suas ações ficavam limitadas a determinados espaço. No CTG consegue ser tudo ao mesmo tempo, já que o seu esposo e as filhas integram aquele universo que é trabalho, aprendizado, cultura, família e fonte de lazer.

Destacou que os seus familiares são simples. Por esse fato tinha restrição para falar sobre determinados assuntos. Contou que agia de tal forma para não magoá-los, evitando que a julgassem como esnobe. Desta maneira, expôs que *“lá no meio familiar eu poderia ser mãe, ser filha e falar de coisas do cotidiano, de uma rotina familiar, mas a parte profissional ficava de lado, no ambiente profissional.”* Sentia-se como se tivesse anulando o seu ser.

Compreendemos que a condição simples demarcada como característica da família de Shana surge no contexto para demonstrar uma aproximação com o mundo do gaúcho. Filha de lavrador, morou com sua família em uma chácara, viveu sem luxo, participando das colheitas e no meio do *“mato verde”*. Por outro lado, alguns aspectos bem característicos da cultura gaúcha, como o cavalo, não foram contemplados. Sobre este fato disse: “para você ter ideia eu nunca andei a cavalo,

nesse lado eu não tive experiência e muito do que eu conheço da cultura gaúcha é por meio dos livros”.

Shana tem muita vontade de estudar e está aberta para novos conhecimentos. O seu esposo, que é rio-grandense, tem apoiado as sua causa e objetivos. Ele integra a patronagem do CTG e, pelo cargo exercido, parece estar sempre envolvido com a instituição. A entrevistada possui um amplo acervo de livros sobre a cultura gaúcha e os considera como uma relíquia. Com esse material, se prepara para os concursos de prendas.

Em relação ao casamento, Shana comentou ter sido algo muito curioso. Sobre o fato, relatou acreditar no poder mágico das coisas. Contou detalhes muito específicos responsáveis pela transformação da sua vida. Segue a situação envolvendo o casamento com trajes gaúchos:

Eu tinha que achar um vestido, só que eu não consegui achar o vestido. Mesmo assim, reservamos tudo, fui na loja, aluguei o vestido, faltavam dois meses para o casamento. Era final de ano, estava com a família, a gente assistiu um DVD gauchesco, de música gaúcha, acho que era Natal e apareceu no meio da apresentação um casal gaúcho pilchado dançando. Olhando para o DVD falei, o meu marido tava na sala também, meu sonho é ter um vestido de prenda, aí a minha mãe falou, ué, você não tá com dificuldade de usar vestido de noiva, por que você não casa com vestido de prenda. Na hora assim, o meu marido se esticou e o olho dele brilhou. Suspirou e, no dia seguinte, ele veio já com a bombacha comprada, bota comprada, me levou na loja ali na Ford e chegou feliz em casa e falou, amor eu já comprei a bota, já comprei a guaiaca e o chapéu, minto, a bombacha não. Eles encomendam o vestido, só que isso era na primeira semana de janeiro e a gente iria casar no início de fevereiro. Aí vamos lá, a moça me trouxe uma revistinha, desse tamanho, parecia catálogo da Avon com as fotos dos vestidos e ela falou, olha, eu sinto muito, não tem, mas a gente encomenda. E eu escolhi o meu vestido do casamento pelo catálogo, o vestido chegou 3 dias antes do casamento, serviu direitinho e eu me casei com vestido de prenda. Isso foi em 2007, nós começamos a frequentar o CTG em 2010. Então, eu não era do CTG e eu já me casei vestida de gaúcha, eu topei, eu toda certinha, toda do planejamento, eu me arrisquei do vestido não servir, tudo, e eu não sou gaúcha, quem é gaúcho é ele. Ele fez uma forcinha nisso, mas eu me sujeitar a essa situação de risco do jeito que eu sou, como bibliotecária, a que gosta de planejar. Foi assim, sim, uma surpresa. A família toda não sabia que a gente ia casar desse jeito, na hora que abriu a porta de salão e nós dois entramos dançando. A gente só contou para o juiz de paz, para ele não achar que a gente tava brincando e que era uma situação séria, se casar assim. Para mim foi uma realização pessoal, para eu ter meu vestido de prenda, mesmo antes de fazer parte. É algo que é maior, não é simplesmente pela convivência de amigos do CTG (SHANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 5 DE JUNHO DE 2019).

Observamos que casamento foi a realização de um sonho do casal. Shana impressionou o esposo ao se casar de prenda. Disse que nada foi planejado, situação incomum para uma pessoa que gosta de preparar as coisas com

antecedência. Sua profissão exige senso de organização, mas no casamento isso foi deixado de lado.

Para ela foi um absurdo apostar na incerteza, considerando a importância do casamento. Mas, o desejo de entrar de prenda foi maior que qualquer coisa. O interessante da história é que o ser gaúcha de Shana transcendeu a instituição do CTG. Ela destacou, que antes de associar-se, já havia um sentimento formado, sobre cultura, “algo maior” sobre o gaúcho.

Sobre o CTG, considerou como um lugar de acolhimento e valorização. A entrevistada expõe que a inserção nesse ambiente foi muito importante para a retomada da autoconfiança do casal. Quando resolveram participar da instituição estavam vivendo um momento de crise financeira. Esse episódio resultou no desprezo e preconceito de conhecidos.

Nesse sentido, ela elogiou o CTG, uma vez que nunca receberam tratamento diferenciado ao estarem passando pelo momento delicado. A postura dos membros fortaleceu o casal, o qual se recuperou da fragilidade e nunca mais deixou de frequentar o centro de tradições.

Já estou desde 2010 convivendo e, vivendo mais intensamente, a partir de 2012, quando a minha filha mais velha começou a dançar na invernada artística. Foi quando a gente acabou se inteirando mais e vivendo mais dentro de CTG. Antes eu só participava de bailes e eventos. Depois disso a gente passou a frequentar os ensaios e entender o funcionamento interno do CTG. Conhecer e a partir do momento que elas resolveram participar do concurso cultural, aí sim. Em 2014 nos obrigamos a conhecer mais o tradicionalismo, mesmo, mas desde o primeiro contato já me sentia bem e me senti à vontade (SHANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 5 DE JUNHO DE 2019).

A entrevistada se mostrou ciente dos problemas da comunidade tradicionalista. Afirmou que, assim como em outros lugares, no CTG também existem pessoas do bem e do mal, sendo recorrentes, conflitos e desencontros de ideias. Além disso, também disse haver problemas ocasionados pelas discordâncias entre os administradores. Deste modo, asseverou que tudo isso gera desilusão. Mesmo havendo desafetos, Shana pondera:

Hoje eu tenho essa consciência e, mesmo com os problemas, é o ambiente que eu quero estar, é o ambiente que vale a pena ir, e me preenche. Eu passaria a vida inteira lá dentro. Eu me senti acolhida e valorizada (SHANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 5 DE JUNHO DE 2019).

Na passagem extraída da narrativa observamos que a entrevistada frisou as vantagens, como o ambiente acolhedor e a valorização. Compreendeu que mesmo

com desavenças há um preenchimento, uma completude, que deu sentido a sua vida. Para ela, uma pessoa só pode dizer-se completa ao justificar as suas ações, como na religião, que só existe verdade se houver fé. Na cultura, a verdade está no preenchimento, no sentimento do ser.

Sobre a mulher gaúcha e seu papel na sociedade tradicionalista, foi mencionada muitas vezes a narrativa de Shana. Inclusive, levantou algumas críticas chamando atenção para a representatividade feminina em espaços masculinos. Considerou haver uma passividade feminina na poesia tradicionalista, situação que lhe entristece, pois as mulheres desempenham muitas funções dentro dos CTGs, mas não recebem a devida representação.

Sobre a sua conformação, enquanto gaúcha, esclareceu que antes de significar-se como gaúcha sentia-se fragmentada, uma mulher pouco reconhecida. Em sua família não podia mostrar o lado profissional, não interessava para os familiares e tinha medo de ser mal interpretada. Então, era uma coisa de cada vez, não tinha espaço para se desenvolver plenamente.

Eu sentia falta de ter esse outro tipo de relacionamento, e no CTG eu tenho. As pessoas com quem me relaciono por fora falam sobre todos esses assuntos, é o momento, é a sensação. Assim como eu já te disse, eu sou Curitibana de nascença, mas a minha alma é gaúcha (SHANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 5 DE JUNHO DE 2019).

A condição de mulher gaúcha agregou na vida de Shana, que passou a ter múltiplos papéis e ao mesmo tempo não deixou de fazer o que lhe dá prazer. As suas limitações foram superadas. Entendemos que o ser gaúcha da entrevistada contempla uma mulher forte, que tem espaço na sociedade e é respeitada. Ao alcançar esse entendimento conseguiu fazer coisas que antes não cogitava. Sua autoestima também foi recuperada, adquiriu segurança, desenvoltura, liberdade e reconhecimento pessoal. Esse posicionamento a tornou uma pessoa realizada, sendo essa a sua noção de gaúcha.

Sobre o sentimento de ser gaúcha a entrevistada comunicou o seguinte:

Sou Curitibana de nascença, mas a minha alma é gaúcha. Eu sinto como se fosse desde sempre, e esse sempre, eu não sei desde quando. Se é dessa vida ou se é de outra, é algo muito forte, não tenho nem como explicar direito, é uma sensação, não é sensação. Enfim, é isso, me sentir inteira não tem explicação. Ser gaúcha, é me sentir inteira. Para tentar explicar melhor, a sensação que eu tive é de conexão mesmo, é muito semelhante a sensação de quando você sente uma saudade forte e você se reencontra com aquilo, é a sensação de reencontro, só que de algo que eu nem lembrava que eu sentia falta. Sabe, eu não me dava conta disso, se era possível. Até eu conhecer então, quando eu conheci, me vi naquilo, eu

pensei, como eu pude ficar longe disso? Ai, que saudade que eu tinha disso sem nunca ter vivido, como isso? (SHANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 5 DE JUNHO 2019).

Compreendemos que exposição mostrada é poética e reflexiva. Portanto, ser gaúcha é um sentimento que não sabe definir exatamente pelas palavras. Sua explicação transcendeu a questão da vida. Quando disse “sai dessa vida”, interpretamos que ser gaúcha é algo sempre existiu para ela, mas não percebia. Quando tomou consciência acerca desse sentimento, sentiu-se inteira e conectada com o mundo que significou.

4.4 CASO DE JULIANA

Me considero muito mais gaúcha que paranaense e isso é o motivo de orgulho, de ter no nosso Brasil um lugar com tanta cultura, com tanta riqueza e com tanta preservação de valores (JULIANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 15 DE JUNHO DE 2019).

Juliana é uma jovem de dezoito anos cheia de vida, sorriso largo, de muitos amigos e dona de uma presença marcante. Falou com desenvoltura acerca do ser gaúcha. Parecia ser uma de suas temáticas favoritas de conversação. Articulou a sua narrativa com muita segurança e demonstrou vontade de passar os conhecimentos que possui em relação à cultura que representa. Falou durante alguns minutos fazendo breves pausas para respirar.

Tenho 18 anos e sou estudante do ensino médio. Atualmente trabalho como estagiária na área administrativa. E ser gaúcho é uma coisa muito complicada de se explicar, é um sentimento muito complexo, uma coisa que só quem sente entende. (JULIANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 15 DE JUNHO DE 2019).

Seu relato apresentou uma forte carga emotiva, assim como os outros entrevistados nessa tese. O sentimento saudosista foi recorrente, observado durante a apresentação das características do mito do gaúcho valoroso e ao destacar elementos específicos do estado do Rio Grande do Sul. A entrevistada foi contraditória no que toca à questão do gaúcho como gentílico atribuído aos rio-grandenses. E pela narrativa, identificamos as seguintes espacialidades na construção do seu ser curitibana gaúcha: Rio Grande do Sul, CTG e a família.

Natural de Curitiba, onde residia até o momento da entrevista, atua na função de estagiária administrativa e é estudante do nível médio. No CTG 20 de Setembro, destaca-se como uma liderança juvenil, posição reforçada pelo título recebido como

premiação do concurso de prenda. Desta maneira, é um exemplo para os demais jovens do grupo, tendo deveres e obrigações.

Juliana concedeu a narrativa nas dependências do museu de história gaúcha, localizado dentro do CTG 20 de Setembro. No momento da entrevista, após tomar conhecimento sobre a questão norteadora, a saber, o que é ser gaúcha, mostrou-se disposta e animada. Respondeu a indagação como se tivesse em uma apresentação dos campeonatos tradicionalistas que costuma participar. Contou acerca do sentimento que envolve a cultura, sobre a relação com a sua família e o orgulho de integrar o CTG 20 de Setembro.

No dia da entrevista, Juliana trajava roupas típicas da mulher gaúcha, também chamada de prenda. Um vestido longo bordô, fechado na altura do pescoço, cobrindo os pés e os braços. A saia era um pouco rodada, apresentava uma espécie de armação e haviam detalhes em renda branca. O cabelo estava arrumado com um coque alto, o qual foi enfeitado por flores. A maquiagem bem suave, destacando a beleza natural.

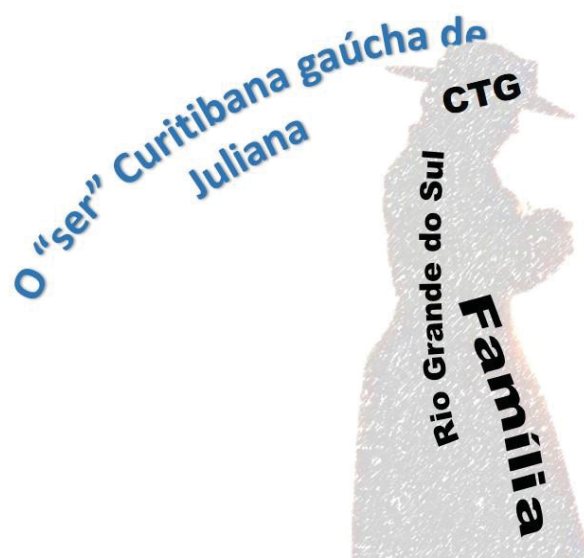
Reparamos que o fato de estar tradicionalmente trajada de prenda proporcionou um ânimo extra para a entrevistada, garantindo motivação enquanto falava. Estava segura, desinibida e muito focada. O vestido funcionava como um selo para tudo que estava sendo exposto. Juliana falou sobre o orgulho sentido ao representar o CTG através do seu talento, a arte da oratória. Disse que no CTG todos possuem um talento, esse é identificado pela comissão pertinente e futuramente deve ser explorado publicamente.

As competições e campeonatos entre os CTGs garantem que os jovens e a comunidade em geral permaneçam ativos. Os eventos, além de atrativos, propõem a interação entre às entidades tradicionalistas. Estas estimulam o empenho de seus membros que se esforçam para levar o título para as unidades que representam.

As competições ocorrem em diversas áreas, como, a dança, a música, o artesanato, a declamação poética e a culinária e/ou campeira. A última abarca as práticas rurais, geralmente a realização das provas dessa modalidade precisam de um amplo espaço físico. São provas de montaria, tiro de laço e, até mesmo, jogo do

osso³. As demais são executadas nos CTGs, pois apresentam a estrutura necessária como o tabuado para a dança, cobertura para os dias de chuva, cozinha e os instrumentos de áudio e som.

FIGURA 27: AS CATEGORIAS DE JULIANA



FONTE: Dutra (2020)

Sobre o Rio Grande do Sul considerou:

Muitos dizem da questão geográfica. Sou gaúcha não porque eu nasci no Rio Grande, muito pelo contrário, tenho boa parte da família e dos amigos que moram lá, nasceram lá e nem sabem metade da metade do que eu sei sobre o Rio Grande do Sul e sobre o sentimento de ser gaúcha. (JULIANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 15 DE JUNHO DE 2019).

Compreendemos que o ser gaúcha de Juliana se confunde com a função de gentílico adotada pelo IBGE⁴. No entanto, há momentos em sua fala que critica a vinculação de sinônimo posta entre gaúcho e rio-grandense. A contradição é legítima, à medida que nega a condição geográfica como determinante para o ser gaúcho. Por outro lado, ela vincula a posição geográfica ao considerar que conhece

³ Jogo do osso é uma competição praticada pelos tradicionalistas. Consiste no arremesso do osso do garrão do boi sobre uma área plana, sendo que a forma como esse osso cai determina o ganhador e o perdedor.

⁴ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o gentílico para os nascidos no estado do Rio Grande do Sul é 'rio-grandense'.

mais a fundo a história do gaúcho que propriamente os seus parentes e amigos nascidos no referido estado brasileiro.

Ao fazer a colocação, parte do pressuposto que todo rio-grandense conhece ou deveria conhecer a história do gaúcho. Assim, ao se conformar gaúcha percebe que a condição independe do local de nascimento. No entanto, afirma que nem todo rio-grandense é gaúcho, pois avalia que supera a questão geográfica, é “*um sentimento*”.

Ressaltamos que a cultura gaúcha associada aos nascidos no Rio Grande do Sul é fruto de uma construção histórica que foi reforçada pelos ideais do MTG. Embora Cortês (1986) tenha dito que ser gaúcho é um “estado de espírito”, com a criação do MTG, o gaúcho rio-grandense foi separado dos gaúchos uruguaios e argentinos, contrariando a afirmação.

Corroborando com o contexto, Cassirer (2004, p. 167) expõe que “o pensamento mítico apreende uma estrutura inteiramente determinada, concreta e espacial, a fim de, a partir dela, levar a termo o conjunto da “orientação” do mundo”. Assim, entendemos que o mito do gaúcho tradicionalista orientou o mundo da Juliana, justificando a contradição mostrada. A narrativa mostrou a justaposição de ideias, sendo o gaúcho compreendido contraditoriamente que resume o seguinte: Ela, Juliana, pode ser gaúcha com base no seu sentimento, já o mesmo não vale para o rio-grandense que, tendo ou não sentimento, deve ser gaúcho.

Sobre o concurso de prendas, contou haver muita dedicação e tempo para a preparação das candidatas. Estas precisam estudar sobre a história desta cultura e se preparar em muitos aspectos, pois a tradição gaúcha é tomada como tema central dos questionamentos avaliativos. Além disso, é necessário que conheçam o regimento do MTG. No âmbito das habilidades técnicas e competências, a candidata precisa se desenvolver para se destacar entre as concorrentes.

Em sua narrativa, Juliana afirmou possuir habilidade com a oratória e culinária, temas típicos das provas competitivas do prendado. Demonstrou conhecer não somente o preparo gastronômico, mas, também, a história dos pratos que executa. Além disso, ela comentou que as receitas possuem valor afetivo. Talvez pelo fato de ser passadas tradicionalmente entre as gerações.

Notamos que eventos competitivos são organizados tanto a nível nacional como local. Atualmente, existem CTGs espalhados pelo mundo, operando como um

elo cultural. Grande parte do conhecimento de Juliana sobre a tradição foi aprendido dentro do CTG e pela troca de experiências proporcionada pelos eventos culturais.

Ao tentar explicar como é ser gaúcha, expressou que é algo “*muito complicado, muito difícil de dizer*” e completou avaliando que “*ser gaúcho nada mais é do que honra, ter orgulho*”. Neste momento da entrevista, ela voltou a falar do estado do Rio Grande do Sul, pois o orgulho sentido refere-se à história ocorrida nesse espaço físico. Sua admiração pela referida terra é evidente. Ela compara a produção artística e o tradicionalismo com o que acontece em outros estados brasileiros e diz que “*ser gaúcho é orgulho*” de ser parte desse movimento.

Notamos que o Rio Grande do Sul foi citado diversas vezes na fala de Juliana, sendo que toda vez que mencionou atribuiu a questão do orgulho. Desta maneira, compreendemos que o ser gaúcha de Juliana vinculou-se ao ser gaúcha rio-grandense, isto é, voltado aos valores do movimento tradicionalista, do gaúcho(a) mitológico que compreende o universo imaginado acerca deste tipo cultural.

Juliana, ressalta a visibilidade da cultura gaúcha e a paixão demonstrada pelos tradicionalistas. Afirma que isso lhe confere uma certa importância no meio, visto que ajuda a divulgar e perpetuar a tradição. As pessoas engajadas no movimento acreditam que passar o conhecimento mantém a memória do gaúcho acesa, não permitindo que a cultura seja esquecida. Ela disse que sente “esse orgulho de trazer as tradições mesmo dentro e fora do Rio Grande do Sul. Tenho amigos no Mato Grosso e na Bahia que são muito mais gaúchos que muito rio-grandense” (JULIANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 15 DE JUNHO DE 2019).

Reparamos que a afirmativa “mais gaúcho” diz respeito ao conhecimento da história cultuada pelo MTG. Aquela do mito do gaúcho valoroso, do homem digno de honra que não deixa espaço para desconfiança e dúvidas sobre o seu caráter.

É orgulho de ter uma terra com tantos valores, de ter toda essa intensidade de valores, de manter a família, de manter as tradições, de honrar a palavra. Honrar o fio de bigode e isso é muito importante para o gaúcho que hoje se vangloria muito de dizer, a eu sou gaúcho, eu amo meu fio de bigode, eu honro a minha palavra, eu tenho civismo, eu tenho tradicionalismo, eu ensino o que eu sei para minha geração, para a nova geração, para os jovens. (JULIANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 15 DE JUNHO DE 2019).

Acima Juliana expôs o seguinte, ser gaúcho é orgulhar-se dos valores da terra do Rio Grande do Sul que os percussores do MTG atribuíram valores prestigiosos como foi visto ao longo do trabalho de revisão bibliográfica. Entendemos que o surgimento do MTG colaborou para constituição da nova

concepção de gaúcho: do elemento mitológico, do centauro dos pampas, do homem indissociado do cavalo e de valentia e destemor invejável a qualquer super herói. São essas questões que fundamentam o orgulho de Juliana. Essa faz do civismo uma tarefa de militância. Ela tem orgulho de defender essa causa e entende que possui o dever de passar para os mais novos. Avalia que para fazer isso, não precisa firmar contrato em cartório, já que acredita na expressão do “fio de bigode”.

As qualidades foram supervalorizadas no mito do gaúcho, logo, estendida a todos os rio-grandenses. Ponderamos que isso acontece porque “para o pensamento mítico, cada semelhança no fenômeno sensível é suficiente para reunir num único “gênero” mítico o conjunto de figuras sob as quais aparece” (CASSIRER, 2004, p. 128). Assim, para Juliana, cabe aos nascidos no Rio Grande do Sul tomarem a consciência mítica e fazerem do mito do gaúcho algo significativo para a sua existência.

Por outro lado, observamos que a sua narrativa é confusa e contraditória. Ela se orgulha da terra, mas que terra é essa? Entendemos que se refere ao Rio Grande do Sul, essa é a terra do gaúcho de Juliana, lá tudo é perfeito, os valores, a família, as tradições e a honra da palavra. Contudo, muitos rio-grandenses estão descolados dessa realidade, não vivem o tradicionalismo e o civismo.

A honra do “fio de bigode” é uma expressão comumente utilizada pelos tradicionalistas. Diz respeito ao valor da palavra, isto é, ao cumprimento de algo que foi dito. A concepção foi incorporada no processo de ressemantização do termo gaúcho e hoje é largamente divulgada dentro e fora do universo tradicionalista. Ao empreender a expressão, Juliana afirmou a honradez de sua palavra. Deste modo, entendemos que não prega os ensinamentos sem colocá-los em prática. Ela é uma guardiã do gaúcho, não somente ensina sobre a sua história, mas faz destes conhecimentos o seu fio condutor na vida. Acredita que a ação contribui para a perpetuação da referida cultura.

O civismo tem um papel importante. Segundo Juliana, ele assegura o ativismo por meio de práticas e ações voltadas para a manutenção do mito do gaúcho virtuoso. O civismo colabora na construção e manutenção das redes sociais com objetivo de cultuar o gaúcho, é ele que faz do gaúcho uma entidade viva. A ausência de civismo levaria o MTG à ruína.

Ela enfatiza o seguinte, se hoje existe uma figura de gaúcho que muitos se inspiram é resultado do civismo. O mérito da memória do gaúcho pertence ao

referido grupo. Se a figura mágica do gaúcho é conhecida por todos, é resultado deste mecanismo que garantiu a sua legitimidade. De acordo com Cassirer (2004, p. 268), essa mágica pode ser entendida como uma visão “completamente saturada por essa atmosfera do agir, e que não é senão uma tradução e transposição do mundo das paixões e pulsões subjetivas para uma existência sensível-objetiva”.

Compreendemos que quando Juliana fala do gaúcho põe em prática o que Cassirer (2004) determinou como o transpor das paixões significantes do mundo, primeiramente pela forma da linguagem e, depois, produzindo espacialidade. Sobre a paixão, observamos que é tudo aquilo que lhe causa orgulho, isto é, a honradez, a tradição e o civismo. Já as pulsões, se refere ao fomento, é o entusiasmo que sente pelas coisas, é a motivação de suas ações, por exemplo, a passagem de conhecimento.

Nesse sentido, Cosgrove (2004, p. 96) colabora com o contexto ao falar que as paixões servem como uma fonte motivadora para as ações humanas. Assim, o mundo criado e transformado pelos humanos somente poderá ser compreendido se considerar essa expressão, uma vez que influencia diretamente no comportamento das pessoas. Portanto, se as paixões de Juliana não fossem reparadas, não poderíamos compreender o significado do seu ser gaúcha.

Todavia, notamos que essa paixão ressignificou a vida da jovem e, doravante, suas ações mudaram, bem como o grupo social que frequenta. Ela fez descobertas e apropriou-se daquele universo ao dar sentido àqueles símbolos, àquela história e àquela cultura. Assim, a paixão sentida pelo mito do gaúcho proporcionou um novo comportamento tendo embasamento no mítico. Deste modo, ela vivificou a sua gaúcha.

O passar do conhecimento faz parte da identidade do gaúcho porque o gaúcho quer essa cultura tão linda e se orgulha e se emociona. O que ele mais quer, é isso, que a gente e que o mundo todo vire gaúcho. Então, ser gaúcho nada mais é do que passar todo o nosso conhecimento, tudo o que a gente sabe e aprendeu até aqui com os amigos, com o senhorzinho do CTG, com os nossos pais, com os patrões do CTG, com os patrões das antigas, com os amigos, com mais novo, com o mais velho. Tudo que você aprendeu, tudo que construiu, essa imagem de gaúcho que você é hoje, de você ensinar as futuras gerações e passar para o próximo esse sentimento. Isso para que todos consigam descobrir dentro de você esse amor, esse nativismo e civismo. (JULIANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 15 DE JUNHO DE 2019).

A identidade do gaúcho apareceu na narrativa como sinônimo de passagem de conhecimento, ou seja, do seu papel no ativismo da divulgação da sua história e

de seus princípios. Interessante, pois entendemos que para algo ser lembrado é preciso que a memória mantenha-se acesa. Talvez, por esse motivo, o fogo é um símbolo bastante expressivo para a referida cultura.

A criação da “chama crioula” aconteceu no dia sete de setembro de 1947 com o intuito de representar: o gaúcho, o tradicionalista, a história e a tradição que para os tradicionalistas é a alma da sociedade gaúcha. Eles acreditam que o fogo é uma referência ao passado do gaúcho, simboliza os fatores que lhe causam orgulho e quer não devem ser esquecidos. Nesse momento refletem melhor sobre a sociedade que são e que esperam ser. Geralmente, a chama chega a todas unidades tradicionalistas por meio de um candeio carregado pelos homens e mulheres montados em cavalos (Informação retirada da página oficial do Movimento Tradicionalista Gaúcho - MTG em 12 de dezembro de 2018).

Depois de acesa, as pessoas mobilizam-se para fazer a ronda do fogo. Precisam cuidar e zelar para que permaneça aceso. Observamos que no período de 20 de setembro as agendas das entidades tradicionalistas são cheias, visto que todo dia tem uma mobilização para envolver a comunidade entorno da pira simbólica. Notamos que o ritual serve para fortalecer a tradição e a memória do tipo cultural produzido pelos tradicionalistas, isto é, do mito do gaúcho de valores honrosos. Como expôs Juliana na passagem, é preciso “*ensinar às futuras gerações e passar para o próximo esse sentimento*”, o sentimento de ser gaúcho.

Apesar de jovem, observamos que Juliana, em sua fala acima, posiciona-se alinhada com as tendências conservadoras desta tradição. Sua oratória nos mostra o sentido dado para aos valores preconizados pela tradição, sendo que os considera como apropriados a todas as pessoas do mundo. Existe de sua parte uma recriminação dos contextos inovadores da sociedade. Ela inclusive estabeleceu um comparativo com juízo de valores. Portanto, deseja que o mundo se transforme em gaúcho, pois é o seu ideal.

Juliana acredita que os valores da sua cultura podem salvar os jovens de caminhos penosos que os afastam do amor e da família. Para ela, o conhecimento dos mais velhos é a base e precisa ser supervalorizado. Se isso for perdido, considera que a vida perderá o sentido. Entende que não conseguirá mais levar o amor pelo gaúcho, pelo nativismo e também praticar o civismo, ação de cultivar a respectiva cultura.

Segundo a entrevistada, as normas culturais precisam ser reproduzidas para manter viva a figura do gaúcho. Nesse contexto, concordamos com Cassirer (2004, p. 284) que é esclarecedor ao falar da religiosidade egípcia. O autor relata que a múmia existe nesta cultura para servir de garantia ao cuidado da alma do morto. A imagem da múmia preservada traz todo um pensamento acerca dos valores, regras e comportamento, muita coisa é intuída pela representação. Assim, entendemos que o mesmo vale para os símbolos da cultura gaúcha, não são as coisas por ela mesma, mas pelo que está detrás, é a compreensão do que não possui direta observabilidade.

Notamos que o centro de tradições gaúchas – CTG é o espaço físico voltado para a festa, para a sociabilidade e, especialmente, onde a Juliana cultua e ensina a tradição. Nesse local, reúnem-se diversas gerações e todos tem um objetivo comum, o gosto pela cultura gaúcha. Em um dos campos vimos Juliana dançando e falando no microfone sobre o sentimento de ser gaúcha. É nesse espaço também, que conhecemos a sua mãe e irmã mais nova, além de alguns dos seus amigos.

A estrutura do CTG vira centro de treinamento para as competições, por exemplo, de dança e até mesmo palco dos campeonatos. Juliana compete em concursos de prendas. Atualmente, é titulada e, por isso, dispõe de uma agenda com muitas atividades. Percebemos que ela é bem acolhida pelos membros da sociedade tradicionalista e sua presença é vista como modelo a ser seguido pelos mais jovens.

A mãe de Juliana, que se apresentara voluntariamente durante a entrevista, não esconde o orgulho que sente da sua filha e que já espera que a menor siga os passos da irmã. Sobre os concursos, contou que se envolve junto com a Juliana, já que demanda muita dedicação. Até brincou dizendo que as mães das prendas em concurso sabem tanto quanto elas porque precisam estudar paralelamente para auxiliá-las.

Compreendemos que o CTG opera como um clube voltado para integração social ou práticas de lazer. A diferença entre CTG e outros clubes sociais é o culto às tradições. Juliana, nos contou sobre a preocupação da equipe e o cuidado para que mais pessoas sejam abarcadas e despertem interesse em ingressar na modelo apresentado. Nas suas palavras, é preciso que “*o mundo todo vire gaúcho*”.

No trabalho de campo evidenciamos que na semana do gaúcho a agenda do CTG 20 de Setembro, em Curitiba, é muito atrativa. Algumas das atividades

dispensam a utilização de trajes típicos, isso para que a comunidade do entorno possa comparecer. Nestas confraternizações, geralmente há oferta de culinária característica, o que mobiliza as pessoas a comparecerem ao espaço. Juliana atua na recepção e cordialmente fornece explicações sobre a cultura que representa.

Sobre a sua atuação, considera ser muito importante ao afirmar que “é preciso que as pessoas retornem para as suas casas encantadas com a experiência a ponto de desejarem o retorno”. A casa de Juliana é vizinha do CTG, isso facilita a sua presença na instituição. No entanto, considera o seguinte, mesmo que a distância aumentasse, não deixaria de frequentá-lo, pois demonstra enorme amor por tudo aquilo.

Reparamos que o espaço físico é interessante na conformação de mundo de Juliana. No CTG, ela vivifica a gaúcha e compartilha os seus conhecimentos com mais facilidade. Nesse local, está entre os semelhantes, numa sociedade que tem um interesse em comum. Todavia, o ser gaúcha da entrevistada não limita-se ao CTG, ele transcende aos outros lugares do seu mundo nos quais os símbolos materiais gaúchos podem estar ausentes. Neste caso, ela supera a falta destes elementos pelo amor de sentir-se gaúcha.

Hoje o que me define ser gaúcho é amor, nada mais do que amor. É o amor que move esse orgulho, de mesmo estando na cidade e sabermos que o gaúcho significa o homem do campo, mesmo que eu não tenho um cavalo morando na cidade, mesmo eu cultivando a tradição. (JULIANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 15 DE JUNHO DE 2019).

Amor nas palavras da entrevistada é o que lhe move. Como reside numa metrópole, o tempo é outro, passa rápido, é corrido, diferente daqueles que vivem no campo e tem práticas rurais. Assim, o CTG busca suprir essa carência ao fazer uma breve aproximação do ambiente, por exemplo, de galpão. Neste, são uma família, sempre tem uma conversa, uma roda de mate. O CTG atua nessa aproximação do universo rural e mesmo não havendo cavalos na sede, existem elementos que o referenciam, como a cela presa na parede e outros aparatos de montaria.

A amizade entre o grupo que frequenta é algo que lhe conforta e socorre. Quando está triste ou tem algum problema, corre para o CTG e lá encontra os seus amigos que compartilham do mesmo amor a causa gaúcha e, por isso, considera que não negarão conforto e estarão sempre prontos para ajudá-la. Juliana acredita que pode confiar nessas pessoas que conheceu neste grupo social porque defendem os mesmos valores e princípios que ela.

O sentido de gaúcho para Juliana é aquele vinculado ao povo rio-grandense, pautado no aspecto geográfico, mas segundo ela, o CTG lhe garante um pago⁵, em Curitiba no centro de tradição, no qual é associada. É como se transpusesse o estado para o seu entorno através do espaço físico do CTG, neste o Rio Grande se vivifica e o sentimento de Juliana sobre esse contexto reflete nas suas ações.

O CTG e a história do Rio Grande do Sul se mesclam na oratória de Juliana. Operam como algo indissociável e, às vezes, parece um pouco confuso para a própria entrevistada. Desta maneira, entendemos que ela se reafirma ao enfatizar a sua posição dentro de uma cultura, como podemos ver no trecho abaixo retirado da sua narrativa: “Acho que o ser gaúcho tá na personalidade. Hoje me perguntam, tu é o quê hoje, tu tá no CTG? Eu sou gaúcha, eu sou gaúcha. Quem disse que não sou gaúcha, é claro que sou Gaúcha”. (JULIANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 15 DE JUNHO DE 2019).

Compreendemos que a Juliana não consegue viver fora do universo simbólico o qual conheceu pelo tradicionalismo. Tirar o gaúcho da sua vida é o mesmo que tirar o sentido. Suas ações e o seu motivo para existir perpassa a questão da preservação desta tradição. Longe disso, é possível que sintam-se vazias, havendo necessidade de se ressignificar, isto é, encontrar um novo sentido.

Em síntese, o CTG é o espaço das ações de Juliana. As referências presentes nessa fração espacial são intuitivamente operadas pela entrevista. Ela dá sentido e significado a cada símbolo, por exemplo, ao considerar o CTG como pago. Assim, produz espacialidades e o seu ser gaúcha é o conjunto das mesmas. É a sua maneira de se relacionar nas amizades, o sentido do valor da palavra expresso no fio do bigode⁶, é o amor pelo tradicionalismo e a postura cívica. Tudo isso faz parte da sua construção como gaúcha, pois tudo que desempenha sustenta-se no sentimento, que definiu como amor.

Diferente das religiões, o tradicionalismo gaúcho não promete a cura, o milagre ou a libertação, mas existem rituais e momentos de adoração do gaúcho. Nesse sentido, Juliana expõe que o ambiente do CTG é saudável, e os valores passados ali podem salvar as novas gerações, pois levam em conta a palavra dos

⁵ Pago se refere a expressão lugar, assim a Juliana quis dizer que o CTG é o seu lugar que a remete ao Rio Grande do Sul.

⁶ Fio de bigode é uma expressão comumente utilizada para indicar o valor da palavra, ou seja, a confiança e credibilidade do que foi comunicado e firmado oralmente.

mais velho, os quais zelam pela união da família. O gaúcho torna-se então uma imagem e a sua construção mitológica passa a interferir no comportamento daqueles que seguem a tradição. Para Cassirer:

Mito e linguagem estão em constante contato recíproco. Seus conteúdos portam e condicionam um ao outro. Além de feitiço da imagem, há feitiço da palavra e do nome, que constitui um componente da visão mágica de mundo. Mas aqui o pressuposto decisivo reside também em que a palavra e o nome não possuem mera função representativa, mas em ambos estão contidos o próprio objeto e suas forças reais. A palavra e o nome tampouco designam e significam; eles são e agem. (CASSIRER, 2004, p. 81)

Visto o exposto, podemos dizer que o gaúcho mitológico apresentado pela entrevistada na sua narrativa é a gaúcha que ela é, pois a verdade para ela pauta-se nesse conhecimento. A maneira como age tem esse universo simbólico como referência, mas ele é real porque se contém e expressa pelo ser gaúcha de Juliana. Entendemos que o gaúcho não é um modelo, algo exterior à vida do sujeito, mas faz parte deste.

Juliana é gaúcha no tradicionalismo, mas mesmo que vá para a sua casa, por exemplo, não consegue viver fora do tradicionalismo, ou seja, deixar a gaúcha no CTG, não, isso é algo impossível. Se ser gaúcha é Amor e sentimento, como extrair isso do ser? Para a entrevistada não há maneira de manipular o seu sentimento, não consegue negá-lo, pois é o que conforma o seu mundo, o que dá sentido à sua existência.

Mesmo apresentando alguns momentos de contradição entre o ser gaúcho e o condicionamento desta cultura, a origem geográfica dos rio-grandenses, Juliana declara agir de acordo com o que a palavra gaúcho significa na sua vida. Então, ela afirma ser a gaúcha do Paraná, a gaúcha do CTG vinte de Setembro e também a gaúcha que extrapola este último levando esse sentimento a todos os espaços do seu cotidiano. Mas, também, destaca o papel do CTG e do grupo frequentador nessa construção que hoje é parte do seu ser.

Sobre a família, algo muito presente na narrativa de Juliana. Toda vez que falou do tradicionalismo frisou o papel da família e do respeito que se deve ter pelos conhecimentos dos mais experientes. Destacou também que a proximidade e a união de seus familiares são reforçadas quando frequentam o mesmo espaço e compartilham das mesmas experiências.

O gaúcho é o único ser que consegue reunir gerações na sua cultura, o gaúcho consegue ter o pai, o filho e o neto na mesma mesa, comendo a mesma comida, tomando o mesmo mate, ouvindo a mesma música, usando

a mesma roupa, sem ser brega, sem ser feio. (JULIANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 15 DE JUNHO DE 2019).

Para a entrevistada, o gaúcho, bem como tudo o que ele representa, opera como elo de união entre as gerações. A sua base familiar é conectada devido a experiência tradicionalista. O passado mítico do gaúcho venceu o tempo e hoje é objeto de reverência e motivo de orgulho. O antigo não sofre discriminação pelas gerações mais contemporâneas. O chimarrão, a música tradicionalista e nativista, as roupas, as artes em geral, os costumes e a gastronomia são exibidos com vaidade.

Para Juliana, é muito difícil preservar o passado e os princípios do gaúcho fora do MTG. Os jovens que não conhecem o tradicionalismo gaúcho não têm os valores, são diferentes e a família não é vista da mesma maneira. Nas suas palavras, *“na modernidade é muito difícil, é isso”*. Enquanto concedia a narrativa, a mãe e a irmã da entrevistada estavam presentes no CTG. Notamos a presença de ambas, passavam uma ou outra vez bastante próximo ao local da entrevista, mas não parecia incomodar e nem intimidar Juliana.

A irmã caçula aparentava ter cerca de doze anos de idade, olhava com admiração para Juliana. A mãe destacou que a menor estava seguindo os passos da mais velha. Observamos que CTG preenche as atividades sociais daquela família, a figura do gaúcho e a sua representação servem de apoio ao regramento do convívio familiar. Para a entrevistada, a questão do gaúcho alcançava todos os espaços da sua vida e era selado com o apoio do seu grupo familiar.

Amor e orgulho são as palavras que definem o meu ser. Hoje e eu sei que isso me ajuda muito na sociedade e isso me ajuda como pessoa, como estudante, no meu trabalho, na minha família. Sei que hoje a minha família é muito mais unida por conta do CTG, por conta do tradicionalismo, por conta desse movimento, por conta de ser gaúcho. Eu ser gaúcha me traz os meus valores, me traz a gratidão de ter as pessoas comigo. Então ser gaúcho nada mais é do que amor e orgulho. (JULIANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 15 DE JUNHO DE 2019).

Ser gaúcha para Juliana é um acréscimo de valores positivos e nobres na sua pessoa. Isso faz com que queira aplicá-los em todas suas ações cotidianas. Sentir amor e orgulho é algo elementar para garantir a união e proximidade familiar. O grupo com ideais comuns permanece próximo e compartilhando experiências desse universo cultural.

Juliana não contou sobre a sua infância e adolescência, não sabemos como era a sua vida antes de ingressar no CTG 20 de Setembro, o que possivelmente

mudou. No entanto, compreendemos que a questão gaúcha foi sentida como uma graça, um presente ou até mesmo algo precioso. Se hoje ela tem uma vida organizada, a qual atende as suas expectativas, é uma consequência do sentimento gaúcho.

Ela entende que a união de sua família é consequência da adesão ao MTG. Também pondera que os seus valores pessoais são honrosos como resultado do que aprendeu dentro do CTG. Nesse caso, entendemos que há plena concordância com a afirmação de Laraia (1986, p. 16), “de que qualquer criança pode ser educada em qualquer cultura” e assim, estendemos a proposição aos adultos. Tanto os fatores biológicos quanto o determinismo geográfico não são base para a definição cultural de um indivíduo. A cultura vincula-se ao sentido atribuído a ela.

Por exemplo, se a cultura gaúcha não tivesse sentido para a família de Juliana, provavelmente, não se mostraria tão conectada, uma vez que os valores seriam outros. Nesse sentido, concluímos que o ser gaúcha da entrevistada se estrutura e reforça nessa relação de proximidade e amor com a família.

4.5 CASO DE BETA

Eu sou bem gaúcha, eu acho que muito
(BETA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 15
DE JUNHO DE 2019).

Beta é uma jovem de 26 anos, simpática e aparentemente representa ter menos idade do que possui. Sua fala é apressada, mas comunicativa. Concedeu a entrevista sentada e assim permaneceu até o término da pesquisa em um assento disposto na frente da área de copa do CTG. A entrevista ocorreu com pessoas transitando ao redor.

Dona de bom humor e bastante sorridente ao expressar as suas particularidades, seu relato foi curioso e divertido. Natural de Curitiba, atua profissionalmente como cirurgiã dentista. É uma veterana no CTG, contou que já frequentou outras instituições antes de integrar a equipe do 20 de Setembro. No dia que concedeu a entrevista contou que havia passado no CTG, como de costume, colocando-se à disposição para a narrativa.

Vestia-se com um modelo básico composto por calça jeans, camiseta e um casaco leve. Provavelmente, costumava vestir-se daquele modo para efetuar suas rotinas diárias ou, até mesmo, trabalhar. No entanto, as roupas não pareciam

deslocá-la daquele universo do CTG. Parecia conhecida pelos presentes, pois acenava para muitas pessoas que se faziam presentes e representou ter algo para falar com muitos que cumprimentou.

Afirmou que participa do CTG há 18 anos. Entretanto, ao considerar o tempo, ficou em dúvida acerca da exatidão temporal, 17 ou 18 anos, como se o tempo tivesse passado muito rapidamente. Dentre as categorias que se destacaram na sua narrativa estão a vivência no CTG, a dança e a carne.

FIGURA 28: AS CATEGORIAS DE BETA



Fonte: Dutra (2020).

Sobre a vivência no CTG, trouxe elementos de sua família e lembranças de seu avô. Quando perguntamos sobre o ser gaúcha, Beta, foi logo expondo que:

tem um vídeo que acho que é bem famoso, acho que várias pessoas vão usar essa frase, mas é que ser gaúcha é muito mais que estar no Rio Grande, é uma presença de espírito. É um ser muito mais sensitivo do que estando lá. (BETA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 15 DE JUNHO DE 2019).

Observamos que na abertura de sua narrativa, Beta dissociou o seu ser gaúcha da função de adjetivo pátrio. Porém, ao fazê-lo, parece ter refletido acerca da resposta considerando que outras pessoas mencionariam a mesma informação

quando indagadas. Basicamente, compreendeu que a presença de espírito mencionada é uma expressão muito recorrente entre os tradicionalistas. Por outro lado, demonstrando preocupação, comentou que não gostaria de ser interpretada como alguém que discorre de maneira mecânica e programada. Portanto, definiu o ser gaúcha como algo sensitivo, que se explica pelo sentido atribuído a esta cultura que independe da existência de um vínculo geográfico. E assim, declarou: “então, eu acho que ser gaúcha é você estar dentro do CTG, é partilhar das tradições e ter orgulho disso, mesmo sem estar lá é não deixar de pensar”.

No trecho supracitado extraído da narrativa percebemos que Beta vincula a condição gaúcha de sua pessoa ao CTG, isto é, a vivência proporcionada pela instituição tradicionalista. O compartilhamento dos ensinamentos dessa cultura é algo de que se orgulha. A expressão “disso” que inicialmente parece vaga no trecho de sua narrativa, segundo a entrevistada, faz referência ao conjunto de práticas e valores tradicionalistas. Concluiu a frase expondo que o ser gaúcha extrapola o ambiente físico do CTG, no entanto, se sente gaúcha ao integrar o respectivo grupo social. Desse modo, compreendemos que mesmo sem estar presente no CTG, demonstra sentir-se gaúcha em outros espaços da sua vida. Portanto, a espacialidade simbólica da entrevistada vai além da sua vivência no CTG, pois conforma o seu cotidiano fora do espaço festivo.

Sobre o contexto familiar, destacou o tropeirismo. Contou que seu avô veio do Rio Grande com as tropas. Com o passar do tempo ele acabou fazendo a sua morada nos campos gerais e foi em Ponta Grossa que conheceu a sua avó. Disse que, depois de casado, o seu familiar acabou largando o serviço de traslado dos bovinos, isto é, a vida de tropeiro. Considerando o histórico familiar destacou: “a minha família mesmo estando no interior do Paraná é uma família muito gaúcha”.

Precisamos enfatizar que esse “gaúcha” remete aos costumes do seu avô como tropeiro, que envolveu a questão dos bois e cavalos, os rodeios e outras atividades comuns aos homens que tropeavam. Beta demonstrou muito orgulho de seu avô ao contar que foi o responsável pela fundação do primeiro CTG fora do estado do Rio Grande do Sul. O referido CTG, obra de seu familiar, não existe mais. De acordo com a entrevistada, devido à um acidente que resultou em um incêndio, a estrutura do prédio que era de madeira foi rapidamente consumida pelo fogo. Esse CTG que a sua família ergueu funcionava onde, atualmente, localiza-se o CTG 20 de Setembro. No entanto, explicou que se tratam de instituições diferentes, e que o

CTG de seu avô se chamava CTG Vila Velha. Nesse aspecto, observamos que a cultura gaúcha da entrevistada está diretamente relacionada a transmissão das práticas e saberes pelos seus ancestrais, que mesmo estando fora do Rio Grande do Sul carregaram consigo as tradições que possibilitaram a materialização da espacialidade gaúcha no CTG pesquisado.

Na continuidade da narrativa, mais uma vez, ela reforçou o ser gaúcho como algo muito forte: *“eu venho de uma família bem gaúcha, uma família das tradições, mas ninguém nasceu no Rio Grande”*. Nesse sentido, Beta se referiu à geração de seus ancestrais, pois anteriormente ressaltou que o seu avô tinha vindo do Rio Grande do Sul. A sua exposição demonstra uma amplitude do termo gaúcho, pois percebemos que a entrevistada utilizou o termo nos dois sentidos, tanto no que se refere a noção de gentílico associado aqueles que nascem no estado, quanto no sentido de designação daqueles que carregam a cultura para outros lugares do Brasil, apesar de não terem nascido no Rio Grande do Sul. Assim, destacou que ser gaúcha *“é muito mais, um estado de espírito que estar na localidade, na Geografia”*. Salientamos que a fala de Beta elucida que a espacialidade da cultura gaúcha ultrapassa a área definida como origem e chega a Curitiba, sendo conformada simbolicamente a partir do sentido e significado que permeia a vida de cada integrante do CTG. Assim, conforme Cassirer (1994) compreendemos que a manifestação encontra abrigo no mito através da narrativa mítica, perpassa a arte por meio da dança, das músicas e da indumentária, e é transmitida pela linguagem. Por conseguinte, podemos afirmar que a conformação simbólica da realidade pelos gaúchos na sua diáspora pelo Brasil serviu de alicerce para a ressignificação da cultura gaúcha no CTG analisado.

Beta esclarece na entrevista, recorrentemente, as inúmeras especificidades da cultura gaúcha, estabelecendo um vínculo com aspectos sociais. Logo, o estado de espírito, mencionado pela entrevistada, pode ser compreendido como um modo de ser na sociedade. O gaúcho tem valores e virtudes que lhe são próprios e essas questões o acompanham independentemente da localização geográfica. Para Beta, o sentimento de ser gaúcho sobressai, visto que vai além da Geografia.

A entrevistada expressou que ultimamente anda um pouco afastada do CTG, mas que ainda assim ocupa o posto de primeira prenda adulta representando a região tradicionalista do Paraná. Vale lembrarmos que esse concurso exige muito das suas candidatas sendo preciso muita dedicação para superar as etapas.

Quando disse que “mesmo estando afastada ocupa este cargo”, subentendemos que é muito qualificada a ponto de vencer as demais candidatas que estudam e treinam diariamente para vencer as provas. Sobre o prendado, que é a formação de prendas, expôs que frequentou assiduamente durante alguns anos, mas em outra instituição. Portanto, ressaltou que a sua experiência no 20 de Setembro ainda era algo recente, mais ou menos um ano.

No âmbito da vivência em família nesse espaço, avaliou ser uma das coisas que lhe segura, pois aprecia o fato de sua mãe estar presente e compartilhando da mesma festa, com a sogra e todos os demais juntos e as crianças brincando, bem como as gerações mais novas apresentando o namoradinho para a família. Assim, disse: “Isso eu não conheço em outra cultura, fui criada assim, eu vejo pessoas que não são deste meio, que não convivem e é muito diferente. É por isso que estou aqui”.

O CTG, através do discurso tradicionalista, articula para que as famílias permaneçam unidas. A união familiar é prazerosa, principalmente quando confraternizam juntos. Para a entrevistada isto está fora de moda, é pouco apreciado ou, até mesmo, é motivo de vergonha entre os jovens da sua idade. Disse que no 20 de Setembro acontece o oposto, a união é prestigiada, é bonito e valoroso. São essas convivências e esses momentos que a mantem a tradição. Por outro lado, a Beta transpareceu se incomodar com algumas situações, porém, os laços familiares superam qualquer infortuno. Assim, destacou o desejo de ver a sua família permanentemente envolvida com as tradições e disse que é “por uma questão familiar mesmo, é muito forte dentro do CTG”.

Para Beta, é como se o CTG apresentasse uma fórmula capaz de unir as pessoas de um mesmo núcleo familiar, “é estar junto com o pai e a mãe. Hoje em dia você vai numa festa a filha tem vergonha de levar a mãe, porque a mãe é velha e a filha só tem dez anos”. Assim, criticou os moldes da atual sociedade, na qual uma criança envergonha-se de sua mãe. Além disso, demonstrou que o seu ser gaúcha é mais terno, visto que valoriza a oportunidade da companhia das pessoas de mais idade juntamente com as crianças. Segundo a sua narrativa, o respeito é uma característica da sociedade tradicionalista. Essa maneira de convívio é o que lhe move na causa tradicionalista.

Sobre a dança, vimos que é uma das atividades que ocupam a entrevistada na entidade tradicionalista. No entanto, relatou que não trata-se da dança por si só,

mas, sim, o aspecto competitivo, isso lhe agrada e a estimula. Destacou que dançou durante muito tempo em outra instituição, a qual apresentava uma abordagem mais direcionada para as práticas competitivas, sendo que, por isso, a exigência e cobrança eram maiores neste sentido.

Avaliou que a competição faz parte da essência tradicionalista, mas alertou que as vezes ela se torna extremamente acentuada e é preciso cuidar para que não se fundamente no único objeto. No seu entendimento a competição é interessante e atrativa, mas não se pode deixar de lado outras ações que compõem o tradicionalismo gaúcho, uma vez que perderia o sentido. Considerou que são estes pontos que fazem com que uma instituição torne-se mais ou menos gaúcha, “para mim aqui é mais gaúcho, se for pensar em ser gaúcho o 20 de setembro é mais gaúcho”.

Essa afirmação é importante, pois alude para uma provável medida de gauchismo, o que leva a pensar nas práticas destas instituições. Como observamos no trabalho de campo, o CTG 20 de setembro tem o costume de ofertar cursos e aperfeiçoamento acerca da história da cultura. Acreditamos ser esse o sentido atribuído pela entrevistada. Ela afirmou que todos os CTGs tem coisas boas, mas que as prioridades tendem a variar entre as organizações. Considerou que o grupo anterior que participou priorizava a dança, tanto que adquiriu uma série de títulos enquanto o representava nos festivais.

Nessa parte da dança, parece que a entrevistada se justifica, tem 26 anos e ainda dança, como se estivesse sentindo-se fora da idade desejável. Por outro lado, reparamos que existem dançarinos de todas as idades, motivo das invernadas ser subdivididas entre faixas etárias. O exposto acerca da dança possibilitou interpretarmos que o ser gaúcha de Beta é dançarina.

Sobre a carne, um dos últimos pontos apresentados na narrativa, foi interessante as considerações que condizem com a sua condição vegetariana. A entrevistada falou sobre isso de maneira divertida. Colocou como se o vegetarianismo fosse algo improvável para uma gaúcha. Então disse: “hoje sou vegetariana, fazem seis meses que eu convivo bem com pessoas que comem carne. Não é porque estou dentro do CTG, mas quero estar bem com as pessoas para dançar e competir”.

Essa relação, embora tenha sido elucidada como tranquila, pareceu um tanto perturbadora, até mesmo por se tratar de uma opção recente. Passou a impressão

que a condição de vegetariana é um impeditivo para o convívio social com outras pessoas que incorporam a proteína da carne na sua alimentação. Reconhecemos que os tradicionalistas consomem a carne com certa frequência, e isso se deve o gosto pela gastronomia do churrasco. Talvez tenham uma maior adesão a carne que o resto da sociedade, mas isto ainda é um aspecto a ser estudado.

O fato é que o churrasco é recorrente nesta cultura. Em um mesmo evento, podem ser assados distintos tipos de carne como, por exemplo, o churrasco de cordeiro paralelo ao de bovino. Como algumas pessoas entendem o vegetarianismo como uma filosofia de vida, o excesso do consumo de carne e a ênfase ao churrasco como símbolo do gaúcho pode gerar um certo desconforto para quem optou em não comer carne. Todavia, destacamos que os *buffets* são variados não causando nenhum prejuízo alimentar a entrevistada. Desta maneira, considerou: “eu quero viver sempre no CTG, mas não como mais carne. E ser gaúcha é uma coisa muito boa”.

Na conclusão de sua narrativa, Beta expôs o que lhe causava incômodo. No entanto, compreendeu que o seu ser gaúcha superou o contexto alimentar e, mesmo em desarmonia com o seu ideal alimentar, consegue conciliar as escolhas do seu mundo. Portanto, o caso de Beta mostra o ser gaúcha de uma vegetariana, algo que até mesmo para a própria entrevistada parecia pouco provável.

4.6 CASO DE JOCA

Eu sou curitibano e me sinto um pouquinho gaúcho também. Essa fibra, essa garra, esse amor que eles têm pelo chão deles, né (JOCA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 15 DE JUNHO DE 2019).

Joca é um homem de 43 anos, sorridente e muito comunicativo. Falou com empolgação a respeito do ser gaúcho mostrando-se muito interessado pela questão do futebol rio-grandense. Concedeu a entrevista na copa do CTG (área destinada ao comércio de alimentos e bebidas) estando, aparentemente, disposto e motivado. Demonstrando segurança e desinibição enquanto falava, o entrevistado gesticulava ininterruptamente enfatizando suas afirmativas.

Seu relato foi curioso, declarando ser um apaixonado pela cultura gaúcha, especialmente pelos times de futebol do Estado do Rio Grande do Sul. Pela

narrativa, compreendemos que o ser curitibano gaúcho de Joca produziu as seguintes categorias: o chão do Rio Grande do Sul, tradição e futebol.

Declarou ser natural da cidade de Curitiba, onde mora e trabalha no ramo de vendas. No CTG 20 de Setembro observamos que ele é um associado ativo, participa de inúmeras atividades envolvendo a tradição. Durante a entrevista, Joca trajava-se tradicionalmente como o gaúcho, vestindo bombacha, camisa e botas de couro. Aparentava estar confortável e seguro com a indumentária.

FIGURA 29: AS CATEGORIAS DE JOCA



Fonte: Dutra (2020)

Sobre o chão do Rio Grande do Sul o entrevistado disse:

Eu acho assim do gaúcho, na verdade o que eu admiro do gaúcho, do povo gaúcho é essa garra que eles têm, por serem batalhadores. Toda a história que tem o gaúcho, tem briga pelo seu chão, por correr atrás do que eles querem, de ideias também. Isso é uma coisa que me chama atenção, pois eu faço isso (JOCA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 15 DE JUNHO DE 2019).

No trecho acima, Joca compartilhou as suas admirações sobre determinados aspectos acerca da cultura gaúcha. Curiosamente, mencionou a guerra, isto é, a “briga pelo chão”, fazendo menção às batalhas travadas pelas disputas territoriais. No entanto, para ele, a luta é algo positivo, pois remete ao trabalho e à perseverança, como disse, “batalhadores” no sentido de correr “atrás do que eles querem”.

Parece orgulhar-se dessas características, inclusive coloca a si próprio numa condição de guerreiro batalhador. Joca falou do ser gaúcho sem expor muitos detalhes da sua vida pessoal fora do CTG. Por outro lado, foi enfático ao se determinar como um homem que vai atrás e briga para conquistar os seus desejos.

O entrevistado chegou a “mencionar que ser gaúcho é um estado de espírito”. No entanto, refletiu avaliando que a frase funciona como um bordão para os gaúchos. Assim, reportou-se aos “grenais”, clássico de futebol porto-alegrense no qual os times do Grêmio e do Internacional são adversários e rivais eternos. Ele afirmou ficar motivado com o amor e a paixão por parte dos gaúchos torcedores. Ao falar desses sentimentos gesticulou com as mãos reforçando o que era narrado. Como se não houvesse palavras suficientes para definir exatamente o que sentia.

Dentro do contexto, diz que *“tudo que envolve a parte gaúcha, a história deles de danças e guerras que tiveram no passado, guerra dos Farrapos”*, “o mundo que tem o mundo gaúcho”, tudo isso lhe provoca um sentimento. Compreendemos que esse sentir é interessante, visto que romantizou a guerra através do encantamento manifestado pelo espírito guerreiro. Esse ponto é muito extraordinário para a tese, já que atribui sentido ao ser gaúcho do próprio entrevistado.

Para Joca os gaúchos demonstram *“amor pela própria terra e a tradição”*. Uma vez que o amor corresponde a uma emoção do nível afetivo-expressivo, no contexto do entrevistado amar a terra significa amar o Rio Grande do Sul e os eventos históricos desta cultura. Nesse sentido, pelo fato do avô ter nascido no Rio Grande do Sul, Joca considera ter herdado a essência de luta e da garra, explícito quando afirmou: *“eu tenho corrido esse sangue nas veias”*.

Por outro lado, o entrevistado mostrou-se contraditório no fechamento da narrativa concluindo que *“ser gaúcho é um estado de espírito e não precisa ter nascido lá para ser”*. É como se o entrevistado regressasse a si próprio. Na sua fala durante a entrevista abordou aspectos relacionados ao conhecimento obtido pela vivência do tradicionalismo, depois reportou a representação do gaúcho ideal, no caso, o seu avô. Finalmente, afirmou que não há uma relação de dependência entre o ser gaúcho e o local de nascimento.

Sobre a Tradição, disse que o seu conhecimento sobre a cultura gaúcha provém da vivência tradicionalista. Nas palavras do entrevistado:

Eu comecei, a gente entrou no movimento há dez ou onze anos. Eu já gostava, já participava de cursos. Mas, CTG mesmo, faz 11 anos que a gente está aqui no 20. A cada dia que passa a gente vai gostando mais, vai

aprendendo, vai vendo a história desse tradicionalismo. E aí, tipo, me senti gaúcho ao usar uma bombacha, uma bota e andar bem pilchado (JOCA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 15 DE JUNHO DE 2019).

De acordo com o fragmento extraído da narrativa, “fazem onze anos que Joca é frequentador do CTG 20 de Setembro”. Mais de uma década cultuando a tradição gaúcha. Antes de ingressar como associado, contou que já havia participado de cursos, mas não especificou as temáticas. Sobre o CTG, expressou que o nível de satisfação foi ampliado com o passar do tempo em virtude de tudo que pôde aprender nos cursos, seminários e palestras oferecidos pela equipe da instituição.

A pilcha, isto é, a vestimenta característica do gaúcho, é um símbolo de forte apelo significativo para a referida cultura. Ele disse que ao trajá-la, se sente gaúcho, mas essa questão não foi superada pelos estudos centrados na evolução histórica das roupas dentro de uma determinada cultura.

Há também aqueles teóricos que criticam a estética difundida pelo MTG. Segundo essa linha de pensamento, o movimento mascara a legitimidade do gaúcho. Todavia, a posição do entrevistado independe de toda e qualquer crítica. Não se trata de uma opinião, mas sim da sua verdade, a qual significa o gaúcho subjetivamente.

Para Joca, os gaúchos são pessoas que tem amor pelo que são, pela terra, pela madeira e por todas as coisas que envolvem o Rio Grande do Sul. A madeira foi citada na narrativa de maneira aleatória. Compreendemos que tal elemento é um recurso, considerado pelo entrevistado, como abundante no estado do Rio Grande do Sul.

Sobre a espacialidade do Rio Grande do Sul, Joca considera o referido estado como berço da tradição. Porém, mostrou-se contraditório acerca do gentílico, vinculando e desvinculando o local de nascimento como condição para o ser gaúcho. No fechamento da narrativa concluiu que as fronteiras do espaço físico podem ser ultrapassadas por meio do sentido atribuído. Assim, abriu a possibilidade para se definir gaúcho.

Sobre o futebol o entrevistado expôs:

Uma coisa muito bacana que eu vejo é assim, quando escuto me emociona, é você ver, por exemplo, um grenal. Dentro do estádio as duas torcidas cantando o hino do Rio Grande do Sul. É uma coisa que você não enxerga em outros países e até aqui no próprio Brasil. Veja o jogo fora do estado do Rio Grande do Sul, eles não fazem isso, não cantam o hino do estado. Lá

eles cantam, e as duas torcidas. Então, isso é uma coisa que eu acho muito bacana, esse amor que eles têm pelo próprio chão, pela terra deles. O orgulho que eles têm de andar com a bandeira do Rio Grande do Sul é uma coisa que eu gosto (JOCA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 15 DE JUNHO DE 2019).

Observamos que narrativas trouxeram elementos surpreendentes, mas o futebol foi algo bem diferente vinculado ao gaúcho, talvez o entrevistado seja um grande apreciador do esporte e por esse motivo sinta-se comovido pela emoção dessas torcidas dos times porto-alegrenses. Para ele, a paixão desses torcedores é uma verdadeira manifestação de amor pela terra que é declarada na entoação do hino rio-grandense.

Além disso, destacou o orgulho que os rio-grandenses têm da sua bandeira, e comparou com os outros estados brasileiros. Ressaltou a positividade da ação pela expressão “bacana”. Notamos que o futebol foi pensado numa lógica sentimental, mas também cultural e geográfica no âmbito da abordagem do gaúcho.

FECHANDO A “PELEIA”

*Há tantos quadros na parede
Há tantas formas de se ver o mesmo quadro
Há tanta gente pelas ruas
Há tantas ruas e nenhuma é igual a outra
Ninguém é igual a ninguém*

**Compositor e interprete: Humberto Gessinger,
Música: Ninguém = Ninguém, 1993.**

O gaúcho(a) pode ser como “o quadro na parede” da música de Humberto Gessinger. A experiência, ao observar o quadro, é individual e única, assim como a conhecimento da cultura gaúcha. Em analogia à música, há muitas formas de ver e experienciar o gaúcho, pois “ninguém = ninguém”, afirmação que pode ser confirmada pelos pressupostos da teoria das formas simbólicas, de Ernst Cassirer. O espaço da vida é um mosaico de fatos, sentidos e significados. Por meio da ação conformadora de mundo, as pessoas, em um processo de conformação, produzem espacialidades de distintos níveis (expressivo, intuitivo e significativo), assumindo um universo simbólico singular. A questão norteadora desta tese versa sobre esse universo, visto que as espacialidades, no fenômeno de conformação de mundo do ser curitibano gaúcho(a), são particulares. A vida é animada pelos significados atribuídos ao real, portanto, toda prática espacial é conformada, isto é, desenvolve-se tendo em mente o sentido em que foi pensada.

No entanto, antes de falar dessas espacialidades e “fechar a peleia” é necessário responder às seguintes reflexões, propostas na introdução desta tese: O que diz a história sobre a cultura gaúcha? Como as pessoas podem significar o espaço? O que os indivíduos fazem no Centro de Tradição Gaúcha - CTG? E, o que contam as narrativas dos curitibanos gaúchos(as)?

A história do gaúcho mostrou-se complexa, sem certeza da sua origem. Acredita-se que se estabeleceu de uma mescla intercultural, na qual o gaúcho é um híbrido. Em outras palavras, o gaúcho é algo diferente daquilo que existia em dado momento histórico e, por isso, precisou ser nominado por uma palavra exclusiva. Inicialmente, eram indivíduos marginalizados. Depois, pela manipulação do contexto econômico, ganharam um novo sentido. Assim foi constituído o mito do gaúcho

honroso. Os brasileiros apropriaram-se dos méritos da referida cultura e o MTG passou a incorporá-lo como símbolo do movimento.

Os gaúchos entrevistados estão dentro desse contexto. São tradicionalistas, os quais estão nessa atmosfera de natureza mítica, perpetuada nos espaços dos CTGs. Os gaúchos significam o espaço de inúmeras maneiras, produzindo diferentes espacialidades, como as que foram mostradas nas narrativas. As espacialidades abarcam o espaço de suas vivências, da festa, da gastronomia, do curso e das competições, espaços onde se dá a interação social. No entanto, é o agir no mundo de cada gaúcho que determina a singularidade espacial. Por isso, cada entrevista é única e especial, já que a ação produz um gaúcho exclusivo, repleto de sentimento, paixões e significações peculiares. Entendido dessa maneira, o gaúcho liberta-se, rompe com os rótulos e descobre uma infinidade de possibilidades para a sua experiência.

O CTG é uma entidade tradicional e seus membros partilham normativas e uma série de símbolos culturais. Não quer dizer que a liberdade de pensamento do gaúcho corresponda à negligência do seu estatuto social, não é isso. Cabe destacar que toda cultura possui os seus códigos, para o bom convívio social. A liberdade, nesse caso, é no âmbito do conhecimento do real, isto é, de pensamento.

O fenômeno do ser gaúcho é multifacetado. Cada gaúcho vê as danças tradicionais, a poesia, os artefatos, o chimarrão e o churrasco de uma maneira. É o seu conhecimento sobre determinada realidade. E, por mais incrível que pareça, é possível ser gaúcho e não gostar de churrasco, ou até mesmo sentir-se incomodado pelo elevado consumo da proteína no meio tradicionalista. O simbólico é livre. Assim, os gaúchos são o que significam. Nesse sentido, todo o arranjo simbolizado e espacializado, por mais improvável que pareça, não desqualifica a sua concepção de gaúcho. Quase todos os entrevistados destacaram que ser gaúcho é um estado de espírito. De tal maneira, eles têm consciência da sua ação significativa de mundo. O gaúcho mostrado na entrevista não é aquele que vai ao CTG para ficar gaúcho, mas que vai ao referido espaço porque se sente gaúcho de alguma maneira.

Até mesmo as crianças demonstram uma admiração especial pela cultura. Em alguns eventos, são solicitadas para que declamem poesias. Acredita-se que o bater no peito e o ato de gesticular com as mãos enquanto declamam demonstra segurança e propriedade do que é falado na frente do público. Isso se deve ao sentimento e emoção direcionados à arte tradicionalista. Não é uma mera

representação, mas o sentido proporcionado à experiência. Isso é espacialidade, algo que projeta o pensamento do sentimento e do significado no espaço.

Sobre os indivíduos no CTG, o trabalho etnográfico viabilizou uma experiência incrível. A atmosfera do centro de tradição gaúcha vibra com a alegria, paixão, orgulho, garra e fraternidade. É um espaço muito acolhedor, onde tudo é pensado e preparado para envolver e conquistar as pessoas. Nesse espaço, os presentes parecem felizes com as suas famílias unidas, há espírito de colaboração, disciplina e amizade. Ali, as pessoas estudam a cultura para saber mais do passado dos gaúchos e se colocam como soldados na linha de frente da divulgação e promoção cultural. Envolvem-se profundamente, a ponto de fazer do CTG uma extensão de suas casas. Compartilham experiências significativas e parecem se sentir acolhidas e seguras para se mostrarem gaúchas. As pessoas podem vestir-se à moda gaúcha, dançar, jogar e declamar poesias tradicionalistas, tudo sem medo de julgamento cultural. O CTG é o cenário perfeito da experiência mítica. Os que lá estão vivem momentos difíceis de explicar.

Sobre as narrativas dos curitibanos gaúchos, o ser curitibana gaúcha de Elis Regina constitui-se a partir da dança, do casamento, pela duração das festas na sua casa e a beleza das indumentárias e alegorias. O CTG representou o espaço de plenitude, onde vibram o ser gaúcho de outras pessoas. Essa entrevistada desconhece a história do gaúcho, seu ser gaúcha fundamenta-se no mítico, nas experiências vividas. Isso compõe o seu real. Ela é gaúcha através da gastronomia, que não é típica, mas considera comida gaúcha. É gaúcha quando entende que meninos gaúchos não podem chorar. É gaúcha quando relaciona a fama de brigão do seu esposo à determinada cultura, algumas pessoas questionariam o machismo, mas nessa tese visamos a conformação da entrevistada, não cabe julgamentos. É gaúcha quando dança a vaneira e admira a beleza da indumentária da prenda. É gaúcha quando planeja confeccionar um traje similar e ingressar nas aulas de dança tradicionalista.

Outro curitibano gaúcho conhecido na pesquisa foi Jayme. Na narrativa, explica que a construção do seu ser gaúcho no mundo iniciou antes de integrar o movimento tradicionalista gaúcho (MTG). Para o entrevistado, as músicas tradicionalistas despertavam algo especial que representava o seu pensamento. Jayme é um estudioso da cultura gaúcha. Além de conhecer a história com profundidade, tem contato diário com pessoas do CTG. A rotina intensifica a

expressão e representação da cultura gaúcha, pois existe uma interação constante entre as pessoas desse meio. O chimarrão e a indumentária são hábitos comuns. Entretanto, o entrevistado considera a sua própria existência como um resgate do passado. Vive na busca dos aspectos positivos do gaúcho, fixados pela ressemantização do termo. Logo, o ser curitibano gaúcho de Jayme é um homem que busca experiências simples para a vida, como ir morar em um fundo da grota (vida rural).

A terceira entrevistada, nominada de Shana, é uma pessoa do meio tradicionalista. De acordo com a narrativa, o ser curitibana gaúcha da entrevistada estruturou-se no fator emocional. Considera que a referida cultura colaborou para que pudesse sentir-se completa, pois preencheu um vazio na sua existência. Para a entrevistada, a sua totalidade só foi encontrada depois de se significar gaúcha. Foi esse sentimento que a transformou em uma mulher plena, “que consegue ser várias coisas ao mesmo tempo”, sem deixar de ser gaúcha.

Juliana, a quarta entrevistada, mostrou-se apaixonada pelo ser curitibana gaúcha que representa. Sua narrativa foi marcada pelo orgulho do conhecimento adquirido sobre essa cultura, sendo esse o motor que impulsiona a sua ação significativa de mundo. Tudo que vive e realiza gira em torno desse sentimento relacionado à cultura gaúcha. Ser gaúcha, para essa entrevistada, é representar o amor pela cultura e pelo Rio Grande do Sul.

A quinta entrevistada, nominada de Beta, mostrou a existência de uma gaúcha vegetariana. Segundo sua narrativa, ao se conformar gaúcha, reconheceu em si um pensamento contraditório. Ao mesmo tempo que considera o apreço pelo churrasco um componente determinante para a cultura gaúcha, não vincula o seu ser gaúcha a essa condição. Todavia, sente-se como uma gaúcha que significa as competições de danças e no ambiente familiar do CTG a base da experiência de mundo do seu ser curitibana gaúcha.

O último entrevistado, Joca, mostrou que existe um gaúcho que se conforma pelo futebol. Não o futebol essencialmente como uma prática esportiva, mas pela paixão dos torcedores pela cultura gaúcha. Portanto, o ser curitibano gaúcho desse entrevistado fundamentou-se na experiência com o futebol, a garra e amor à terra expressos pelos torcedores rio-grandenses. Destaca que essas demonstrações servem para explicar o seu ser gaúcho, pois encontrou nessas manifestações o que faltava, já que os times do paraná não demonstram amor pelo seu estado.

Então, o que essas espacialidades identificadas nas narrativas mostra-nos do gaúcho?

As espacialidades produzidas mostraram que os curitibanos gaúchos são aqueles que sentem a cultura como parte significativa da sua experiência no mundo. São aqueles que, pela emoção, transformaram a metrópole num “pago”. São pessoas que, ao se significarem assim, encontram motivos para desejar aprender mais sobre determinada cultura. São gaúchos e gaúchas que sentem saudade de tempo e lugares que não viveram. São aqueles que amam a mitologia gaúcha, que se emocionam com a experiência de ouvir uma música ou ler uma poesia com a temática da cultura gaúcha. São curitibanos gaúchos as pessoas que extraem o máximo de cada oportunidade ofertada por essa cultura.

A felicidade está no gaúcho e em tudo que envolve esse universo simbólico. O gaúcho deixa de estar apenas no CTG para estar em cada momento do seu dia, pois são gaúchos nas suas rotinas diárias, nos seus trabalhos, no preparo da sua alimentação e na maneira de conhecer o mundo. Alguns demonstraram a vontade de ir embora para o Rio Grande. Outros, por acreditarem que são as emoções que definem os gaúchos, não condicionam o seu estado de espírito a uma localização, conseguindo, desse modo, sentirem-se gaúchos na cidade.

Para fechar a peleia, há de se destacar que a presente pesquisa reforça e comprova a ideia de que a cultura não se define pela condição biológica ou determinismo geográfico, mas sim, pela conformação simbólica. Embora alguns dos entrevistados relacionem o gaúcho aos rio-grandenses, é unânime o rompimento da vinculação geográfica, criando uma nova proposta de experiência espacial.

Desse modo, essa pesquisa possibilita a abertura da ciência geográfica para uma nova interpretação espacial por meio do categorial da espacialidade, centrando a análise espacial na subjetividade humana. Compreender as espacialidades simbólicas possibilita conhecer as singularidades espaciais de cada um dos entrevistados e os aspectos de sua vivência no mundo da ação, no qual cada pessoa produz um universo simbólico, destacando os elementos espaciais do seu cotidiano. O tradicionalismo une aqueles que, de alguma forma, definem-se gaúchos, ou apenas são simpáticos às suas festas e atividades culturais.

No entanto, a condição gaúcha dos entrevistados transcende o espaço físico do CTG, mostrando o sentimento que figura na alegria e também na tristeza de viver gaúcho. O espaço desses curitibanos é transformado a partir do momento que

conformam a realidade como gaúchos. É um novo espaço, com novos símbolos decodificados e significados. O conteúdo da vida alterou-se e, a partir de toda ação projetada no espaço.

REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, Fernando. **El gaúcho. Su espacio y su tiempo**. Montevideo: Arca, 1969.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CAMARGO, J.C.G; LIMA, F.F de. O POSITIVISMO E A GEOGRAFIA EM RONDON. **Revista Estudos Geográficos**, Rio Claro: UNESP, 2005, p. 37-52
- CASSIRER, E. **Las ciencias de la cultura**. México: Fondo Mexicano Economico, 1965.
- CASSIRER, E. **Esencia y efectodel concepto de símbolo**. Fondo de Cultura Económica. México, 1989.
- CASSIRER, E. **Linguagem e mito**. Traduzido por J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. 3. ed. São Paulo (SP): Editora Perspectiva, 1992.
- CASSIRER, E. **Ensaio Sobre o Homem**. Uma Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana. Ed: Martins Fontes, São Paulo. 1994.
- CASSIRER, E. **Filosofia das formas simbólicas I – a linguagem**. Traduzido por Marion Fleischer. 1. ed. São Paulo (SP): Martins Fontes, 2001.
- CASSIRER, E. **Filosofia das formas simbólicas II – o pensamento mítico**. 2. ed. São Paulo (SP): Martins Fontes, 2004.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1996.
- CHAGAS, E. N. **O discurso sobre o gaúcho**. Uma análise enunciativa das músicas nativistas. Dissertação de mestrado em Letras. Santa Maria: UFSM, 2011.
- CHRISTALLER, W. **Central places in Southern Germany**. New Jersey: Prentice Hall, 1966.
- COSGROVE, D. A Geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.
- CÔRTEZ, P. J. C. **Falando em tradição e folclore gaúcho**. Porto Alegre: Grafosul, 1981.
- DACANAL. J. H. A Miscigenação que não houve. In: DACANAL, H. J; GONZAGA, S. (Org.). **RS: Cultura & Ideologia, Porto Alegre**: Mercado Aberto, 1980.

GUTIERREZ, E. J. B. **Negros, charqueadas & olarias**: Um estudo sobre o espaço pelotense. Pelotas: Ed. Universitária, 2001

CCDREYS, N. **1781-1843 Notícia descritiva da Província de Rio Grande de São Pedro do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão/EDIPUCRS, 1990.

FELDE, Z.A. **El proceso histórico del Uruguay Montevideo**: Arca, 1967.

FERNANDES, D. Geografia da religião: um olhar sobre as espacialidades da juventude evangélica da assembleia de deus. **Dissertação de mestrado curso de Pós-Graduação em Geografia**, Curitiba, UFPR, 2012.

FERNANDES, Vladimir. **A Filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003. Disponível em http://www.educared.org/educa/img_conteudo/File/CV_132/200. Acesso em 20/06/2016.

FIGUEIREDO, B. **Textos revestidos: indumentária e identidade gaúcha no rio da prata dos oitocentos**. Anais do 14º Colóquio de Moda, 2011.

FREITAS, D. O gaúcho: o mito da “produção sem trabalho”. In: DACANAL, H. J; GONZAGA, S. (Org.). **RS: Cultura & Ideologia, Porto Alegre**: Mercado Aberto, 1980.

GONZAGA, S. As mentiras sobre o gaúcho. Primeiras contribuições da Literatura. In: DACANAL, H. J; GONZAGA, S. (Org.). **RS: Cultura & Ideologia, Porto Alegre**: Mercado Aberto, 1980.

GONZALÉZ, U. C. El gaucho: historia y estética de un mito O gaúcho: história e estética de um mito. **Revista Papéis do programa de pós graduação em estudos de linguagens**. Vol.18, nº36, Campo Grande, 2014.

GEERTZ. C. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: ATLAS, 2008.

GIL FILHO, S. F. **Espaço Sagrado**: estudos em Geografia da religião. Curitiba: Ibpex, 2008

GIL FILHO, S. F. Geografia das formas simbólicas em Ernst Cassirer. In: BARTHE-DELOIZY, F; SERPA, A. **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia**. Salvador: UDFBA, 2012.

GIL FILHO, S.F.; SILVA, M.S. Espacialidades de conformação simbólica. In: GIL FILHO, S.F.; SILVA, M.S; GARCIA, R. G. (org.) **Ernst Cassirer, geografia e**

filosofia. Curitiba: Programa de Pós – Graduação em Geografia – UFPR, 2019.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1996

GOMES, A. R. C. A Narrativa enquanto Instrumento de Investigação e de Autoconhecimento. Porto/Portugal: **Dissertação de mestrado em Ciência do Desporto e de educação física.** 2003

HEGEL, G.W.G. **Science de la logique.** Paris, Gallimard, 1949, p. 86.

HOBSBAWN, E; RANGER, T. **A invenção das tradições.** 3. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

JACQUES, J. C. **Assuntos do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Oficinas Graphics da Escola de Engenharia, 1912.

KANT, I. **Crítica da razão pura.** Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2001.

LARAIA, R. de. B. **Cultura – um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar, 1986

LESSA, B. **Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo.** Porto Alegre: AGE, 2002.

LESSA, L. C. B. **Nativismo: um fenômeno social gaúcho.** Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1985.

LOBO, I. E. A contribuição neokantiana para a fundação das ciências sociais. **Revista Em Tese.** São Paulo: v. 15, n. 2 p. 01, Julho, 2018.

LOPES, C.G. Contornos do imaginário: imagens do índio do Rio Grande do Sul na literatura brasileira. In: SILVA, G. F; PENNA, R; CARNEIRO, L. C. da. C. **RS índio: cartografias sobre a produção do conhecimento.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009 p. 29-38.

LOPES NETO, João Simões. **Contos gauchescos.** 9ª ed., Porto Alegre: Globo, 1976.

LUVIZOTTO, C.K. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia.** São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MAGALHÃES, M. O. **História do Rio Grande do Sul 1626-1930.** Pelotas: Armazém Literário, 2002.

- MASCARO, A. L. **Introdução à filosofia do direito** – Dos Modernos aos Contemporâneos. São Paulo: Atlas, 2002.
- MARANDOLA, E. J. Geografias do porvir: A fenomenologia como abertura para o fazer geográfico. In: SPOSITO, E.S et al. **A diversidade da Geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação**. Rio de Janeiro, Editora consequência, 2016.
- MENZ, M. M. **Entre Impérios: Formação do Rio Grande na Crise do Sistema Colonial Português (1777-1822)**. São Paulo: Alameda casa editorial, 2009.
- MERGULHÃO, A. R. O poder da imaginação. Cassirer e a ampliação da teoria do conhecimento rumo às ciências do espírito. In: GIL FILHO, S.F.; SILVA, M.S; GARCIA, R. G. (org.) **Ernst Cassirer, Geografia e Filosofia**. Curitiba: Programa de Pós – Graduação em Geografia – UFPR, 2019.
- MOLAS, R. E. R. **História social del gaúcho**. Argentina: Ediciones Marú, 1968.
- MOREIRA, S.B.J. **O caráter indeterminado no problema da unidade do homem**. Dissertação de mestrado em Filosofia. São Paulo: PUC, 2007.
- NUNES, Z. C; NUNES, R. C. **Dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.
- OLIVEN, R.G. **A cidade e a tradição**. Ciência e Ambiente. Porto Alegre: UFRGS, 1993.
- PRADO, C. J. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PANITZ, L. M. **Por uma Geografia da música: O espaço geográfico da música popular platina**. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2010.
- PADOIN, M.M. **Federalismo Gaúcho**. Fronteira Platina, Direito e Revolução: São Paulo: Companhia Nacional: 2001.
- PESAVENTO, S.J. Historiografia e ideologia. In: DACANAL, H. J; GONZAGA, S. (Org.). **RS: Cultura & Ideologia, Porto Alegre**: Mercado Aberto, 1980.
- PESSI, Bruno S. O fim do tráfico e a organização do trabalho nas charqueadas pelotenses: ofícios e avaliação dos escravos arrolados nos inventários de charqueadores. **AEDOS** – Revista do Corpo Discente do Programa de PósGraduação em História da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 4, Nov/2009. p. 157-168.
- RAMIL, V. **Estética do frio**. Pelotas: Satolep Livros, 2009.

ROSENFELD, A. Prefácio. In: CASSIRER, E. **Linguagem e mito**. Traduzido por J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. 3. ed. São Paulo (SP): Editora Perspectiva, 1992.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4º ed. São Paulo: EDUSP, 2006

TROTTA, Wellington. **O pensamento político de Hegel à luz de sua filosofia do direito**. Rev. Sociol. Polit. [online]. 2009, vol.17, n.32, p. 9-31. ISSN 1678-9873.

VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento, parte I: O Continente I**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, [1949] 2004.

VERENE, Donald Phillip. **The Origins of Symbolic Forms - Kant, Hegel, and Cassirer**. Evanston – Illinois: Northwestern University Press, 2011.

VICTORA, C.G; KNAUTH, D.R; HASSEN, M. de. N. **Pesquisa qualitativa em saúde**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

VLIET, M.V. Indivíduo, relação e estrutura segundo Cassirer: que filosofia do sujeito? In: BRAGA, J; GARCIA, R. (Org.) **Antropologia da INDIVIDUAÇÃO Estudos sobre o pensamento de Ernst Cassirer**. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

SAINT-HILAIRE. A. de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002.

ZATTERA, V. S. **gaúcho: vestuário tradicional e costumes**. Porto Alegre: Pallotti, 1995.

PÁGINAS DA INTERNET

Felde, página sobre a cultura gaúcha Uruguiaia. Disponível em: <<https://www.rau.edu.uy/uruguay/cultura/gaucho.htm>> Acesso em: 15 de outubro de 2018.

Página do Movimento Tradicionalista Gaúcho- MTG. Disponível em: <<http://www.mtg.org.br/>> Acesso em: 15 de outubro de 2018.

Página do CTG 20 de Setembro Curitiba. Disponível em: <<http://www.ctgvintedesetembro.com.br/>> Acesso em: 15 de outubro de 2018.

REFERENCIAS DISCOGRÁFICAS

AZAMBUJA, B; CHAVES, H. **Canto do índio velho**. Em: LP Xote Largado, 1986.

SILVA, M. E. **Orelhano**. Gravação: LEDESMA, D. R. Album Orelhano, 1987.

ANEXOS

Modelos das autorizações

Eu _____,
R.G. _____ na condição de representante do CTG
20 de Setembro da cidade de Curitiba, no cargo de patrão, venho através deste
documento firmar parceria com *Caroline Dutra Bilhalva*, R.G 1085285508,
doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR, para que
possa desenvolver os seus estudos em cultura com base nos conhecimentos
adquiridos nessa instituição e utilizá-los na tese intitulada **AS
ESPACIALIDADES GAÚCHAS NA CONSTRUÇÃO DO SER CURITIBANO (A)
GAÚCHO (A): UM ESTUDO COM INTEGRANTES DO CTG 20 DE
SETEMBRO, CURITIBA – PR, 2016-2018.**

Curitiba, ____ de Julho de 2020.

Assinatura do responsável

Eu _____,
R.G. _____ na condição de entrevistado (a), venho
através deste documento autorizar *Caroline Dutra Bilhalva*, R.G 1085285508,
doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR, utilizar a
narrativa concedida acerca do "ser gaúcho (a)" na tese intitulada **AS
ESPACIALIDADES GAÚCHAS NA CONSTRUÇÃO DO SER CURITIBANO (A)
GAÚCHO (A): UM ESTUDO COM INTEGRANTES DO CTG 20 DE
SETEMBRO, CURITIBA – PR, 2016-2018.** Declaro estar ciente do uso do
anonimato para preservar a identidade do entrevistado.

Curitiba, ____ de Julho de 2020.

Assinatura do Entrevistado (a)

ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

Elis Regina

Gaúcho? Ah, eu sempre gostei Caroline. Tanto que quando eu era nova falava que queria casar com um gaúcho (risos). Dizia isso para minha mãe. Ninguém me entendia, eu sempre gostei de sair para as festinhas, mas minhas amigas não gostavam porque sempre íamos parar no vanerão. Eu gosto do ritmo, é bom para dançar, e olha que eu danço bem. Está tão bonito este baile, adoro as roupas, esses vestidos bem floridos. Então, eu nasci em Curitiba, sempre morei na região metropolitana, agora moro com meu marido, lá no fim do Pinheirinho, é perto aqui do CTG. Ah, queria tanto que minha filha fosse dançar na invernada, é bom para as crianças, já vão criando gosto pela cultura. O pai dela é gaúcho, então, tem que gostar mesmo. Ele vivia dentro de um bailão, lá na cidade do Rio Grande. Para você ver, fui longe buscar ele para casar comigo (risos). Tive sorte, meu sonho era conhecer o Rio Grande do Sul e a escola que eu trabalhava, me deu isso de presente. Eu dava atendimento pedagógico em Vacaria e Rio Grande, foi lá que eu o conheci. Estamos a oito anos juntos, gosto de ir para lá, o povo é alegre, tem que ver minha cunhada, só faz comida gostosa. Eu aprendi a cozinhar com ela, tem uns prato que faço melhor que ela, mas não posso falar, porque fica brava. Noto que as festas na minha casa duram mais tempo, minha amigas estranham. Curitibanos, se você convida para um aniversário que está marcado para as cinco da tarde, ele vai aparecer lá pelas 4:30 e 5:30 já foi embora. Agora sei que começa de manhã, o pessoal fica para o churrasco e vai ficando até a hora da festa, quando não querem janta. Eu gosto da casa cheia. Essa ai é minha enteada, filha dele, e os meninos são dela, criamos tudo junto. Olha só, vão servir o almoço, o cheiro está maravilhoso, que variedade. Você vai primeiro? Na volta pode reparar as crianças um pouco, para eu servir eles? Eu se fosse você corria, está muito bom e essas saladas. Eu não comia maionese com churrasco? é comum no RS. Hummm, tudo muito bom, ah porque comi tanto. Sabe, meu marido é brigão, coisa de gaúcho, bebeu bastante, acho que não vou deixar para ir muito tarde, porque se deixo por ele, não saio mais daqui. Ah, vão começar as apresentações, olha a carinha dela, me dá uma pena. Ela gostou tanto de usar o vestido de prenda, da outra vez uma menina disse para ela que ela estava linda, você precisava ver o quanto estava linda, uma pena ter

deixado de servir. Olha como ela está olhando para a roupa daquela prendinha, ela ama, fica encantada, adora se vestir de prenda também. Agora tive problemas de doença e estou apertada de dinheiro, mas assim que folgar vou mandar fazer outro vestido para ela. Ela gosta, você não sabe como faço, para fazer a matrícula dela nas aulas de dança? Ah, é mesmo vou perguntar para a organização. Toda mãe sonha que seu filho seja educado, gostos dos valores do CTG. Eu tinha uma costureira boa, sabe, é difícil encontrar uma que saiba costurar em Curitiba. Ai, adoro essa música, já volto. Que coisa boa, adoro um fandango, sempre gostei. Adoro dançar este tipo de música. Viu, encheu a pista de dança, até já pensei em me matricular na dança também. Depois que casamos e eu sai da escola, engravidei e montamos um negócio lá no bairro, vou mostrar a foto para você. Vendemos Xis, igual aos do gaúcho, o pessoal está gostando porque em Curitiba não tem assim. o nosso lanche é diferente destes de Curitiba, são gaúchos, pois tem de tudo, carne, ovo, molho. Aqui os lanches são secos, é diferente. Só um pouquinho, para menino, o que é isso, nem parece que é gaúcho, para de chorar (disse ao neto). Quando fui no Rio Grande, fomos acampar na praia da Capilha, conhece? A minha cunhada gostou de mim, disse que eu era valente. Tava acampada e apareceu uma cobra no acampamento, perto das comidas, peguei um sapato para matar e ela fugiu. Eu não fiquei com medo. Falaram até que eu tava ficando gaúcha. Ah, Caroline, gaúcho é isso tudo aqui. Depois que casei, acho que virei gaúcha também, meu marido é muito bagunceiro, mas eu mudei bastante com o jeito dele. Só não gosto de brigas. Vou chamar ele para ir embora, já tá tarde. Se despediu e me desejou boa sorte, no trabalho.

Jayme Caetano

Então, como eu estava te falando, eu pressinto que nasci no lugar errado, no tempo errado. Hoje eu faço uma busca na história daquele gaúcho ancestral, daquele homem simples do galpão, daquele homem simples do galpão, daquele homem, do cheiro de fumaça. Enfim, daquele gaúcho que está ali na roda de mate está passando um estranho na estrada, ele convida para dentro do galpão para tomar um mate, da vivência de não saber o nome nem de quem se passa, se toma um grande amigo. Para mim isso ai arrepia o pelo sabe? Desde gurizinho. Gurizinho já era Gildo de Freitas, Teixeira, Adelar Bertussi, então vinha trazendo essa raiz e o CTG mesmo, eu passei a frequentar a dois anos e meio atrás. Sou natural de

Curitiba e meu pai é do Rio Grande do Sul, aqui na região metropolitana de Curitiba. Meu avô por parte de mãe, veio do Rio Grande do Sul com as tropas, se estabeleceu no município de Castro, por ser planície, parecido com o Rio Grande do Sul. E ficou por ali e talvez isso justifique um pouco, o amor e do anseio que eu tinha pela tradição. E mais assim, eu conheci o Rio Grande do Sul fazem uns cinco anos, mas te digo bem a verdade, não me sinto menos gaúcho por isso. Sou tão gaúcho, sinto essa efervescência, acredito assim, até pelo conhecimento que tenho de algumas pessoas que nasceram no sagrado solo do Rio Grande do Sul, que por algum motivo social e pessoal não cultivam a tradição. Eu hoje assim, me sinto realizado de poder ajudar, enfim, dentro da instituição. Quando como te falei, quando cheguei aqui a dois anos e meio atrás, tinha muito concreto, como ai da tem até hoje, muito cimento, muito ferro armado. E ai até falei para minha esposa, um dia a gente podia transformar isso com a cara de um galpão de verdade. Existia um galpão ali em cima e toda uma história. E aos poucos a gente está amadeirando o negócio. Estamos trazendo o cheiro de galpão, trazendo o jeitão de gaúcho, mas daquele gaúcho simples, daquele homem simples, daquele homem solito lá do campo, que chega tarde e repassar a lida do dia, vai refazer as contas dele tomando mate na beira de um fogo de chão, tocando um violão, uma gaita. É desse gaúcho que eu falo. Minha esposa também é de Curitiba, ela me viu assim manifestando a emoção, chorando mesmo em poucas ocasiões. E assim, eu digo bem a verdade, a questão musical, a questão rude do homem do campo, isso me toca muito. Então, eu faço uma viagem uma ou duas vezes ao por ano ao Rio Grande do Sul, vou na região de são José dos Ausentes, ali, Bom Jesus, são Francisco de Paula. A gente faz uns passeios a cavalo, que eu vou na frente ou vou atrás. E eu saio de lá, para me despedir bem forte, intenso. Nessa região eu falo assim, que vou uma ou duas vezes por ano porque desde a primeira vez que fui, eu me identifiquei. Parece que eu já tinha passado lá antes, em algum momento. Então, cada vez que eu vou, eu revejo (pausa para choro). É assim, uma coisa muito de ruim, para mim é isso. Eu sou cristão, hoje eu digo assim, sou cristão de uma origem evangélica. Mas te digo bem a verdade, hoje eu não desacredito numa passagem anterior ou posterior no mundo, pelo o que eu já vi comigo mesmo. É assim, quer ver, vou te mostrar aqui. Aos dois minutos e vinte segundos da segunda gravação, oralmente o depoente autoriza a utilização de sua narrativa para o presente estudo. Disse que poderia utilizar o nome dele sem problema algum, mas expliquei que gostaria de proteger a

identidade dos entrevistados. Assim, solicitei que sugerisse um nome simbólico para que fosse utilizado em sua referência. Segue sua proposição na íntegra. Quero fazer uma homenagem a um grande gaúcho, Jayme Caetano Braun, ele traz muita essência de poesia, eu me inspiro muito nele. Ele é um gaúcho missioneiro, Gabrielense e ele traz assim, muito intenso, o que é um homem do campo, né. Os poemas dele retratam muito o homem do campo. Eu sempre me prendo muito no que fala o tio Anastácio. Então, ele fala lá, que é entre a ponte e o Lageado na venda do Bonifácio. Conheci o tio Anastácio, negro, velho já tordilho, diz que muy quebro em potrilho, hoje pobre, despilchado, de tirador remendado, num petiço doradilho, quem visse tio em bolicho de campanha, oitavando num balcão, golpeando trago de canha. Tinha bem logo a impressão, que aquele mulato sério, era o Rio Grande do Sul gaudério fugido da revolução. A tropilha dos invernos tinha lhe dado estafa. Aquela meia garrafa dentro do cano da bota, contava a história remota do negro velho tordilho que os anos tinham vencido sem diminuindo a derrota. Mulato criado gualho nos tempos da escravatura, aquela estranha figura, na vida passará tudo, ginetaço macanudo, já desde do primeiro berro saia trançando o ferro no potro mais cuiudo, carneavam a rés no upa com toda a arte e perícia, reservado, sem malícia, bem quisto da vizinhança, nego de toda a confiança, tinha cruzado as fronteiras da Argentina, do Uruguai, andaré no Paraguai. Como tantos “indos tacos” que foram vingados nos “chacos”, a história da nossa gente.

Então ele retrata assim, tem o tio Esmerelim, tem o Hermano. Então, ele traz a questão da poética, porque hoje assim, a força da expressão gaúcha é a parte artística e a parte das danças, a parte até do próprio baile. Mas o que eu gosto de frisar sempre é que a gente nunca deve esquecer, até na própria pesquisa do Paixão Côrtes, que nos deixou ai, a poucos dias. A gente nunca pode esquecer que todo esse culto, é como eu falei no começo da nossa conversa, ali todo esse culto para aquele homem rude, lá do campo. Um homem que como o próprio, tio Jayme Caetano Brown fala, vivia de changa, né. Que é trabalhando por dia, uma hora numa estância, outra hora em outra e vendo o Rio Grande do Sul, sabe, que é um dos Estados do Brasil que tem o menor índice de reforma agrária, divisão de terra, são grandes concentrações de terra na mão de um único dono. Mas que congrega vinte ou trinta peões, muitas vezes solitários, isso ai me fascina. Sou engenheiro mecatrônico, o povo estranha de vez enquanto. Assim, porque a gente faz alguns processos de entrevistas e eles pedem ao médio e longo prazo. Qual é a tua visão

para médio prazo? Médio prazo hoje é a manutenção do meu cargo na empresa. Qual é a tua visão para longo prazo? Eu quero ir embora para um canto do mundo, criar uns carneiros, viver tranquilo. Ah, quer se isolar da sociedade? Não, quero ir viver a vida, tem muita gente arrastando o guilhão do patrão. Eu quero ir viver a vida, quero ir viver gaúcho, em um fundão de grotta, nem que seja.

A narrativa seguinte foi obtida dentro do museu do CTG 20 de Setembro

Uma sela deriva, um celin de prenda e até costume frisar com o pessoal, isso aqui uma época era status, né. A prenda diga-se de passagem, pobre, a agregada da estância não andava a cavalo, andava a pé, porque nem cavalo tinha. A prenda rica, a estanceira, a dona da estância, tinha a cela apropriada, com cabeçada, todo enfeitado os estribos, alguns com formato do sapato. Isso aqui era de prenda para elas andarem, boladeira, uma laça, ferramentas dos primeiros gaúchos. Uma coisa que eu gosto muito, também, eu gosto muito de música, eu gosto muito de música e a música gaúcha ela é bem complexa. Temos desde a música inicial influenciada pelos espanhóis, os guitarreiros, que as primeiras aparições da músicas, lá que eram só os guitarreiros e depois a influência das gaitinhas de botões que entrou através dos mascates turcos. E depois por último através destes irmãos italianos, descendentes de italianos, os Bertussi, filhos senhor Fioravante que eram imigrante italiano, a gaita piano que é originário da Itália, né, de algumas regiões da Itália. Hoje está o filho do seu Adelar, o filho do seu Adelar que está tocando o baile. Esse o seu Adelar partiu para o andar de cima, o Ney também. Aqui está o Jayme, escreveu muita coisa, inspirou o Pedro Etácia, Samuel Guarani, que já partiu para o andar de cima também. Um pouquinho da nossa história, eu gosto muito, eu gosto muito da... eu gosto muito do que representa a minha terra, do que representa a minha gente. Então, eu tenho um habito de parar o carro para tirar a foto de uma araucária, de um pinheiro. Mas ai estou viajando e vejo um pinheiro bonito, eu tiro uma foto dele, eu estou passando por ali gosto de fotografar o pinheiro, gosto de chegar perto da árvore, gosto de ver ela de perto, porque é uma árvore frondosa e assim, a gente sabe que cada pinheiro daquele tamanho ele conta uma história, ele carrega uma história junto com ele. Então, eu vou para aquela região serrana, entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que tem aqueles, os capões de pinhos que eles falam ali, muito interessante. E casadinho já tem a erva mate, no Paraná a erva mate sempre foi produzida na sombra de pinheiro, que é a erva nativa. Hoje assim, até o próprio, me desculpe, tu nasceu no Rio Grande, não estou sendo mais gaúcho que ninguém,

nem diminuindo nem aumentando, mas nós colocamos assim, o próprio pela questão que o Paixão mesmo falou, né, nascer no Rio Grande tu é , ser gaúcho é um Estado de espírito, tu pode ser gaúcho em qualquer lugar do mundo. E o hoje, ele já admite, que a melhor erva foi daqui do Paraná, as mudas para lá. A erva nativa boa para consumo, então, ela vinha do Paraguai pelo oeste do Paraná chegando até aqui, próximo da região sul, aqui em São Mateus, em Laranjeira, em União da Vitória e sombreado do pinheiro. Então, o sol não queimava a folha, a folha se conservava verdinha, eles tiravam mandavam para o carejo, mandavam para a moagem, e o paladar da erva produzido aqui era muito melhor que em outras regiões. E começou a ir mudas de erva do Paraná para regiões do Rio Grande do Sul que tem até hoje, as cidades de Erechim, Arvorezinha, Ponte Nova, se não me engano, é, são todos hervaís formados a partir de mudas aqui do Paraná. Uma trempe que relembra os tropeiros, né, pessoal que construiu a história do sul do Brasil.

Perguntei se ele conheceu os muros de pedra no Rio Grande do Sul?

Os muros de pedra em São José dos Ausentes, São Francisco de Paula, aquilo é sensacional, né. Eu tenho, desculpe... Caroline. Eu tenho uma coisa comigo assim, minha mulher agora ela me entende. Eu pago para ver uma máquina de costuras dessas aqui, eu penso assim, hoje é uma máquina de costura moderna, que faz lá, sei lá, os overloques, os alinhavados o tanto não sei o que, você vai lá e é xis reais uma máquina daquela, não tem história nenhuma nela, tu vai colocar a tua história nela. Eu fico olhando essa aqui e fico pensando, quanta camisa de criança uma máquina desta daqui costurou, né. Que mãe que estava atrás dela, que vó estava atrás dela fazendo roupa, né. E vou lá e vejo aqueles muros de pedra e fico pensando, quantas mãos esfoladas para construir tudo aquilo, né. E eu me entristeci muito em São Francisco de Paula, porque eu vi uma plantação de pinos invadindo os muros de pedra. Quilômetros de extensão de taipa de pedra, né. Em São José dos Ausentes mesmo tem os mangueirões de pedra, que foram os índios Tapes que subiram com os jesuítas para reunir o gado alçado em Vacaria, na região da vacaria dos pinhais. Fizeram aqueles enormes mangueirões de pedra, aquilo é coisa muito linda. Então, eu vou para lá, eu mergulho na história, eu entro naquilo ali, assim. Até em janeiro, a gente levou um menino, aqui de um casal de amigos nosso, que a gente chama de compadre, ele considera e a gente considera como se fosse um sobrinho, a gente levou ele junto para São José dos Ausente e num fim de

tarde ele me falou, é tio, agora eu entendo de onde que vem a inspiração das músicas. Então, é por isso que eu falo assim do meu sentimento por tudo isso. Então eles já aprenderam lá, eles me conhecem, eles sabem que na hora de sair eu jogo as minhas malas no carro, dou um tchau de longe, bato a partida, vou embora porque se não, não venho. E um dia flagrei minha mulher falando com meu pai, né, ela falou assim, é o senhor uma hora dessas, o senhor quando ele for tem que se despedir bem, porque vai chegar um dia que ele vai ir e não vai vir mais, vai ter que ir lá ver ele. Então, ela sabe que um dia isso vai acontecer, então eu já dou tchau para eles lá, ela fala assim, que eu venho igual criança, eu venho beijado de lá para cá, demoro me acostumar. A gente sabe, tem toda vida, né, aqui, tem a vida aqui, a família aqui, tem as crianças, tenho uma menina com quatorze, vai fazer quinze, tenho um menino com dez, mas...

Shana

Para te dar uma resposta de coração que represente o meu sentir, para mim ser gaúcho é ser inteira. É me sentir inteira, é a vivência do CTG no meio tradicionalista. Mesmo assim, hoje eu me entendo como gaúcha e sendo Gaúcha eu consigo me enxergar inteira, como mãe, como esposa, como uma mulher. Eu tenho espaço para dançar, para ser dançarina mesmo estando com sobrepeso. Não tenho o Biótipo que normalmente nossa sociedade enxerga como alguém dançarina de um grupo. Eu tive espaço para me desenvolver, eu me sinto dançarina, eu tive espaço para conhecer mais sobre poesia que eu sempre amei, eu tenho espaço profissional porque eu sou bibliotecária de formação e dentro do ambiente de CTG existe todo um interesse coletivo a respeito dos saberes. Dos saberes dos livros de conhecimento e resgate desse lado cultural. Eu consigo me encaixar profissionalmente naquele ambiente sem deixar de ser mãe, sem deixar de ser esposa, sem deixar de ser mulher. Então, é diferente de outros lugares. Nos outros espaços da minha vida eu sou mais uma coisa do que outra e lá eu sou tudo ao mesmo tempo. Eu sou artesã porque amo o artesanato também. E lá eu também tenho espaço. Então, até lembrei a respeito de uma situação, da primeira poesia que eu declamei. Se chama de alma inteira. Então, foi difícil encontrar algo que eu me dedicasse e acho que a poesia acaba retratando a vida muito mais masculina e essa por outro lado tinha eu, consegui me enxergar naquilo e o título dela de alma inteira, do Carlos. Significativo por quê foi uma experiência de vida se colocar numa posição de avaliação. Enfim, teve muito significado para mim. Então, ser Gaúcho é

sentir a minha alma inteira eu não imaginava fora do tradicionalismos o quanto isso hoje, depois desse tempo, já estou desde 2010 convivendo e vivendo mais intensamente a partir de 2012, quando a minha filha mais velha começou a dançar na internada artística. Foi quando a gente acabou se inteirando mais e vivendo mais dentro de CTG. Antes eu só participava de bailes e eventos. Depois disso a gente passou a frequentar os ensaios e entender o funcionamento interno do CTG. Conhecer e a partir do momento que elas resolveram participar do concurso cultural, aí sim. Em 2014 nos obrigamos a conhecer mais o tradicionalismo mesmo. Mas desde o primeiro contato já me sentia bem e me senti à vontade. Fui acolhida, tive a sensação de preenchimento que era algo que estava vazio. Me senti inteira. Como eu te falei, muitas vezes na família, venho de uma família de origem humilde quando eu não sentia muito espaço para falar daquilo que é o intelectual. Lá no meio familiar eu poderia ser mãe, ser filha e falar de coisas do cotidiano, de uma rotina familiar, mas a parte profissional ficava de lado, no ambiente profissional. Eu sentia falta de ter esse outro tipo de relacionamento e no CTG eu tenho. As pessoas que me relaciono por fora, falam sobre todos esses assuntos é o momento, é a sensação. Assim como eu já te disse eu sou Curitibana de nascença, mas a minha alma Gaúcha eu sinto como se fosse desde sempre e esse sempre eu não sei desde quando. Sai dessa vida ou se é de outra é algo muito forte, não tenho nem como explicar direito é uma sensação, não é sensação. Enfim, é isso, me sentir inteira não tem porque tenho que me ser gaúcha, é me sentir inteira. Para tentar explicar melhor a sensação que eu tive de conexão mesmo, é muito semelhante a sensação de quando você sente uma saudade forte e você se reencontra com aquilo, é a sensação de reencontro, só que de algo que eu nem lembrava que eu sentia falta. Sabe, eu não me dava conta disso, se era possível. Até eu conhecer então, quando eu conheci me vi naquilo eu pensei, como eu pude ficar longe disso, ai que saudade que eu tinha disso sem nunca ter vivido, como isso? Porque sendo Curitibana como te falei, meu pai natural de São Paulo, minha mãe de Ponta Grossa, fui criada claro que numa família simples, em Curitiba, mas a gente morava do lado de uma chácara muito grande, a família do meu pai era de lavradores. Então, tinha aquele convívio familiar, as minhas tias vinham e plantavam na chácara. A gente colhia, eu cresci no meio do mato verde. Então, muito dos costumes e daquilo que se aprecia dentro do CTG, que é o convívio do homem do campo eu me identificava. Claro, sem dúvida. Mas não, para você ter ideia eu nunca andei a cavalo, nesse lado eu não tive

experiência e muitos que eu conheço da cultura Gaúcha é por meio dos livros. Eu tô estudando, eu tô aprendendo, mas o estar lá o conviver, fazer parte disso como eu te falei. Da primeira vez que nós participamos da coreografia e tinha a batida do bumbo leguero, a sensação que eu tive foi de reencontro, era de saudade, era de te reencontrei, entendi, é muito mágico, assim, eu não tenho explicação, energia, é uma energia, é algo que é difícil de expressar. Mas isso não é uma sensação de alegria, de estar ali e claro que assim como em outros ambientes sociais não vou dizer a estar dentro do CTG, não sou iludida, em todos os lugares tem pessoas do bem, são pessoas. Então, tem problemas de relacionamento, tem problemas de tudo, de direção, de organização, porque às vezes quando você começa a participar de algum grupo social. No início tem entusiasmo e quando começa a conhecer as pessoas se desilude. Então, claro que eu passei por isso também. Mas hoje eu tenho essa consciência mesmo com os problemas, é o ambiente que eu quero estar, é o ambiente que vale a pena ir e me preenche. Eu passaria a vida inteira lá dentro eu me senti acolhida e valorizada. Do jeito que eu sou quando eu visto a pilcha, eu me sinto bonita né, e mais até do que muita roupa usual, normal. Então, me sinto bonita, me sinto valorizada, me sinto realizada sim, uma realização muito grande. Então eu consigo me identificar e dizer: essa roupa me identifica, não é mais como no início, quando eu usava. Comecei usar, eu vou te contar uma situação para você ter ideia da minha vida, uma passagem da nossa vida pessoal, eu e meu marido. Antes da gente se casar, eu tava tendo dificuldade de encontrar uma roupa, enfim, a gente ia casar só no civil, ele já tinha se casado primeiro. Tudo foi conduzido, a gente primeiro só iria se casar no cartório, depois resolvemos fazer no salão. Eu tinha que achar um vestido, só que eu não consegui achar o vestido. Mesmo assim, reservamos tudo, fui na loja, aluguei o vestido, faltavam 2 meses para o casamento. Era final de ano, estava com a família, a gente assistiu um DVD gauchesco, de música gaúcha, acho que era Natal e apareceu no meio da apresentação um casal gaúcho pilchado dançando. Olhando para o DVD falei, o meu marido tava na sala também, meu sonho é ter um vestido de prenda, aí a minha mãe falou, ué, você não tá com dificuldade de usar vestido de noiva, por que você não casa com vestido de prenda. Na hora assim, o meu marido se esticou e o olhou dele brilhou, suspirou e no dia seguinte, ele veio já com a bombacha comprada, bota comprada, me levou na loja ali na Ford e chegou feliz em casa e falou, amor eu já comprei a bota, já comprei a guaiaca e o chapéu, minto a bombacha não. Eles encomendam o vestido, só que

isso era na primeira semana de janeiro e a gente iria casar no início de fevereiro, aí vamos lá, a moça me trouxe uma revistinha, desse tamanho, parecia catálogo da Avon com as fotos dos vestidos e ela falou, olha, eu sinto muito, não tem, mas a gente encomenda. E eu escolhi o meu vestido do casamento pelo catálogo, o vestido chegou 3 dias antes do casamento, serviu direitinho e eu me casei com vestido de prenda. Isso foi em 2007, nós começamos a frequentar o CTG em 2010. Então, eu não era do CTG e eu já me casei vestido de gaúcha, eu topei, eu toda certinha, toda do planejamento, eu me arrisquei do vestido não servir, tudo, e eu não sou gaúcha quem é gaúcho é ele. Ele fez uma forcinha nisso, mas eu me sujeitar a essa situação de risco do jeito que eu sou como bibliotecária, a que gosta de planejar. Foi assim, sim uma surpresa, a família toda não sabia que a gente ia casar desse jeito, na hora que abriu a porta de salão e nós dois entramos dançando. A gente só contou para o juiz de paz, para ele não achar que a gente tava brincando e que era uma situação séria, se casar assim. Para mim foi uma realização pessoal, para eu ter meu vestido de prenda, mesmo antes de fazer parte. É algo que é maior não é simplesmente pela convivência de amigos do CTG. Eu nunca tive vergonha de me pilchar. No começo eu até vi, assim o estilo como algo de momento, mas hoje eu viria tranquilamente trabalhar pichada sem me sentir mal, no começo você se sente observada, analisada. Hoje em dia já me acostumei, tô bem tranquila em relação a isso.

Juliana

Meu nome é ... (Juliana) não tem problema em utilizar o meu nome, tenho 18 anos e sou estudante do ensino médio. Atualmente trabalho como estagiária na área administrativa. E ser gaúcho é uma coisa muito complicada de se explicar, é um sentimento muito complexo, uma coisa que só quem sente entende, porque muitos dizem da questão geográfica. Sou gaúcha não porque eu nasci no Rio Grande, muito pelo contrário, tenho boa parte da família e dos amigos que moram lá, nasceram lá e nem sabem metade da metade do que eu sei sobre o Rio Grande do Sul e sobre o sentimento de ser gaúcha. Realmente muito complicado muito difícil dizer. Ser gaúcho nada mais é do que honrar, ter orgulho. É, hoje eu sinto muito orgulho pela história que o Rio Grande traz, pela representatividade dele na história do Brasil, pelas artes maravilhosas, pelo que o tradicionalismos proporciona. É a palavra que resume, ser gaúcho é orgulho. Hoje eu sou uma gaúcha Paranaense, moro em Curitiba, nasci no Paraná, mas me considero muito mais gaúcha que

Paranaense e isso é o motivo de orgulho, de ter no nosso Brasil um lugar com tanta cultura, com tanta riqueza, com tanta preservação de valores. É o que eu sempre digo, hoje o gaúcho é o único ser que consegue reunir gerações na sua cultura, o gaúcho consegue ter o pai, o filho e o neto na mesma mesa, comendo a mesma comida, tomando o mesmo mate, ouvindo a mesma música, usando a mesma roupa, sem ser brega, sem ser feio. Então, gaúcha é essa riqueza de valores de princípios, é manter a família que hoje a gente sabe que na modernidade é muito difícil, é isso. É orgulho de ter uma terra com tantos valores, de ter toda essa intensidade de valores, de manter a família, de manter as tradições, de honrar a palavra. Honrar o fio de bigode e isso é muito importante para o gaúcho que hoje se vangloria muito de dizer, a eu sou gaúcho, eu amo meu fio de bigode, eu honro a minha palavra, eu tenho civismo, eu tenho tradicionalismo, eu ensino o que eu sei para minha geração, para a nova geração, para os jovens. O passar do conhecimento isso faz parte da identidade do gaúcho, porque o gaúcho ele quer essa cultura tão linda e se orgulha e se emociona. O que ele mais quer, é isso, que a gente e que o mundo todo vire gaúcho. Então, ser gaúcho nada mais é do que passar todo o nosso conhecimento, tudo o que a gente sabe e aprendeu até aqui com os amigos, com o senhorzinho do CTG, com os nossos pais, com os patrões do CTG, com os patrões das antigas, com os amigos, com mais novo, com o mais velho. Tudo que você aprendeu, tudo que construiu, essa imagem de gaúcho que você é hoje, de você ensinar as futuras gerações e passar para o próximo esse sentimento. Isso para todos consigam descobrir dentro de você esse amor, esse nativismo e civismo, esse orgulho de trazer as tradições mesmo dentro e fora do Rio Grande do Sul. Tenho amigos no Mato Grosso, tenho amigos na Bahia que são muitos mais gaúchos que muito rio-grandense. Hoje o que me define ser gaúcho é amor, nada mais do que amor. É o amor que move esse orgulho, de mesmo estando na cidade e sabemos que o gaúcho significa o homem do campo, mesmo que eu não tenho um cavalo morando na cidade, mesmo eu cultivando a tradição, mesmo no nosso grupo local, sendo CTG perto da minha casa ou longe, é amor, orgulho por representar essa tradição, esse orgulho, esse sentimento de ter um pago, esse sentimento de ter onde se socorrer, saber que os meus amigos também são gaúchos, que também tem esse amor e vão me ajudar, saber que você pode contar com o outro. Acho que o ser gaúcho tá na personalidade. Hoje me perguntam, tu é o quê hoje, tu tá no CTG, eu sou gaúcha, eu sou gaúcha. Quem disse que não sou

gaúcha, é claro que sou Gaúcha, sou muito mais gaúcho que muito rio-grandense. Então, amor e orgulho são as palavras que define o meu ser. Hoje e eu sei que isso me ajuda muito na sociedade e isso me ajuda como pessoa, como estudante, no meu trabalho, na minha família. Sei que hoje a minha família é muito mais unida por conta do CTG, por conta do tradicionalismo, por conta desse movimento, por conta de ser gaúcho. Eu ser gaúcha me traz os meus valores, me traz a gratidão de ter as pessoas comigo. Então ser gaúcho nada mais é do que amor e orgulho.

Clari

Meu nome é ... eu sou do lar mesmo, só mãe e tem 35, 36 anos. Para mim ser gaúcho é estar aqui dentro do CTG, é cultivar a tradição, sou Curitibana, não sou nascida no Rio Grande do sul, sou daqui. Então assim, eu amo a tradição, conheci o meu marido na tradição, crio o meu filho na tradição. Assim, a tradição gaúcha é um lugar que você pode criar teus filhos tranquilamente. Eu amo estar aqui dentro é o meu sentimento pelo tradicionalismo.

Joca

Minha idade é 43 anos, sou vendedor, o meu nome é ... (Joca). E a questão do gaúcho ser. O gaúcho além do que todo mundo fala né, que ser gaúcho é um estado de espírito. Eu acho assim do gaúcho, na verdade o que eu admiro do gaúcho, do Povo gaúcho é essa garra que eles têm por serem batalhadores. Toda a história que tem o gaúcho, tem a briga pelo seu chão, por correr atrás do que eles querem, de ideias também. Isso é uma coisa que me chama atenção também. Pois eu faço isso é correr atrás do que eu quero, brigar por aquilo, né. O amor que eles têm pela própria terra deles e a própria tradição. Tudo que envolve a parte Gaúcha, a história deles de danças, das guerras que teve no passado, guerra dos Farrapos. Então, esse mundo que tem o mundo gaúcho me faz sentir. Eu sou curitibano e me faz me sentir um pouquinho gaúcho também, essa fibra, essa garra, esse amor que eles têm pelo chão deles, né. Uma coisa muito bacana que eu vejo é assim, quando escuto me emociona é você ver, por exemplo, um Grenal e dentro do estádio as duas torcidas cantando o hino do Rio Grande do Sul, é uma coisa que você não enxerga em outros países, até aqui no próprio Brasil. Veja o jogo fora do estádio do Rio Grande do Sul, eles não fazem isso, não cantam o hino do estado e lá eles cantam e as duas torcidas. Então, isso é uma coisa que acho muito bacana, esse amor que eles têm pelo próprio chão, pela terra deles, o orgulho que eles tem de andar com bandeira do Rio Grande do Sul, é uma coisa que eu gosto disso também.

Sabe, não sou gaúcho, meu avô era Gaúcho, acho que é por isso que eu tenho corrido esse sangue nas veias. Eu comecei, a gente entrou no movimento a 10 ou 11 anos. Eu já gostava, já participava de cursos, mas CTG mesmo faz 11 anos que a gente tá aqui, no 20 e cada dia que passa a gente vai gostando mais, vai aprendendo, vai vendo a história, esse tradicionalismos. E aí tipo me senti gaúcho ao usar uma bombacha, uma bota, andar bem pilchado. Acho que o gaúcho assim, é isso sabe, o amor que eles têm, o amor o gaúcho de amar aquilo que eles são, a terra, a madeira, tudo que envolve o sul do Brasil. Ser gaúcho é um estado de espírito e não precisa ter nascido lá para ser, é basicamente isso.

Beta

Meu nome é ... eu sou cirurgiã dentista. Tenho 26 anos, estou no CTG a 18, a 17 anos. Acho que 18 completo esse ano. Sou Curitibana, tem um vídeo que acho que é bem famoso, acho que várias pessoas usar essa frase, mas é que ser gaúcha é muito mais que estar no Rio Grande, é uma presença de espírito, é um ser muito mais sensitivo do que estando lá. Então, eu acho que o ser gaúcha é você estar dentro do CTG, é partilhar das tradições e ter orgulho disso, mesmo sem estar lá e deixa eu pensar. É que eu venho de uma família que a maioria, meu bisavô era tropeiro ele veio do Rio Grande do Sul e fez morada lá nos campos gerais em Ponta Grossa e conheceu a minha avó. Depois de minha avó não virou mais tropeiro e fez a família dele. A minha família mesmo estando no interior do Paraná é uma família muito gaúcha. O meu avô fundou o primeiro CTG fora do Rio Grande do Sul, que foi queimado, que agora é o 20, mas que é registrado como o primeiro CTG. Mas o primeiro CTG foi o CTG Vila Velha e fundador foi o meu avô naquela época. Eu venho de uma família bem gaúcha, uma família das tradições, mas que ninguém nasceu no Rio Grande. É muito mais um estado de espírito do que estar na localidade na Geografia. Hoje em dia, mesmo não atuando eu sou a primeira prenda adulta, a primeira prenda da região tradicionalista do Paraná. Fui do prendado do CTG Santa Cândida, tô aqui no 20 apenas um ano. Eu sou bem Gaúcha, eu acho que é muito. Se me perguntarem porque que eu Danço até hoje, eu acho que é um dos únicos lugares que tem a mãe, que tem a filha de 14 anos, que não tem vergonha da mãe. Estar na mesma festa, apresenta o namoradinho, que também não tem vergonha da sogra, de tudo junto. É a criança brincar junto, isso. Eu não conheço em outra cultura, por eu ter sido criada assim. Eu vejo pessoas que não são desse meio, que não convivem e é muito diferente, é por isso que eu ainda

estou aqui. Temos tradições e quero ver a minha família no CTG, mas por essa questão familiar mesmo, é muito forte dentro do CTG. É estar junto com o pai e a mãe. Hoje em dia você vai numa festa e a filha tem vergonha de levar a mãe porque a mãe é velha e a filha tem 10 anos. Aqui não é assim, é uma coisa que me faz buscar querer estar dentro e também que nos move. Eu vejo assim, a artística é a competição talvez se não tivesse a competição, eu não sei se eu faria parte. Porque hoje eu sou vegetariana, fazem seis meses que eu sou vegetariana convivo bem com as pessoas que comem carne. Não é porque eu tô dentro do CTG, mas quero estar bem as pessoas, para dança e competir. Eu era do CTG, que é o CTG mais campeão do estado do Paraná, fiz parte de todos os títulos lá e agora eu tô aqui, dança aqui é bem diferente. Para mim aqui é mais gaúcho, se for pensar em que a ser gaúcho o 20 de setembro é mais Gaúcho. É que lá mais dança, aqui tem várias coisas boas também, é um lugar maravilhoso, mas é bem diferente. Eu quero viver para sempre no CTG, mas não como mais carne e ser gaúcha é uma coisa muito boa, é isso.

Fagundes

Então, eu tenho 23 anos eu sou instrutor de dança aqui do CTG e para mim ser gaúcho é um Estado de Espírito, na minha opinião é uma essência. Para mim, como eu sou gaúcho desde pequeno, meus pais se conheceram aqui e casaram aqui dentro. Para mim ser gaúcho é ser tudo, é a coisa que eu mais gosto, vivo por isso aqui. Então, para mim é o Estado de Espírito, é um estilo de vida.